

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia

A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA NOS GOVERNOS DE VLADIMIR PUTIN: AS AÇÕES
ECONÔMICO-POLÍTICO-MILITARES E A TEORIA NEO-EURASIANA

Felipe Rodrigues de Camargo

Prof. Dr. José Gilberto de Souza

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

FELIPE RODRIGUES DE CAMARGO

A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA NOS GOVERNOS DE VLADIMIR
PUTIN: AS AÇÕES ECONÔMICO-POLÍTICO-MILITARES E A
TEORIA NEO-EURASIANA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. José Gilberto de Souza

Rio Claro – SP

2018

C172g Camargo, Felipe Rodrigues de
A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA NOS GOVERNOS DE
VLADIMIR PUTIN : AS AÇÕES
ECONÔMICO-POLÍTICO-MILITARES E A TEORIA
NEO-EURASIANA / Felipe Rodrigues de Camargo. -- Rio Claro,
2018
209 p. : il., tabs., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientador: José Gilberto de Souza

1. Rússia. 2. Geopolítica. 3. Neo-eurasianismo. 4. Vladimir
Putin. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

FELIPE RODRIGUES DE CAMARGO

A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA NOS GOVERNOS DE VLADIMIR
PUTIN: AS AÇÕES ECONÔMICO-POLÍTICO-MILITARES E A
TEORIA NEO-EURASIANA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia

Comissão Examinadora

Prof. Dr. José Gilberto de Souza

Profa. Dra. Selma Lúcia de Moura Gonzales

Prof. Dr. André Roberto Martin

Conceito: APROVADO

Rio Claro/SP, 09 de Novembro de 2018

In Memoriam de Aparecida da Silva Camargo

Agradecimentos

Os agradecimentos irão ao encontro de todos aqueles que contribuíram com minha caminhada nesse projeto.

Primeiramente um profundo agradecimento ao meu orientador Prof. Dr. José Gilberto de Souza por sua paciência, compreensão e dedicação nesses meus primeiros passos acadêmicos.

À minha *Alma Mater*, a UNESP Rio Claro, nas figuras do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, do Departamento de Geografia e o Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Em especial agradecimento ao Fundo de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento deste trabalho por meio do processo n° 2016/02449-3. Ao qual não teria sua exequibilidade efetivada.

Aos meus pais, João e Thereza, sem o amor incondicional da família eu não teria feito nada.

Aos amigos da Pós que estiveram comigo nesse percurso. Sibeli Fernandes, Elaine Ramos, Rogério Gerolineto Fonseca, Raiane Florentino, Bruna Rossin e Marcelo Alves Teodoro. Pois o maior tesouro de um homem é a amizade.

Aos funcionários e professores do Departamento de Geografia e da Pós-Graduação em Geografia, pois impera uma amizade de alto valor. Gilberto Donizete Henrique, Rose Franchin, Rita Gromoni, Diego Correia Maia, Darlene Ferreira, Tiago Borguezon, Hias Boschin, Bete Lopes, Maíca Barbosa e Dê Borges, Samuel Frederico, Paulo Godoy.

A todos que não citei, mas contribuíram com o projeto e meu desenvolvimento como pessoa humana. Sincero carinho por todos.

“Costumam, o mais das vezes, aqueles que desejam conquistar as graças de um Príncipe, trazer-lhe aquelas coisas que consideram mais caras ou nas quais o vejam encontrar deleite, donde se vê amiúde serem a ele oferecidos cavalos, armas, tecidos de ouro, pedras preciosas e outros ornamentos semelhantes, dignos de sua grandeza. Desejando eu, portanto, oferecer-me a Vossa Magnificência com um testemunho qualquer de minha submissão, não encontrei entre os meus cabedais coisa a mim mais cara ou que tanto estime, quanto o conhecimento das ações dos grandes homens apreendido através de uma longa experiência das coisas modernas e uma continua lição das antigas as quais tendo, com grande diligência, longamente perscrutado e examinado e, agora, reduzido a um pequeno volume, envio a Vossa Magnificência.”

Nicolau Maquiavel (O Príncipe, 2007)

Resumo

A Rússia a partir do primeiro governo de Vladimir Putin apresentou maior proatividade em suas ações na esfera das relações internacionais. O território russo foi diminuído após o fim da União Soviética, mas com a presença de Putin tornou-se um projeto o reestabelecimento da influência sobre as antigas fronteiras, constituindo parcerias e unindo os países ex-soviéticos em organizações de cooperação militar e comercial. Além de embarcar em um novo paradigma com relação as suas parcerias estratégicas, tendo por foco a China, Irã, Síria, Venezuela e os países dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Em forte oposição aos Estados Unidos e União Europeia utilizando-se de duras medidas coercitivas por meio de seu potencial energético do petróleo e do gás. Soma-se essas ações com a particular característica de Putin em articular e aplicar suas políticas, sendo muitas vezes, qualificadas por centralizadoras e autoritárias. Portando o objetivo do trabalho é analisar a geopolítica russa, com Vladimir Putin no governo. Para tal será avaliado o desenvolvimento econômico por intermédio de dados intrínsecos a sociedade e ao panorama global do comércio mundial. Também será observado as ações políticas internacionais e atitudes militares, utilizando embasamento jornalístico que descreva as principais ações de impacto da Rússia. Em uma escala temporal do ano 2000 até 2015. Esses itens serão sustentados teoricamente pela proposta de Teoria Política de Dugin, o Neo-eurasianismo.

Palavras-chave: Rússia; Geopolítica; Neo-eurasianismo; Vladimir Putin.

Abstract

Russia has showing more proactivity in the international relations since the first government of Vladimir Putin. The Russian territory was dwindled after the end of the Soviet Union, but with Putin's presence the reestablish of the influence on the old frontiers became a project, creation partnerships by means uniting former Soviet countries in military and commercial cooperation organizations. In addition to showing on a new paradigm in relation to its strategic partnerships, focusing on China, Iran, Syria, Venezuela and the BRICS countries (Brazil, Russia, India, China and South Africa). In strong opposition to the United States and European Union using hard coercive measures through its energy potential of oil and gas. Putin's particular characteristic in articulating and applying his policies. The purpose of the work is to analyze Russian geopolitics, with Vladimir Putin in government. For that will be evaluated economic development through data intrinsic to society and the global panorama of world trade. International political actions and military attitudes will also be observed, using a journalistic background describing the main impact actions of Russia. On a time scale from the year 2000 to 2015. These items will be theoretically supported by Dugin's proposal for Political Theory, Neo- Eurasianism.

Keywords: *Russia; Geopolitics; Neo- Eurasianism; Vladimir Putin.*

Lista de Figuras

Figura 1 - As Pan-Regiões de Karl Haushofer	28
Figura 2 - O Pivô Geográfico da História	31
Figura 3 - Grandes Espaços do Mundo Multipolar	38
Figura 4 - Chechênia e as fronteiras do Cáucaso	133
Figura 5 - Bases Militares dos Estados Unidos na Ásia Central e Oriente Médio em 2006	140
Figura 6 - Oleoduto Nabucco	141
Figura 7 - Consumo de gás natural russo na Europa em 2007	145
Figura 8 - Movimentação das Tropas Russas nas Guerra com a Geórgia	156
Figura 9 - Divisão Etnolinguística da Ucrânia	169

Lista de Mapas

Mapa 1 - <i>Heartland</i>	54
Mapa 2 - Países que compõem a <i>Heartland</i>	55
Mapa 3 - Principais Ações Econômicas, Políticas e Militares dos Governos Putin e Medvedev de 2000 a 2015	177

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Valor total das exportações russas e a soma dos dez principais produtos de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares	63
Gráfico 2 - Principais destinos da exportação no período de 1995 a 1999 em porcentagem	64
Gráfico 3 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares	66
Gráfico 4 - Principais origens de importação no período de 1995 a 1999 em porcentagem	67
Gráfico 5 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 1992 a 1999 com valores em bilhões de dólares	68
Gráfico 6 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 1992 a 1999 com valores em bilhões de dólares	68
Gráfico 7 - Variação do PIB total russo nos anos de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares	69
Gráfico 8 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 1998 a 1999 com valores em bilhões de dólares	70
Gráfico 9 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 1993 a 1999	71
Gráfico 10 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período 1993 a 1999	72
Gráfico 11 - Valor total das exportações russas e a soma dos principais produtos de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares	75
Gráfico 12 - Principais destinos da exportação no período de 2000 a 2003	76
Gráfico 13 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares	78
Gráfico 14 - Principais origens de importação no período de 2000 a 2003	79
Gráfico 15 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 2000 a 2003, com valores em bilhões de dólares	80
Gráfico 16 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares	80

Gráfico 17 - Variação do PIB total russo nos anos de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares	81
Gráfico 18 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares	82
Gráfico 19 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 2000 a 2003	84
Gráfico 20 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período 2000 a 2003	84
Gráfico 21 - Valor total das exportações russas e a soma dos principais produtos de 2004 a 2007 em bilhões de dólares	87
Gráfico 22 - Principais destinos da exportação no período de 2004 a 2007	88
Gráfico 23 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 2004 a 2007 em bilhões de dólares	90
Gráfico 24 - Principais origens da importação no período de 2004 a 2007	91
Gráfico 25 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 2004 a 2007 em bilhões de dólares	92
Gráfico 26 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 2004 a 2007 em bilhões de dólares	92
Gráfico 27 - Variação do PIB total russo nos anos de 2004 a 2007 em bilhões de dólares	93
Gráfico 28 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 2004 a 2007 em bilhões de dólares	94
Gráfico 29 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 2004 a 2007	95
Gráfico 30 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período 2004 a 2007	96
Gráfico 31 - Valor total das exportações russas e a soma dos principais produtos de 2008 a 2011 em bilhões de dólares	101
Gráfico 32 - Principais destinos da exportação no período de 2008 a 2011	102
Gráfico 33 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 2008 a 2011 em bilhões de dólares	104
Gráfico 34 - Principais origens de importação no período de 2008 a 2011	105
Gráfico 35 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 2008 a 2011 em bilhões de dólares	106
Gráfico 36 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 2008 a 2011 em bilhões de dólares	106
Gráfico 37 - Variação do PIB total russo nos anos de 2008 a 2011 em trilhões de dólares	107
Gráfico 38 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 2008 a 2011 em bilhões de dólares	108
Gráfico 39 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 2008 a 2011	109
Gráfico 40 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período de 2008 a 2011	110
Gráfico 41 - Valor total das exportações russas e a soma dos principais produtos de 2012 a 2015 em bilhões de dólares	113
Gráfico 42 - Principais destinos da exportação no período de 2012 a 2015	114
Gráfico 43 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 2012 a 2015 em bilhões de dólares	116
Gráfico 44 - Principais origens de importação no período de 2012 a 2015	117

Gráfico 45 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 2012 a 2015 em bilhões de dólares	118
Gráfico 46 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 2012 a 2015 em bilhões de dólares	119
Gráfico 47 - Variação do PIB total russo nos anos de 2012 a 2015 em trilhões de dólares	120
Gráfico 48 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 2012 a 2015 em bilhões de dólares	121
Gráfico 49 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 2012 a 2015	122
Gráfico 50 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período 2012 a 2015	123

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Os principais produtos de exportação russa de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares	62
Tabela 2 - Os principais produtos de importação russa de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares	65
Tabela 3 - Os principais produtos de exportação russa de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares	74
Tabela 4 - Os principais produtos de importação russa de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares	77
Tabela 5 - Preços Médios no Mercado Spot dos Petróleos dos tipos Brent e West Texas Intermediate (WTI) – 2000- 2003- Panorama Internacional.....	83
Tabela 6 - Os principais produtos de exportação russa de 2004 a 2007 em bilhões de dólares	85
Tabela 7 - Os principais produtos de importação russa de 2004 a 2007 com valores em bilhões de dólares	88
Tabela 8 - Os principais produtos de exportação russa de 2008 a 2011 em bilhões de dólares	99
Tabela 9 - Os principais produtos de importação russa de 2008 a em bilhões de dólares	103
Tabela 10 - Os principais produtos de exportação russa de 2012 a 2015 em bilhões de dólares	112
Tabela 11 - Os principais produtos de importação russa de 2012 a 2015 em bilhões de dólares	115

Lista de Quadros

Quadro 1 - Caracterização das Quatro Teorias Políticas.....	44
---	----

Sumário

Introdução	14
1. Fundamentos Geopolíticos para a Rússia de Vladimir Putin	15
1.1. A Ideologia Neo-eurasiana	17
1.1.1. <i>Kultur</i> Russo no Neo-eurasianismo	22
1.1.2. A Geopolítica Clássica	25
1.1.2.1. Teorias Restritas ao Poder Nacional	26
1.1.2.2. Teorias Globais do Poder Mundial	29
1.1.2.2.1. Poder Terrestre	30
1.2. O Projeto Político com Ordem Mundial do Choque de Civilizações	32
1.3. Vladimir Putin para a Rússia	39
1.3.1. As Correntes Políticas Russas na Década de 1990	39
1.3.2. A Rússia de Putin	46
1.4. A Geopolítica Russa com Vladimir Putin	50
2. A Economia Russa	57
2.1. Dados Econômicos do Governo Boris Yeltsin	60
2.2. Primeiro Governo Putin (2000 - 2003)	73
2.3. Segundo Governo Putin (2004 – 2007)	85
2.4. Governo Medvedev (2008 – 2011)	97
2.5. Terceiro Mandato de Putin (2012 – 2015)	111
2.6. Neo-eurasianismo para a Economia Russa	124
3. Política Internacional e Militar da Rússia	128
3.1. Primeiro Governo Putin (2000 – 2003)	130
3.2. Segundo Governo Putin (2004 – 2007)	143
3.3. Governo Medvedev (2008 – 2011)	152
3.4. Terceiro Mandato de Putin (2012 – 2015)	164
3.5. Dos Governos Putin e Medvedev	175
Conclusões	178
Referências Bibliográficas	182
Material Bibliográfico Jornalístico	191

Introdução

O objetivo de nosso trabalho é compreender a geopolítica que a Federação Russa apresenta com a figura de Vladimir Putin na centralidade do governo, avaliando-a por meio do desenvolvimento econômico, das relações políticas internacionais e também das atitudes militares. Ademais, faz-se necessário apontar que nossa motivação em estudar a Rússia advém de seu protagonismo geopolítico no mundo.

A exemplo desse protagonismo, destacamos seu papel fundamental na derrocada de Napoleão durante o período imperial czarista, o que contribuiu para a construção da Santa Aliança com a Áustria e Prússia como meio de controle tripartite sobre a política europeia. Além disso, no período em que o Estado russo se configurava como União Soviética, pós revolução comunista de 1917, esse derrotou a Alemanha Nazista na Segunda Guerra Mundial e ocupou sua capital, Berlim.

Embora essa guerra tenha lhe custado mais de 24 milhões de mortos – mais que qualquer outro país deste conflito – após seu encerramento, a Rússia, se configurou como uma das duas maiores potências nacionais no planeta, ao lado dos Estados Unidos. Da polarização desses dois países surgiu o conflito da Guerra Fria, contenda de caráter ideológico (socialista *versus* capitalista) definido por ações indiretas (BEAUFRE, 1992), deflagrando conflitos em outras regiões como as guerras da Coreia, Vietnã, Irã-Iraque e principalmente a Crise dos Mísseis de Cuba (SARAIVA, 2001).

Dentro deste conflito, a União Soviética não sustentou mais um prolongado litígio com os Estados Unidos e sucumbiu internamente. Então, após a separação de várias repúblicas que compunham a União Soviética, a Rússia, diminuta em seu território, ressurgiu como Estado. Na sequência, com um interregno das atividades geopolíticas mundiais na década de 1990, a nova liderança da Rússia na pessoa de Vladimir Putin, vem demonstrando a retomada de um protagonismo nas Relações Internacionais (LAZZARI, 2010), principalmente por intermédio de sua proatividade na defesa de interesses que resultaram em um conflito militar com a Geórgia (KAKACHIA, 2008); na anexação da Crimeia, em dissidência com a Ucrânia (SLOBODA, 2014); e no estabelecimento de parcerias com países emergentes como meio de se opor ao poder hegemônico dos Estados Unidos e Europa. Atitudes que nos

fazem pensar que se trata de uma postura proativa e resoluta de constituir a Rússia como um protagonista na Ordem Global.

Desse modo, partindo da questão do crescimento do protagonismo russo na Ordem Mundial, realizamos este estudo por meio de uma extensa análise de dados, na qual nos aprofundamos nas obras referentes à sociedade russa.

Nesse sentido, Dugin (2014b), principal autor que se debruça sobre a geopolítica da Rússia descreve que compreender o povo russo é a base do entendimento de sua geopolítica:

[...] A problemática é que a geopolítica russa só é possível tendo por base uma análise profunda da sociedade russa, tanto ao seu presente quanto ao seu passado histórico. Antes de tirarmos qualquer conclusão acerca de como o governo russo se correlaciona com o seu espaço, devemos analisar escrupulosa e minuciosamente a sociedade russa nas suas constantes estruturais e principalmente rastrear a formação e a evolução dos pontos de vista dos russos acerca do mundo que os cerca; ou seja, temos que estudar o modo como os russos compreendem e interpretam o mundo e seu ambiente (DUGIN, 2014b:09).

Ou seja, para compreender a geopolítica russa deve-se perpassar pelo pensamento social russo, sendo a Teoria Neo-eurasiana do próprio Dugin, o centro material dessa interpretação.

Portanto, em nossa primeira etapa do trabalho, debruçamo-nos sobre a Teoria Neo-eurasianista de Dugin, um projeto que interpretamos como uma Teoria Política em construção, mas que tem seus princípios lastreados pelas características sociais do povo russo e que visa um novo paradigma geopolítico para o Estado Russo. Ou seja, abordaremos a caracterização dessa Teoria Política por meio das dimensões que a definem como ideologia, projeto social, político e econômico.

Após essas construções, prosseguimos em demonstrar o ambiente político dos anos de 1990 na Rússia e as disputas entre as correntes políticas desse período. Culminando por identificar a qual corrente Vladimir Putin pertence e sua afinidade com o Neo-eurasianismo. Assim sendo, o primeiro capítulo constitui a apresentação das intenções geopolíticas de Putin e o embasamento teórico do projeto do protagonismo geopolítico russo.

No segundo capítulo, adentramos na parte da efetiva análise da geopolítica de Putin, a qual será por intermédio de dados econômicos de seu desenvolvimento ao longo do período de 1995 até 2015, correlacionando a economia russa com o projeto da Teoria Neo-eurasiana.

Para essas duas primeiras etapas, metodologicamente, utilizamos os seguintes dados econômicos: principais produtos exportados e o valor total da exportação; principais produtos importados e o valor total da importação; principais destinos da exportação e principais origens da importação; os investimentos diretos realizados na Rússia; os investimentos diretos que a Rússia realizou; os valores totais do Produto Interno Bruto (PIB) e segmentados por setores econômicos (agricultura, indústria e serviços); os valores das receitas e despesas do governo; a inflação sobre o preço médio dos produtos russos; e a taxa de desemprego com relação à força total de trabalho.

No último capítulo continuamos a correlação da teoria com as ações de Putin, entretanto, abordando as ações políticas internacionais e militares, fundamentadas no período histórico que se inicia no primeiro governo de Putin como presidente, em 2000, até o ano de 2015.

Na terceira etapa, metodologicamente, utilizamos artigos de jornais como fonte bibliográfica das ações de Putin no governo russo e nos baseamos na técnica da Análise do Discurso, a partir da qual realizamos a identificação e a pontuação de acontecimentos diretamente relacionados a esses âmbitos.

Portanto, com base na correlação entre as ações econômicas e políticas, internacionais e militares, com o projeto Neo-eurasiano (Quarta Teoria Política) avaliamos, assim, a geopolítica de Vladimir Putin na Rússia e se suas atitudes autoritárias se identificam dentro dessa Teoria Política ou não.

1. Fundamentos Geopolíticos para a Rússia de Vladimir Putin

Definimos que o objetivo de nosso trabalho é avaliar a geopolítica russa com Vladimir Putin no governo. Essa proposição tem por base metodológica a avaliação do desenvolvimento econômico russo e, também, de suas ações políticas na esfera internacional e das próprias ações militares e de suas correlações com a Teoria Neo-eurasianista.

A Teoria Neo-eurasiana foi construída por Aleksandr Dugin, acadêmico dedicado à temática da civilização russa e sua geopolítica. Suas obras objetivam a construção de uma nova Teoria Política, implicando, também, uma nova proposta teórica para as ações geopolíticas da Rússia.

Nesse âmbito geopolítico resgatamos as palavras de Castro (2010):

[...] Entre os temas por ela privilegiados, tem sido recorrente o problema das relações entre a política e o território, componentes essenciais do processo histórico de formação das sociedades. Na realidade, como muitas questões e conflitos de interesses que surgem das relações sociais se materializam em disputas territoriais, as tensões e arranjos que daí surgem definem não apenas uma abordagem, mas um campo importante da análise geográfica. Neste sentido, podemos indicar que é na relação entre a política – expressão e modo de controle dos conflitos sociais – e o território – base material e simbólica da sociedade – que se define o campo da geografia política (CASTRO, 2010:15-16).

A partir dessa perspectiva, podemos construir a relação das palavras de Castro (2010) sobre as relações da política, do território e da sociedade, com o trabalho de Dugin, que se dedicou a compreender as relações internas da sociedade russa e seu território, considerando, dessa forma, como geopolítica de uma nação, suas bases na relação sociedade e território.

As palavras de Dugin quanto ao seu projeto geopolítico vão ao encontro dessa premissa geopolítica, com exclusivo foco no caso russo:

A geopolítica da Rússia não é a mera aplicação de um arsenal geopolítico ao governo russo. A geopolítica russa, por outras palavras, não pode ser criada externamente, como uma mera aplicação mecânica de leis “universais” a um objeto concreto e bem definido. A problemática é que a geopolítica russa só é possível tendo por base uma análise profunda da sociedade russa, tanto ao seu presente quanto ao seu passado histórico. Antes de tirarmos qualquer conclusão acerca de como o governo russo se correlaciona com o espaço, devemos analisar escrupulosa e minuciosamente a sociedade russa nas suas constantes estruturais e principalmente rastrear a formação e a evolução dos pontos de vista dos russos acerca do

mundo que os cerca; ou seja, temos que estudar o modo como os russos compreendem e interpretam o mundo e seu ambiente (DUGIN, 2014a:9).

Assim, compreendemos que Dugin intenciona promover uma teoria particular à Rússia, pautada em observações profundas nas estruturas que originaram da civilização, excluindo leis universais e exteriores à sua própria identidade e, dessa maneira, referindo-se ao liberalismo forçado pelos Estados Unidos na forma da globalização.

Dugin faz alusão a essas leis universais, pois a Rússia, em seus últimos governos, promovera adaptações de projetos de Estado originados em outras localidades. A saber, no período da União Soviética, apresentava as diretrizes socialistas advindas da teoria social do alemão Karl Marx; e, na década de 1990, professava o neoliberalismo nos moldes dos Estados Unidos e dos europeus ocidentais.

Dessa maneira, Dugin relata:

Mais, a atitude da sociedade russa perante várias formas de política e de governo permanecem em aberto. Se no período marxista fomos guiados pela teoria do progresso e das alterações das formas político-econômicas, considerando a experiência dos países da Europa Ocidental como “universal”, já hoje em dia este esquema reducionista já não é adequado e devemos construir um modelo novo de história sociopolítica russa, estudar a sua lógica e propor generalizações estruturais que reflitam aquelas particularidades características às relações da nossa sociedade, nos seus vários estágios históricos, ao nosso sistema político e governamental. Sendo este o caso, então temos apenas umas poucas obras de relevo enquanto teorias marxistas, bem como o exemplo da aplicação direta dos métodos do Ocidente liberal à história russa e à sociedade russa, que deu origem a notáveis caricaturas, tendo por base o exagero e a violência para com fatos históricos e principalmente contra a sua relevância (DUGIN, 2014a:10).

Ou seja, essas experiências não se apresentaram totalmente adequadas às particularidades da sociedade russa, por isso, Dugin (2014a) diz que a sociedade russa está em aberto para uma nova proposta, sua proposta.

A proposta da Teoria Política de Dugin visa sanar a ausência de um projeto particular russo. A proposição do Neo-eurasianismo é de ser uma quarta via, diferente da Primeira, da Segunda e da Terceira Teorias Políticas, ou seja, a Quarta Teoria Política, com base nas próprias características sociais e territoriais da Rússia. Sendo

a Primeira Teoria Política, o liberalismo; a Segunda Teoria Política, o comunismo; e a Terceira Teoria Política, o fascismo (DUGIN, 2012).

O principal valor do eurasianismo consistia em ideias nascidas da profundidade da tradição, da história e do Estado da Rússia. O eurasianismo percebe a cultura russa não apenas como um componente da civilização europeia, mas também como uma civilização original, englobando a experiência não apenas do Ocidente, mas também - na mesma medida - do Oriente. O povo russo, nessa perspectiva, não deve ser colocado nem entre os europeus nem entre os povos asiáticos; pertence a uma comunidade eurásiana completamente única. Tal originalidade na cultura e no Estado russo (exibindo características europeias e asiáticas) também define o caminho histórico distinto da Rússia e de seu programa nacional e estatal, que não coincide com o da tradição ocidental europeia. (DUGIN,2014b:13).¹

Essas palavras de Dugin (2014b) apontam as características do povo russo como único, sendo moldado pelas culturas ocidentais e orientais, mas não pertencendo a nenhuma delas particularmente e, por isso, necessitando de um projeto próprio. Entretanto, observamos uma grande incongruência nesse projeto, pois se o objetivo é ser uma Teoria Política, ela não deveria ser atrelada a um território, mas ser universal.

Apesar dessa inconsistência, nossa abordagem quanto ao Neo-eurasianismo se manterá como Teoria Política, pois sua construção apresenta esse objetivo. E, dessa maneira, analisamos neste capítulo, três das quatro características de uma Teoria Política: ideologia, sociedade e projeto político. Além disso, correlacionamos a conduta de Vladimir Putin com o Neo-eurasianismo.

1.1. A Ideologia Neo-eurásiana

Neste item do trabalho, trazemos a perspectiva ideológica do Neo-eurasianismo. Segundo Dugin (2012), sua teoria tem forte caracterização filosófica, que perpassa por várias esferas do conhecimento material e imaterial. Sua

¹ Russian history and statehood. Eurasianism viewed Russian culture not as simply a component of European civilization, but also as an original civilization, encompassing the experience not only of the West but also — to the same extent — of the East. The Russian people, from this perspective, must not be placed either among the European nor among the Asian peoples; it belongs to a completely unique Eurasian community. Such originality in Russian culture and statehood (displaying European as well as Asian features) also defines the distinct historical path of Russia and of her national and state program, which does not coincide with that of the Western-European tradition.

consolidação como ideologia política tem sido denominada como a Quarta Teoria Política (DUGIN, 2012).

Em primeiro lugar, o eurasianismo é uma filosofia e, como toda filosofia verdadeira, contém implicitamente uma perspectiva política, uma abordagem da história e a possibilidade de ser transformada em ideologia. O eurasianismo como filosofia é baseado na análise estrutural e não é uma coincidência que o Fundador do Eurasianismo, conde Nikolai Trubetzkoy, foi uma figura líder na linguística estruturalista. O eurasianismo é um tipo de estruturalismo com o acento colocado na multiplicidade e sincronicidade de estruturas. A estrutura é vista como um todo sendo mais do que a soma de suas partes. Esta é a regra do Eurasianismo. É o holismo lidando com entidades orgânicas e estruturais. (DUGIN, 2014b:7, tradução nossa).²

O objeto dessa ideologia pode ser identificado na identidade da civilização, que, para o nosso foco, é a russa.

A principal preocupação da filosofia eurasianista é a civilização. Existem diferentes civilizações, não apenas uma. Cada uma delas tem sua própria estrutura que define os elementos dos quais ela consiste, o que lhes dá significado e coerência. Não podemos aplicar as regras e estrutura que encontramos em outras civilizações - não de maneira diacrônica ou sincrônica. Cada estrutura civilizacional possui seu próprio senso de tempo (*la durée*) e seu próprio espaço. Eles são assim incomparáveis um com o outro. Toda sociedade humana pertence a uma civilização particular e deve ser estudada apenas de acordo com seus próprios critérios. Isso nos leva ao ponto de partida da antropologia moderna, que começou com Franz Boaz e Marcel Mauss, que insiste na pluralidade de sociedades humanas na ausência de qualquer padrão universal. Portanto, não é mera coincidência que Claude Lévi-Strauss, o conhecido pai da antropologia estrutural, tenha estudado com Roman Jakobson nos Estados Unidos. Jakobson fora colega e amigo de Trubetzkoy (DUGIN, 2014b:7, tradução nossa).³

² First of all, Eurasianism is a philosophy, and as all true philosophy it implicitly contains a political perspective, an approach to history and the possibility of being transformed into an ideology. Eurasianism as a philosophy is based on structural analysis and it is not a coincidence that the founder of Eurasianism, Count Nikolai Trubetzkoy, was a leading figure in structuralist linguistics. Eurasianism is a type of structuralism with the accent placed on the multiplicity and synchronicity of structures. The structure is viewed as a whole that is something much more than the sum of its parts. This is the rule of Eurasianism. It is holism dealing with organic, structural entities.

³ The primary concern of Eurasianist philosophy is civilization. There are different civilizations, not only one. Each of them has its own structure that defines the elements of which it consists, and which gives them meaning and coherence. We cannot apply the rules and structure we find in one such structure to those we find in other civilization — not in a diachronic or a synchronic way. Each civilizational structure possesses its own sense of time (*la durée*) and its own space. They are thus incomparable with one another. Every human society belongs to a particular civilization and should be studied only in accordance with its own criteria. This brings us to the starting point of modern anthropology, which began with Franz Boaz and Marcel Mauss, which insists on the plurality of human societies in the absence of any universal pattern. It is therefore no mere coincidence that Claude Lévi-Strauss, the well-known father of structural anthropology, studied under Roman Jakobson in the United States. Jakobson had been a colleague and friend of Trubetzkoy.

Dessa forma, Dugin (2014b), indica que as civilizações têm suas próprias visões de mundo e são constituídas por diferentes elementos originários, os quais lhes atribuem a definição de únicas. Portanto, essas inúmeras culturas não podem ser mensuradas e valoradas de igual maneira, comparando-as umas com as outras, em um sentido evolutivo ou em um comparativo de desenvolvimento. Portanto, o Neo-urasianismo, opõe-se a modelos políticos universalistas, cujos objetivos homogeneizadores são insensíveis às características particulares das sociedades e visam projetos particulares de outros Estados.

Esta pontualidade central no conceito ideológico da teoria de Dugin deve ser melhor exemplificada e expandida em conceitos. Assim, adotando a ótica de Norbert Elias (1994) quanto ao conceito de civilização, compreendemos os laços que Dugin quer construir:

“Civilização”, porém, não significa a mesma coisa para diferentes nações ocidentais. Acima de tudo, é grande diferença entre a forma como os ingleses e os franceses empregam a palavra, por um lado, e os alemães, por outro. Para os primeiros, o conceito resume em uma única palavra seu orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade. Já no emprego que lhe é dado pelos alemães *Zivilisation*, significa algo de fato útil, mas, apesar disso, apenas um valor de segunda classe, compreendido apenas a aparência externa de seres humanos, a sua superfície de existência humana. A palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra expressa-lhes o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, é *Kultur* (ELIAS, 1994:23-24).

Essas ligações dão materialidade ao termo civilização, pois o sentido ocidental não nos é útil para interpretar a colocação de Dugin. A visão ocidental trata o termo em um sentido que agrega juízo de valores, relativizando as sociedades, o que é amplamente negado por Dugin quando se refere tanto às particularidades das civilizações, quanto a suas estruturas e elementos definidores.

O conceito de civilização, para Dugin, é como os indivíduos da sociedade apresentam a consciência de si mesmos e definem sua identidade. Como referido por Elias (1994):

Em contraste, o conceito alemão de *Kultur* dá ênfase a diferenças nacionais e à identidade particular de grupos. Principalmente em virtude disto, o conceito adquiriu em campos como a pesquisa etnológica e antropológica uma significação mais além da área linguística alemã e da situação em que se originou o conceito. [...] [...] Enquanto o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores,

o conceito de *Kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes pergunta a si mesma “Qual é, realmente nossa identidade?” [...] (ELIAS, 1994:25).

Assim sendo, o cerne do Neo-urasianismo de Dugin é a *Kultur*, que se compreende pelas ações e realizações dos indivíduos, as suas artes, as religiões, seu desenvolvimento intelectual e suas técnicas em um sentido comum.

Mas como caracterização dessa *Kultur* russa temos, por meio das palavras de Dugin, os princípios eslavófilos.

O projeto eurasiático foi desenvolvido na forma de uma filosofia política com base na multiplicidade de civilizações, anti-imperialismo, anti-modernismo e na estrutura da própria Rússia. Essa última foi definida em termos dos princípios dos eslavófilos, juntamente com o importante acréscimo de uma avaliação positiva dos elementos culturais que haviam sido emprestados pelos russos das sociedades asiáticas, começando com o período dos mongóis. De fato, um dos livros mais importantes do movimento eurasiático, também escrito por Trubetzkoy, foi chamado O Legado de Genghis Khan. Portanto, para os eurasiáticos o Ocidente estava errado - sendo ele um fenômeno puramente regional que pretendia um status universal através do imperialismo; mas, segue-se que a modernidade também é um fenômeno ocidental, e inteiramente produto local, inerentemente imperialista. A história russa é considerada como a luta da civilização eurasiática contra o Ocidente, e nos últimos séculos também como a luta contra a modernidade. O futuro da Eurásia na Rússia deve ser construído de uma forma que corresponda à especificidade da estrutura da Rússia e de acordo com seus valores e crenças básicas. Os eurasiáticos propuseram tomar e afirmar essas qualidades como suas normas. Eles disseram "não" para progredir. Eles viam o desenvolvimento social como um ciclo, não em termos de noções capitalistas de desenvolvimento. Eles pediram por uma economia orgânica, agrícola, não materialista, e por ideocracia (o poder das ideias). Eles também disseram "não" à democracia, favorecendo a monarquia popular. Eles rejeitaram a noção de liberdade superficial, puramente individualista, e defenderam a responsabilidade social e a liberdade interior espiritual (DUGIN, 2014b:7, tradução nossa)⁴

⁴ The Eurasian project was developed in the form of a political philosophy on the basis of the multipolarity of civilizations, anti-imperialism, anti-modernism and on the structure of Russia itself. This last was defined in terms of the principles of the Slavophiles, along with the important addition of a positive evaluation of the cultural elements which had been borrowed by the Russians from Asiatic societies beginning with the period of the Mongols. Indeed, one of the most important books of the Eurasianist movement, also written by Trubetzkoy, was called *The Legacy of Genghis Khan*. Therefore for the Eurasianists the West was in the wrong — a purely regional phenomenon pretending to universal status via imperialism; thus it follows that modernity, which was also a Western phenomenon, is also entirely a product of this locale and is inherently imperialistic. Russian history is considered as the struggle of Eurasian civilization against the West, and in the last centuries also as the struggle against modernity. Russia's Eurasian future should be built in a form that corresponds to the specificity of Russia's structure and in accordance with its values and basic beliefs. The Eurasianists proposed to take and affirm these qualities as its norms. They said “no” to progress. They saw social development as a cycle, not in terms

Nessa passagem, compreendemos a posição contrária da *Kultur* russa aos valores ocidentais. O que Dugin quer descrever como características anti-imperialista – contra as ingerências externas -, anti-modernista – contra a globalização – e a valorização das multiplicidades das civilizações (*Kultur*).

Além das pontuações intrínsecas aos eslavófilos, temos a indicação da centralidade territorial euroasiática. Dugin resgata um conceito geopolítico clássico de Mackinder, a teoria do *Heartland*, totalmente vinculado com a área eurasiática.

A geopolítica clássica advém do fato de o território da Rússia contemporânea, anterior à URSS, e ainda antes desta o império russo [Rossiiskii], construir a *Heartland*; ou seja, o centro terrestre (telurocrático) de todo o continente eurasiático. Mackinder apoda esta zona de “pivô geográfico da História”, do qual historicamente emanaram a maior parte dos impulsos telurocráticos (desde os ancestrais nômades das estepes – citas, sármatas, etc. – até ao cerne da colonização imperial russa [Rossiiskii] dos séculos XVI a XIX e à expansão comunista do período soviético). O conceito de “*Heartland*”, “Terra Média”, é um conceito geopolítico típico. Não significa a pertença à Rússia no sentido de pertença a um governo e não possui um significado exclusivamente geográfico. Aqui lidemos com um “significado espacial” (*Raumsinn*” de acordo com F. Ratzel), o qual se pode transformar no legado da sociedade radicada nesse território, e neste caso será compreendido como tal e integrado no sistema social e, numa última análise, irá expressar-se por si mesma na história política. (DUGIN, 2014a:12-13).

Nas palavras de Dugin (2014a) podemos acrescentar mais duas características a *Kultur* russa, a característica física geográfica que atribuiu os valores telurocráticos⁵ à sociedade russa e sua espacialização e definição como *Raumsinn*, ou seja, o espaço físico que a *Kultur* compreende como seu território.

Qbitacora (2009) diz que os povos telúricos apresentam uma vocação terrestre, ou seja, de grande vínculo com o território, que interpretamos como uma relação de dominância da *Kultur* com o território.

São impérios continentais nos quais sua força depende do controle do território. Eles surgem de países que, devido à sua natureza geográfica, têm necessariamente uma vocação terrestre. Ou seja, países com muito território continental (QBITACORA, 2009:s.p., tradução nossa).

of capitalist notions of development. They called for an organic, agricultural economy, not materialism, and for ideacracy (the power of ideas). They also said “no” to democracy, favoring popular monarchy. They rejected the notion of purely individualistic, superficial liberty, and advocated for social responsibility and spiritual, inner freedom.

⁵ Referente a valorização das características físicas do território com foco nas extensões contínuas sem influencias dos mares, culminando com singular potencialidade geopolítica.

Segundo as palavras de Ratzel (2011:98), “a sociedade é o intermediário pelo qual o Estado se une ao solo. Segue-se que as relações da sociedade com o solo afetam a natureza do Estado em qualquer fase de seu desenvolvimento que se considere.” Ou seja, o Neo-eurasianismo, como Teoria Política, tem por base a identidade da *Kultur* russa, cujas origens advêm dos valores telúricos da *Heartland*.

Desta maneira, se a base ideológica do Neo-eurasianismo são as definições da *Kultur* russa, o projeto social é a própria identificação e descrição dessa *Kultur*. Com isso, no próximo item do trabalho seguimos por essa linha de raciocínio.

1.1.1. *Kultur* Russo no Neo-eurasianismo

Na abordagem para compreender as características da *Kultur* russa, temos a construção de Churro (2013) sobre a constatação das características sociais do povo russo, observados pelos eslavófilos.

De uma maneira geral, o Eurasianismo alimenta-se das teorias eslavofília. O russo, eslavo de alma, ortodoxo de crença, não deve sucumbir aos caprichos e ganâncias do homem europeu católico-protestante. Não lhe deve ser subserviente mesmo que isso cause impacto na economia do seu país. Os eslavos foram um povo que surgiu há muitos séculos atrás e que sofreu influências da antiga Pérsia, do Norte da Europa e de outros cantos da Eurásia, mas nunca da Europa Ocidental. O povo eslavo do qual derivam os russos deveria orgulhar-se das suas raízes e da sua exclusividade. E por ser tão especial e único, estava-lhe reservada uma missão divina e ao mesmo tempo político-nacional: a da evangelização da Ásia, como forma de, uma vez por todas, renunciar às atrações e conseqüentes dependências que eram exercidas pelo Ocidente. Os russos não se sentem nem europeus nem asiáticos, mas sim simplesmente “Russos”. Existe uma clara percepção no povo russo que a sua pátria é única e pioneira, não tendo igual no mundo inteiro. Outros ainda advogavam que o segredo da grandeza da Rússia enquanto Potência Mundial estava no facto de ela ser tanto europeia como asiática, afirmando a capacidade congregante da nação russa como única esperança do mundo (CHURRO, 2013:69).

Segundo Churro (2013), a *Kultur* russa não tem origem no ocidente, nem no oriente, como compreendemos atualmente, mas de rincões da Eurásia. Sua matriz espiritual é o ortodoxíssimo cristão, em oposição à ganância dos católicos e protestantes do ocidente. A natureza do sentimento de pertencimento a essa nação exclusiva, se materializa, também, no patriotismo:

Por outro lado, o homem russo é por natureza extremamente patriótico e o seu sentimento de amor e dedicação à Pátria só encontra comparação com os ideais de Liberdade e Democracia defendidos pelos norte-americanos (também eles muito patriotas). As suas diferenças de opiniões, origens e outras posições são imediatamente postas de lado, quando surge um perigo (externo) que ameaça a Pátria-Mãe. Todo este etnocentrismo da alma russa é herança do cristianismo ortodoxo de Bizâncio: a Rússia enquanto Terceira Roma, seria a protetora e única representante divina da verdadeira fé cristã, não sucumbindo às heresias ocidentais (católicas) nem aos infiéis orientais (muçulmanos) (CHURRO, 2013:74-75).

A religiosidade e o patriotismo ganham um espaço de destaque na compreensão da *Kultur* russa, seu patriotismo denota a defesa do território como um bastião de seu cristianismo ortodoxo. Ele recria uma correlação do território como base material de sua fé, ao que se denominará como Terceira Roma, Rússia como herdeira do Império Romano e do Império Bizantino, com base na relação Ratzeliana entre a sociedade e o território (RATZEL, 2011).

Outra grande formação da relação sociedade e território de Ratzel (2011), é o que Churro (2013) denomina como características muito únicas, implicando em condições intrínsecas a uma potência mundial:

Por outro lado, o próprio povo russo, desde sempre foi farto em características muito únicas que favoreceram o poder do Estado, sendo determinantes para a afirmação mundial da Rússia. A População (quanto mais população, maior era o poder militar e econômico do Estado), o Patriotismo (amor, entrega e sacrifício pela Pátria-Mãe sem paralelo na história mundial) e o Fatalismo (imunidade russa ao sofrimento e dificuldades constantes, sendo algo complicado de transpor pelos inimigos) são alguns dos traços mais genuínos do povo da Rússia e sem os quais esta nunca se poderia ter destacado na cena internacional (CHURRO, 2013:171).

As condições geográficas do território da Eurásia propiciaram um crescimento populacional, mas não de modo fácil, suas características territoriais ermas (3/4 de planícies e vales), com aspectos climáticos extremos (verões de 30°C e invernos de -45°C), moldaram uma forte resiliência ao povo e, também, uma afetividade extrema com seu território.

Por isso Ratzel (1990; 2011) e Churro (2013) ressaltam que a contribuição do território da Eurásia à *Kultur* russa indica uma postura de destaque no cenário internacional.

Expandindo as definições da *Kultur* russa, temos a contribuição de Dídimo Matos (2012) que classifica, por meio dos valores russos, os princípios do Neo-eurasianismo:

- Diferencialismo: pluralismo de sistema de valores contra a dominação obrigatória de uma ideologia;
- Tradição: contra a supressão de culturas, dogmas e descobertas das sociedades tradicionais;
- Os direitos das nações: contra os “bilhões de ouro” e a hegemonia neocolonial do “norte rico”;
- As etnias: como valores e sujeitos da história contra a despersonalização das nações, aprisionadas em construções sociais artificiais;
- Justiça social e solidariedade humana: contra a exploração e humilhação do homem pelo homem.

Das colocações de Matos (2012), os valores russos e dos dizeres Neo-eurasianistas apresentam uma contradição: a supervalorização do povo russo e a defesa do pluralismo de sistema de valores. Isso se dá por uma ação política que tem o objetivo de unificar o embate à globalização que homogeneiza as sociedades.

Essa incongruência não descaracteriza o Neo-eurasianismo, mas aponta uma orientação política da atual situação russa. Nas palavras de Matos:

O eurasianismo pretende, em primeiro lugar, ser uma alternativa à globalização. Dugin entende o modelo de globalização atual como a representação do expansionismo dos EUA e de seus aliados da OTAN, ou seja, como a representação de um mundo unipolar que tem nos estadunidenses o seu modelo econômico e filosófico e que querem impor ao mundo seus valores liberais, individualistas e democráticos.

Como alternativa ao modelo de globalização atual, fornece um novo modelo de globalização, baseado na conjugação de ideias de Mackinder e de Haushofer. Retira de Mackinder a ideia de luta entre a terra e o mar e a de que quem domina o coração da Eurásia domina o mundo.

Defende, como Bzerzinski, que a Rússia é o coração da Eurásia e representa o centro das forças terrestres (eurasianistas) em luta contra as forças marítimas (atlantistas) guiadas pelos EUA.

De Haushofer ele se inspira na ideia de pan regiões e as redesenha para defender, contra o mundo unipolar da globalização atual, um novo modelo de globalização multipolar com quatro Zonas Meridionais: a zona Anglo-Americana, a zona Euro-Africana, a zona Rússia- Ásia Central e a zona do Pacífico. A zona Anglo-Americana

(Atlantista⁶) seria contrabalançada pelas outras três zonas (MATOS, 2012:s.p.).

Além disso, a *Kultur* russa como base ideológica e cultural do Neo-eurasianismo, apresenta grande sua origem na condição telúrica do território da Eurásia. Como referido por Dugin (2014a), Matos (2012) e o próprio Mackinder, a telurocracia é oposição à talassocracia, o que denota uma questão geopolítica clássica dentro dessa construção ideológica e social.

Dessa maneira, no item seguinte tratamos dos conceitos teóricos da geopolítica clássica para que se possa incorporar maiores argumentos quanto à caracterização do Neo-eurasianismo.

1.1.2. A Geopolítica Clássica

Neste ponto, entramos no mérito do pensamento geopolítico clássico, promovendo um endosso maior à construção das observações quanto à ideologia e à sociedade da *Kultur* russa.

Partindo das palavras de Vesentini, para compreender a geopolítica clássica:

Neste contexto, inúmeros pensadores se engajaram na tarefa, apelidada de geopolítica por Kjellén, de compreender o equilíbrio de forças no espaço mundial e as condições pelas quais um determinado Estado pode se tornar uma grande potência. Na visão desses pensadores, de forma inclusive coerente com a sua época, o fundamental era a quantidade de recursos-mercados, povos (mão-de-obra, soldados), solos agricultáveis, minério, espaço geográfico, enfim. Daí as geopolíticas clássicas terem sido em geral explicações a respeito da importância estratégica de determinados territórios, da necessidade de expansão territorial – ou controle de espaços, (rotas marítimas ou áreas geoestratégicas) – como forma de fortalecimento do Estado e de adquirir hegemonia (VESENTINI, 2009:16).

Dessa maneira, a geopolítica clássica é exposta como uma visão quantitativa das características físicas e humanas do Estado como forma de indicar suas relações políticas e seus interesses (KJELLEN, 1915; RATZEL, 1990; VESENTINI, 2009; CORREIA, 2010; DEFARGES, 2012).

Podemos, ainda, agregar as palavras de Castro (2010), as quais apontam o território como base material da sociedade, conceito que pode nos indicar que a

⁶ Doutrina política relacionada a talassocracia, sendo amplamente relacionada aos Estados Unidos.

geopolítica, como a ação política dos interesses de uma sociedade, tem por base as influências das características físicas de seu território, apontando-nos que a construção do entendimento da *Kultur* russa associa-se com premissas geopolíticas clássicas.

Outrossim, dentro da geopolítica clássica existem duas segmentações conceituais quanto ao foco de seus projetos: as Teorias Restritas ao Poder Nacional e Teorias Globais do Poder Mundial. A *Heartland* aparece nas duas, na primeira como meta e na segunda como conceito, o que reforça uma grande valoração sobre essa teoria e subsequentemente sobre o território russo.

1.1.2.1. Teorias Restritas ao Poder Nacional

As Teorias Restritas ao Poder Nacional, segundo Correia (2010a), apresentam teorias com foco na inclinação natural da potencialidade dos Estados, partindo da valoração de seus espaços (territórios), em suas palavras:

Designamo-las assim, não porque as teorias englobáveis neste âmbito se limitassem a equacionar a influência do espaço na consolidação e ampliação do poder a nível nacional, mas porque foi aí que os principais teorizadores incidiram as suas atenções. Alguns deles, mesmo dos mais destacados, não deixaram, porém, a partir dessa consolidação, de equacionar a tendência natural dos Estados fortes para alargarem as suas zonas de influência, ou mesmo de domínio, nomeadamente através da expansão colonial (CORREIA, 2010a:147).

Ou seja, não seria, somente, um estudo sobre as potencialidades de um Estado sob sua a valoração de seu território, mas também de sua natural tendência de expandir suas influências e poder sobre outras regiões.

Com isso, podemos citar Kal Haushofer (1869-1946) como um dos principais teóricos dessa linha. Sua corrente de pensamento geopolítico foi denominada *Geopolitik* e seus trabalhos tinham por foco o reerguimento da Alemanha pós Primeira Guerra Mundial e a defesa espaço vital alemão.

Ao indicar que a contínua expansão territorial do Estado é a forma de desenvolver totalmente a nação, os trabalhos de Haushofer são um ampliado dos conceitos advindos de Ratzel, Naumann, Kjellen na finalidade de justificar essa expansão:

Haushofer fora também inspirado pelos pensadores pangermânicos do século XIX e, como geógrafo, perfilava as ideias de Ratzel e Kjellen, sobre o Estado quanto organismo vivo, biológico, que justifica a sua

dilatação ilimitada. Estabelece uma relação entre o homem e o ambiente geográfico em que vive, que consubstancia na fórmula sangue e solo, com a qual concilia a influência do sentido de espaço de Ratzel, das sete leis do crescimento dos Estados do mesmo Ratzel e da sua própria interpretação do espaço vital, o *lebensraum* alemão, na convicção de que o espaço confere poder e só o poder permite o desenvolvimento total da nação (CORREIA, 2010a:148).

Por síntese, a visão de Haushofer era a de que, a expansão territorial do Estado seria uma forma de permitir o constante desenvolvimento da Nação, sendo, entretanto, circunstanciada por leis de crescimento dos Estados de Ratzel:

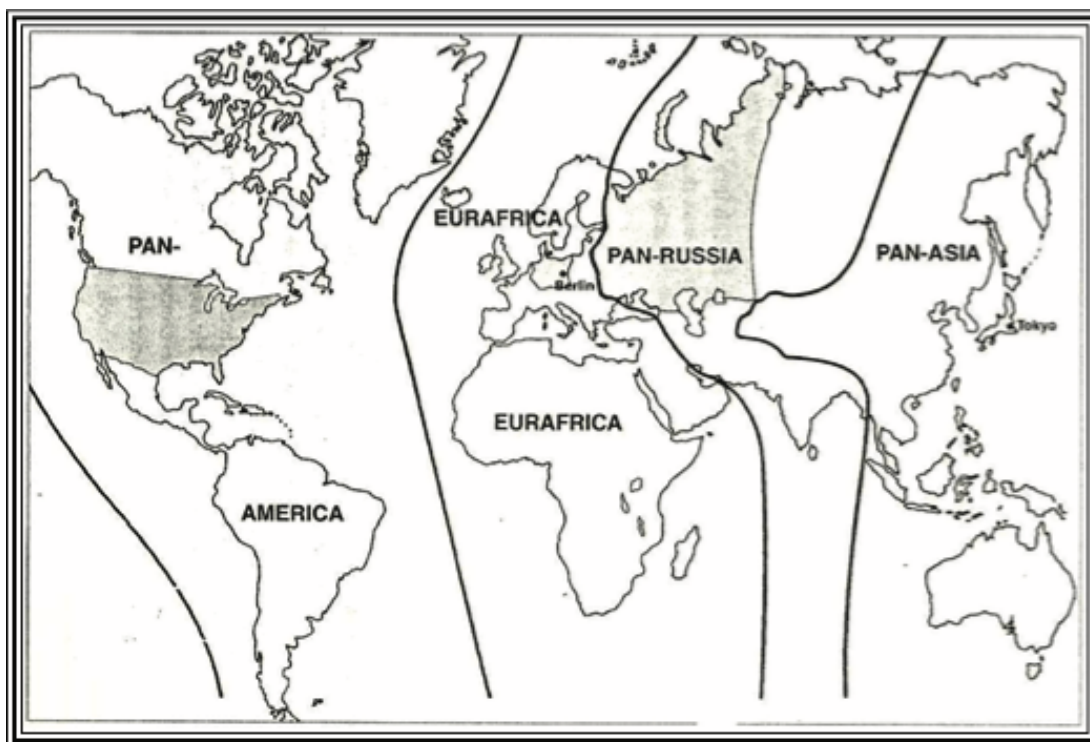
- As dimensões do Estado crescem com sua cultura;
- O crescimento dos Estados segue outras manifestações de crescimento dos povos, que necessariamente devem preceder o crescimento do Estado, como a influência econômico-cultural;
- O crescimento do Estado procede a anexação dos membros menores ao agregado;
- Expansão a partir da de sua periferia fronteiriça;
- Expansão com foco em posições mais favoráveis (benefícios geográficos);
- O crescimento natural (expansão) renova o corpo político e mantém a própria reprodução interna;
- Expandir para não ser anexado.

Ao qual, Haushofer culminou com a própria elaboração conceitual de cinco pilares para a *Geopolitik*:

- Espaço vital como inevitável crescimento dos Estados;
- Fronteiras livre de barreiras políticas e físicas, baseada no “sangue e solo”, ou seja, na união das comunidades de mesma afinidade e similaridade;
- Autonomia econômica e economia de defesa como meios à manutenção dos princípios anteriores;
- Divisão do mundo em pan-regiões, como forma de assegurar regiões autossuficientes para as potências dessas localidades (Figura 1):
 - Pan-América;
 - Pan-Euroáfrica;
 - Pan-Rússia;
 - Pan-Ásia Oriental.

- Dominação da *Heartland* como forma de estabelecer a hegemonia mundial, para todas as pan-regiões.

Figura 1 - As Pan-Regiões de Karl Haushofer



Fonte: GRAY; SLOAN, 1999, p. 227.

A construção teórica de Haushofer vai ao encontro das bases ideológicas, sociais e políticas do Neo-eurasianismo, o que podemos identificar nas palavras de Dugin, autor que coloca a Rússia como principal ator na Eurásia, incumbindo-a de estabelecer seu efetivo controle sobre a Heartland:

Dum ponto de vista geopolítico, a Rússia é algo maior do que a Federação Russa nas atuais fronteiras administrativas. A civilização eurasiática, estabelecida em redor da *Heartland* e tendo no seu seio os povos russos, é muito mais ampla do que a Rússia contemporânea. Num ou noutro grau, praticamente todos os países da Comunidade de Estados Independentes fazem parte dessa. A esta peculiaridade sociológica sobrepõe-se um fator estratégico: de modo a garantir a segurança do seu território a Rússia deve obter o controle militar sobre o centro das zonas a que se encontra ligada – a Oriente e a Ocidente e ainda na esfera do Oceano Ártico do Norte. Mas, se considerarmos a Rússia como um polo telurocrático planetário, então torna-se aparente que os seus interesses mais diretos se espalham por todo o território da Terra e tocam todos os continentes, mares e oceanos (DUGIN 2014a:20).

Compreendemos que as Teorias Restritas ao Poder Nacional impõem a ideia da potencialidade do Estado por base no território, dessa maneira, podemos traçar um paralelo que a *Heartland* proporciona à potencialidade da Rússia. Esse poder é identificado tanto na caracterização de sua sociedade como na de sua política, incentivando sua expansão para sua vizinhança próxima, ainda dentro da *Heartland*, mas fora da Federação Russa. Portanto deve-se buscar a própria compreensão da valoração desse local (*Heartland*), sendo claramente citado dentre os pilares da *Geopolitik*, como condição para dominação hegemônica mundial.

Dessa maneira, adentramos nas Teorias Globais do Poder Mundial, que definem o conceito da *Heartland*.

1.1.2.2. Teorias Globais do Poder Mundial

As Teorias Globais do Poder Mundial são uma segmentação da geopolítica clássica, que apresenta a quantificação do poder do Estado em uma perspectiva regional e global. Nas palavras de Correia (2010a):

A perspectiva global do poder mundial corresponde a uma visão ampla da geopolítica clássica, já não apenas focada no estudo e aproveitamento dos fatores geográficos, para o reforço e consolidação de um poder do Estado dentro das suas fronteiras e dessas mesmas fronteiras num contexto regional. O que se trata agora é desse estudo e aproveitamento com a ambição de projetar a nível mundial, com o objetivo de se colocar numa posição de hegemonia ou, no mínimo, de partilha de hegemonia, e de assegurar condições de sucesso em caso de conflito generalizado, nomeadamente em relação a potenciais Estados rivais (CORREIA, 2010a:155).

Destarte, as Teorias Globais do Poder Mundial são um extravasamento da visão telúrica e talassocrática⁷ dos Estados, ou seja, não é a valoração das características físicas e sociais como condicionante de poder do Estado, mas a valoração de como esses fatores condicionam o projetar de poder a nível mundial.

Para o Neo-eurasianismo, os conceitos desse segmento da geopolítica clássica é vinculado ao Poder Terrestre, tratando-se, por essência, da principal conceituação das civilizações de poder ligado ao caráter terrestre.

⁷ Referente ao campo da valoração material dos mares, oceanos e vias aquáticas como base estratégica geopolítica. Das sociedades que são caracterizadas pela relação íntima com o mar e cursos d'água.

1.1.2.2.1. Poder Terrestre

O poder terrestre advém da forma de observar, geopoliticamente, o espaço físico. Seu principal pensador, Halford Mackinder (1861-1947), britânico e notório apoiador das causas imperiais de seu país, focou na construção do que seria a oposição da corrente seguida pelo Reino Unido (Poder Marítimo).

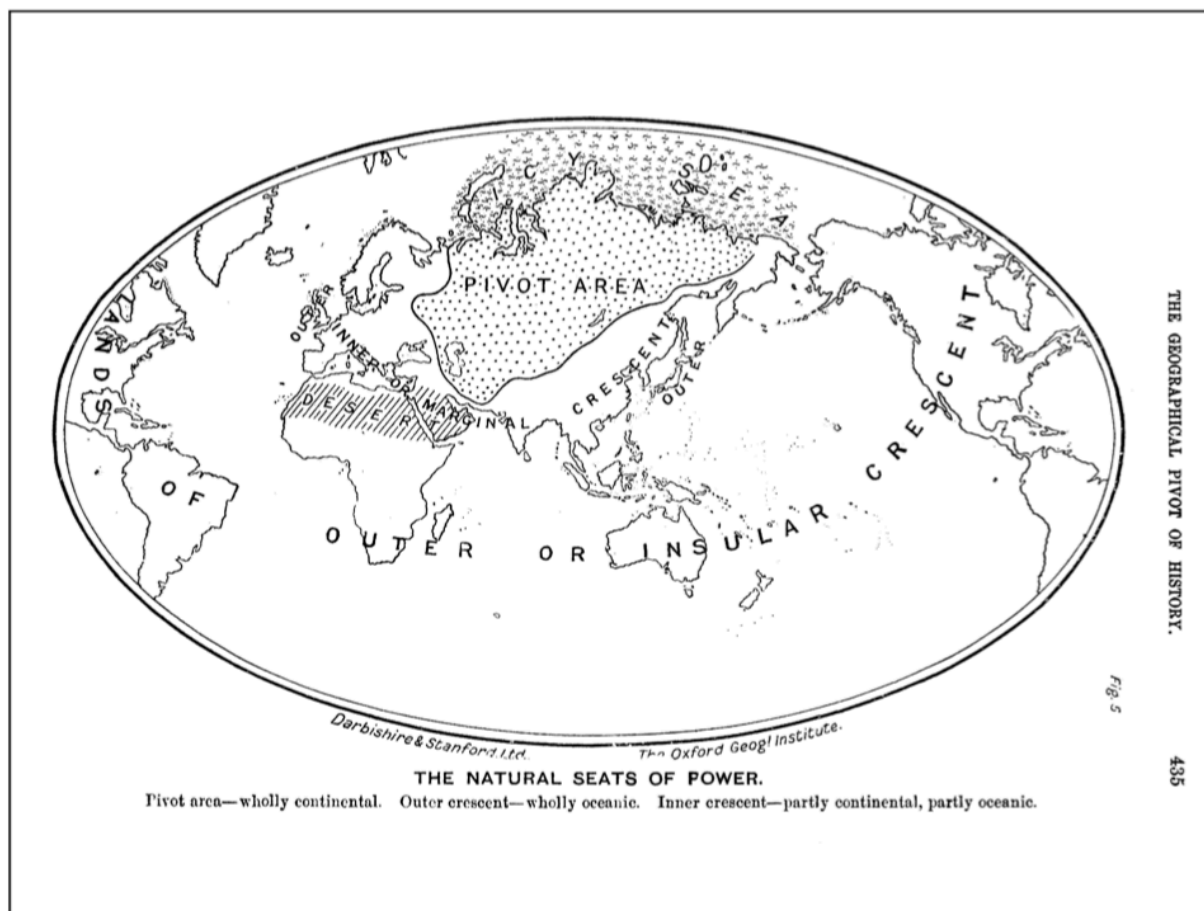
O poder terrestre, baseando-se na área pivô (*Heartland*), estabelece uma hierarquização das regiões geográficas que culminou por apontar uma vasta região eurásiana com extensa população e recursos naturais suficientes para desenvolver-se sem dependências externas e constituir a dominância de outras regiões.

Mackinder chega à conclusão de que o poder reside na capacidade de controlar grandes massas geográficas, sejam territoriais (geografia física), sejam populacionais (geografia humana), sejam matérias-primas (geografia econômica). E constatava que eram grandes áreas continentais que acumulavam estes fatores [...] Na sua visão de mundo, Mackinder destacava a existência de uma grande massa terrestre continental, a Eurásia, no centro da qual se situava uma zona *pivot*, que correspondia às grandes planícies russas, que constituía uma reserva riquíssima de recursos, fechada ao acesso marítimo do exterior e cuja importância já Mahan assinalara [...] (CORREIA, 2010a:165-166).

A conclusão teórica de Mackinder era a posse de grande área terrestre como fator decisivo no processo de supremacia geopolítica. Assim, o espaço eurásiano torna-se um objetivo considerável, com a maior massa continental contínua (54.308.580 km²) e apresentando recursos extensos, já citados por Correia (2010a).

Mackinder apresentou cartograficamente suas teorias, o que pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 - O Pivô Geográfico da História



Fonte: Mackinder (1904).

Na obra referente ao *Heartland*, Mackinder descreve historicamente as conquistas militares e os impérios que passam por este território, culminando em ressaltar o processo de expansão dos russos e a sua subsequente consolidação como potência da *Heartland* (MARINI, 1985; VESENTINI, 2009; CORREIA, 2010a; DEFARGES, 2012).

Do ponto de vista do desenvolvimento progressivo da Geopolítica, Mackinder é seu propulsor em escala mundial, descolando-se do círculo estreito do Estado e, portanto, tratando de grandes problemas internacionais, considerando a Terra como um circuito fechado, onde as manifestações relevantes do poder ecoam em áreas distantes. Isso permite compreender também a unidade geográfica da Ilha Mundial, suas relações de poder com o resto do Globo e as vantagens inegáveis no caso de sua unidade política. Dentre o denso grupo de ideias estratégicas expostas, destacam-se o conceito ofensivo e defensivo do *Heartland*, pela valorização estratégica em escala mundial; o confronto entre o poder terrestre e o poder marítimo, os conceitos de terras marginais e externas, a importância de ter uma grande reserva humana (poder do homem). Com isso, Mackinder ensinou a ver o mundo a partir de uma óptica geopolítica, contribuindo

assim, para popularizar essa ciência (MARINI, 1985:332, tradução nossa).

No decorrer de sua obra, Mackinder deixa claro sua visão telúrica sobre a geopolítica, na qual a valorização do espaço eurasiático se dá pela sua autossuficiência em recursos e pela capacidade do material humano.

Em vista disso, o território definido como *Heartland* propicia recursos humanos e materiais, além de características geográficas que tornam influências de poderes externos mais difíceis. Isso posto, se a Rússia tem em poses essas condições territoriais, pode propiciar uma natureza de grande potência geopolítica.

A visão geopolítica de Mackinder sobre o território russo, como *Heartland*, é apropriado por Dugin no sentido de que essas características são transferidas para a própria civilização russa, por intermédio da “sociedade e território”, conceito de Ratzel, retomando assim, a própria centralidade da temática civilizacionista da teoria de Dugin, e também criando uma condição base que proporciona uma oposição entre as próprias civilizações.

As palavras de Mackinder (1904) denotam que “Quem controla a *Heartland* domina a área pivô e quem domina a área pivô controla a ‘ilha mundial’, e quem controla a ‘ilha mundial’ domina o mundo.” Portanto, geograficamente e, por consequência, geopoliticamente, a civilização russa (*Kultur*) se configura perante as outras.

Em vias disso, a seguir tratamos da compreensão das bases ideológicas e sociais do Neo-eurasianismo bem como das condições de um projeto político inicialmente identificado como Choque de Civilizações.

1.2. O Projeto Político com Ordem Mundial do Choque de Civilizações

A partir da perspectiva de análise do projeto político do Neo-eurasianismo, no sentido de um Choque de Civilizações, as construções de Dugin (2014a) e Mackinder (1904) apontam a Talassocracia da *Heartland* como antítese da Telurocracia dos Estados Unidos, sendo esses últimos a própria materialização da Primeira Teoria Política (Liberal).

Mediante isso, devemos apresentar a compreensão de Estado como ator geopolítico na dimensão de uma Ordem Mundial previamente constituída, pois o

projeto de Ordem Mundial do Choque de Civilizações se apresenta como uma outra via ao *status quo*.

Dessa maneira, a Ordem Mundial, desde a Paz de Vestfália, tem por princípio o conceito de soberania dos Estados, o que, nas palavras de Kissinger (2015), é o ponto definidor do conceito de soberania dos Estados.

A Paz de Vestfália tornou-se um ponto de inflexão na história das nações porque os elementos que instituiu eram simples, mas exaustivos. O Estado, não o império, a dinastia ou a confissão religiosa, foi consagrado como a pedra fundamental da ordem europeia. Ficou estabelecido o conceito da soberania do Estado. Foi afirmado o direito de cada um dos signatários escolher sua própria estrutura doméstica e sua orientação religiosa, a salvo de qualquer tipo de intervenção, enquanto novas cláusulas garantiam que seitas minoritárias poderiam praticar sua fé em paz, sem temer conversão forçada. [...] (KISSINGER, 2015:33).

Das grandes contribuições da Paz de Vestfália, a que se destaca, é o conceito de soberania do Estado e sua definição como entidade política, substituindo, então, o papel da religião ou das dinastias familiares. Essa soberania é, portanto, a materialização da nação como unidade defensora dos interesses da sociedade.

Essa nova atribuição ao Estado também veio de Maquiavel e do Cardeal Richelieu separadamente. Nesse sentido, Kissinger (2015) reporta que:

Na mesma época em que Richelieu conduziu o país, circulavam pela Europa os tratados políticos de Maquiavel. Não se sabe se Richelieu estava ou não familiarizado com esses textos sobre a política do poder. Certamente ele colocava uma abordagem radical a respeito da ordem internacional. Inventou a ideia de que o Estado era uma entidade abstrata e permanente, existente em si. Suas necessidades não eram determinadas pela personalidade do governante, por interesses familiares ou pelos princípios universais da religião. Sua estrela-guia era o interesse nacional definido como *raison d'Etat*, ou razão de Estado. Seria esta, portanto, a unidade básica das relações internacionais (KISSINGER, 2015:29).

Podemos, assim, construir um entendimento a partir da relação entre a *raison d'Etat*, o Estado russo e o Neo-eurasianismo, pois a proposta de *raison d'Etat* do Neo-eurasianismo é a defesa da organicidade da *Kultur* russa.

Deste modo, os princípios eurasianistas de governo combinam organicamente os direitos tradicionais e religiosos, e as tradições nacionais e locais levam em consideração todas as riquezas dos regimes sociopolíticos que se formaram no curso da história da região.

Este sistema oferece, portanto, uma sólida garantia de estabilidade, segurança e integridade territorial (DUGIN: 2014b:49)⁸

Contudo, a retomada da defesa das características sociais endógenas da *Kultur* é contrária a ordem pós-Guerra Fria aplicada pelos Estados Unidos. Vessentini (2009) apresenta esse período como um paradigma contrário à centralidade dos Estados, lastreado no pensamento Geopolítico Clássico, o qual o Neo-eurasianismo sorve consideravelmente.

Essa interpretação geopolítica é rica e inovadora na medida em que aponta elementos novos (como a ideia de apolaridade para certas circunstâncias ou a de pós-modernidade) na nova ordem mundial. Mas ela é igualmente pobre e pouco criativa na medida em que basicamente reflete uma perplexidade, uma “descoberta” da falência de modelos clássicos para explicar a realidade. Isso é pouco, especialmente neste campo em que as ideias normalmente implicam ações efetivas. Exatamente esse é o ponto fraco das leituras que veem o real como caos ou falta de sentido: elas não conseguem encontrar uma lógica por trás da aparente desordem e, subrepticiamente, passam a ideia de que seria melhor uma “ordem unívoca”, uma busca de estabilidade e segurança por meio do empobrecimento dos conflitos, dos atores, do pluralismo enfim (VESENTINI, 2009:79).

O que Vesentini aponta, por meio da quebra de paradigma da geopolítica clássica, é a própria suplantação do sistema econômico sobre o Estado, na qual a própria Geopolítica Clássica tem como foco a análise do Estado (DEFARGES, 2012), requerendo uma nova forma de compreender a geopolítica que abranja mais atores, além das Nações.

Esse período pós-Guerra Fria foi descrito por Fukuyama (1992) como o Fim da História, ou seja, a efetivação do Estado como indivíduo econômico subjugando ao modelo do liberalismo capitalista. O Estado perde sua *raison d'Etat*, posto que o mercado liberal assume a identidade reguladora das sociedades.

Sobre esse período, Kissinger diz que:

O modo hábil como Bush levou a Guerra Fria à sua conclusão turvou a lembrança de todas as disputas internas ao longo das quais o esforço americano tinha sido sustentado e que iriam caracterizar os desafios da etapa seguinte. À medida que a Guerra Fria se distanciava, o consenso americano afirmava que o principal trabalho de conversão tinha sido realizado. Uma nova ordem mundial pacífica

⁸ In this way, the Eurasianist principles of government organically combine traditional and religious rights, and national and local traditions take into account all the riches of the sociopolitical regimes which formed in the course of the region's history. This system therefore offers a solid guarantee stability, security and territorial integrity.

iria agora se desenvolver, contanto que as democracias tivessem o cuidado de oferecerem assistência à onda final de transformações democráticas nos países ainda sob regimes autoritários. A derradeira visão wilsoniana iria ser concretizada. Instituições livres, políticas e econômicas, se espalhariam terminando por fazer submergir antagonismos superados em meio a uma harmonia mais ampla (KISSINGER, 2015:316).

Nesse momento, a configuração dos Estados Unidos como superpotência mundial, pretendia estabelecer a visão de mundo liberal, o que, por seus discursos, seria uma “globalização feliz”. Entretanto, houve um forte emprego de poder bélico em nome desse projeto, sobre o qual Robert (2017) esclarece:

[...] Esse caos, muito evidente nos dias atuais, já estava latente desde o início dos anos de 1990. A queda do Muro de Berlim gerou crença no início de uma era totalmente nova, uma “globalização feliz” sob a égide protetora dos Estados Unidos, ilustrada pela Guerra do golfo em 1990. Embora essa intervenção ainda estivesse circunscrita às balizas definidas pela ONU, a década de 1990 revelou a tentativa, por parte do poder norte-americano, de autoritariamente forjar novas regras. O laboratório disso foi a Guerra do Kosovo, com seus promotores tentando formalizar um direito de ingerência nos assuntos internos dos Estados. Essa visão, temporariamente tornada possível pelo apagamento da Rússia e pela reserva chinesa, teve seu apogeu com a intervenção na Líbia, em 2011, revelando perigosas contradições [...]

[...] De aparência estável, essa nova ordem carrega as grandes tempestades atuais. Celebrada pela mídia e pelos pensadores dominantes, o questionamento do poder estatal vestifaliano poupa as grandes potências, como os Estados Unidos e a França na África, mas também países como Israel, que violam abertamente a lei sem ser incomodados. A proclamação de uma “comunidade internacional” pouco esconde o fato de que a virtude é imposta a alguns, enquanto o cinismo da *realpolitik* continua sendo prerrogativa de outros. Aliás, pouca atenção se dá à natureza e à legitimidade daqueles que definem os valores em questão e seus contornos precisos: a maioria ocidental. Impulsionada pela necessária luta contra a impunidade, a proliferação de tribunais penais internacionais também coincide com as fronteiras difusas do intervencionismo de geometria variável da “comunidade internacional”: Iugoslávia, Serra Leoa, Ruanda, Camboja. Mas especialmente a adoção do estatuto de Tribunal Penal Internacional (TPI), em Roma, em 1998, que deve consagrar o triunfo dos valores comuns de justiça e reparação, com objetivos de curar as feridas de populações martirizadas. Daí a possibilidade, confiada a tais cortes, de julgar inclusive dirigentes em exercício, derrotando assim o princípio da imunidade diplomática. Mas, quando se faz isso, postula-se a visão de uma justiça apartada tanto das realidades locais como das relações de forças internacionais (ROBERT, 2017:21-22).

Robert se refere às ações arbitrárias de Washington e seus aliados como atitudes contrárias à prerrogativa da Ordem Vestifaliana, em prol de sua ideologia. Huntington (1997) exprime, a partir de seu ponto de vista das civilizações, uma interpretação sobre os Estados Unidos nesse âmbito.

Há duas imagens do poderio do Ocidente em relação às outras civilizações. A primeira é a de um predomínio ocidental avassalador, triunfante, quase total. A desintegração da União Soviética afastou o único desafiante sério do Ocidente e, como consequência, o mundo está sendo e será moldado pelos objetivos, prioridades e interesses das principais nações ocidentais, com talvez uma participação do Japão. Na condição da única superpotência que restou, os Estados Unidos, junto com a Grã-Bretanha e a França, tomam as decisões cruciais sobre as questões políticas e de segurança, os Estados Unidos junto com a Alemanha e o Japão tomam as decisões cruciais sobre questões econômicas. O Ocidente é a única civilização que tem interesses substanciais em todas as outras civilizações ou regiões e tem a capacidade de afetar a política, a economia e a segurança de todas as outras civilizações ou regiões. As sociedades das outras civilizações geralmente precisam de ajuda ocidental para atingir os seus objetivos e proteger os seus interesses (HUNTINGTON, 1997:97).

Os Estados Unidos, dentro dessa definição de Ocidente, se comportam segundo sua própria definição de civilização (ELIAS, 1994), ou seja, como superior e sempre triunfante, propiciando a aplicação de seus interesses sobre todas as outras nações.

A priori, constituímos o entendimento da Ordem Mundial subordinada aos interesses ocidentais, liderados na figura dos Estados Unidos, impondo à oposição uma outra via de Ordem. Dentro do Neo-eurasianismo há o que é descrito como Multipolaridade das nações (DUGIN, 2014a; 2014b):

Um terceiro exemplo desse tipo pode ser encontrado no projeto eurasiático (também conhecido como multipolaridade, grandes espaços ou grandes poderes), propondo um modelo alternativo de ordem mundial baseado no paradigma das civilizações e das grandes potências. Pressupõe a criação de diferentes entidades políticas, estratégicas e econômicas transnacionais unidas regionalmente pela comunidade de áreas civilizacionais comuns e valores compartilhados, em alguns casos religiosos e em outros seculares e/ou culturais. Eles devem consistir em estados integrados nas linhas regionalistas e representar os polos do mundo multipolar. A União Europeia é um desses exemplos, a nascente União Euroasiática proposta pelo russo Vladimir Putin e o Presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev, outro. Uma União Islâmica, uma União Sul-Americana/Bolivariana, uma União Chinesa, uma União Indiana, uma União Pan-Pacífica são outras possibilidades. O Grande Espaço Norte-Americano, cobrindo o atual NAFTA, seria considerado apenas

um entre vários outros polos mais ou menos iguais, nada mais (DUGIN, 2012:93-94).⁹

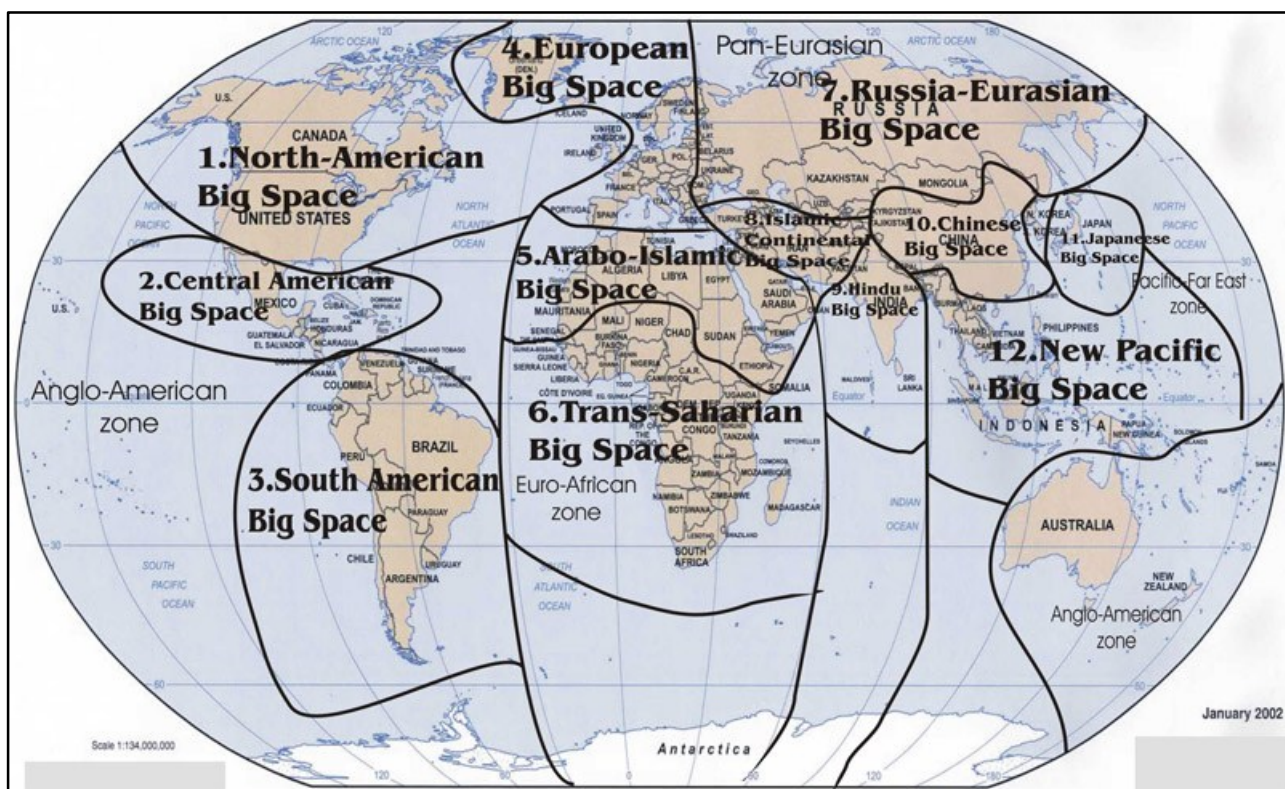
A visão de Dugin (2012), além de promover a suplantação da Ordem dos Estados Unidos, objetiva uma construção de grandes espaços pautados na *Kultur* de cada região. Indo ao encontro do que Huntington (1997) descreve como a construção russa de um bloco ortodoxo, está a Teoria dos Grandes Espaços de Haushofer (Figura 3).

De modo geral, a Rússia está criando sob sua liderança um bloco com um coração ortodoxo e uma zona tampão de Estados islâmicos relativamente fracos que ela irá, em graus diferentes, dominar, e nos quais ela tenderá excluir a influência de outras potências. Além disso, a Rússia espera que o mundo aceite e aprove esse sistema. Como disse Yeltsin em fevereiro de 1993, os governos estrangeiros e os organismos internacionais precisam “outorgar à Rússia poderes especiais como uma garantia da paz e da estabilidade nas regiões que eram parte da antiga URSS”. Enquanto a União Soviética era uma superpotência com interesses globais, a Rússia é uma potência importante com interesses regionais e civilizacionais. (HUNTINGTON, 1997:204).

Para além dessa pontuação de Huntington (1997), há a atuação da Rússia na esfera de desenvolver entidades multilaterais, como os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), Organização para Cooperação de Xangai (China, Rússia, Cazaquistão, Quirquístão, Tadjiquístão e Uzbequistão) e União Econômica Eurasiática (Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirquístão e Rússia), que compactuem com essa visão e se configurem como uma via para a economia e a segurança contra os interesses ocidentais.

⁹ A third such example can be found in the Eurasianist (aka multipolarity, Great Spaces, or Great Powers) project, proposing an alternative model of world order based on the paradigm of civilizations and Great Powers. It presupposes the creation of different transnational political, strategic, and economic entities united regionally by the community of common civilizational areas and shared values, in some cases religious and in others secular and/ or cultural. They should consist of states integrated on regionalist lines and represent the poles of the multipolar world. The European Union is one such example, the nascent Eurasian Union proposed by Russia’s Vladimir Putin and Kazakhstan’s President Nursultan Nazarbayev, another. An Islamic Union, a South-American/Bolivarian Union, a Chinese Union, an Indian Union, a Pan-Pacific Union are other possibilities. The North-American Great Space, covering today’s NAFTA, would be regarded as just one among several other more or less equal poles, nothing more.

Figura 3 - Grandes Espaços do Mundo Multipolar



Fonte: <https://tendancoatesy.wordpress.com>

Dentro dessa configuração, Vladimir Putin, como Presidente da Federação Russa, expressou, em uma entrevista com Oliver Stone, sua visão sobre a ação impositiva ocidental de seu modelo neoliberal por meio da retórica de democracia para os povos:

Na minha opinião, é errado impor sobre outros países e outros povos nossos próprios padrões e modelos. Em particular, eu me refiro à democracia. A democracia não pode ser imposta de fora. Ela só pode nascer no interior da sociedade. E a sociedade deve ser ajudada a seguir esse caminho. Porém, tentar impor a democracia pela força de fora é absurdo, é contraproducente, é prejudicial. E quanto ao uso da força, incluindo forças terrestres, de vez em quando é necessário. Claro que é melhor se feito a convite do governo interessado ou de acordo com a lei internacional, e com base em uma decisão do Conselho de Segurança das Nações Unidas (STONE, 2017:47).

Pelas palavras de Putin, observamos consonância com o projeto Neo-eurasianista, opondo-se à atitude impositora de modelos econômicos e sociais às sociedades do mundo, realizada pelo Ocidente.

A postura de Putin nos leva a questões de pura conduta do Estado russo, sendo que esse discurso, proferido na entrevista de Stone (2017) e de nuances Neo-eurasianas, pode indicar sua orientação política. Dessa maneira, compreender a conduta de Putin, em paralelo com o projeto político Neo-eurasianista, torna-se uma próxima etapa ao trabalho.

1.3. Vladimir Putin para a Rússia

Para compreendermos como a figura de Vladimir Putin, Presidente da Federação Russa, apresenta condutas correlacionadas ao projeto Neo-eurasiano, podemos ir até a própria pessoa de Aleksandr Dugin.

Teórico do Neo-eurasianismo, Dugin tem ampla atividade como assessor político de Putin e também ocupou importantes cargos dentro de seu governo. Contudo, se tomarmos a palavras de Segrilo (2010), encontramos uma contradição em seu posicionamento, já que, para ele, Putin seria um ocidentalista moderado.

Neste ensaio, vou defender que Putin é um ocidentalista *moderado*. A qualificação de “moderado” é importante para distingui-lo dos ocidentais extremados, como são os membros de partidos políticos liberais no estilo ocidental como antigo SPS ou o Yabloko, ou mesmo de Yeltsin que, no espectro ocidentalismo/eslavofíllismo, estava bem mais próximo do primeiro polo que seu sucessor (SEGRILLO, 2010:59).

Portanto, para melhor compreender essa incoerência iniciaremos com a própria situação política da Rússia pós o término da União Soviética, em um contexto das correntes políticas que dominaram à Rússia na década de 1990.

1.3.1. As Correntes Políticas Russas na Década de 1990

O desmembramento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ocorreu, efetivamente, em 25 de dezembro de 1991 por meio do Pacto de Belaveja, tendo a Rússia como principal herdeira do Estado soviético. Após esse acontecimento, a Rússia, se encontrou em uma situação ímpar, na qual não mais era uma potência oposicionista em uma Ordem Bipolar Mundial (Guerra Fria), tampouco havia uma ideologia – socialismo – que lhe estruturasse.

Nas palavras de Teixeira:

Entender o pensamento geopolítico russo, após uma grande ruptura, tal qual ocorreu com a URSS, exige a adoção de uma perspectiva distinta, uma vez que a Rússia sempre foi um ator importante e diferenciado do sistema internacional, principalmente, por seu conhecido espaço de influência que sofreu um duro golpe, tanto geográfico quanto político [...] (TEIXEIRA, 2008:131).

O fim da União Soviética foi uma grande ruptura para a Rússia, pois tudo que a definia como Estado forte dentre as mais poderosas não mais se sustentava. Esse término da União Soviética como Estado, se deve a um arcabouço de ações geopolíticas internas e externas. Uma dessas pode-se dizer que foi da própria situação de guerra indireta com os Estados Unidos.

A estratégia indireta, que é um “modo” menor da guerra total, foi de todas as épocas (como, de resto, a estratégia direta). Seus aspectos modernos e sua grande voga decorrem de que, hoje, a grande guerra tornou-se racionalmente impraticável. Seu papel, por conseguinte, é na realidade, complementar ao da estratégia nuclear indireta: a estratégia indireta é o complemento e, de algum modo, o antídoto da estratégia nuclear. Quanto mais estratégia nuclear se desenvolver e, através de seus equilíbrios precários, chegar a reforçar a dissuasão global, mais a estratégia indireta será empregada. A paz será cada vez menos pacífica, e tomará a forma do que chamei em 1939 a “paz-guerra”, e que nós conhecemos, bem depois, sob o nome de guerra fria (BEAUFRE, 1998:143).

Beaufre (1998) se remete ao conflito de guerra fria como “um modo menor de guerra total”, isso implica, como um todo, na alocação total dos recursos do Estado para o conflito. Mesmo sendo nominalmente menor, há desgastes estruturais severos, principalmente se mensurarmos 45 anos de conflito (1945-1991). Por consequência, existiram políticas com o intuito de reestruturar internamente o sistema soviético: *Glasnost* e *Perestroika*.

Entretanto, como apontado por Rodrigues:

Se de um lado a Glasnost foi rapidamente aceita e tornou-se irreversível, pois abriu uma torrente liberalizante sem controle na sociedade soviética, por outro, logo ficou claro que a Perestroika, ou seja, a reestruturação econômica, não produzia os resultados esperados em termos de dinamização econômica e redução das carências da vida cotidiana da população. Reconverter todo o imenso complexo industrial-militar, o que implicava mexer com poderosos interesses da burocracia, priorizar e aumentar a produção no setor de bens de consumo corrente, gerar tecnologia para acompanhar o Ocidente e modernizar o equipamento produtivo: tudo podia ser fácil no discurso, mas demonstrou-se de difícil execução (RODRIGUES, 2006:227).

A intencionalidade que a política da *Glasnost* tinha era constituir abertura política e social, não mais mantendo uma estrutura repressiva entorno da fixação da sociedade na linha ideológica socialista soviética. Já a *Perestroika* tinha um viés econômico, sua intenção era remodelar o sistema econômico russo já que a antiga metodologia econômica baseada na planificação quinquenais chegou a um limite. Nesse contexto, a qualidade produtiva não se desenvolvia, não mais acompanhava as inovações dos produtos exteriores, e o sistema de cotas produtivas se tornava dispendioso e mais custoso, não havendo um revisionismo das cadeias produtivas (RODRIGUES, 2006; MEDEIROS, 2011).

Em síntese, tendo por foco uma estrutura quantitativista, o modelo soviético não se sustentava a longo prazo, motivo que levou Gorbachev idealizar as políticas da *Glasnost* e *Perestroika*, como um meio de resolver os originados por essa estrutura (INTRILIGATOR, 1996; RUTLAND, 2013). Contudo, essas políticas não foram suficientes em sanar os problemas internos da União Soviética, e o resultado final foi sua dissolução.

Com a experiência socialista findada, a Rússia apresentou três pensamentos políticos principais que disputavam a primazia do governo, dando um novo direcionamento ao Estado: o Internacionalista-idealista; o Realista e o Expansionista Revolucionário. De acordo com Reis (2015), essas teorias percorrem a construção do pensamento da Rússia, tornando a década de 1990 um campo de batalha político.

A corrente Internacionalista-idealista, tem por bases os ideais liberais no sentido dos ocidentais, Marcu (2007) a descreve:

Idealistas consideram, em geral, que o mundo é amigável e favorável à Rússia, sem provocar graves ameaças para a segurança internacional, que somente a cooperação internacional era a única garantia possível para sua segurança nacional. Para os Idealistas, a Rússia estava em uma situação histórica sem precedentes, que permitia o início de uma cooperação com o Ocidente (MARCUS, 2007: s.p, tradução nossa).

Dentro do contexto dessas afirmações, Teixeira (2008) e Reis (2015) afirmam que Boris Yeltsin, primeiro Presidente da Federação Russa, identificava-se com essa forma liberal ocidental, e acreditava que a liberalização econômica ao molde ocidental seria a forma de promover o desenvolvimento, enquadrando rapidamente a Rússia como potência novamente. Entretanto, havia um agravante, admitir a liderança dos

Estados Unidos sobre o mundo (GASPAR, 1998), o que produziu desconforto e resistências internas, sobretudo para setores Realistas.

A linha Realista tem uma interpretação diferente da Idealista. Tendo por base o pensamento russo pré-soviético, o que Marcu (2007) reporta que:

Os realistas russos se dividem em: realistas agressivos e realistas defensivos. Ambos grupos aceitam que a segurança é o maior motivador dos Estados, contudo têm opiniões diferentes quanto aos métodos mais eficazes para a segurança nacional. Os agressivos afirmam que as ações ofensivas limitadas podem contribuir para a segurança, entretanto, os realistas defensivos afirmam o contrário. As facções se apoiam nos postulados do eurasianismo clássico - corrente geopolítica russa da época czarista, que ganhou adeptos entre a população e os seguidores da elite política (MARCUS, 2007:s.p., tradução nossa).

Portanto, é constituído de uma visão política mais proativa da Rússia no cenário mundial, como uma força a se contrabalancear com o poder dos Estados Unidos (SULTANOV, 1991), apresentando premissas de que somente por intermédio de uma Rússia forte, restabelecida de suas fronteiras originais – aquela retomada do conceito de *Heartland* –, se conduziria a sobrevivência e a prosperidade do Estado russo (GUMILEV, 1993).

Essa corrente política muito se assemelha aos ideais do Neo-eurasianismo, pela própria retomada do pensamento eurasianista no sentido da defesa de um projeto próprio russo, advindo da época czarista. Se retornamos a Dugin confirmaremos isso:

A civilização russa possui algumas das mesmas características que a Europa e algumas das características da cultura asiática (acima do tipo turanense), representando uma síntese orgânica dos dois, e não pode, portanto, ser reduzida à mera soma de seus elementos ocidentais e orientais. Em vez disso, tem uma identidade original (DUGIN, 2014b:7-8).

A ideia de que a corrente Realista é um embrião do pensamento sistematizado Neo-eurasianista torna-se concreta com Reis (2015) e, portanto, podemos afirmar que tal semelhança não se dá por mero acaso, mas por um processo histórico de seu desenvolvimento.

Por fim, outra linha política de grande marco para a Rússia na década de 1990, foram os Expansionistas Revolucionários. Teixeira (2008) descreve sua visão:

Na visão expansionista, o sistema mundial permaneceria sendo bipolar, onde se confrontariam dois rivais geopolíticos: o Atlantismo e o Eurasianismo. Como consequência, promoviam o conceito de

império em permanente ampliação, sendo que a Rússia deveria reorganizar o território eurasiático e conquistar espaços além da CEI, para obter a sua própria segurança. (TEIXEIRA, 2008:136)

Essa corrente tem por essência o restabelecimento do sistema bipolar da Ordem Mundial, contudo, não mediante as ideologias capitalista e socialista como ocorrido na Guerra Fria, mas por meio da premissa de um conflito conceitual geopolítico clássico: o Atlantismo (Estados Unidos) e o Poder Terrestre do Eurasianismo (REIS, 2015). Assim, pode-se dizer que essa é uma visão mais extremada da corrente Realista.

Segundo Reis (2015):

A Escola Expansionista Revolucionária, também crítica ao governo Yeltsin, se situava na extrema direita do cenário político russo e acreditava que a expansão externa era o melhor caminho para garantir a segurança da Rússia. [...] [...], essa escola, assim como a Realista, inspirava-se nas ideias de Mackinder, Mahan, defendendo a noção de potência continental. (REIS, 2015:75).

Apesar da presença dessas três correntes políticas, foi a linha Idealista, com o então Presidente Yeltsin, que dominou o cenário russo na década de 1990. Nesse momento, Yeltsin encarregou-se de transformar a Rússia em um estado capitalista ocidental (SHPUY, 2013:35), contudo, não obteve resultados positivos quanto à reestruturação do Estado russo.

Contudo, o Governo central da Federação Russa estava a falhar em todas as funções fundamentais da sua existência como Estado soberano: não controlava o território, não era reconhecido por parte da população e perdia a exclusividade da força armada. Resumindo, aproximava-se dos parâmetros correspondentes dos Estados falhados. A situação tornava-se insustentável e a opinião pública principiava a temer a separação final entre os territórios povoados majoritariamente por russos e os restantes. (SHPUY, 2013:36).

Segundo Shpuy (2013), Yeltsin não logrou retomar um crescimento da economia e da qualidade de vida dos russos, o que provocou largo descrédito em seu modo de governar. Com isso, a situação na Rússia muda apenas no ano de 1999, quando Vladimir Putin, membro do governo de São Petersburgo, foi convidado a assumir o cargo de Primeiro-Ministro, para o qual, segundo o próprio Yeltsin (2002), ele era muito bem qualificado.

Logo após essa escolha, Yeltsin, com a saúde comprometida, se retira da política e aponta Putin para sua sucessão presidencial. Contudo, há uma grande diferença entre essas duas figuras, pois Putin tinha simpatia pela corrente Realista.

A partir disso, Shpuy aponta os objetivos pretendidos por Putin:

Resumindo, o líder do Kremlin valoriza a retórica nacionalista, o monopólio do poder político como fator de estabilidade interna, o protecionismo econômico e a afirmação geopolítica da Rússia. Neste sentido, Putin propõe reforçar a cooperação econômica e a segurança com antigas repúblicas da esfera de influência soviética. (SHPUY, 2013:41).

Da mesma maneira, Dugin suporta o apontamento de Shpuy em seu livro sobre Vladimir Putin reforçando que "a missão de Putin é criar na Rússia um regime político estável, constituído do interesse nacional russo, do interesse do povo e as prioridades de sua geopolítica." (DUGIN, 2014c:68).

Para compreender a configuração política da Rússia na década de 1990, baseamo-nos nas pontuações de Dugin (2012) referentes às Teorias Políticas e elaboramos um quadro com as segmentações que definem as essências das Quatro Teorias Políticas desse contexto. Para isso, fundamentamo-nos quatro componentes que definem as teorias, já mencionados anteriormente – Ideologia, Projeto de Sociedade, Economia e Política – e destacamos que é possível notar que duas dessas Teorias Políticas estiveram presentes nesse período russo, embora o Neo-urasianismo estivesse ainda em uma forma embrionária.

Quadro 1 - Caracterização das Quatro Teorias Políticas

	Ideologia	Sociedade	Economia	Política
Primeira Teoria Política (Liberalismo)	Liberdade individual	Propriedade privada e individualismo metodológico ¹⁰	Livre-comércio, liberdade econômica e livre mercado	Democracia, mercado acima do Estado

¹⁰ O indivíduo como unidade básica, econômica, política e jurídica. Coletividade não deve ter direitos e deveres, somente se coincidir com os indivíduos do próprio coletivo.

Segunda Teoria Política (Comunismo)	Proletários donos dos meios de produção	Sociedade igualitária e sem classes sociais	Economia planificada e meios de produção sob controle do Estado	Centralização total do Estado
Terceira Teoria Política (Fascismo)	Supremacia étnica	Sociedade regulada, militarista e hierarquizada	Setores da econômica sob o controle do governo, mas preservando a propriedade privada	Governo centralizado e totalitário, ditatorial
Quarta Teoria Política (Neo-urasianismo)	A <i>Kultur</i> como base política e social	Tradicionalismo cultural e Diferencialismo etnocultural ¹¹	Principais recursos sobre controle do Estado, liberdade econômica sob as diretrizes do Estado	Estado centralizado, Controle do mercado

Org.: Camargo (2016)

A centralidade, ou seja, o sujeito das teorias pode ser compreendido na Ideologia. Assim, nós interpretamos que, para o Neo-urasianismo, a *Kultur* é o povo, a civilização. Entretanto, voltamos à problemática central já observada e concluímos que uma Teoria Política não tem delimitação territorial, ou seja, é isenta dessa característica. De maneira diferente, em sua teoria, Dugin, apesar de apresentá-la como um movimento universalista, alicerça todo seu arcabouço teórico na *Kultur* russa e no território da *Heartland*.

¹¹ Defesa do pluralismo de sistemas e de valores contra a dominação obrigatória de uma ideologia.

Ignorando esse aspecto, como forma de interpretarmos os outros itens, observamos propostas nas alíneas Sociedade, Economia e Política, condizentes com uma via diferenciada das anteriores. Até mesmo, em alguns casos, na economia e na política, temos uma amálgama das outras três teorias – Liberalismo, Socialismo e Fascismo – quanto à tênue relação de centralidade do Estado e da liberdade individual/coletiva.

Dessa maneira, pontuamos duas observações com relação à conduta de Putin na Rússia, primeira como um ocidentalista moderado (Liberal) e depois como um estadista de afinidades Neo-eurasianas. Partindo dessa caracterização das Teorias Políticas adentramos em uma maior definição da postura de Putin.

1.3.2. A Rússia de Putin

Embora Segrilo (2010), descreva Putin como um ocidentalista, já que suas atitudes, para o autor, se assemelham às tendências liberais ocidentais, a priori, Dugin não defende o governo de Putin sob mesma perspectiva. Para ele, com a participação mais ativa de Putin em esferas do governo russo (MATOS, 2012), é possível observar uma configuração mais ampla, e menos dicotômica.

Nesse contexto, Dugin se baseia na visão de Rutland (2011) a partir das três correntes políticas que dominaram a Rússia na década de 1990:

A filosofia política de Putin era uma mistura eclética de elementos das três filosofias políticas predominantes. Para os liberais, ele ofereceu um compromisso com a economia de mercado e o estado de direito, e uma capacidade surpreendente de forjar laços pessoais próximos com líderes ocidentais. Para os comunistas, ele oferecia nostalgia pelo passado soviético - embora reconhecesse que já era passado e não poderia ser recuperado -. Ele trouxe de volta o hino nacional soviético (com novas palavras), criou novas organizações juvenis que se pareciam com os Jovens Pioneiros e o *Komsomol*, e reintroduziu o treinamento militar nas escolas. Para os nacionalistas, ele ofereceu uma vigorosa afirmação dos interesses nacionais russos - primeiro contra os tchetchenos rebeldes e depois contra os percebidos inimigos russos na Estônia, na Geórgia e na Ucrânia -. Ele estava mais disposto que Yeltsin a se dirigir a seus compatriotas russos usando o termo étnico *Russkii*, em oposição ao termo etnicamente neutro, *Rossiiskii*. (RUTLAND, 2011:s.p., tradução nossa).¹²

¹² Putin's political philosophy was an eclectic mixture of elements from the three prevailing political philosophies. For liberals, he offered a commitment to the market economy and rule of law, and a surprising ability to forge close personal ties with Western leaders. For the Communists, he offered nostalgia for the Soviet past – while recognizing that it was *past*, and could not be recovered. He brought back the Soviet national anthem (with new words), created new youth organizations that resembled the

Ou seja, Rutland nos põe a pensar que Putin promoveu uma política apaziguadora, na intenção de promover um ambiente político favorável e de facilitar sua governabilidade. Essa visão fez, posteriormente, Dugin (2014c) rever seu julgamento e relatar a flexibilidade política de Putin com relação à manobra do sistema político russo.

Desde o início Putin incorporou a formulação política: nacionalismo (patriotismo) mais liberalismo (reforma econômica). Esta fórmula tornou-se o grampo do fenômeno de Putin. Isso importa mais do que sua personalidade. Pode-se argumentar que neste caso foi sua personalidade que foi escolhida para se adequar à fórmula e não o contrário. (DUGIN, 2014c:80-81, tradução nossa).¹³

Portanto, o liberalismo identificado na conduta de Putin é com relação às medidas econômicas, embora o direcionamento da sua estrutura administrativa política fosse centralizador, como descrito por Desai (2005):

O primeiro mandato de Putin como presidente de 2000 a 2004 combinou a liberalização econômica com restrições à democracia. Por exemplo, o governo de Putin conduziu com sucesso medidas através da Duma relacionadas à adoção de um código tributário (uma alíquota uniforme de 13% e uma alíquota de 34 a 24%), um projeto de lei de transações de terras, um código criminal e definiu o direito societário de instituições. Também reorganizou a conversão da câmara alta do parlamento, composta originalmente por governadores eleitos, em um corpo de nomeação presidencial; o encarceramento politicamente motivado do magnata do petróleo Mikhail Khodorkovsky; a instalação de representantes nomeados pelo Kremlin em sete setores da Rússia, com o objetivo de tornar as leis regionais compatíveis com as normas federais; e restrições da mídia na véspera da eleição da Duma de dezembro de 1999. (DESAI, 2005:102, tradução nossa).¹⁴

Young Pioneers and Komsomol, and reintroduced military training in schools. For the nationalists, he offered a vigorous assertion of Russian national interests – at first against the rebel Chechens, and then against perceived Russian enemies in Estonia, Georgia and Ukraine. He was more willing than Yeltsin to address his fellow- Russians using the ethnic term *Russkii* as opposed to the ethnically neutral term, *Rossiiskii*.

¹³ From the outset Putin embodied the political formula: nationalism (patriotism) plus liberalism (economic reform). This formula became the staple of the Putin phenomenon. It matters more than his personality. One can argue that in this case it was his personality that was chosen to suit the formula and not the other way around.

¹⁴ Putin's first term as president from 2000 to 2004 combined economic liberalization with constraints on democracy. For example, Putin's government successfully steered measures through the Duma relating to the adoption of a tax code (a uniform personal tax rate at 13 percent and corporate tax rate lowering from 34 to 24 percent), a land transactions bill, a criminal code and joint stock company law. It also oversaw the conversion of the upper house of the parliament, composed originally of elected governors, into a rubber-stamping body of presidential appointees; the politically motivated jailing of the oil tycoon Mikhail Khodorkovsky; the installation of Kremlin-vetted appointees in seven sectors of Russia with a view to making regional laws conform to federal norms; and media restrictions on the eve of the December 1999 Duma election.

Desai (2005) concorda com Dugin (2014c), relatando a centralização do governo em Putin e a liberalização no setor da economia. Contudo, as políticas para a economia se mostraram diferentes após um período de crescimento em seus índices. A postura do governo foi em estatizar novamente as empresas dos setores energéticos, que haviam sido privatizadas no governo Yeltsin. Outra ação foi subjugar as oligarquias perante os interesses do Estado, com o risco de serem destituídos de suas empresas e presos. Pereira e Pedone (2013) relatam essa passagem:

Essas ideias contribuíram na implantação de uma “revisão” do rumo econômico que estava tomando o país. Houve uma reavaliação da relação Estado-mercado passando de um processo de “liberalização e privatização” para uma estratégia de “policiamento e intervenção do Estado”. [...].

Progressivamente o Estado foi ganhando espaço com a retomada do controle majoritário das empresas estatais como a Gazprom, que em junho de 2000 tinha 62% de suas ações em mãos de grupos privados. Outras empresas privatizadas no governo Yeltsin começaram a ser investigadas por evasão fiscal, gestão mafiosa, descumprimento de leis fiscais e ambientais, e até tráfico de influência por uso do poder econômico e controle da mídia para atacar o governo.

Com essa reação do governo, muitos oligarcas foram presos pela “mão autocrata” de Putin, outros fugiram do país levando milhões de dólares em ativos das empresas, e outros abriram mão de suas empresas em troca de benefícios políticos. O mais famoso (e muito reportado e repudiado na mídia ocidental) foi o caso Yukos, que após uma investigação relatando diversos descumprimentos jurídicos e até assassinatos políticos (o caso Petrukhov) culminou com a prisão de vários funcionários da empresa, incluindo seu proprietário, Mikhail Khodorkovsky, o congelamento de ativos da empresa e sua subsequente aquisição pela estatal Rosneft em 2005. A Yukos foi declarada falida em agosto de 2006.

Outras empresas privatizadas, como a Lukoil, bem administrada e com notável projeção internacional (refinarias na Europa e distribuidoras nos EUA), foram incentivadas pelo Estado através de investimentos e promoção de suas atividades no exterior, pois para o governo, essa empresa já conseguiu seu posto de “campeã nacional”. (PEREIRA; PEDONE, 2013:7-8).

Essa primeira atitude de Putin, em um sentido liberal, nos faz relacioná-la com a política econômica de Lenin, “um passo para trás, para dar dois para frente”, pois sua atitude subsequente de colocar as empresas dos principais setores russos sob o interesse estratégico do Estado se assemelha aos princípios do Neo-eurasianismo:

- Controle estratégico dos ramos que formam a base da economia pelo centro, em conjunto com a máxima liberdade de atividade econômica no nível das empresas de médio e pequeno porte;

- A combinação orgânica das formas de gestão econômica (a estrutura do mercado) com as tradições sociais, nacionais e culturais das regiões, pela falta de um padrão econômico uniforme nas médias e grandes empresas (DUGIN, 2014b:50, tradução nossa).¹⁵

Adentrando nas questões do projeto econômico da Teoria Neo-eurasiana, podemos identificar que há premissas liberais – uma estrutura de mercado – em pequena e médias escalas; paralelamente, os grandes recursos de interesse social ficam sob regulação direta do Estado.

Podemos indicar que a ambiguidade na postura de Putin (DUGIN, 2014a) é originária da própria estrutura política do país, pois no quadro administrativo político havia uma distribuição ideológica heterogênea dentro do governo, com a qual Putin tinha que lidar e a qual ele deveria satisfazer. Essa flexibilidade, acompanhada de forte postura política, condiz com a observação de Rutland (2011), que o descreve como eclético.

Mas, de modo geral, as características Neo-eurasianas suplantam as demais, confirmada também pela grande presença de Dugin no governo, como influenciador em esferas políticas e militares.

Aleksandr Dugin pode ser caracterizado como geopolítico, filósofo, cientista político e sociólogo. Ele é também considerado um importante jornalista e analista político. É preciso enfatizar sua grande influência no pensamento geopolítico russo pós-soviético. Seu pensamento que a geopolítica é não somente uma ciência, mas possui muito de ideologia tem tido muita influência na política russa, e seus livros são utilizados pelas escolas geopolíticas militares e civis da Rússia. (MATOS, 2012: 72-73).

Identificamos, também, por meio de uma entrevista dada por Putin ao cineasta Oliver Stone, suas tendências ao Neo-eurasianismo.:

[...] “A Rússia foi construída ao longo de mil anos. Ela possui uma tradição própria. Temos nossas noções do que é justo e injusto. Temos nosso próprio entendimento de como um governo eficiente deve funcionar. Quando digo que a Rússia do futuro deve ser muito móvel, que deve responder rapidamente aos desafios do tempo, que deve se adaptar de maneira eficiente, isso significa que devemos utilizar tudo que temos como fundamento, mas ainda devemos olhar para o futuro.” [...] (STONE, 2017:281).

-
- ¹⁵ Strategic control of the branches that form the basis of the economy by the center in tandem with maximal freedom of economic activity at the level of medium- and small-scale businesses;
 - The organic combination of the forms of economic management (the market structure) with the social, national and cultural traditions of the regions through the lack of a uniform economic standard in medium and large enterprises.

Assim, concluímos que, Putin apresentava uma conduta condizente ao Neo-urasianismo, embora sua aplicação fosse flexível à interpretação da situação do ambiente político. Ainda nos resta adentrar no âmbito do projeto político da Teoria e a objetividade de Putin nesse contexto.

1.4. A Geopolítica Russa com Vladimir Putin

Adentrando na segmentação que tange o projeto político da Teoria Neo-urasiana, podemos criar uma relação conceitual com a definição de Bertha Becker (2005:71) sobre a geopolítica: “trata-se de um campo de conhecimento que analisa relações entre poder e espaço geográfico”. Ou seja, considera-se que a origem do conceito do Neo-urasianismo tem seu lastro na civilização (*Kultur*) segmentada por um território (*Heartland*). Diante disso, no caso russo, há duas direções que o poder (geopolítico) toma, um em direção à própria *Heartland*, e outra para o Mundo como um espaço comum, com a consolidação política do território da Eurásia e a proposta de Ordem Multipolar.

Para a Rússia, em linhas gerais, a consolidação da *Heartland* é entendida como a retomada da área de influência que anteriormente constituía o território soviético, pois com o desmembramento da União Soviética, os Estados Unidos e aliados europeus se empenharam em promover a exclusão da Rússia em sua antiga área de influência, principalmente as repúblicas que a compunham. Essa política tinha a premissa de trazer a região à esfera de influência estadunidense, privando a Rússia do espaço eurasiático.

Um caso de destaque se dá nos Estados bálticos (Letônia, Lituânia e Estônia) que se inseriram na OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e investiram na promoção da interação econômica com a União Europeia. Outro foi a conturbada relação da Rússia com a Ucrânia, inicialmente apresentando relativo alinhamento político e econômico até 2014, quando ocorreu a Revolução Laranja¹⁶ e quando Kiev

¹⁶ Por meio da legação de fraudes nas eleições presidenciais por Viktor Yanukovich (Candidato Pró-Rússia) ganhador da eleição. A população protestou de forma ferrenha por novas eleições. Após confrontos entre civis e forças de segurança que perdurou meses novas eleições foram marcadas e então candidato Viktor Yushchenko (candidato Pró-Europa) ganhou a disputa.

tomou claras tendências europeias neoliberais, distanciando-se politicamente de Moscou.

Desse distanciamento desenvolveu-se uma oposição política interna na Ucrânia, resultando no processo de cisão e anexação da República Autônoma da Crimeia pela Rússia. Putin resume os acontecimentos ucranianos em uma entrevista com Stone:

[...] “Tudo pode ser desvirtuado ou distorcido, milhões de indivíduos podem ser enganados se você monopoliza a mídia. Porém, no fim, acredito que ficou claro o que aconteceu para um espectador objetivo e imparcial. Ocorreu um golpe de Estado. Tudo bem, se esse golpe tivesse promovido algumas mudanças positivas; mas, ao contrário, a situação se deteriorou ainda mais. A Ucrânia perdeu território, não devido às ações russas, mas à escolha feita por aqueles que vivem na Crimeia. Essas pessoas não queriam viver sob a bandeira dos nacionalistas. Uma guerra civil irrompeu na região Sudeste da Ucrânia, em Donbass.” (STONE, 2017:262-263).

Não entraremos, ainda, no mérito de uma análise mais detalhada das palavras de Putin, mas por ora ressaltamos que a mudança de alinhamento ucraniano se apresentou como uma manobra geopolítica para impactar os setores de defesa russos, pois grande parte das peças e equipamentos militares, das forças armadas russas, advinham da Ucrânia.

Outro fator, é a retirada do controle da base militar de Sebastepol, o principal porto da armada russa no Mar Negro, que havia sido alugada à Rússia pela Ucrânia. Putin, em sua entrevista com Stone (2017), relata que o porto não é de grande impacto, o que nos faz imaginar que esse seria um discurso dissuasório, entretanto, com relação ao setor bélico, há confirmação das dificuldades.

“Perder a base em Sebastepol era uma ameaça, mas não muito sensível. Porque naquela ocasião... Neste momento, estamos contratando uma nova base militar. De fato, não muito longe daqui. Fica em Novorossiysk. O que estava causando certas dificuldades para nós era o rompimento dos vínculos entre as empresas do setor de defesa. Porque, no período soviético, os setores de defesa da Ucrânia e da Rússia eram um único sistema. Porém, concebemos todo um sistema para substituição de insumos, como chamamos. Neste momento, estamos superando todas essas dificuldades. Estamos criando novas empresas, do zero, e essas empresas produzem uma nova geração de equipamentos militares. E a indústria de defesa da Ucrânia que costumava dar apoio à Rússia, está agora simplesmente desaparecendo. Estou falando das indústrias de mísseis, aviões e motores.” (STONE, 2017:264-265).

Nas regiões mais centrais, como o caso do Turcomenistão, Uzbequistão, Cazaquistão, Quirquistão e Tadjiquistão, estes mantiveram o alinhamento econômico e político com os russos. Principalmente pelo vínculo da exploração dos hidrocarbonetos. O Uzbequistão destoa por ter apresentado uma base militar dos Estados Unidos em seu território, cuja finalidade era a retórica do conflito antiterrorista do Afeganistão, país vizinho (CORREIA, 2010b).

Havendo uma histórica relação econômica e política entre a Rússia e os países da Eurásia, compreende-se a intencionalidade de fortalecê-las. Por outra perspectiva, Lemonte (2013) observa essa relação da Rússia com os países da Eurásia, como um de projeto imperial:

A restauração da Rússia como grande potência está diretamente ligada ao conceito de um grande espaço eurasiático comum, conceito tomado dos diferentes autores eurasiáticos e adaptado para casos empíricos de definição de política externa. Por trás do projeto de integração regional via União Eurasiática há presença também de muita retórica civilizacionista, comum entre os autores eurasiáticos, levada ao paroxismo, como vimos, com Gumilév, mas também presente em Dúgin e nos eurasiáticos clássicos. Autores ocidentais como Laruelle e Brzezinski, veem sob um aspecto negativo o projeto da União Eurasiática, como sendo uma nova roupagem para o projeto imperial russo no estrangeiro-próximo. (LEMONTE, 2013:9).

As palavras de Lemonte (2013) nos fazem retomar a teoria de do espaço vital de Ratzel (1990). Nesse sentido, a Rússia, com Putin, vinha apresentando sua consolidação do espaço vital, *Heartland*, por meio de uma política multilateral de acordos, como: o Acordo de Cooperação de Xangai, a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e a Comunidade Econômica Eurasiática e Organização do Tratado de Segurança Coletiva. Todas essas apresentavam foco em cooperação na esfera da segurança militar comum, antiterrorismo e união econômica, factualmente, tornando o território da Eurásia sob o controle indireto dos russos por meio de um discurso de cooperação, como referido por Meshcheryakov (2014).

A política externa russa na Ásia Central tem uma série de pontos fortes e inconvenientes. Entre as principais realizações da diplomacia russa, devemos notar que Moscou conseguiu construir um sistema bastante eficaz para a cooperação com a Ásia Central. Legalmente, quatro das cinco nações destaque (Cazaquistão, Quirquistão, Tadjiquistão e Uzbequistão) são aliados da Rússia, o Turquemenistão se apresenta como um parceiro estratégico. Além disso, nenhuma dessas repúblicas são membros de organizações internacionais que

contrariam a influência russa (OTAN, etc.). (MESHCHERYAKOV, 2014:1749).

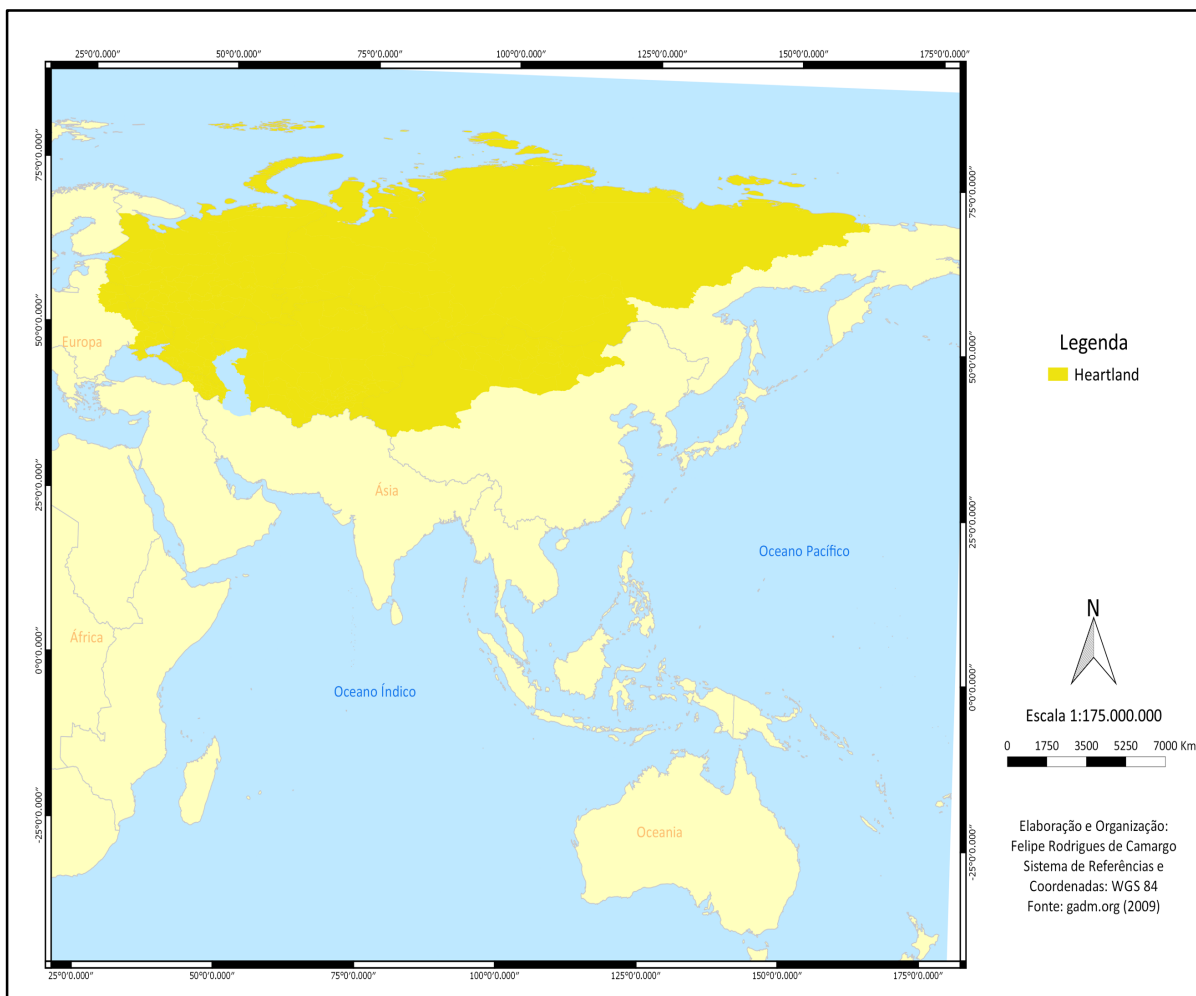
Esse sistema de cooperação criado pela Rússia, nada mais é do que uma forma de, efetivamente, exercer seu controle sobre a região da Eurásia, e é uma tática que se relaciona diretamente com as Leis do Crescimento Espacial dos Estados de Ratzel.

As dimensões do Estado crescem com sua cultura. A expansão dos horizontes geográficos, produto dos esforços físicos e intelectuais de inúmeras gerações, apresenta continuamente novas áreas para a expansão espacial das populações. Dominar politicamente essas áreas, amalgama-las e mantê-las unidas requer energia maior. Tal energia só pode se desenvolver lentamente pela e através da cultura. A cultura cria progressivamente as bases e os meios para coesão dos membros de uma população, e amplia continuamente o círculo daqueles que se reúnem pelo reconhecimento de sua homogeneidade. (RATZEL, 1990:177).

A base do Neo-eurasianismo é *Kultur* como civilização, ou seja, o apelo descrito por Ratzel (1990), em que a cultura é a base da progressiva coesão ao território controlado. Ratzel (1990) também apresenta a construção da relação do povo com a terra, algo já destacado por nós anteriormente por intermédio das palavras de Dugin (2014a), quando descrevemos que a *Kultur* russa tem suas raízes na *Heartland*.

Da integração mecânica de área dos mais variados tamanhos, populações e níveis culturais, surge um crescimento orgânico, pela proximidade, comunicação em mescla de seus habitantes. [...] [...] de forma similar, esse processo de fusão de distritos regionais se beneficia da relação mais próxima do povo com sua terra. O crescimento do Estado na superfície da Terra pode se comparar ao crescimento em profundidade, que leva a um apego ao solo. É mais que uma metáfora dizer que um povo cria raízes. A nação é uma entidade orgânica que, no curso da história, torna-se cada vez mais apegada à terra onde ela vive. Exatamente como um indivíduo luta contra a terra virgem, até transforma-la em campos cultiváveis, uma nação também luta com sua terra, dela se apropriando cada vez mais, com sangue e suor, até que se torna impossível pensa-la separadamente. (RATZEL, 1990:183).

Grande parte da história do povo russo (1547-1991) teve sua presença fortemente firmada na região da *Heartland*. Podemos, assim, compreender dimensionalmente, por meio dos Mapas 2 e 3, a totalidade da *Heartland* e por quais países esse recorte territorial perpassa.

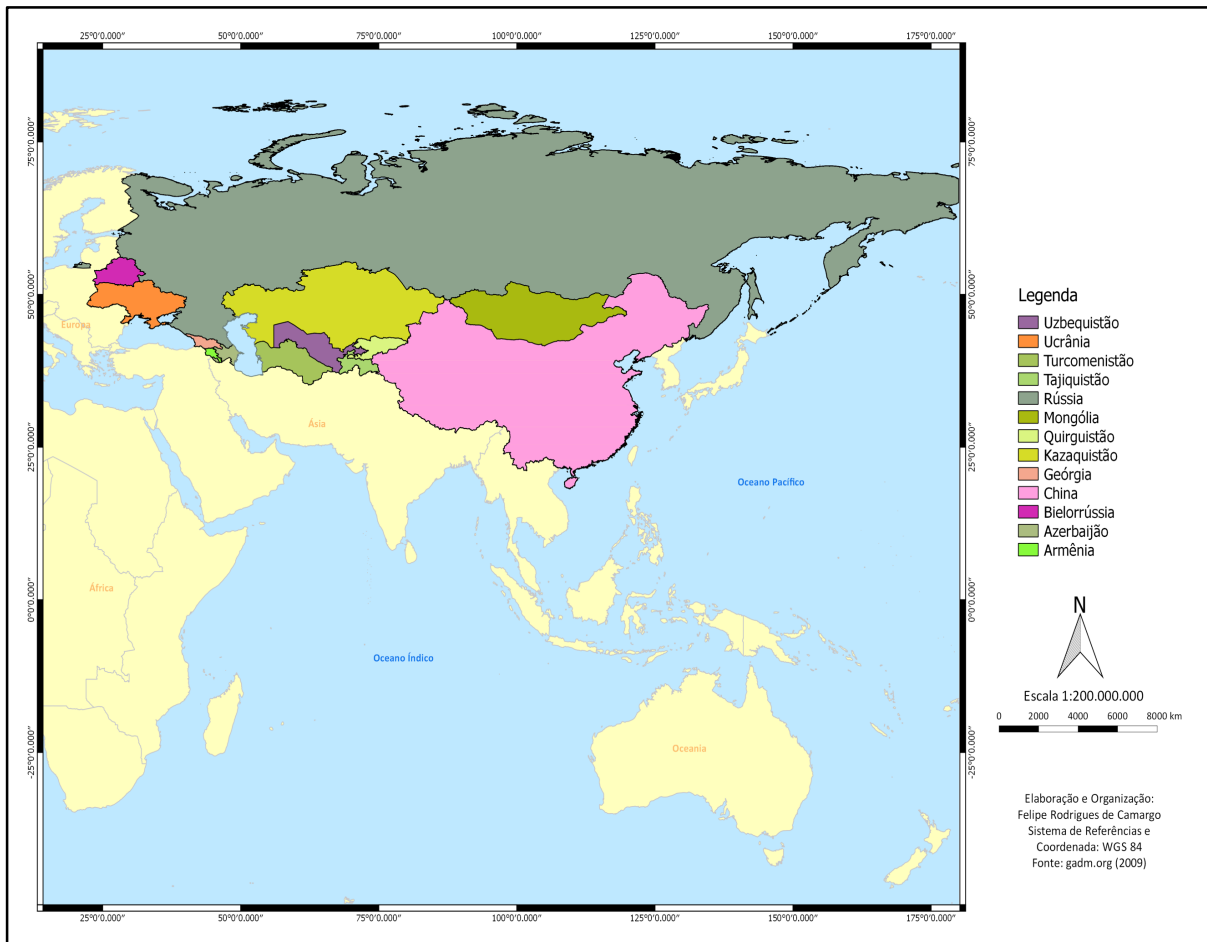
Mapa 1 - *Heartland*

As entidades supranacionais que a Rússia constituiu com os outros países da Eurásia ganhavam, então, uma perspectiva maior do que mero instrumento de consolidação da *Heartland*. Estabeleceu-se, assim, uma dimensão geopolítica ligada à própria organização da Ordem Política Mundial, a Multipolaridade. Com isso, Putin priorizou a construção de diálogo por intermédio do multilateralismo, com a criação de inúmeros órgãos: a Comunidade dos Estados Independentes, BRICS¹⁷, a Organização para Cooperação de Xangai, a Comunidade Econômica Eurasiática, a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, a Cooperação Econômica Ásia-Pacífico, a Organização das Nações Unidas, o Conselho de Segurança das Nações Unidas, o Quarteto de Madrid, o Diálogo a Seis, o Conselho da Europa, a Organização para a Segurança, a Cooperação na Europa, e o Conselho OTAN - Rússia.

¹⁷ Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul

Esse projeto e a estratégia russa da Multipolaridade, além auxiliarem a promoção da unidade da *Heartland*, facilitaram a construção de relações favoráveis e de alianças. Segundo Mankoff (2012), uma opção estratégica lógica; segundo Dugin (2014b), uma via opositora ao paradigma da globalização unipolar neoliberal.

Mapa 2 - Países que compõem a *Heartland*



A realidade da visão de Dugin (2012) para a Multipolaridade é a consolidação dos grandes espaços:

Um terceiro exemplo pode ser encontrado no projeto Eurasianista (também conhecido como da multipolaridade, Grandes Espaços ou Grandes Poderes), propondo um modelo alternativo a ordem mundial baseando-se no paradigma das civilizações e das Grandes Potências. Pressupondo assim a criação de diferentes entidades políticas, estratégicas e econômicas transnacionais unidas regionalmente pela similaridade civilizacional e valores compartilhados, em alguns casos podendo ser religiosos, seculares e/ou culturais. Eles devem consistir em estados integrados em linhas regionalistas e representam os polos do mundo multipolar. A União Europeia é um desses exemplos, a incipiente união euroasiática proposta pelo Vladimir Putin da Rússia e

pelo presidente do Cazaquistão Nursultan Nazarbayev, outro. Uma União Islâmica, uma União Sul-Americana/Bolivariana, uma União Chinesa, uma União da Índia, uma União Pan-Pacífico são outras possibilidades. O Grande espaço norte-americano, que cobre o NAFTA de hoje, considerando assim apenas um entre vários outros polos, mais um entre iguais, nada mais que isso. (DUGIN, 2012:94, tradução nossa).

Esse modelo ressaltava a valoração regional por meio da *Kultur*, ao englobar regiões (Grandes Espaços como os de Haushofer) ao estilo União Europeias e União Eurasiana. Além disso, lançavam às nações principais desses espaços a alcunha de líderes e orientadores da macro política¹⁸, e a Rússia, como Grande Espaço Eurasiano.

Contudo, a ação de Putin demonstrava uma realidade diferente dessa construção, pois embora construir grandes espaços no globo não estivesse dentro dos limites de poder dos russos, construir relações fortes com Estados-chave e participar ativamente de entidades supranacionais, de caráter multilateral, era extremamente viável.

A condução de Putin tomou, então, principal forma em oposição ao modelo neoliberal, por meio do estabelecimento de relações estratégicas bilaterais com o Irã, a Índia, a Venezuela, a Líbia e a Síria; também de forma multilateral como os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), União Eurasiática, Pacto de Xangai e Cooperação Econômica Ásia-Pacífico. No caso do BRICS, este seria mais uma coadunação de estratégias similares, do que uma união de similaridades, adentrando ao objetivo de um modelo alternativo a ordem mundial.

Podemos dizer que “a Rússia está trabalhando para construir um sistema Multipolar das relações internacionais que reflita a realidade multifacetada do mundo contemporâneo” (AFFAIRS, 2000 apud ZHEBIT, 2003:165).

Essa proatividade russa em construir uma nova visão sistêmica pode vir do que Churro (2013) diz ser a capacidade russa de se reerguer e retomar seu espaço de superpotência.

Desde a sua geografia, passando pelo rumo que a sua história seguiu, pela cultura nacional, pelas suas forças armadas, pela religião e até mesmo pelas orientações e características especiais do seu povo, quer se queira quer não, para o bem ou para o mal, a Rússia enquanto Estado Continental, foi, é e continuará a ser uma grande potência

¹⁸ Baseado na lógica Neo-eurasiana a macropolítica seria a administração de divergências internas dadas pela multiculturalidade e das relações entre outros Grandes Espaços.

mundial, cujas potencialidades deixam adivinhar que, seguindo uma estratégia coerente, sólida e não excessivamente ambiciosa, pode mesmo aspirar a recuperar a posição de relevo que a URSS tinha no passado. Uma Rússia Superpotência não é um cenário mais que certo, mas não é de todo impossível. E apesar do grande declínio em que entrou após o fim da Guerra-Fria, a história já demonstrou no passado que outros gigantes continentais conseguiram reerguer-se e tornarem-se novamente protagonistas – caso da Alemanha ou do Japão após a I e a II Guerra Mundiais respectivamente. O futuro é rico em surpresas, mas uma coisa é certa: é escusado o Ocidente conceber uma ordem internacional sem a presença afincada da Rússia. É simplesmente impossível. (CHURRO, 2013:175).

Portanto, o projeto político aplicado por Putin dentro das alíneas gerais do Neo- Eurasianismo, é a retomada do território da Heartland e a promoção das relações entre estados dentro de uma ordem Multipolar. Contudo, o substrato político desse projeto deve ser substancial, ao qual compreendemos como o desenvolvimento econômico russo e no qual o fortalecimento de sua economia será o lastro de seu projeto político.

Em vias disso, há também a pontuação da forma como esse crescimento se materializa, se acordo com as estruturas do Neo- Eurasianismo, compreendendo-a como uma Teoria Política.

2. A Economia Russa

A centralidade desse item recai na valoração da economia, havendo dois objetivos centrais para essa valoração. O primeiro aborda a configuração estrutural que Putin constrói e o questionamento sobre as possíveis premissas Neo- Eurasianas dessa configuração. O segundo é o fortalecimento da economia como condição de execução de poder geopolítico. Assim, a valoração da economia como fator geopolítico ganha centralidade por ser o lastro do sistema mundial.

Segundo Vesentini (2009):

O alicerce desse sistema-mundo é o capitalismo, ou melhor, ele consiste basicamente na econômica capitalista mundializada; daí a geopolítica – isso é, as disputas por poder no espaço mundial – ser considerada um corolário da competição e/ou dominação econômica. (VESENTINI, 2009:38).

Portanto, a economia se constitui como um meio de execução da ordem do interesse político, um instrumento não de ação militar, nem de conquista territorial,

mas de estratégia indireta (BEAUFRE, 1998) que obtém ganhos políticos (CORREIA, 2010a).

O modelo mundial, nesse momento, era o capitalismo, segundo Vesentini (2009). Contudo, o Neo-eurasianismo, como proposta russa, é declaradamente contra o processo de expansão do modelo neoliberal (capitalista), pois sua premissa era a expansão de seu sistema por todo o globo terrestre.

Ou seja, o fortalecimento do modelo russo se caracterizava como meio de defesa contra a dominação sistêmica atlanticista.

O objetivo dos atlantistas é impor um único modelo de ordem econômica a todos os povos do mundo, elevando a experiência do desenvolvimento econômico da parte ocidental da civilização mundial nos séculos XIX e XX ao status de um padrão universal. (DUGIN, 2014b:49, tradução nossa).

Essa implementação liberal ao mundo é claramente observada e corroborada por vários autores que têm o sistema capitalista como objeto de estudo, como Arrighi (2007), Chesnais (1996), Harvey (2014) e Marx (2016).

Dessa maneira, a proposta do Neo-eurasianismo para o âmbito da economia, deve ser diferente do Liberal Capitalista, apresentando dois eixos principais, o primeiro, com relação aos setores essenciais à sociedade e a soberania do Estado; o outro, com relação à livre reprodução do indivíduo.

Em oposição a isso, os eurasiáticos estão convencidos de que os sistemas econômicos devem ser derivados das características históricas e culturais do desenvolvimento dos povos e sociedades que atendem; conseqüentemente, na esfera econômica, os eurasiáticos conformam-se ao ideal de variedade, a uma pluralidade de sistemas, a necessidade de pesquisa criativa e o livre desenvolvimento.

Somente os setores de grande escala da economia que estão ligados à necessidade de garantir a segurança de uma autonomia (complexo militar-industrial, transporte, recursos naturais, energia e comunicações) devem ser sujeitos a um controle rígido. Todos os outros setores devem desenvolver livremente e organicamente, de acordo com as condições e tradições das autonomias concretas em que tal atividade econômica está a decorrer.

O eurasianismo chega à conclusão de que, no campo da economia, não há uma verdade final - as receitas do liberalismo e do marxismo só podem ser parcialmente aplicadas, dependendo das condições reais de uma sociedade. Na prática, a abordagem do mercado livre deve ser combinada com o controle sobre os setores estratégicos da economia. A redistribuição dos lucros precisa ser controlada de acordo com os objetivos nacionais e sociais da sociedade como um todo.

Desta forma, o Eurasianismo está em conformidade com o modelo de "terceira via" da economia. (DUGIN, 2014b:49-50, tradução nossa)¹⁹

De modo geral, na proposta Neo-eurasiana, a economia deve estar subjugada aos interesses gerais do Estado e pautada pela *Kultur*, estabelecendo-se de forma direta em setores essenciais, e de forma regulamentadora em setores inferiores.

Em vias disso, apresentamos em seguida o desenvolvimento da economia russa e as políticas que seguem as diretrizes Neo-eurasianas por intermédio das políticas aplicadas e de dados econômicos.

Nosso recorte temporal se iniciará com o mandato de Boris Yeltsin, período de plena aplicação do neoliberalismo, adentrando, posteriormente, com os governos de Vladimir Putin e Dmitri Medvedev, e findando em 2015. Destaca-se que foi realizada a segmentação segundo os anos de mandato (quatro anos). Embora a partir do ano de 2012, a legislação russa se altera para seis anos de mandato, mantivemos o último período como os outros.

A metodologia, com relação aos dados, pautou-se na análise do desenvolvimento da economia com base nos principais produtos exportados e importados; seus valores gerados, destacando a diversificação produtiva; nos destinos e origens desses produtos, apoiando assim as parcerias e as mudanças de parcerias que foram se consolidando; no Produto Interno Bruto (PIB), descrevendo o valor total do que é produzido internamente; nas receitas e despesas, como forma de clarificar a balança financeira, ou seja, se o Estado apresentava saldo positivo ou negativo com relação às despesas e à capacidade de arrecadação; na inflação, que afeta diretamente o consumo interno da população; no desemprego, que destaca a condição econômica interna, expansão ou retração das produções e dos serviços; e

¹⁹ In opposition to this, the Eurasianists are convinced that economic systems should be derived from the historical and cultural features of the development of peoples and societies they affect; consequently, in the economic sphere Eurasianists conform to the ideal of variety, a plurality systems, the need for creative research, and free development.

Only those large-scale sectors of the economy that are linked to the need to ensure the security and autonomy (the military-industrial complex, transportation, natural resources, energy, and communications) should be subject to rigid control. All the other sectors must freely and organically develop in accordance with the conditions and traditions of the concrete autonomies where such economic activity is taking place.

Eurasianism arrives at the conclusion that, in the field of economics, there is no ultimate truth – the recipes of liberalism and Marxism can only be partially applied, depending on the actual conditions of a society. In practice, the free market approach has to be combined with control over the strategic sectors of the economy. Redistribution of profits need to be controlled according to the national and social aims of the society as a whole. In this way, Eurasianism conforms to the “Third way” model of economics.

por fim, nos dados de Investimento Direto Estrangeiro recebidos e realizados, demonstrando a atratividade e a condição de investimento nos interesses russos.

Os dados foram captados a partir do Observatório de Complexidade Econômica (OEC²⁰), utilizando o conjunto de dados HS92. Também foi utilizado como fonte o *WorldBank* (Banco Mundial).

Para todos os dados da HS utilizados no site (1995 - 2014), utilizamos o banco de dados de comércio internacional BACI. Os dados originais provêm da Divisão de Estatística das Nações Unidas (COMTRADE), mas são adaptados pela equipe BACI, que usa sua própria metodologia de harmonização. (<http://atlas.media.mit.edu/pt/resources/data/>, tradução nossa).²¹

2.1. Dados Econômicos do Governo Boris Yeltsin

De início, a principal característica dos anos de Yeltsin advém do período soviético. Nesse sentido, Rodrigues (2006) explica que a percepção soviética quanto à produtividade econômica era pelo quantitativismo, ou seja, valorava a quantidade produzida acima da qualidade.

Essa conduta produziu problemas que reverberavam pela própria estrutura produtiva:

Durante a maior parte de sua existência, a economia soviética conseguiu se expandir em um ritmo superior à média dos países capitalistas em base a um modelo extensivo de crescimento, em que contavam mais os grandes volumes de produção, o aspecto quantitativo, e menos a qualidade dos produtos, a renovação tecnológica e a eficiência dos processos. Como havia abundância de recursos naturais e humanos na URSS, tal padrão de crescimento funcionou bem por muito tempo, mesmo com grandes desperdícios, prejuízos ecológicos e baixa produtividade do trabalho. Com o tempo esses recursos se tornaram, contudo, mais escassos. A continuidade do desenvolvimento dependeria de que se pudesse converter todo o mecanismo econômico de um padrão extensivo para um novo modelo intensivo em tecnologia, ou seja, da rápida elevação da eficiência do sistema. Porém, o caráter estagnante do sistema político impediu essa reconversão.

Em função da lentidão e da natureza burocrática do planejamento e da gestão econômica, a URSS, apesar dos grandes avanços tecnológicos que sem dúvida obteve até o final da década de 60, foi ficando completamente para trás na nova revolução tecnológica que varreu o mundo a partir da década de 70, baseada na microeletrônica

²⁰ <http://atlas.media.mit.edu/pt/>

²¹ For all of the HS data used throughout the site (1995 - 2014) we use the [BACI International Trade Database](#). The original data comes from the United Nations Statistical Division (COMTRADE), but is cleaned by the BACI team using their own [methodology of harmonization](#).

e na informação como insumo da produção. Já nos anos 70, estava claro que a União Soviética perdera a corrida tecnológica. (RODRIGUES, 2006:277).

Essa herança soviética deixada à Rússia fez o presidente Yeltsin repensar a estrutura política e econômica russa, sendo seus princípios orientados pela corrente política Idealista, aplicando o projeto da “terapia de choque”. Esse projeto visava introduzir a Rússia, rapidamente, no sistema econômico/político mundial, porém, revelou-se desastrosa, tanto para o padrão de vida da sociedade russa, quanto para a economia (RODRIGUES, 2006; MEDEIROS, 2011).

[...] O resultado agudo da terapia de choque foi observado em meados de 1994. Como resultado da liberalização de preços em janeiro de 1992, emergiu um salto acentuado no nível de preços e o aumento de grande quantidade de dinheiro proporcionou uma alta elevação da inflação. A taxa de câmbio nominal caiu bruscamente à medida que o estoque de rublos se expandia. Em meados de 1994, o Banco Central começou a intervir para diminuir a depreciação nominal, mas rapidamente corroe suas reservas, em 11 de outubro de 1994, o Rublo desvalorizou 30% em relação ao Dólar. A crise foi causada em parte pelos bancos comerciais que especulavam em vazamentos Informações sobre os planos do governo para realinhar o rublo em relação ao Dólar, com a esperança de que isso permita financiar parte do déficit orçamentário, em parte, a acumulação de pressões inflacionistas na economia russa causadas pelo crescimento desse déficit. Consequentemente, a crise causou alta inflação (VAROL, 2013:86).

Os reais impactos da “Terapia de Choque” foram a ampliação os problemas russos, causando uma crise cambial que impulsionou a degradação econômica russa na década de 1990 (HOLMES, 2015).

De modo geral, Yeltsin e Yegor Gaidar, como seu Primeiro-Ministro e conselheiro econômico, propuseram a democratização política e social russa mediante a liberalização da economia, e não obtiveram sucesso.

Sobre isso, Desai (2005) destaca:

Os reformadores de Yeltsin alcançaram claramente o objetivo de acabar com a gestão econômica no estilo do comunismo soviético, antes da autodestruição. Em apenas alguns anos, as empresas russas não eram mais estatais, o povo russo poderia adquirir propriedades e empresas, o governo dependia de tributos para gerar receita e sua moeda era negociada em mercados cambiais. Mas há controvérsias sobre as reformas econômicas de Yeltsin. Com cada fracasso e desapontamento que a economia russa experimentou desde 1992, surgiram dúvidas sobre se um caminho diferente da reforma econômica poderia ter funcionado melhor. (DESAI, 2005:87-88, tradução nossa).

A desestatização irrestrita das indústrias, a criação de um setor bancário privado encarregado da alfândega e dos impostos e a ausência de entidades e legislações reguladoras causaram grande solapamento na lógica de um Estado forte por atribuir suas funções a setores privados cujos interesses são voltados à acumulação particular de riquezas (RODRIGUES, 2006; CUNHA, 2008; MEDEIROS, 2011; RUTLAND, 2015).

A aplicação do modelo liberal ocidental à Rússia somente conseguiu promover maior instabilidade social e retirar o efetivo controle do Estado sobre seus recursos.

Observemos os dados econômicos do período Yelsin e seus valores, como meio de compreender o a dimensão do desenvolvimento russo:

Tabela 1 - Os principais produtos de exportação russa de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares

Produtos	1995		1996		1997		1998		1999	
	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Alumínio bruto	4,42	9,2%	4,08	5%	4,17	5,2%	3,98	5,6%	3,9	5,5%
Aviões, Helicópteros e/ou Espaçonaves	-	-	-	-	-	-	0,927	1,3%	-	-
Carvão	-	-	1,1	1,3%	0,907	1,1%	-	-	-	-
Cobre refinado	1,62	3,4%	1,46	1,8%	1,32	1,6%	0,963	1,4%	1,02	1,5%
Ferro laminado	1,42	2,9%	1,67	2,1%	1,81	2,2%	1,86	2,6%	1,18	1,7%
Ferro semi-processado	1,31	2,7%	2,54	3,1%	2,38	2,9%	1,35	1,9%	1,6	2,3%
Fertilizantes nitrogenados	1,04	2,2%	1,16	1,4%	-	-	-	-	-	-
Gás Natural	2,75	5,7%	14,4	18%	15,5	19%	13,7	19%	11,2	16%
Madeira bruta	1,13	2,4%	-	-	1,1	1,4%	0,993	1,4%	1,22	1,7%
Minerais mistos ou fertilizantes químicos	-	-	-	-	-	-	-	-	0,802	1,1%

Níquel bruto	1,7	3,5%	1,32	1,6%	1,64	2,0%	1,24	1,7%	1,38	1,9%
Petróleo Cru	9,38	19%	18,2	22%	17,4	22%	12,0	17%	16,3	23%
Petróleo Refinado	2,96	6,1%	6,04	7,4%	6,83	8,4%	4,02	5,6%	5,36	7,6%
Total da Exportação	48,2	-	81,2	-	80,9	-	71,2	-	70,6	-

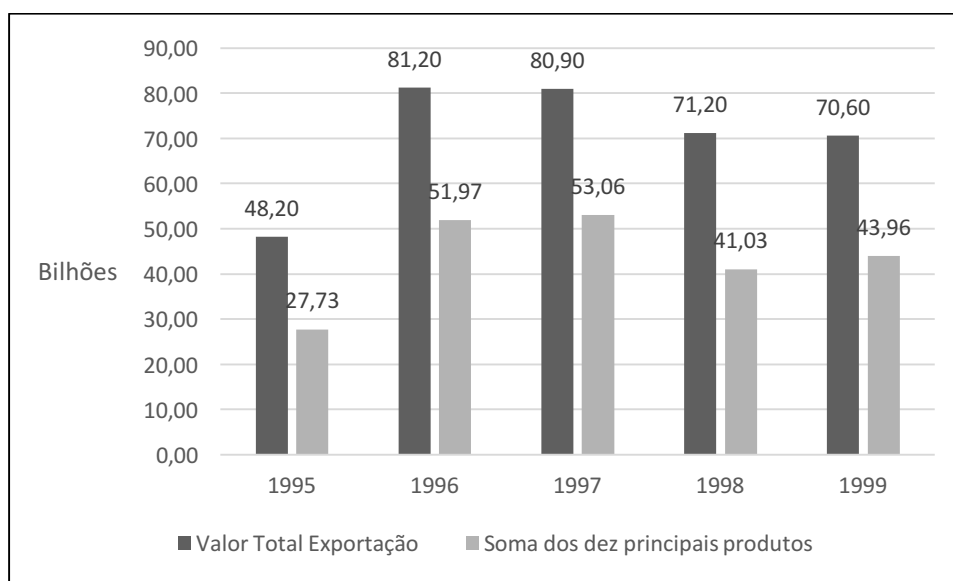
Fonte: OEC (2017)

Na Tabela 1 notamos os principais tipos de produtos exportados, seus valores e sua representação com relação ao total da exportação. Dentre esses, há a marcante presença dos hidrocarbonetos (petróleo e gás natural), compondo em média 40% de sua pauta comercial, o que indica uma condição extremamente dependente desses recursos, cujos preços são definidos internacionalmente.

Os outros produtos se encaixam como matérias-primas brutas ou semi-processadas como níquel bruto, ferro semi-processado, cobre refinado, alumínio bruto e ferro laminado, produtos que apresentam baixo valor agregado. Somente o ano de 1998 apresentou um produto de grande valor agregado e tecnológico – “Aviões, Helicópteros e/ou Espaçonaves” – como o décimo produto mais exportado.

No contexto geral da crise 1997, e considerando que nesse momento as principais exportações russas eram *commodities*, os dados apresentam queda tanto nos valores quanto em sua representação na porcentagem total.

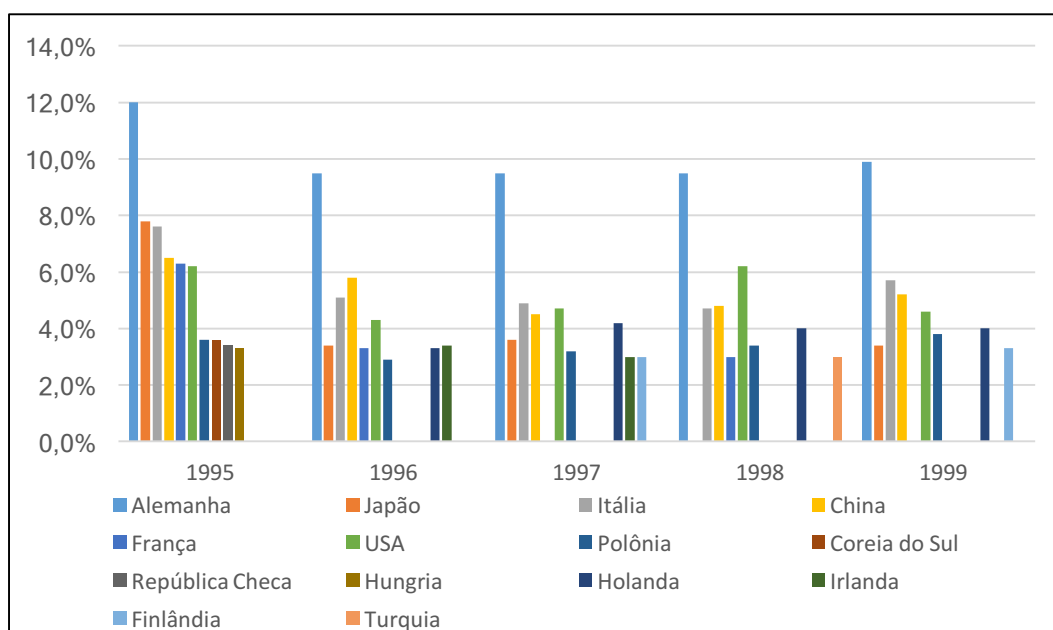
Gráfico 1 - Valor total das exportações russas e a soma dos dez principais produtos de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares



Fonte: OEC, (2017).

No Gráfico 1, os dados apontam crescimento nos valores totais de exportação e os respectivos dez principais artigos até o ano de 1997. Essa queda, a partir de 1998, é dada, como antes referido, pela crise financeira asiática de 1997, afetando os mercados e causando recessões nas economias eurasiáticas. Algo que se destaca fortemente é a grande representação dos dez principais produtos no contexto geral das exportações. No ano de 1995 elas representavam 57,4% das exportações; em 1996 eram 64%; 1997 apresentava 65,5%; já em 1998 eram 57,6%; e em 1999 foram 62,2%. Ou seja, havia grande dependência exportadora desses artigos, que são basicamente primários e de baixo valor agregado.

Gráfico 2 - Principais destinos da exportação no período de 1995 a 1999 em porcentagem



Fonte: OEC, (2017).

No Gráfico 2 observa-se a grande participação de países ocidentais entre os principais importadores. A Alemanha se apresentou como principal parceira da Rússia, oscilando em 10% e 12% do volume total exportado russo. Nesse contexto, a Rússia se firmou como forte parceira fornecedora de matérias primas para o bloco ocidental. Havendo presença também de países historicamente ligados ao período soviético, como a Polônia e a República Checa. Já a China apresentou constante presença como comprador da Rússia, entre 4% e 6%.

Tabela 2 - Os principais produtos de importação russa de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares

Produtos	1995		1996		1997		1998		1999	
	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Açúcar demerara	-	-	1.17	2,3%	1.1	1,9%	1.21	2,4%	1.2	3,5%
Aviões, Helicópteros e/ou Espaçonaves	-	-	-	-	-	-	0,958	1,9%	-	-
Bebidas destiladas	0,523	1,4%	-	-	-	-	-	-	-	-
Calçados de couro	0,755	2%	0,783	1,6%	-	-	-	-	-	-
Caminhões de entrega	-	-	-	-	-	-	-	-	0,266	1,1%
Carne Bovina congelada	-	-	-	-	0,837	1,5%	-	-	0,661	2,0%
Carne de Frango	0,74	2%	0,723	1,4%	0,928	1,6%	0,665	1,3%	-	-
Carne de Porco	-	-	-	-	-	-	-	-	0,445	1,3%
Carros	0,886	2,4%	0,997	2%	1.74	3,0%	1.49	3,0%	0,657	2,0%
Chocolate	0,755	2%	0,651	1,3%	-	-	-	-	-	-
Computadores	0,697	1,9%	-	-	-	-	-	-	0,440	1,3%
Displays de vídeo	0,856	2,3%	-	-	-	-	-	-	-	-
Medicamentos	0,708	1,9%	1.140	2,3%	1.54	2,7%	1.2	2,4%	0,77	2,3%
Mobiliário diverso	0,841	2,3%	0,739	1,5%	0,828	1,5%	0,682	1,4%	-	-
Óxidos de Alumínio	-	-	0,968	1,9%	0,811	1,4%	0,792	1,6%	0,748	2,2%
Petróleo Refinado	-	-	-	-	0,987	1,7%	0,746	1,5%	-	-
Tabaco	-	-	-	-	-	-	-	-	0,44	1,3%
Tabaco em rolos	-	-	0,831	1,7%	1.05	1,8%	0,805	1,6%	-	-
Telefones	0,722	1,9%	0,763	1,5%	0,938	1,6%	0,814	1,6%	-	-

Trigo	-	-	-	-	-	-	-	-	0,403	1,2%
Total da Importação	37.2	-	50.3	-	57.1	-	49.8	-	33.7	-

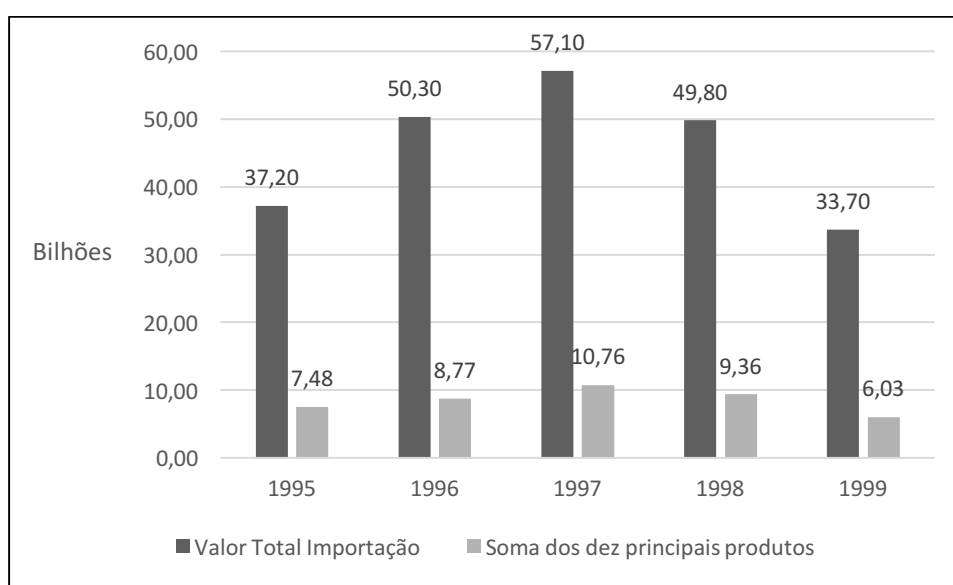
Fonte: OEC, (2017).

Nesses dados de importação, observa-se a heterogeneidade de produtos adquiridos pela Rússia. Há alimentos como: trigo, açúcar, carnes bovina, suína e frango. Além disso, também se destacam os carros, computadores, caminhões, medicamentos e até petróleo – para a finalidade de concretizar o *blending* da refinação. Desse modo, nota-se que a abertura da economia condicionou a aquisição de novos artigos na proposta da ampla concorrência, mesmo havendo produtos similares produzidos internamente.

Quanto aos alimentos, o sistema produtivo russo não estava apresentando condições de suprir a demanda interna ou não havia condições climáticas para produção, como no caso, o chocolate.

As representatividades dos produtos com relação ao total variam de 3% a 1%, remetendo a uma grande diversificação de produtos. Mas, em sua maioria, quase a totalidade, as principais importações são diretamente relacionadas ao consumo da população.

Gráfico 3 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares

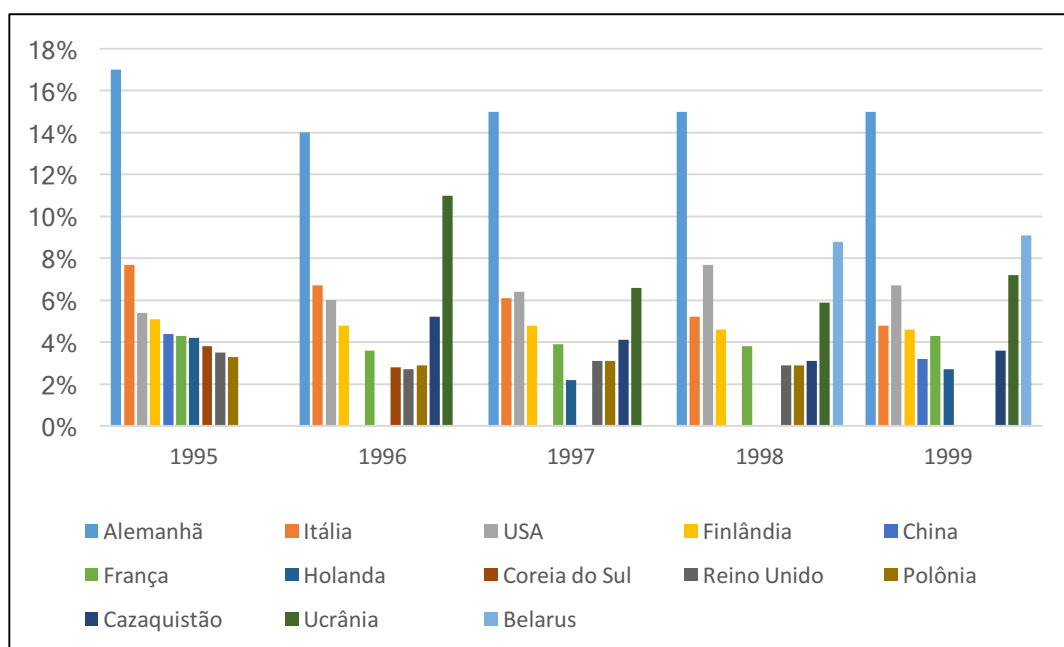


Fonte: OEC (2017)

Os valores das importações russas, no geral, são crescentes até o ano de 1997, ano da Crise Financeira Asiática, o que também impactou significativamente a condição de compra russa. Nos anos de 1998 e 1999, os valores caíram significativamente, sendo considerados menores até mesmo que os do ano de 1995.

É possível notar que, correlacionando os dez principais produtos importados, esses variam em porcentagem do total com 20% em 1995, 17% no ano de 1996, 18% nos anos de 1997 e 1998, e para o ano de 1999, 17%. Havendo poucas oscilações na sua representatividade.

Gráfico 4 - Principais origens de importação no período de 1995 a 1999 em porcentagem



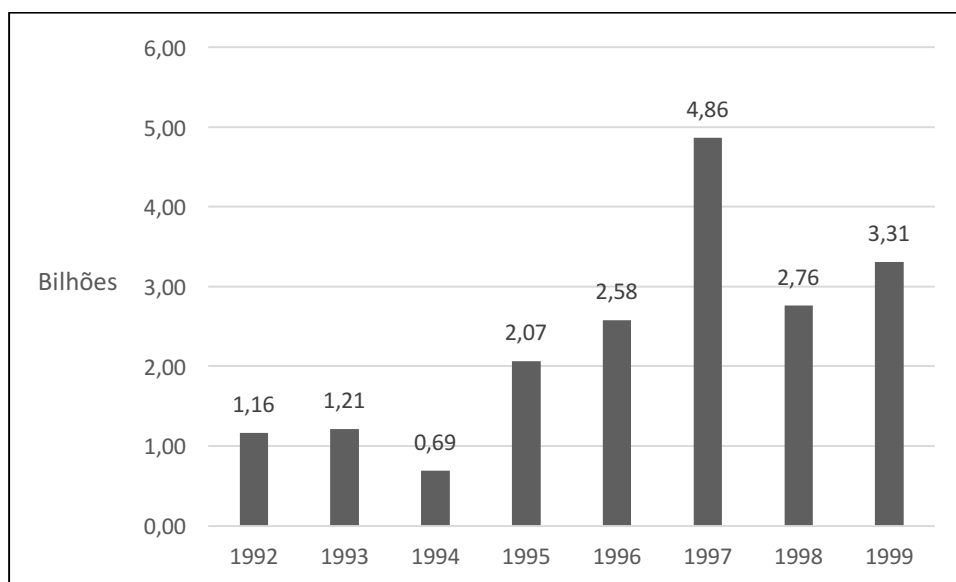
Fonte: OEC, (2017).

A origem das importações se assemelha com a das exportações. Ex-repúblicas da União Soviética e países ex-alinhados representavam, em média, 13% das importações (Cazaquistão, Ucrânia e Belarus); países que mantinham grande ligação da Rússia com a Europa (Alemanha, Holanda, França, Holanda e Itália), 33% em média das importações; além de ser possível notar uma presença significativa do Estados Unidos (média de 6%).

Algo que difere da exportação é oscilação da presença chinesa, somente aparecendo nos anos de 1995 e 1999, representando, respectivamente, 4% e 3% do

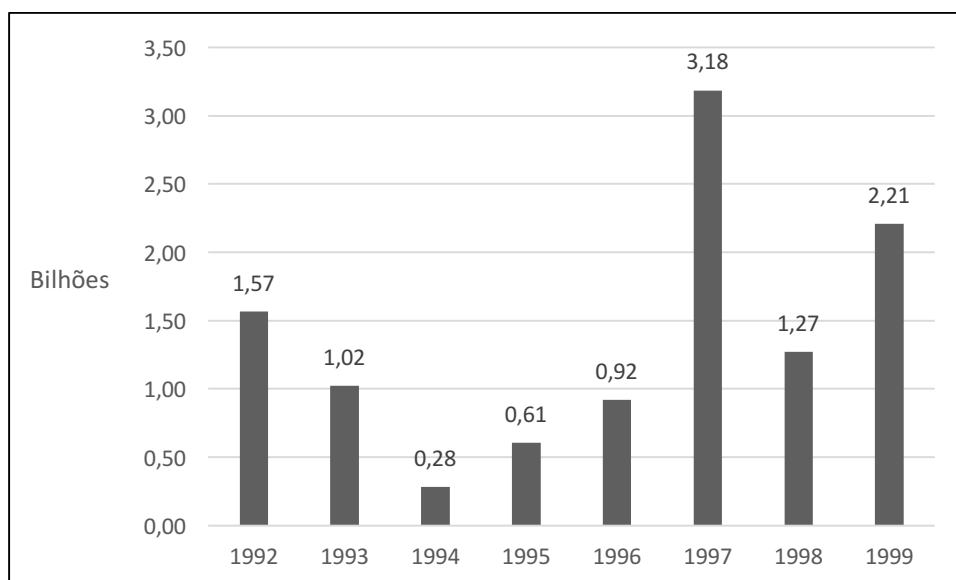
total das importações. No contexto da inserção econômica no meio ocidental, a Rússia se mostrou forte e consolidou uma dependência considerável com a Alemanha.

Gráfico 5 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 1992 a 1999 com valores em bilhões de dólares



Fonte: WORLDBANK, (2017).

Gráfico 6 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 1992 a 1999 com valores em bilhões de dólares



Fonte: WORLDBANK, (2017).

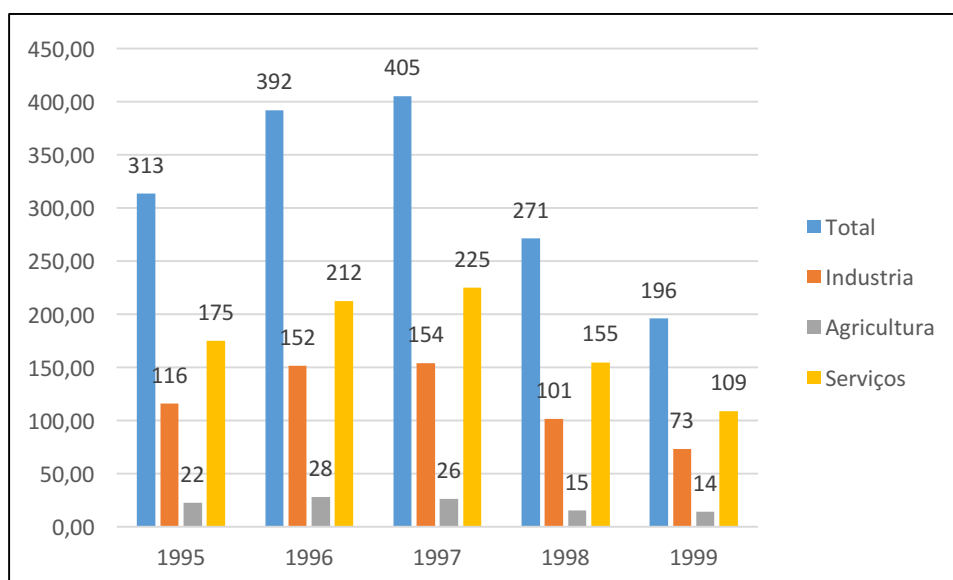
Com relação aos dados de Investimento Direto Estrangeiro, nota-se os investimentos realizados na Rússia, bem como os que a Rússia realizou entre os anos

de 1992 até 1999. No primeiro gráfico, destinado a apresentar os investimentos realizados na Rússia. Observa-se crescimento nos valores, em comparação com o ano subsequente, nos anos de 1993, 1995, 1996, 1997 e 1999. Contudo, destaca-se que o ano de 1994 apresentou queda nos valores investido e também que, após a crise de 1997, o valor referido ao ano de 1998 foi menos da metade do ano anterior. Em 1999, a economia não havia recuperado os valores que já haviam sido os maiores e que correspondiam ao ano de 1997.

Quanto aos investimentos feitos pelos russos, em termos de comparação com os recebidos, esses são bem menores. Nos anos de 1993, 1994 e 1998, apresentam decréscimo aos valores de investimento em comparação com seus anos anteriores.

Destaca-se dois anos principais, 1992, ano que se inicia a aplicação da política “Terapia de Choque”, promovendo falta de recursos para a aplicação de recursos e 1997, ano da crise asiática que afetou profundamente a Rússia. Ambos foram anos de crise que propiciam desvalorização das firmas e que diminuíram suas rentabilidades, intensificando o processo de fusão e aquisição (DE CAMARGOS; COUTINHO, 2008).

Gráfico 7 - Variação do PIB total russo nos anos de 1995 a 1999 com valores em bilhões de dólares



Fonte: WORLDBANK, (2017).

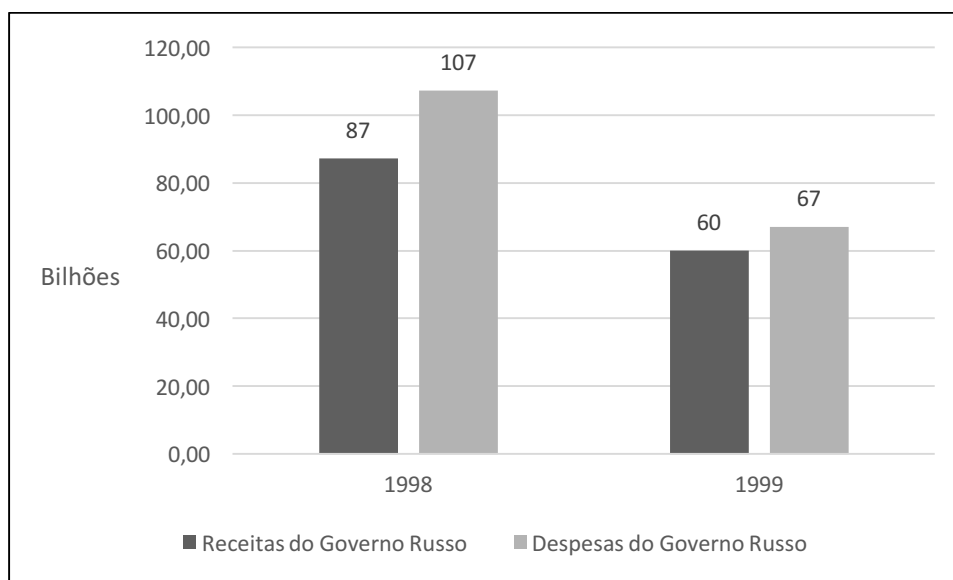
O Produto Interno Bruto (PIB) russo se mostrou crescente até 1997, período de crise financeira asiática. A partir do ano de 1998 apresentou uma queda dos valores,

seguindo até 1999. Os dados que compõem o PIB podem ser divididos em setores econômicos como: indústria, agricultura e dos serviços.

A distribuição desses âmbitos dentro do total do PIB demonstra que a indústria representou 37% da economia em 1995; a agricultura, 7%; e os serviços representaram 55%. Para o ano de 1996, a indústria representou 38%; a agricultura manteve-se com 7%; e os serviços, 54%. No ano de 1997, as indústrias representaram 38%; a agricultura caiu para 6%; e os serviços foram para 55%. No ano de 1998, a indústria foi responsável por 37%; a agricultura, 5%; e os serviços 57%. E no ano de 1999 a indústria deteve 37%, a agricultura 7% e os serviços 55%.

Nota-se, portanto, que o setor de serviços corresponde à maioria dos valores gerados no PIB, seguido pela indústria e, por fim, pela agricultura, que corresponde não mais que 7%. Conclui-se, assim, que o impacto da crise financeira foi grande na economia, embora não tenha desequilibrado as estruturas dos setores, que variaram somente em 1% ou 2%.

Gráfico 8 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 1998 a 1999 com valores em bilhões de dólares



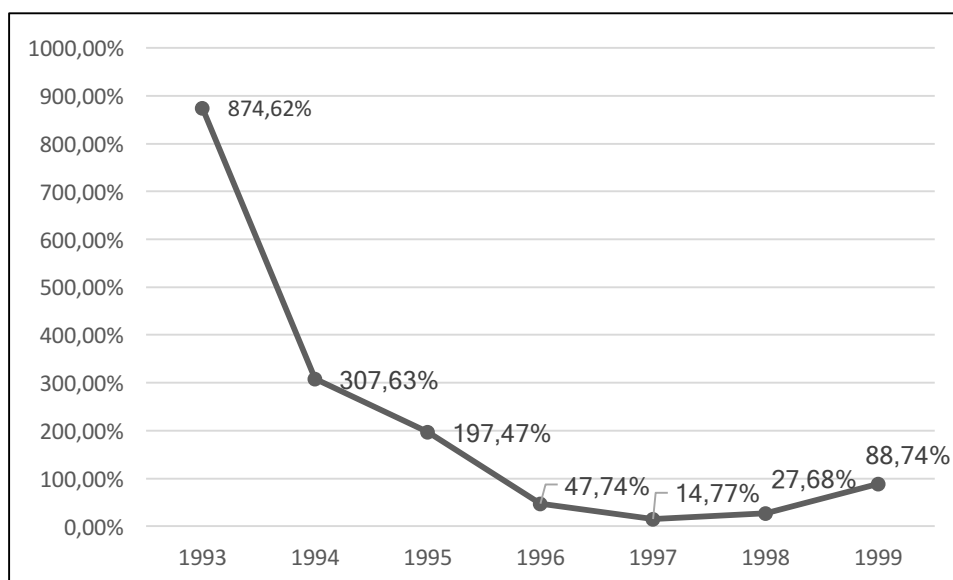
Fonte: QUANDL (2017).

Considerando apenas os dados de a partir de 1998 e, conseqüentemente, fazendo a análise somente pós-crise de 1997 e pós-aplicação da “Terapia de Choque”, pode-se afirmar que, esses dois anos apresentaram a mesma realidade: um *déficit* no orçamento. Destaca-se que, no ano de 1998, o governo russo arrecadou 87

bilhões de dólares, enquanto que seus gastos foram de 107 bilhões de dólares, resultando em 20 bilhões e dólares de diferença. Já para o ano de 1999, a arrecadação diminuiu, chegando a 60 bilhões de dólares, sendo que as despesas também diminuíram, mas não o suficiente, totalizando 67 bilhões de dólares, o que resultou em 7 bilhões em *déficit*.

Sendo assim, no final da década de 1990, a Rússia estava em uma situação difícil quanto à regulação de sua arrecadação e seus gastos adentravam cada vez mais em uma situação de acumulação de dívidas com o Fundo Monetário Internacional.

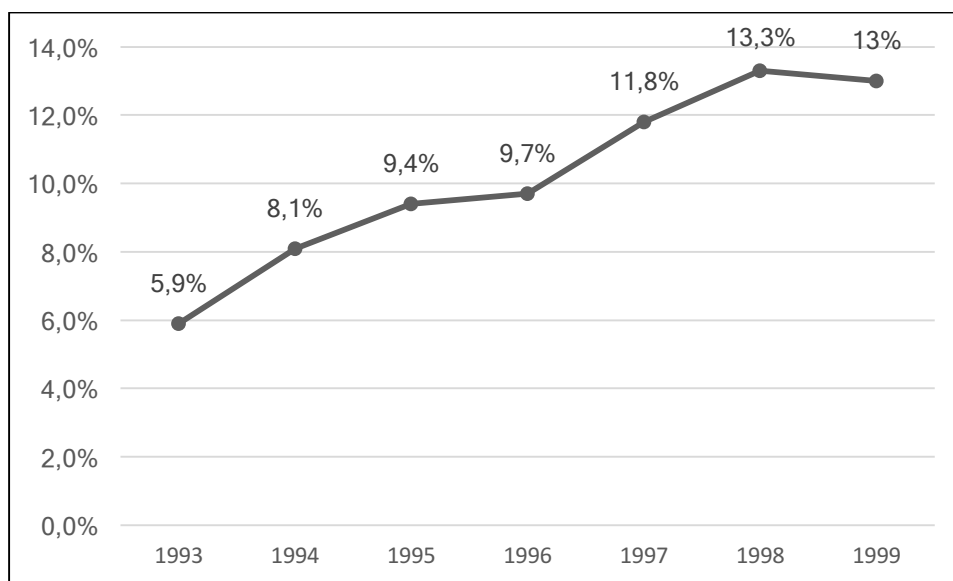
Gráfico 9 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 1993 a 1999



Fonte: QUANDL, (2017).

Os indicadores acima demonstram os valores da inflação por ano. De uma maneira geral, a inflação em todo o período histórico destacado é alta. Contudo, do ano de 1993 até 1997, os valores foram decrescentes. Considerando que a “Terapia de Choque” se iniciou em 1992, podemos somente dizer que o ano posterior ao início de sua implementação apresentou números extremamente altos de inflação, como por exemplo, 874,62%. Ademais, com a crise financeira de 1997, os anos subsequentes apresentaram ainda mais elevações nos índices. Sobre esse período, Varol (2013) aponta a perda de poder de consumo da população.

Gráfico 10 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período 1993 a 1999



Fonte: QUANDL, (2017).

No gráfico, aborda-se a taxa de desemprego, em porcentagem, com relação à força total de trabalho no período de 1993 a 1999, ou seja, na maior parte da década de 1990. Os dados demonstram um constante crescimento no desemprego de 1993 a 1998, aumentando de 5,9% do total da força de trabalho em 1993, para 13,3% em 1998. No ano de 1999 obteve-se uma queda de 0,3%, ou seja, é possível dizer que houve assimilação de mão-de-obra ociosa.

Além disso, o gráfico anterior aponta que as transformações de Yeltsin ampliaram a desigualdade e não obtiveram resultados em promover melhorias sociais e econômicas à Rússia.

A partir dos dados desse período, é possível dizer que a economia russa, de fato, sofreu transformações durante a década em que a Rússia foi impactada pela Crise Financeira Asiática de 1997, já que a conjuntura total das aplicações econômicas do país demonstra queda nas exportações e importações – economicamente dependentes de matérias prima –, a diminuição do Produto Interno Bruto, o aumento do déficit orçamentário, a alta inflação e um crescente desemprego. Portanto, Yeltsin não logrou em melhorar a economia e os padrões de vida da sociedade russa, sendo que, inicialmente, era essa a proposta da “Terapia de Choque”.

2.2. Primeiro Governo Putin (2000 - 2003)

Com a efetivação de Putin na Presidência da Federação Russa, mediante sua eleição, o projeto econômico do país foi alterado. Considerando que Putin pertencia à corrente Realista, sua intenção, segundo Andrés (2002), era construir uma economia sólida por meio da diversificação produtiva, para a qual havia dois tipos de políticas a serem implementadas.

A primeira é com relação à centralização do governo, recorrendo à indicação de governança nas unidades federativas, e não mais escolhas locais. Isso se materializou como um bloqueio das elites econômicas em cooptar cargos regionais e em administrar regiões de interesse econômico, como referido por Pomeranz (2005):

Coube, assim, a Putin, em primeiro lugar, restabelecer o poder central. Para tanto, caminhou por duas linhas bem definidas: buscou restringir a influência ostensiva dos oligarcas econômicos, estabelecendo com eles um acordo, mediante o qual estes deixariam de se imiscuir nos negócios do Estado; e procurou delimitar o poder dos governadores regionais, na sua contraposição ao comando central. Para isto, nomeou sete interventores regionais, cuja missão consistiu em compatibilizar a legislação regional com a central e em controlar o fluxo da arrecadação fiscal entre o poder central e as regiões. Além disso, restringiu os poderes legislativos dos governadores, modificando a representação regional no Conselho da Federação, a câmara alta do Parlamento russo. (POMERANZ, 2005:45)

A segunda era sanar problemas conjunturais, como déficit público, inflação e qualidade do nível de vida da população.

De modo geral, Putin focou em reestabelecer o controle estatal sob os principais setores econômicos do país: energético, petrolífero, de gás, de armamentos e aeroespacial (MEDEIROS, 2011). Além, disso, tratou de subjugar as oligarquias e a corrupção fortemente enraizadas na burocracia do Estado (SCHUTTE, 2010).

Dentro da própria burocracia do Estado, as ações foram também no sentido de aperfeiçoar as formas de arrecadação fiscal, sendo que essa última coincidiu com o aumento dos preços do petróleo a nível internacional, gerando saldos positivos na balança de pagamento (ÅSLUND, 2004; CUNHA, 2008).

A alcunha de neoliberal que Putin recebeu se deve, efetivamente, às fortes parcerias e facilitações à entrada de capital estrangeiro na Rússia, sobre a qual Pomeranz afirma:

[...] Dado o sentido neoliberal da condução da política econômica e as divergências que grassam no governo a seu propósito, estas

tentativas poderiam indicar o parecer dos partidários da necessidade de intervenção estatal para contornar os riscos da “doença holandesa” e criar estímulos para o crescimento diversificado da economia russa. [...] (POMERANZ, 2005:48)

Sendo assim, essas medidas foram uma via de promoção de um interesse maior ao processo de desenvolvimento econômico, bem como uma forma de impedir a desindustrialização pela alta dependência dos recursos primários.

Tabela 3 - Os principais produtos de exportação russa de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares

Produtos	2000		2001		2002		2003	
	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Alumínio bruto	5	4,8%	4.07	4,3%	3.83	3,5%	4.27	3,2%
Aviões, Helicópteros e/ou Espaçonaves	-	-	1.39	1,5%	1.84	1,7%	2.65	2%
Carvão	-	-	-	-	-	-	2.23	1,7%
Ferro laminado	1.67	1,6%	-	-	1.5	1,4%	1.92	1,4%
Ferro semi- processado	1.99	1,9%	1.81	1,9%	1.98	1,8%	2.37	1,8%
Gás Natural	15.4	15%	7.97	8,5%	14.4	13%	17.2	13%
Madeira bruta	1.42	1,3%	1.49	1,6%	-	-	1.87	1,4%
Níquel bruto	2.15	2%	1.55	1,6%	2.3	2,1%	2.66	2%
Petróleo Cru	26.8	25%	26.6	28%	31	29%	38.8	29%
Petróleo Refinado	9.2	8,7%	8.62	9,2%	9.75	9%	12.8	9,6%
Platina	3.81	3,6%	1.93	2,1%	1.81	1,7%	-	-
Produtos químicos radioativos	1.45	1,4%	1.42	1,5%	1.54	1,4%	-	-
Total da Exportação	105	-	94.2	-	109	-	133	-

Fonte: OEC (2017).

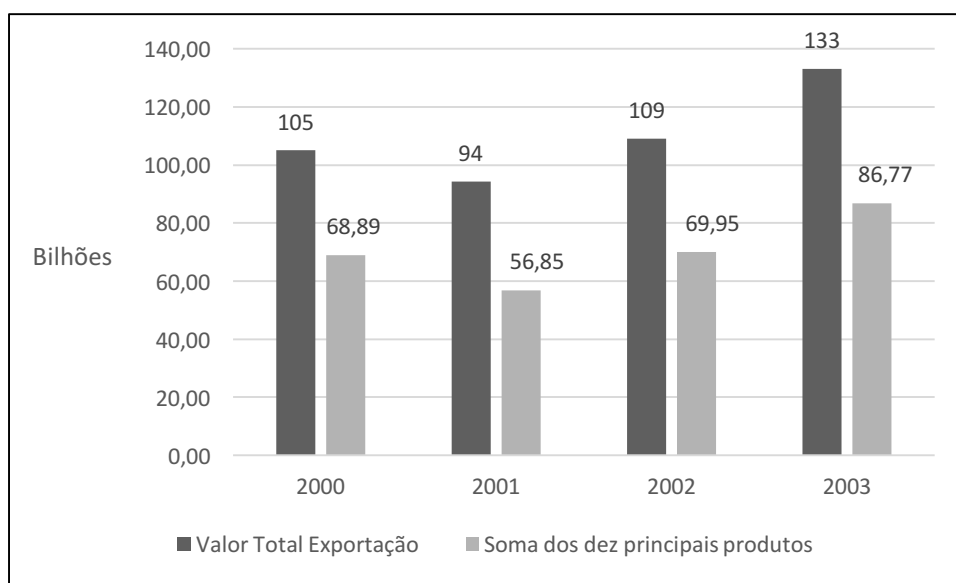
A pauta exportadora desse primeiro mandato de Vladimir Putin pouco se alterou na década anterior, concentrada na venda de matérias-primas e produtos semi-

processados com algumas exceções, como “Aviões, Helicópteros e/ou Espaçonaves” e “Produtos Químicos e Radioativos”, de maior valor agregado.

Destaca-se os hidrocarbonetos (petróleo cru, refinado e gás natural), representando em torno de 50% da exportação. Essa presença deve-se a grandes reservas naturais desse produto e dos altos preços internacionais que se iniciaram com a década (FERRARI FILHO; PAULA, 2006).

No último ano, 2003, a maioria dos produtos apresentaram crescimento nos valores exportados e, de certa maneira, estagnação ou diminuição na representatividade total exportada, somente “Petróleo Refinado” e “Aviões, Helicópteros e/ou Espaçonaves” apresentaram crescimento. Isso pode significar um aumento na exportação de outros artigos que não chegaram a se destacar entre os dez mais exportados.

Gráfico 11 - Valor total das exportações russas e a soma dos principais produtos de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares

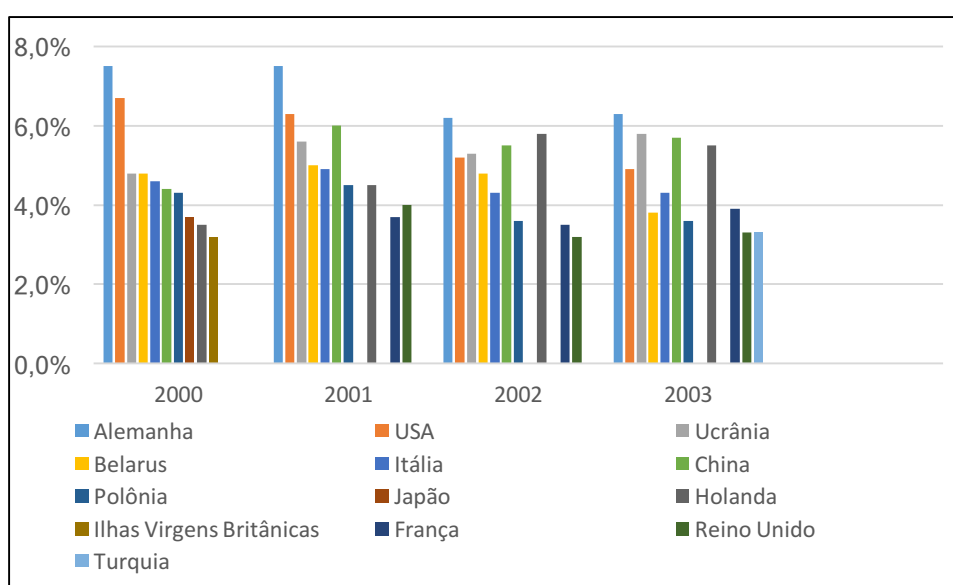


Fonte: OEC, (2017).

Com relação aos valores totais exportados, somente o ano de 2001 apresentou queda, todos os anos subsequentes apresentaram crescimento, como 15%, de 2001 para 2002, e 22%, de 2002 para 2003, crescimentos significativos para os valores de exportação.

Os valores totais dos dez principais produtos continuaram altos, ou seja, a exportação era significativamente dependente de dez produtos que, em suma, são *commodities*. Sendo que, em 2000, os principais artigos representavam 65,6% das exportações; em 2001, representavam 60% das exportações do ano; em 2002, 64% do total das exportações e, em 2003, 65%. Essa grande presença se deve aos altos preços do petróleo nesse período, elevando os valores da exportação russa (FERRARI FILHO; PAULA, 2006).

Gráfico 12 - Principais destinos da exportação no período de 2000 a 2003



Fonte: OEC, (2017).

Os destinos das exportações russas foram marcados pela forte presença da Alemanha. Ademais, em um contexto geral dos países ocidentais, há também os Estados Unidos e a Itália. A construção das relações econômicas advindas do período Yeltsin se manteve fortes, mas, comparando as representatividades, apresentaram queda com relação à Ucrânia, à China e aos novos países ocidentais, como Holanda, França e Reino Unido.

Destaca-se que a Holanda teve uma representatividade diferenciada, já que o porto de Roterdã é a entrada de muitos produtos para a Europa, não havendo como ser diferente o real comércio com o país.

Com relação ao equilíbrio do comércio, ao longo desses quatro anos, esse vai se acentuando no sentido de não haver um país mais proeminente, e sim quatro países que se destacam ao final do período: Alemanha, Ucrânia, China e Holanda.

Tabela 4 - Os principais produtos de importação russa de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares

Produtos	2000		2001		2002		2003	
	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Açúcar demerara	0,886	2,2%	1.39	2,8%	1.08	2%	1.21	1,8%
Aviões, Helicópteros e/ou Espaçonaves	0,538	1,4%	-	-	-	-	0,791	1,1%
Caminhões de estrega	-	-	0,55	1,1%	-	-	0,674	0,98%
Carne Bovina congelada	-	-	-	-	0,597	1,1%	-	-
Carne de Frango	0,421	1,1%	0,8	1,6%	0,75	1,4%	0,694	1%
Carne de Porco	-	-	-	-	0,681	1,2%	-	-
Carros	0,892	2,2%	1.83	3,7%	2.27	4,2%	3.36	4,9%
Computadores	0,602	1,5%	0,89	1,8%	0,94	1,7%	1.24	1,8%
Equipamento de radiodifusão	-	-	0,626	1,3%	0,925	1,7%	1.61	2,3%
Medicamentos	1.13	2,8%	1.62	3,3%	1.44	2,6%	2.01	2,9%
Mobiliário diverso	0,421	1,1%	-	-	-	-	-	-
Óxidos de Alumínio	0,947	2,4%	0,814	1,6%	0,603	1,1%	-	-
Parte de veículos	-	-	-	-	-	-	0,705	1%
Petróleo Cru	0,628	1,6%	0,508	1%	-	-	-	-
Telefones	0,485	1,2%	0,728	1,5%	0,843	1,5%	0,871	1,3%
Total da Importação	39.8	-	49.7	-	54.5	-	69	-

Fonte: OEC, (2017).

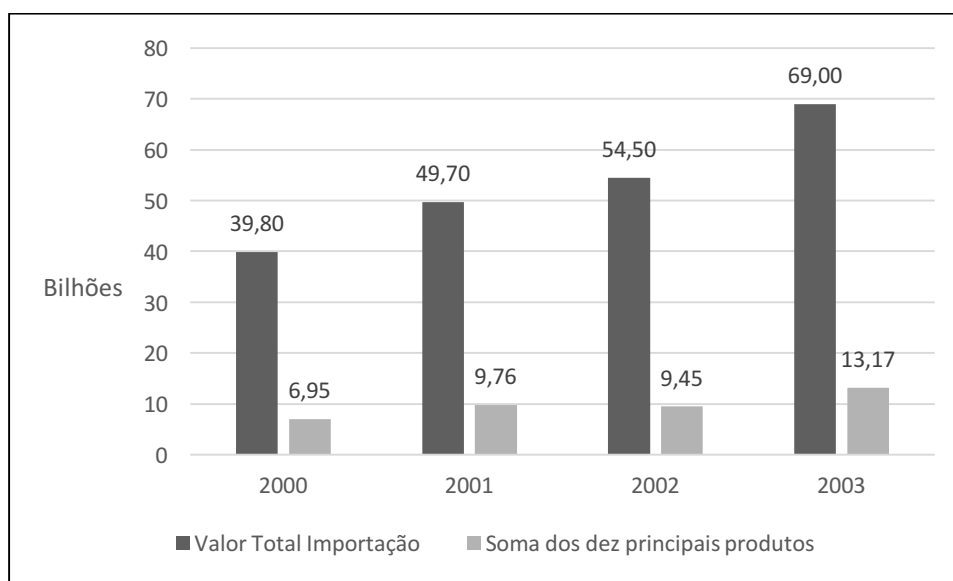
Na tabela acima, observa-se a contínua variabilidade de produtos importados, classificados desde alimentícios, produtos químicos, minerais semi-processados, e artigos de maior tecnologia, como carros e computadores.

No ano de 2002, a importação de petróleo cru não mais fez parte dos principais produtos importados. Os óxidos de alumínio também não mais apresentaram destaque a partir de 2003. Os produtos alimentícios, como carnes e açúcar, foram decrescendo em sua representatividade.

Fica constatada a consolidação de “Medicamentos”, “Carros” e “Equipamento de radiodifusão” como principais produtos importados. Os “Medicamentos” são um clássico artigo que sempre foi faltoso para a Rússia, sempre dependendo do mercado externo. Os “Aparelhos de radiodifusão” são equipamentos específicos que foram abertos ao mercado russo, já que, anteriormente, no período soviético, eram controlados. O “Carro” entra na lógica da concorrência com os já estabelecidos produtos locais, uma lógica capitalista da concorrência e abertura de mercado a novas opções.

Observando os valores gerais, as importações aumentaram significativamente ao longo dos quatro anos.

Gráfico 13 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares

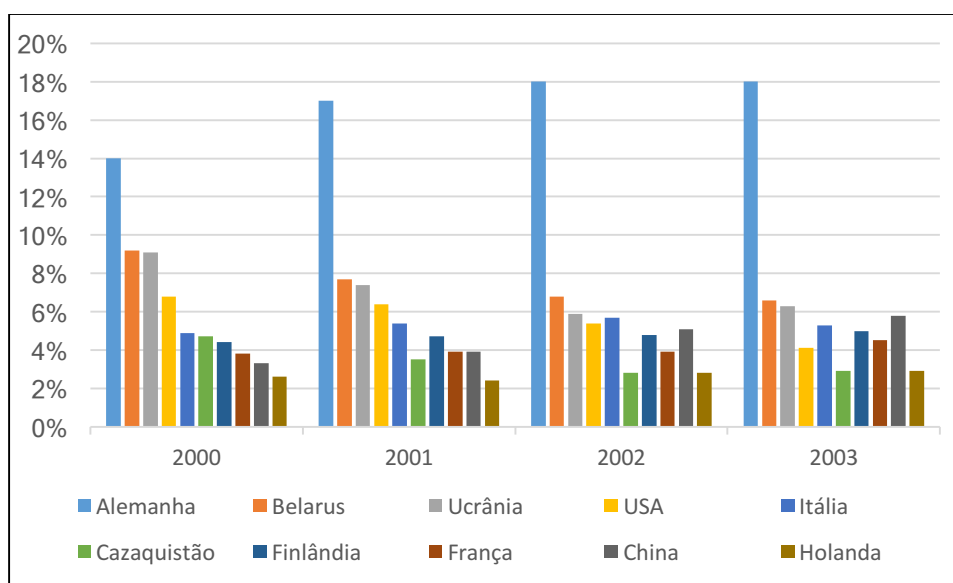


Fonte: OEC (2017).

O Gráfico 13 apresenta dados que corroboram o crescimento dos valores importados pela Rússia. A partir de 2001, o crescimento foi de 24%; em 2002, foi de 6%; e em 2003, foi de 26%. O crescimento constante era fato, destacando-se que somente o desempenho 2001-2002 foi mais baixo em comparação com os outros anos.

Entre os valores totais dos dez principais produtos importados observa-se uma representatividade de menos de 20%, sendo que, no ano de 2000, os dez principais produtos representaram 15,7%; já no ano de 2001, esses cresceram para 19,6% e, no ano de 2002, decaíram para 17%; e, por fim, no ano de 2003 subiram para 19,8%. Sendo assim, um certo crescimento no contexto geral das representações, em valores, não se aproxima de uma dependência desses artigos, mas incita a crescente necessidade de consumo.

Gráfico 14 - Principais origens de importação no período de 2000 a 2003

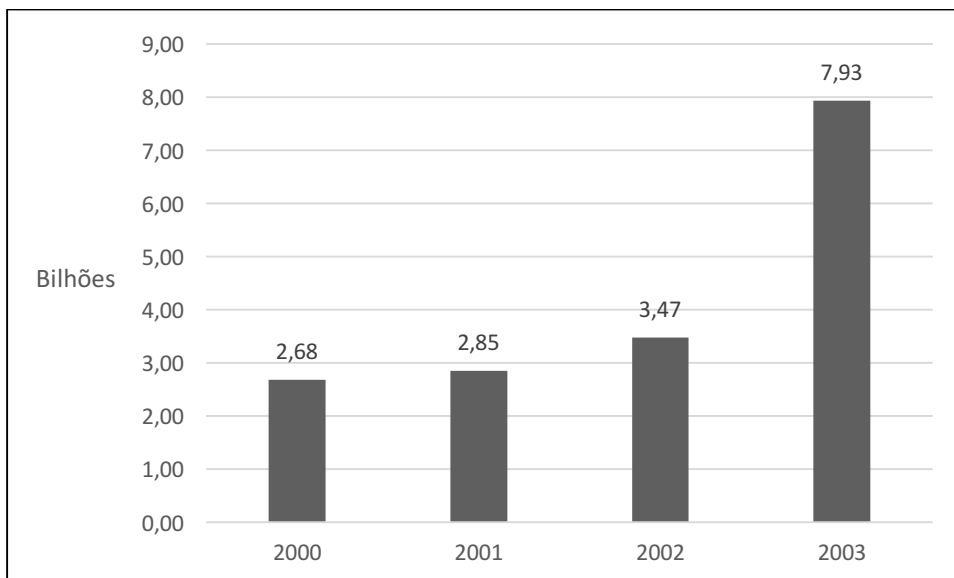


Fonte: OEC, (2017).

A priori, no Gráfico 14, torna-se clara a crescente participação da Alemanha na economia russa, representando de 14% a 18% das importações russas.

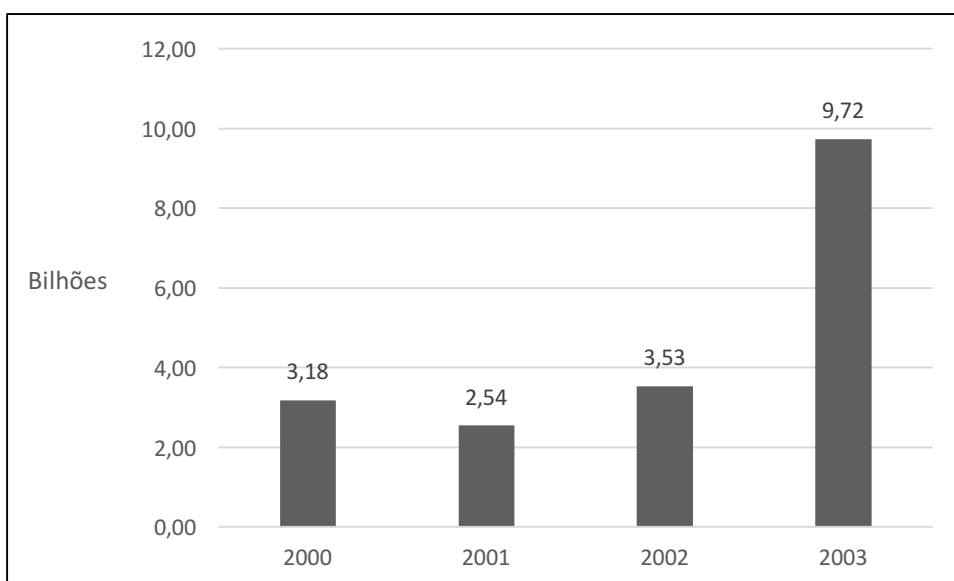
Os outros principais países com os quais a Rússia tinha como forte parceria comercial e participação crescente eram, além da Alemanha, a Itália, a França, a Finlândia e a China. Os que diminuíram foram: Belarus, Ucrânia, Estados Unidos e Cazaquistão. A Holanda manteve-se com as mesmas proporções.

Gráfico 15 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 2000 a 2003, com valores em bilhões de dólares



Fonte WORLDBANK, (2017).

Gráfico 16 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares



Fonte WORLDBANK, (2017).

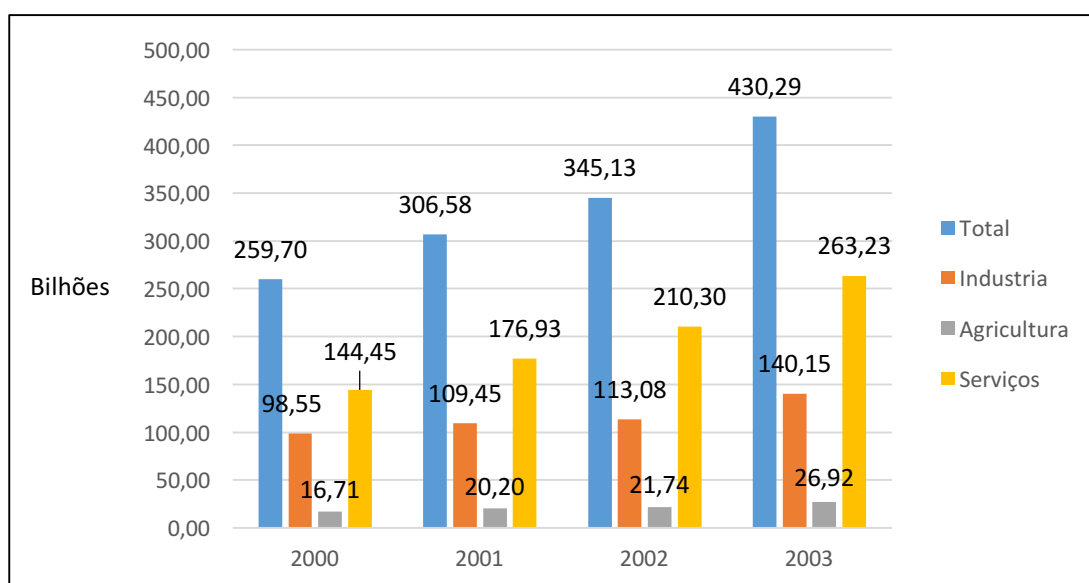
Os Gráficos 15 e 16 apresentam os investimentos no primeiro governo de Putin, do ano 2000 até 2003. Os investimentos estrangeiros direto na Rússia estiveram em constante crescimento nesse período, do ano 2000 para 2001 foi apresentado elevação de 6,3%; de 2001 a 2002 o valor foi maior, 21%; e para os últimos anos, 2002 a 2003, houve o maior crescimento, 128%, ou seja, nesse momento, mais que

dobraram os investimentos no território russo. Assim, relacionamos esses dados com a via neoliberal aplicada por Putin em trazer recursos para evitar a “Doença Holandesa”²², promovendo a diversificação e crescimento produtivos.

Quanto aos investimentos realizados pela Rússia no exterior, esses demonstram também um crescimento, com exceção do ano de 2001, que retraiu 20,13%. Nos anos de 2001 a 2002, estabeleceu-se um crescimento de 38%, superando o valor total do ano 2000, e, por fim, de 2002 a 2003, ocorreu um grande crescimento de 111%, quase triplicando o valor de 2002.

No geral, os investimentos, apresentaram aumento, apontando confiança na estrutura interna da economia russa dada pelo grande pico de investimentos e também pelo aumento do próprio investimento russo, apontando fortalecimento nas instituições econômicas privadas e estatais russas.

Gráfico 17 - Variação do PIB total russo nos anos de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares



Fonte: WORLDBANK, (2017).

No gráfico do Produto Interno Bruto é possível notar que o primeiro governo Putin apresentou crescimentos consideráveis quase dobrando em quatro anos. O PIB total cresceu de 2000 para 2001 em 18%; de 2001 para 2002, apresentou um crescimento menor 12%; e de 2002 para 2003, mostrou o maior aumento, 24%.

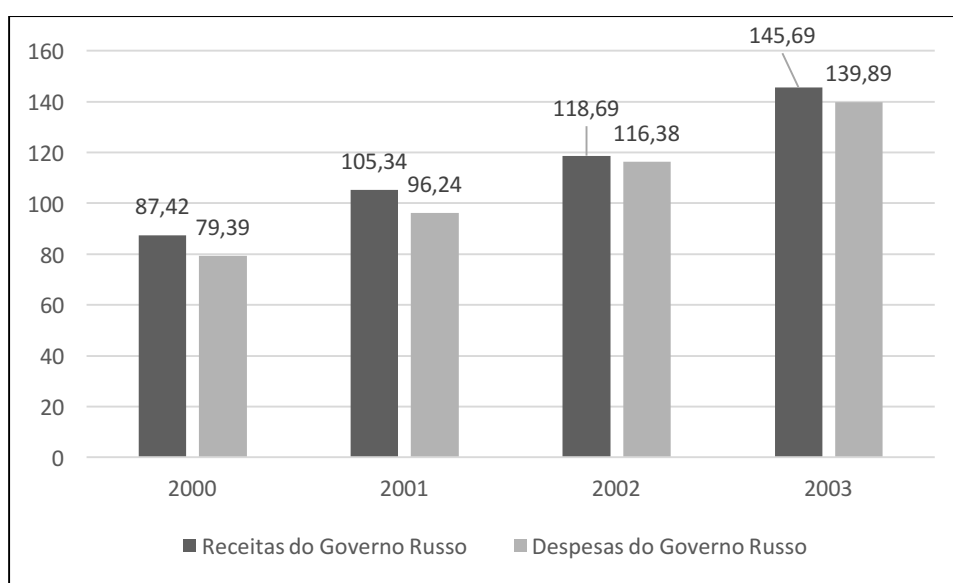
²² Refere-se a relação do aumento da exportação de produtos primários (matérias-primas) com a diminuição do setor manufatureiro. Uma questão de vantagens comparativas que promovem a desindustrialização.

Colocando em foco os setores que compõem o PIB – indústria, agricultura e serviços – esses se mantiveram parecidos com os do governo de Yeltsin. No ano 2000, a indústria representou 38% do PIB; a agricultura somente 6%; e o setor de serviços 55%. Para o ano de 2001, a representação na indústria foi de 35%, diminuído em comparação ao ano anterior; a agricultura manteve-se em 6%; e os serviços cresceram para 58%. No ano de 2002, a indústria decaiu novamente, chegando a 32%; a agricultura estabilizou em 6%; e os serviços chegaram a 60%, mostrando um novo crescimento. Por fim, no ano de 2003, a indústria representou 33%; a agricultura continuou em 6%; e os serviços chegaram ao patamar de 61% do total do PIB.

Portanto, pode-se dizer que a participação da indústria no PIB decresceu em representatividade, apesar de elevar-se em valores ao longo dos quatro anos. O setor de serviços se destacou pelo aumento em participação, tanto no valor, quanto no perfil total; e a agricultura cresceu em valores, mas não em porcentagem, mantendo o valor constante de 6% do PIB.

Conclui-se que a produtividade russa foi crescente nesse primeiro governo de Putin, sendo que todos os setores cresceram em valores, mas o setor de serviços foi o que mais se destacou pelo crescimento, indicando o fortalecimento interno da economia com o consumo interno.

Gráfico 18 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 2000 a 2003 com valores em bilhões de dólares



Fonte: QUANDL, (2017).

O Gráfico 18 apresenta os valores das receitas e as despesas do governo russo no primeiro mandato de Putin que, diferentemente do período Yeltsin, apresentou *superávit*. No ano 2000, foram 8,03 bilhões de dólares; em 2001, 9,1 bilhões de dólares; sendo que em 2002 diminuiu para 2,3 bilhões; e, por fim, cresceu novamente em 2003 para 5,7 bilhões.

Em porcentagem, o crescimento das receitas de 2000 a 2001 foi de 20,5%; de 2001 a 2002, o crescimento foi de 12,6%; e os anos de 2002 a 2003 apresentaram crescimento de 22,7%. As despesas cresceram também, no ano de 2000 a 2001 esse aumento foi de 21,2%; já de 2001 a 2002, 20,9%; e entre os anos 2002 e 2003, 24,8%. Nota-se que as porcentagens das despesas cresceram mais que as receitas entre os anos 2001 e 2002, entretanto, nos valores reais, as receitas superam as despesas.

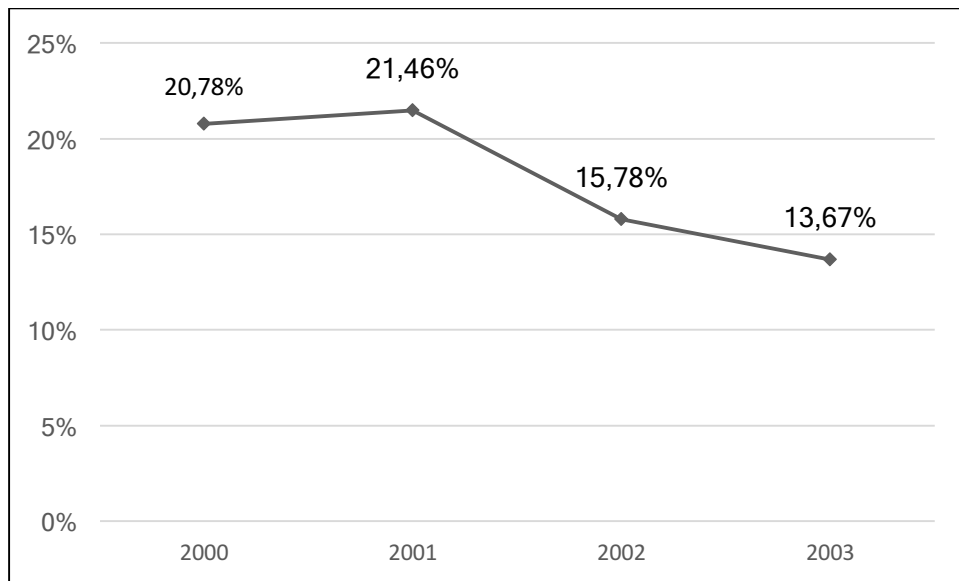
Dessa maneira, esse primeiro governo de Putin apresentou balanceamento das contas públicas. Contudo, isso se deve à melhoria da forma de arrecadação pela centralidade política, aos investimentos estrangeiros no setor produtivo e, acima de tudo, aos altos valores do petróleo no mercado internacional.

Tabela 5 - Preços Médios no Mercado Spot dos Petróleos dos tipos Brent e West Texas Intermediate (WTI) – 2000- 2003- Panorama Internacional.

Ano	Petróleo Brent*	WTI
2000	28,39	30,06
2001	24,46	25,63
2002	24,98	26,09
2003	28,84	31,11

Fontes: Platt's Crude Oil Marketwire; ANP. Adaptado por GOMES, M. 2013. Nota: 1-Dólar em valor corrente. 2- Dados revisados pelo Platt's. * Os preços médios do petróleo Brent foram calculados a partir dos preços Brent Dated.

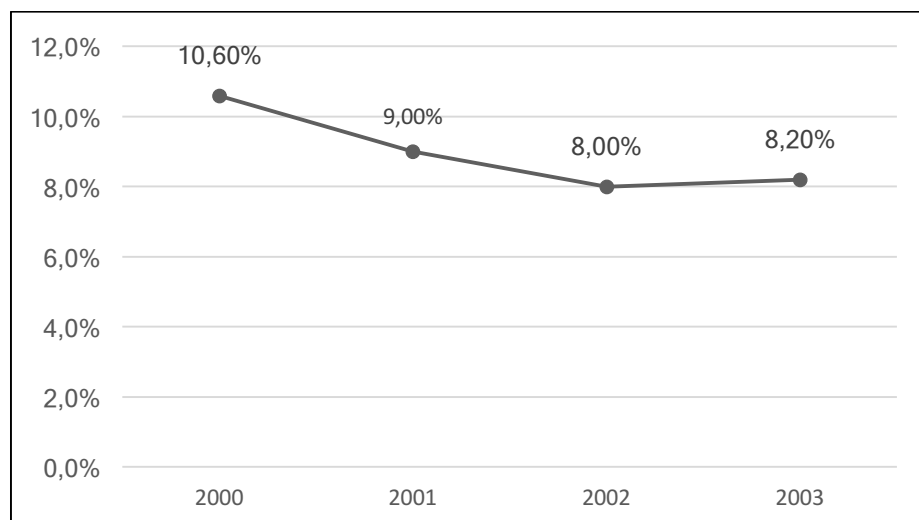
Gráfico 19 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 2000 a 2003



Fonte: QUANDL, (2017).

A inflação russa era 88,74% no ano de 1999, apresentando uma significativa queda de 20,78% no ano 2000. Esse valor aumentou, em 2001, para 21,46% ao ano, mas, a partir de 2002, os índices de inflação dos preços médios ao consumidor caíram em dois anos seguidos, 2002 e 2003, respectivamente 15,78% e 13,67% ao ano. Assim, conclui-se que a inflação pode estar sendo controlada pelo aumento de produtos importados e pelo próprio aumento da produtividade industrial russa.

Gráfico 20 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período 2000 a 2003



Fonte: QUANDL, (2017).

Os índices de desemprego, em relação a força total de trabalho na Rússia, apresentaram queda até o ano de 2002. Sendo que, no ano 2000, chegou a 10,6% a porcentagem da população desempregada, caindo para 9%, em 2001; 8%, em 2002; e subindo para 8,2% em 2003. Esses dados são singelos, mas representativos do processo de absorção da mão-de-obra ociosa.

Se formos analisar esse primeiro mandato de Putin a partir de todos os dados apresentados, podemos indicar melhoras qualitativas e quantitativas. É possível afirmar que a centralização do Estado, a captação de investimentos externos, o estabelecimento do controle sobre os setores energéticos, minerais e dos hidrocarbonetos, em concomitância aos altos preços do petróleo e gás, propiciaram a estabilização da economia, além de forte simpatia geral pela pessoa de Vladimir Putin (BONILLA, 2012). Além disso, destaca-se que, nesse período, os índices gerais de desemprego caíram modestamente, a entrada de investimentos aumentou, e os valores exportados e importados cresceram.

2.3. Segundo Governo Putin (2004 – 2007)

As melhorias econômicas proporcionadas à sociedade pelo primeiro governo de Putin propiciaram sua reeleição. Nesse contexto, Shpuy (2013) relata sua grande aprovação social:

É indispensável a apresentação dos resultados das eleições em 2000 e 2004 para entender claramente o sucesso de Putin e o triunfo eleitoral com que chegou ao poder em 2000 com quase 53% dos votos e revalidado em glória quatro anos mais tarde com 71.3% dos votos, no auge da popularidade do antigo oficial do KGB (Comitê de Segurança do Estado). E, em 2004, Putin ganhou as eleições presidenciais russas sem qualquer concorrente significativo. (SHPUY, 2013:37).

Sem concorrência significativa e, com a aprovação geral da população, Putin foi reeleito para mais quatro anos com 71,3% dos votos. Dessa maneira, isso propiciou a continuidade de seu projeto para a Rússia.

Tabela 6 - Os principais produtos de exportação russa de 2004 a 2007 em bilhões de dólares

Produtos	2004	2005	2006	2007
----------	------	------	------	------

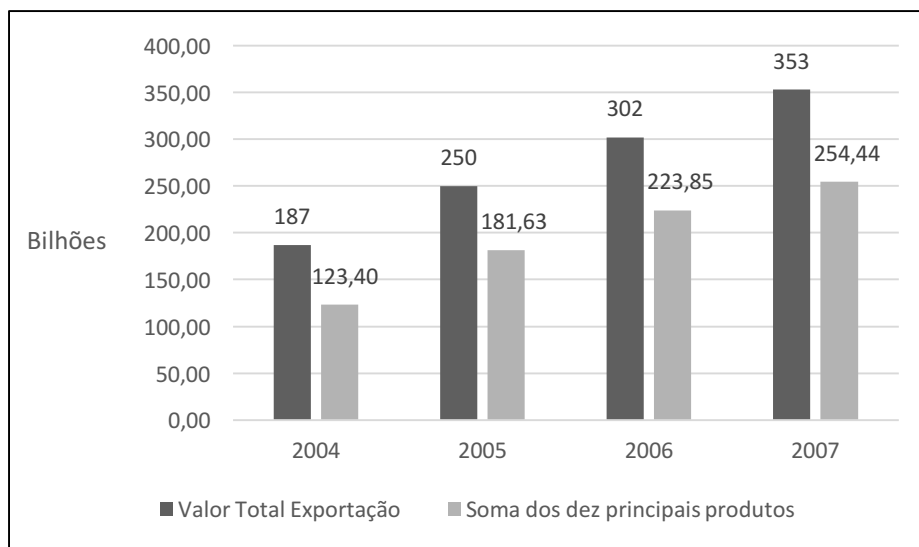
	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Alumínio bruto	5.81	3,1%	6.94	2,8%	8.26	2,7%	8.75	2,5%
Carvão	3.98	2,1%	4.9	2,0%	5.1	1,7%	6.9	2%
Ferro laminado	3.17	1,7%	3.5	1,4%	3.080	1%	3.52	1%
Ferro semi-processado	4.95	2,6%	5.28	2,1%	5.77	1,9%	6.99	2%
Fios de Cobre	-	-	-	-	2.95	0,98%	-	-
Gás Natural	19.6	10%	30	12%	42.1	14%	42.6	12%
Madeira bruta	2.47	1,3%	2.93	1,2%	3.35	1,1%	4.24	1,2%
Níquel Bruto	3.53	1,9%	3.31	1,3%	6.14	2%	8.94	2,5%
Petróleo Cru	59	32%	87.3	35%	105	35%	121	34%
Petróleo Refinado	20.6	11%	34.4	14%	42.1	14%	47.1	13%
Sucatas de ferro	2.89	1,5%	3.07	1,2%	-	-	-	-
Trigo	-	-	-	-	-	-	4.4	1,2%
Total da Exportação	187	-	250	-	302	-	353	-

Fonte: OEC, (2017).

Nesse período, a continuidade do projeto de Putin não alterou a majoritária participação dos artigos primários na exportação russa. Gás Natural, Petróleo Cru e Petróleo Refinado continuaram crescentes em seus valores e em suas representações na pauta geral, alcançando 53% do total em 2004 e, no final do mandato, em 2007, 59%. Mas, por referência individual, as porcentagens totais da representação sofreram queda no ano de 2007, o que nos leva a crer no aumento dos artigos exportados em um contexto geral. A forte dependência russa nos hidrocarbonetos é claramente apontada por essa tabela, na qual contínuo alto preço impulsionou as exportações russas.

Destaca-se ainda, um artigo que anteriormente não aparecia na exportação, o Trigo, que se destacou como produto exportado, no ano de 2007, com o valor de 4.4 bilhões de dólares, representando 1,2% das exportações. Assim, compreendemos que houve um fortalecimento da agricultura, tornando a Rússia menos dependente de alimentos externos, uma vez que o Trigo aparecia na pauta importadora nos períodos anteriores.

Gráfico 21 - Valor total das exportações russas e a soma dos principais produtos de 2004 a 2007 em bilhões de dólares

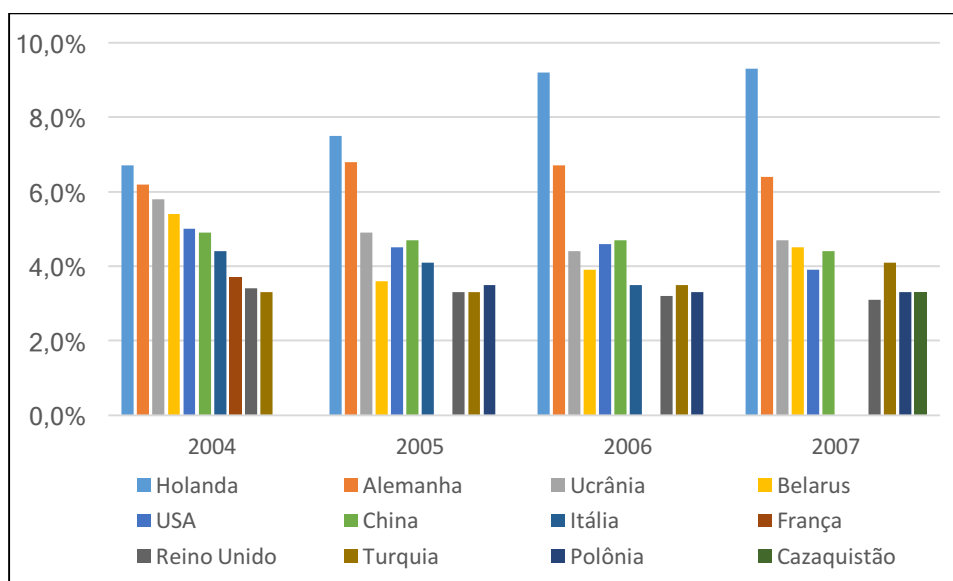


Fonte: OEC, (2017).

Da relação entre os valores totais exportados com os dez principais produtos, podemos observar que, em 2004, esses representaram 65,9% do total das exportações; em 2005, foram 72,6%; em 2006, 74,1%; e no último ano de mandato, 2007, 72% das exportações. Esses são valores altos para somente dez produtos, o que, se colocado sob a ótica que evidencia que só os hidrocarbonetos atingem de 50% a 59% do total das exportações, é possível dizer que a economia russa aumentou seus valores apoiada, essencialmente, nos recursos petrolíferos.

Com relação aos valores totais, todos os anos apresentaram crescimentos substanciais. De 2004 para 2005, o crescimento da exportação, em valores, foi de 33%; para os anos de 2005 a 2006, houve um crescimento menor, 20%; e para os anos de 2006 a 2007, o crescimento foi de 16,8%. Comparando o ano de 2004 com o último ano, 2007, o valor do crescimento foi de 353 bilhões de dólares, ou seja, quase dobrou o valor do ano inicial.

Gráfico 22 - Principais destinos da exportação no período de 2004 a 2007



Fonte: OEC, (2017).

Os destinos de exportação mantiveram o foco nos países europeus – Holanda, Alemanha, Reino Unido, Itália e França. A Holanda tornou-se o principal receptor dos produtos russos, ganhando grande destaque, principalmente no ano de 2006, representando por 9,6% do total. Destaca-se novamente a Holanda como uma porta de entrada da Europa para os produtos russos. Em segunda posição de relevância, a Alemanha, que atingiu 6,4% no ano de 2007.

Países ex-membros da União Soviética e aliados (Ucrânia, Belarus, Polônia e Cazaquistão), em geral, tiveram suas representações diminuídas, com exceção de Belarus, que apresentou crescimento representativo em 2007. A Polônia nem constava entre as dez mais representativas em 2004, e o Cazaquistão só adentrou entre os dez em 2007.

Ademais, os Estados Unidos iniciaram 2004 com 5%; em 2005 desceram para 4,5%; em 2006, para 4,6%; e em 2007, para 3,9%. A China apresentou declínio regular, mas ínfimo: em 2004, foi responsável por 4,9% das exportações russas; em 2005, representou 4,7%; em 2006, manteve-se em 4,7%; e em 2007, foi de 4,4%.

Tabela 7 - Os principais produtos de importação russa de 2004 a 2007 com valores em bilhões de dólares

Produtos	2004	2005	2006	2007
----------	------	------	------	------

	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Açúcar demerara	0,928	1%	1.2	1%	1.59	1%	-	-
Aviões, Helicópteros e/ou	1.1	1,2%	-	-	-	-	-	-
Espaçonaves								
Calçados de couro	-	-	-	-	-	-	2.11	0,96%
Caminhões de entrega	0,887	0,96%	1.22	1%	1.9	1,2%	3.89	1,8%
Carne Bovina congelada	0,887	0,96%	-	-	1.87	1,2%	-	-
Carne de Porco	-	-	1.12	1%	1.59	1%	-	-
Carros	5.6	6,1%	7.96	6,8%	13.6	8,6%	22.4	10%
Computadores	1.63	1,8%	2.23	1,9%	2.91	1,8%	4.12	1,9%
Equipamento de radiodifusão	2.46	2,7%	3.87	3,3%	4.8	3%	6.39	2,9%
Grandes veículos de construção	-	-	-	-	-	-	2.08	0,94%
Medicamentos	2.59	2,8%	3.82	3,2%	5.17	3,3%	5.65	2,6%
Parte de veículos	1.12	1,2%	1.59	1,3%	2.48	1,6%	4	1,8%
Telefones	1.36	1,5%	1.43	1,2%	-	-	2.11	0,96%
Tratores	-	-	1.01	0,9%	1.7	1,1%	2.94	1,3%
Total da Importação	92.4	-	118	-	158	-	220	-

Fonte: OEC, (2017).

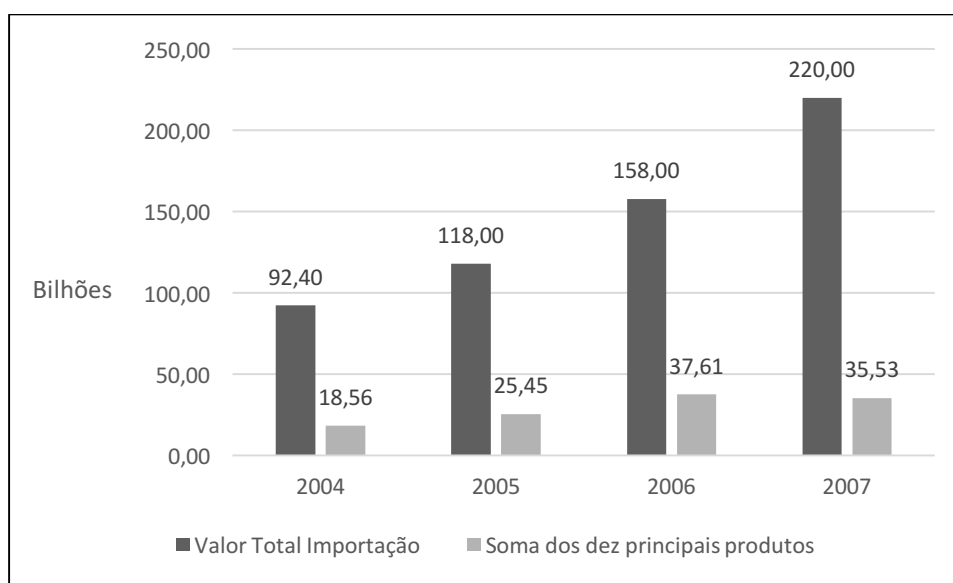
A pauta importadora sofreu algumas alterações em comparação com o período anterior, diminuindo consideravelmente as importações de alimentos, somente restando dentre os principais artigos a “Carne de Porco” e “Carne Bovina Congelada”, que também somente mantiveram-se relevantes nos anos de 2004, 2005 e 2006.

Porém, os artigos que se destacam, fora os constantes e relevantes como “Medicamentos” e “Carros”. Os “Caminhões de Entrega”, “Grandes Veículos de

Construção”, “Partes de Veículos” e “Tratores”, que apareceram com crescimento significativo, podem indicar um processo de crescimento no setor de transportes.

Os três principais artigos importados variaram em valor e representatividade total, sendo que sua discrepância é facilmente notada. “Carros” cresceram em volume e representação, alcançando 10% do total de importados em 2007. Em segundo lugar, ficam os “Equipamentos de Rádio Difusão”, já notados no recorte temporal anterior, alcançando 2,9% do total importado em 2007. Por fim, os “Medicamentos”, que alcançaram os 3,3% em 2005, com 3.87 bilhões de dólares, e terminaram o ano de 2007 representando 2,9%, com 6.39 bilhões de dólares.

Gráfico 23 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 2004 a 2007 em bilhões de dólares



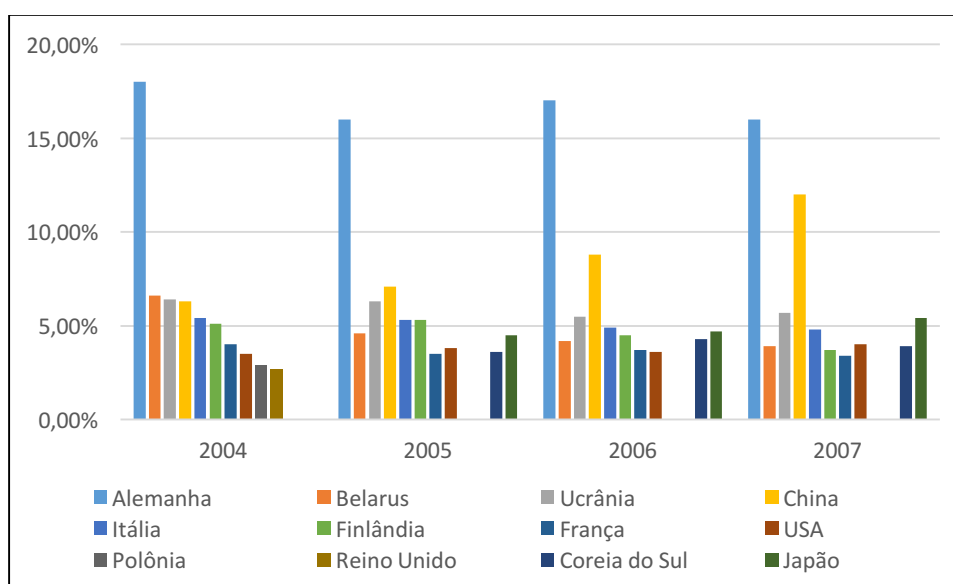
Fonte: OEC, (2017).

Do ano de 2004 para 2005, os valores totais aumentaram 27%; de 2005 para 2006, o aumento foi maior, de 33%; e de 2006 para 2007, foi de 39%. No ano de 2004, o valor total da importação foi de 92,4 bilhões de dólares; já no ano de 2007, foi de 220 bilhões de dólares, um crescimento que representa mais que o dobro.

Dessa maneira, comparando os valores dos dez principais produtos com os valores totais, é possível dizer que, no ano de 2004, os dez principais produtos importados representaram 20% do total importado; em 2005, essa porcentagem foi de 20,7% do total importado; para o ano de 2006, foi de 23%; e no ano de 2007, do

montante total importado, os dez principais produtos representaram 16,15%. Assim sendo, nota-se que as representações dos produtos sofreram pouco aumento até 2006, e em 2007 as representações dos valores totais caíram, significando que os demais produtos aumentaram seus valores, mesmo não chegando a ser representados.

Gráfico 24 - Principais origens da importação no período de 2004 a 2007



Fonte: OEC, (2017).

O gráfico acima demonstra os dez principais países dos quais se originam os produtos importados pela Rússia. Dentre esses, pelo menos metade são ocidentais, e têm participação constante em todos os anos – Alemanha, Itália, Finlândia, França, Estados Unidos e Reino Unido –, ou seja, há pelo menos cinco países por ano que são do ocidente, sendo que o Reino Unido apareceu somente uma vez, no ano de 2004.

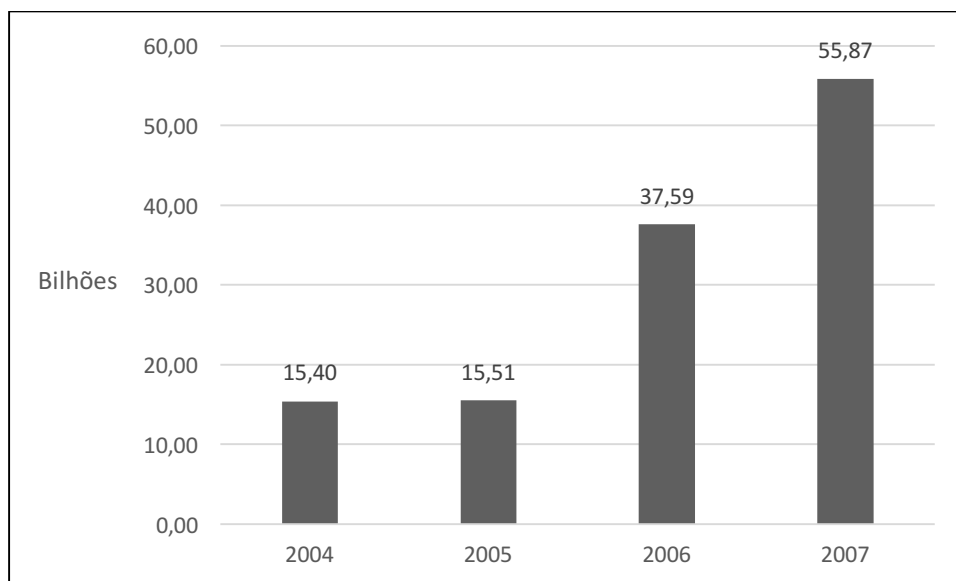
Outro ponto é a crescente participação da China, que se tornou o segundo país do qual a Rússia mais importa, representando mais de 10% dos produtos importados em 2007. Ao lado disso, a Alemanha, principal origem dos produtos importados, decaiu ao longo dos quatro anos desse recorte e findou em representar mais de 15% das importações.

Os países ex-membros da União Soviética, bem como seus aliados tiveram suas representatividades em queda. A Polônia deixou de estar dentre as dez principais no ano de 2005; Belarus, de segundo principal parceiro na importação, caiu

para sétimo, atrás dos Estados Unidos, que apresentaram pequeno crescimento nas vendas para a Rússia nesse período, correspondendo a 0,5%.

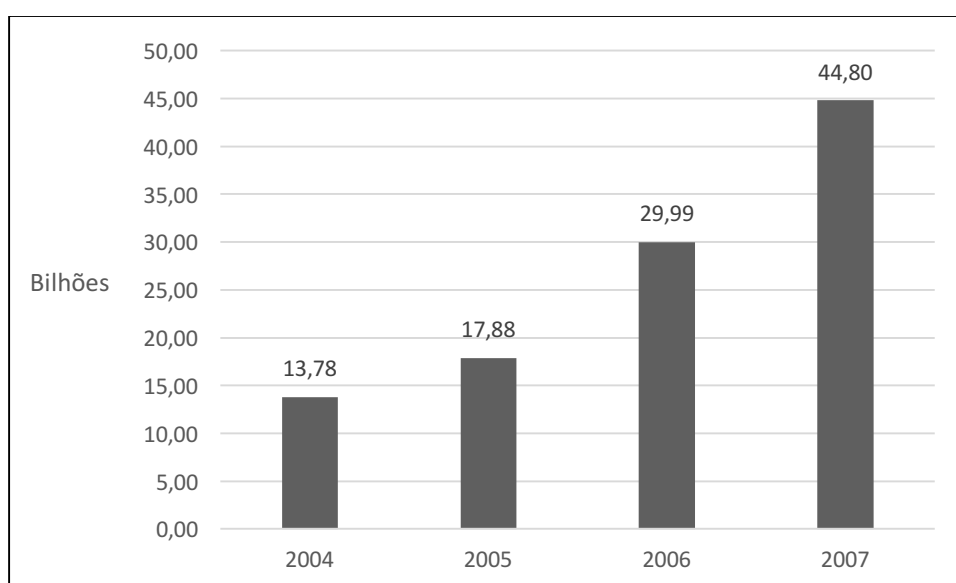
Conclui-se, assim, que houve mudanças nas parcerias internacionais com as quais a Rússia realizou a importação de produtos.

Gráfico 25 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 2004 a 2007 em bilhões de dólares



Fonte: OEC, (2017).

Gráfico 26 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 2004 a 2007 em bilhões de dólares

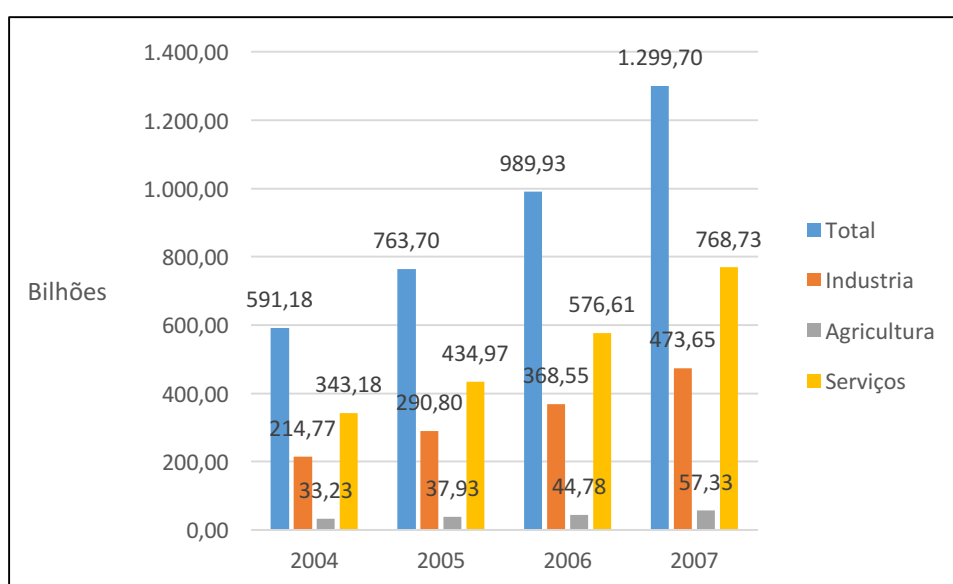


Fonte: OEC, (2017).

Os investimentos estrangeiros na Rússia também apresentaram crescimento de 2004 para 2005, correspondendo a 0,7%; de 2005 para 2006 o crescimento foi de 86,7%, representando 15,51 bilhões de dólares; de 2006 para 2007 foram 37,59 bilhões de dólares, com uma porcentagem de crescimento de 48,6%. Mais uma vez, os investimentos cresceram em altos valores, indicando confiabilidade do mercado financeiro em relação à situação interna russa. Isso nos diz que Putin, apesar de ter articulado a economia com princípios Neo-eurasianos, promoveu uma relação da Rússia com o sistema neoliberal em aspectos positivos.

Nos dados de investimentos realizados pela Rússia, pouco se alterou na dinâmica em comparação com os investimentos estrangeiros, sendo relatado crescimento constante. De 2004 para 2005, o crescimento foi de 29,7%; de 2005 para 2006 foi de 67%; e de 2006 para 2007 foi de 49,8%. Sendo assim, a economia demonstrou o constante fortalecimento das instituições internas da Rússia.

Gráfico 27 - Variação do PIB total russo nos anos de 2004 a 2007 em bilhões de dólares



Fonte: OEC, (2017).

Os valores do Produto interno Bruto (PIB) se apresentam crescentes, em valores: no ano de 2004, apresentou cifras de 591,18 bilhões de dólares; no ano seguinte, houve uma elevação de 29,1%, atingindo, em 2005, 763,70 bilhões de dólares. Do ano de 2005 para 2006, o índice foi de 29,6% e, por fim, do ano de 2006 para 2007, a porcentagem de crescimento foi de 31,3%. Em média, o crescimento de

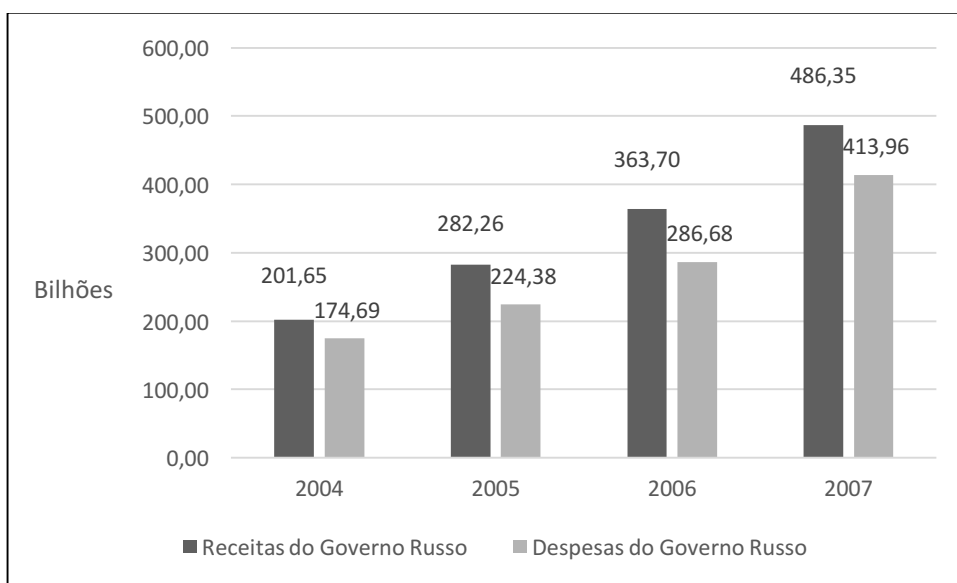
ano para ano nesse mandato de Putin foi de 30% no PIB. Comparando o valor do ano de 2004 para o valor do ano de 2007, o valor do PIB mais que dobrou, sinalizando crescimento de 708,52 bilhões de dólares.

Destacando as proporções representativas por setores do PIB, em 2004 a indústria representou 36,3%; a agricultura representou 5,6%; e os serviços 58,1%. No ano seguinte, 2005, a indústria foi responsável por 38,2% do PIB; a agricultura por 4,9%; e o setor de serviços por 56,9%. Em 2006, o setor industrial representou 37,2%; a agricultura 4,5%; e os serviços, 58,2%. Por fim, no último ano do recorte temporal, 2007, a indústria foi responsável por 36,4%; a agricultura 4,4%; e os serviços 58,3%.

Ao analisar esses dados, observa-se que o setor de serviços se manteve quase constante em sua representação no PIB, em torno de 58%, exceto no ano de 2005, quando, em proporção, diminuiu um pouco menos que 2%, sendo compensado pelo aumento no setor industrial. Já o setor da agricultura obteve menor representatividade se comparado com o recorte temporal anterior, no primeiro mandato de Putin, ocupando em torno de 4,5% do PIB ao longo desse segundo período de governo de Putin.

Destaca-se que o ano de 2007 superou a marca do trilhão, fechando com um trilhão duzentos e noventa e nove bilhões de dólares na valoração total da riqueza produzida na Rússia. Dessa forma, o crescimento da economia fica claramente representado no gráfico seguinte.

Gráfico 28 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 2004 a 2007 em bilhões de dólares



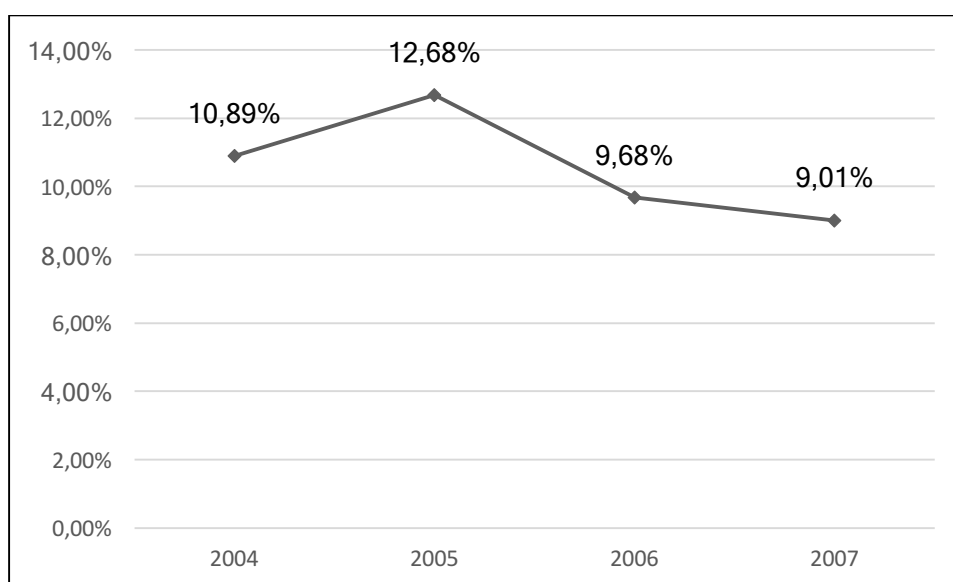
Fonte: OEC, (2017).

Com relação às receitas e às despesas do governo russo, esse gráfico mostra que todos os quatro anos do segundo mandato de Putin apresentaram *superávit*. No ano de 2004, o *superávit* foi de 26,9 bilhões de dólares; em 2005, foi de 54,38 bilhões de dólares; no ano de 2006 apresentou 77,2 bilhões de dólares; e no último ano, 2007, era de 72,39 bilhões. Mesmo com as despesas e as receitas aumentando ao longo dos quatro anos, os valores superavitários destacam-se por terem crescido também.

Proporcionalmente, as receitas de 2004 para 2005 cresceram 39,9%, enquanto as despesas nesse mesmo período foram de 28,4%. Para os anos de 2005 a 2006, as receitas cresceram 28,8%, menos que o ano anterior; e as despesas cresceram 27,7%, também menos que o ano anterior. Nos anos de 2006 para 2007, as receitas apresentaram aumento de 33,7%, enquanto o aumento das despesas foi de 44,4%.

As contas públicas russas mantiveram-se equilibradas e ocorreram aumentos correspondentes ao nível da arrecadação, embora destaque-se que todo esse crescimento das receitas é baseado nos altos valores das *commodities* e dos hidrocarbonetos desde o começo dos anos 2000.

Gráfico 29 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 2004 a 2007

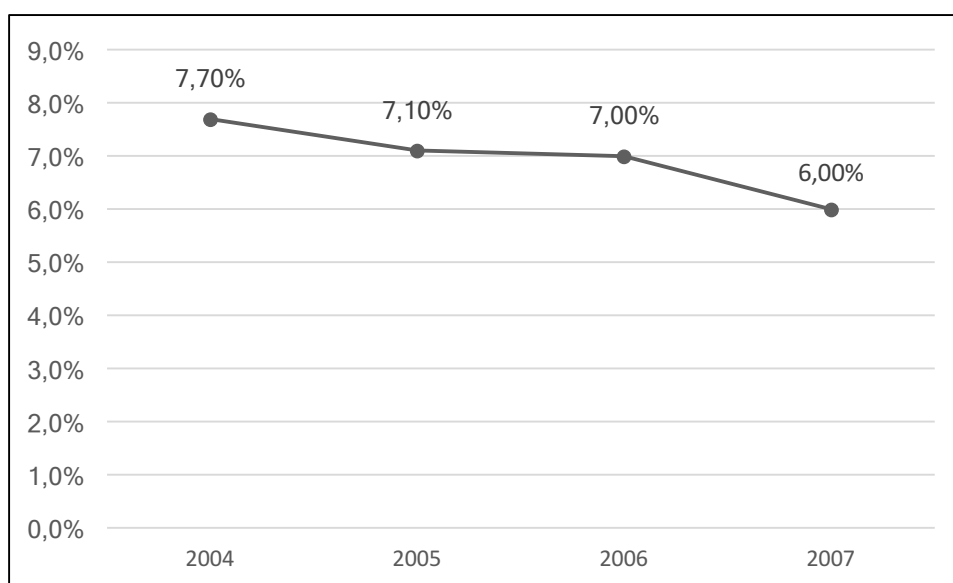


Fonte: OEC, (2017).

Os dados da inflação russa, nesse período de governo Putin, apresentados no Gráfico 29, demonstram que do ano de 2004 para 2005, a inflação cresceu, elevand-

se 1,78% de um ano para o outro. Mesmo com uma inflação mais baixa comparada com os anos anteriores, os dados ainda demonstram um processo de estabilização de acordo com o crescimento russo. Nos anos subsequentes, 2006 e 2007, a inflação sofreu retração nos valores, apresentando 9,69% e 9,01%, respectivamente. Nota-se, então, uma política satisfatória que produziu a diminuição na inflação e, concomitantemente, apresentou altos índices de crescimento econômico.

Gráfico 30 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período 2004 a 2007



Fonte: OEC, (2017).

Os dados sobre o desemprego nesse período apontam a crescente absorção de mão-de-obra ociosa. De 2004 a 2007, o desemprego decaiu 1,7 pontos percentuais, atingindo a marca de 6% em relação à força de trabalho. Comparando esse dado com o crescimento econômico russo, compreende-se que a queda do desemprego foi pequena. Contudo, o contexto geral é positivo, já que, mesmo substituindo a mão-de-obra, há a sua absorção, indicando em um foco conjunto de modernizar e empregar.

Nesse mandato de Putin, o quadro geral apresenta grande crescimento econômico em todos os setores. Os dados apontam que o crescimento se deve à potencialidade dos recursos naturais russos, e a contínua captação de investimento estrangeiro, o qual propiciou a ampliação da produção interna.

Contudo há uma incógnita que persiste, embora Putin, dentre suas políticas econômicas, propusesse a diversificação produtiva da Rússia (ÅSLUND, 2004; POMERANZ, 2005; GUTIÉRREZ DEL CID, 2008), essa não se podia ser observada.

2.4. Governo Medvedev (2008 – 2011)

Vladimir Putin não pôde se candidatar para um terceiro mandato consecutivo, uma vez que a legislação russa proíbe esses casos. Em seu lugar, o então Primeiro-Ministro, Dmitri Medvedev, que por anos foi colega de Putin, foi apontado como seu sucessor na candidatura presidencial (DUGIN, 2014).

A visão política e econômica de Medvedev se configura de forma similar à de Putin, contudo, sua estratégia apresentou uma estruturação mais liberal, mesmo com o objetivo principal sendo o fortalecimento e desenvolvimento do Estado de forma centralizada.

Medvedev apresentou um programa de desenvolvimento econômico baseado em cinco pontos:

- Eficiência energética e novos combustíveis;
- Tecnologias médicas e farmacêuticas;
- Engenharia de energia nuclear;
- Tecnologias da informação;
- E tecnologia espacial e das telecomunicações.

O plano idealizado a partir desses cinco pontos ficaram conhecido como “*Go Russia*”, em inglês, por foco nos setores tecnológicos que já apresentavam históricas vantagem para se desenvolver e promover uma modernização estrutural a economia russa.

Assim, ficou claro que os setores abordados produziram tecnologias significativas que seriam importantes a todos os setores produtivos russos. Segundo esse plano, a intencionalidade era o desenvolvimento no sentido da diversificação econômica, a fim de buscar uma menor dependência das importações, fortalecendo a competitividade.

Houve também o projeto de desenvolvimento de um polo de tecnologia, a “Cidade da Inovação”, em Skolkovo (POMERANZ, 2011), que visava construir uma cidade voltada à produção e criação científicas, o “Vale do Silício russo”.

Os projetos de Medvedev fazem parte uma segunda fase da proposta Neo-eurasiana, quando, após a estabilização econômica da Rússia, o foco recaiu no desenvolvimento de novos setores e na diversificação da economia baseadas na produção autóctone de tecnologia.

Primeiramente, é possível afirmar que o foco recaiu no setor energético, com a intencionalidade de otimizar o sistema energético e propiciar menores²³. Com isso, o desenvolvimento de tecnologias para os componentes elétricos torna-se um grande foco desse item.

Segundo, destaca-se a questão nuclear com o projeto de uma completa modernização e expansão de plantas de energia nucleares, fortalecendo a produção tecnológica da estatal *Rosatom*, o que pode se relacionar com a primeira fase e ampliar a produção energética para suprir a contínua demanda²⁴.

A tecnologia da informação, adentra como um setor chave, envolvendo a produção de tecnologia informacional, computadores e componentes que perpassam por todo sistema produtivo das empresas e pela própria questão de segurança militar. A proposta da tecnologia informacional é orientada por seis subcampos que abrangem setores bases da nação:

- Criação de rede de supercomputadores para uso civil e industrial;
- Criação de redes de supercomputadores para uso em pesquisas e educação, e informatização de toda a estrutura governamental;
- Informatizar a educação criando meios de união dos russófonos e tendo como fim a integração territorial;
- Informatizar o sistema de saúde e segurança social;
- Desenvolver sistemas da segurança pública e pessoal;
- A criação de supercomputadores com tecnologia nacional como fator primordial para todo o programa de informática. O desenvolvimento tecnológico para a produção 100% nacional de supercomputadores é

²³ <http://www.i-russia.ru/energy/>

²⁴ <http://www.i-russia.ru/nuclear/>

elevado e ampliando para independência de vários setores sociais e econômicos em relação ao exterior²⁵.

Como quarto foco produtivo, as tecnologias espaciais e de telecomunicações entraram com foco nos satélites de comunicação (televisão digital e rádio), melhoramento e ampliação do sistema de geolocalização GLONASS, aprimoramento e ampliação dos satélites de monitoramento meteorológicos, climáticos e ambientais. Também satélites militares e de controle de emergências.

Todo esse setor ficou a cargo da ROSCOSMOS (Agência Espacial Russa), que foi fundada para esse fim espacial²⁶.

Por fim, o setor médico farmacêutico, que nunca foi um grande destaque russo (soviético), foi contemplado pelo plano por ser um setor altamente tecnológico que precisava ser desvinculado da dependência externa, sempre constando entre os dez principais produtos importados. Este é um setor de alta tecnologia que abrange a biotecnologia, a química, a medicina celular, a medicina nuclear e a nanotecnologia. Abarcando uma nova fronteira do desenvolvimento científico, com aplicação direta na sociedade²⁷.

Sendo o intuito desse novo plano de desenvolvimento, relacionar o setor científico com o produtivo, algo que foi crucial para a crise econômica soviética e sua baixa capacidade competitiva (MEDEIROS, 2011:16). As tecnologias criadas não eram dispersadas para outros setores, constituindo, então, uma nova etapa do processo de desenvolvimento econômico russo.

Tabela 8 - Os principais produtos de exportação russa de 2008 a 2011 em bilhões de dólares

Produtos	2008		2009		2010		2011	
	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Alumínio bruto	8.6	1,9%	4.82	1,6%	6.8	1,8%	7.61	1,5%
Carvão	10.4	2,2%	8.45	2,9%	10.2	2,6%	13.2	2,6%

²⁵ <http://www.i-russia.ru/computers/>

²⁶ <http://www.i-russia.ru/space/>

²⁷ <http://www.i-russia.ru/medicine/>

Cobre refinado	-	-	-	-	4.48	1,2%	-	-
Ferro laminado	4.37	0,94%	3.1	1,1%	3.45	0,9%	4.050	0,80%
Ferro semi-processado	10.2	2,2%	4.94	1,7%	7.080	1,8%	7.540	1,5%
Fertilizantes de Potássio	4.6	0,99%	-	-	-	-	-	-
Gás Natural	65.3	13%	38.8	13%	49.6	13%	66.8	13%
Minerais mistos ou fertilizantes químicos	4.67	1%	-	-	-	-	4.32	0,85%
Níquel bruto	5.89	1,3%	3.71	1,3%	6.38	1,7%	3.98	0,79%
Petróleo Cru	165	35%	103	35%	138	36%	185	37%
Petróleo Refinado	68.1	15%	44.2	15%	61.5	16%	86	17%
Produtos químicos radioativos	-	-	2.82	0,97%	3.54	0,92%	-	-
Trigo	-	-	3.78	1,3%	-	-	5.19	1%
Total da Exportação	464	-	293	-	384	-	506	-

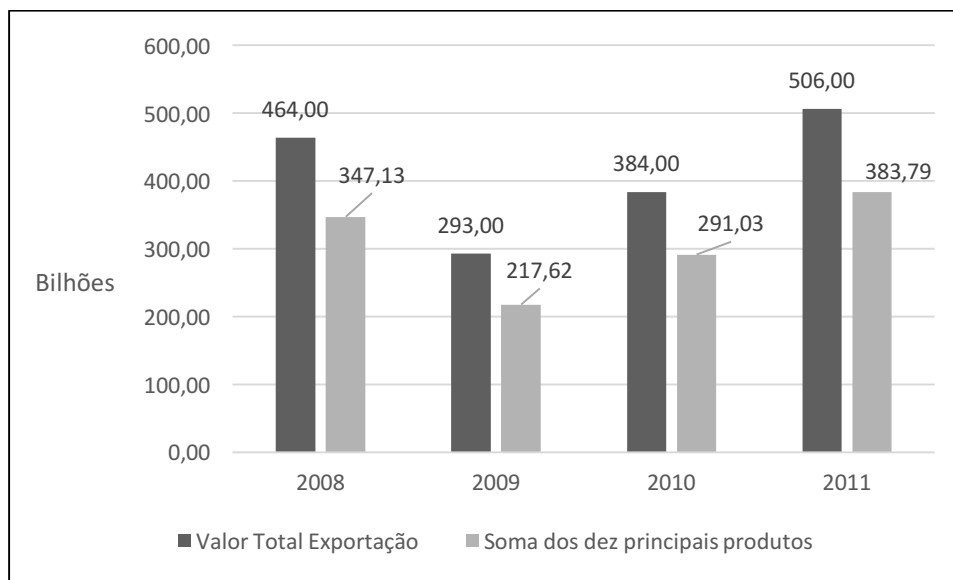
Fonte: OEC, (2017).

Nesta Tabela 8, dentre os produtos de exportação do primeiro governo Medvedev, constata-se a continuidade da pauta nos produtos primários, *commodities* e principalmente hidrocarbonetos. O Trigo aparece em 2009 e 2011 dentre os dez principais produtos exportados, significando a continuidade do fortalecimento da agricultura, já que, anteriormente, era um artigo de destaque na importação.

Contudo, observando atentamente as variações de valores e suas representações no total exportado, nota-se que apresentam significativas quedas do ano de 2008 para o ano de 2009. Esse fenômeno foi causado pela crise financeira de 2008, também conhecida como “Crise do *subprime*”, que impactou todas as economias do globo, em diferentes escalas. A partir desse período, a exportação

rusa caiu consideravelmente, e embora a partir do ano de 2010 as exportações tenham apresentado recuperação, só bateram os valores pré-crise no ano de 2011.

Gráfico 31 - Valor total das exportações russas e a soma dos principais produtos de 2008 a 2011 em bilhões de dólares



Fonte: OEC, (2017).

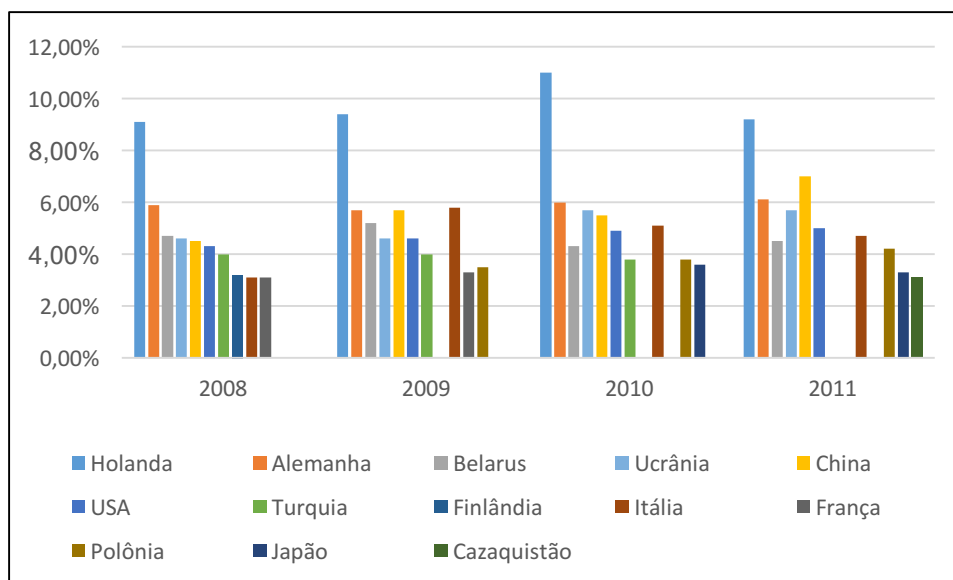
Comparando os valores totais de exportação com os dez principais produtos exportados e relacionando esses dados também à crise financeira de 2008, observa-se que, do ano de 2008 para 2009, os valores totais decaíram em 36,8%; de 2009 para 2010, os valores subiram 31%; e de 2010 para 2011 subiram novamente em 31,7%, superando o valor pré-crise.

Com relação à representação dos dez principais produtos exportados no valor total de exportação, conclui-se a contínua dependência com relação aos dez principais artigos. No ano de 2008, somente os dez produtos representavam 74,8% dos valores exportados, ou seja, a crescente dependência russa por itens de baixo processamento e de valor agregado é díspar para uma nação desenvolvida. No ano de 2009 a representação foi de 74,2%, com uma ínfima queda; já no ano de 2010, esse valor foi de 75,75%; e no último ano de Medvedev, 2011, foi de 75,8%.

Nota-se que, ao longo desses anos, os dez artigos mais exportados foram responsáveis por mais de 74% dos valores de exportação. Ao lado disso, destaca-se que a ampliação dos dez principais produtos exportados pela Rússia não foi causada

pela crise financeira mundial, embora ela tenha afetado seriamente os preços das *commodities*, diminuindo seu valor no mercado internacional.

Gráfico 32 - Principais destinos da exportação no período de 2008 a 2011



Fonte: OEC, (2017).

Os dez principais destinos das exportações, de 2008 até 2011, apresentam semelhanças com os outros mandatos, havendo pelo menos cinco países ocidentais participando das transações, com destaque para 2006, quando estavam no quadro de envolvidos: Holanda, Alemanha, Finlândia, Estados Unidos, Itália e França.

Nesse contexto, a Holanda superou a Alemanha como principal comprador dos produtos russos, em comparação com o período dos governos anteriores, relembrando a configuração ímpar da Holanda como porto de entrada geral aos produtos russos, não como destino fixo. Já a Alemanha manteve-se como segundo principal parceiro russo até o ano de 2012. Após esse período, a China se tornou o segundo principal destino das exportações russas.

Somente três países ex-membros da União Soviética e aliados se mantiveram na lista: Belarus, Ucrânia e Cazaquistão. Belarus em constante queda em sua representação; a Ucrânia decaindo em 2008 e 2009, mas crescendo em representatividade em 2010 e 2011; e o Cazaquistão aparecendo somente no ano de 2011 entre os dez principais compradores.

Tabela 9 - Os principais produtos de importação russa de 2008 a em bilhões de dólares

Produtos	2008		2009		2010		2011	
	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Aviões, Helicópteros e/ou Espaçonaves	-	-	2.31	1,4%	-	-	-	-
Calçados de couro	-	-	-	-	2.33	1%	-	-
Caminhões de estrega	5.43	1,9%	-	-	2.01	0,87%	3.81	1,2%
Carne Bovina congelada	2.74	0,96%	1.93	1,1%	2.34	1%	-	-
Carne de Porco	-	-	1.61	0,97%	-	-	-	-
Carros	32.4	11%	8.19	4,8%	13.2	5,7%	21.4	6,9%
Computadores	4.89	1,7%	3.15	1,8%	5.03	2,2%	5.64	1,8%
Equipamento de radiodifusão	6.44	2,3%	3.38	2%	4.46	1,9%	4.99	1,6%
Grandes veículos de construção	2.97	1%	-	-	-	-	3.3	1,10%
Impressoras industriais	-	-	1.570	0,92%	-	-	-	-
Medicamentos	7.66	2,7%	7.010	4,1%	9.5	4,1%	18.4	3,6%
Parte de veículos	5.54	1,9%	2.780	1,6%	5.51	2,4%	8.640	2,8%
Petróleo Refinado	-	-	-	-	2.31	1%	4.28	1,4%
Telefones	3.11	1,1%	1.6	0,94%	3.2	1,4%	4.050	1,3%
Tratores	4.26	1,5%	-	-	-	-	3.27	1,10%
Total da Importação	285	-	171	-	231	-	310	-

Fonte: OEC, (2017).

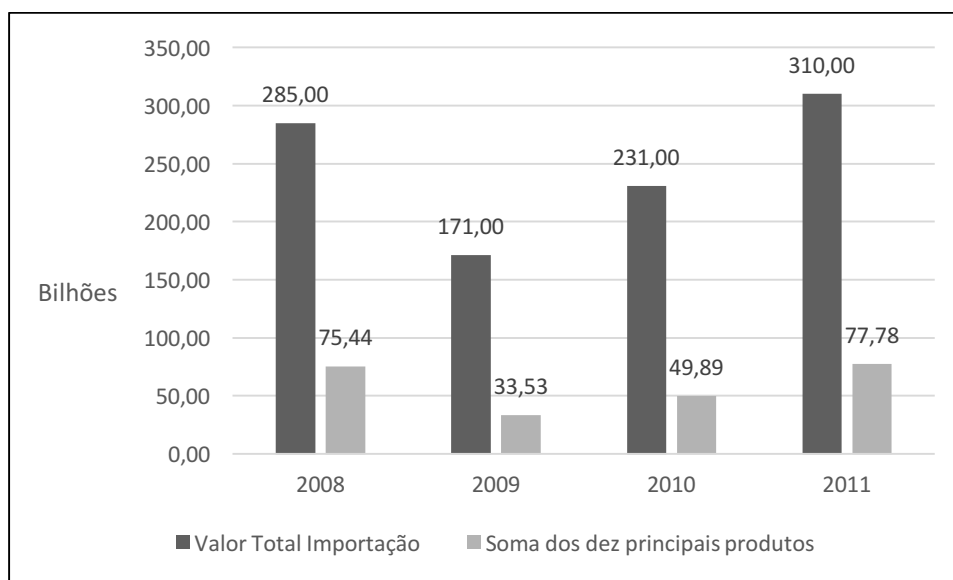
Observamos na Tabela 9, as importações russas sob efeito da “Crise Financeira de 2008”. Os itens como, “Caminhões de Entrega”, “Grandes Veículos de

Construção”, “Parte de Veículos” e os “Tratores”, que se destacaram no segundo mandato de Putin, não adentraram entre os dez principais produtos importados em 2009 e 2010, só reaparecendo em 2011, uma vez que setores econômicos que apresentavam expansão e estavam vinculados a essas importações provavelmente foram fortemente afetados pela desestruturação financeira internacional.

“Carros” e os “Medicamentos” continuaram em destaque como os principais itens importados, mas os computadores foram substituídos pelas “Partes de veículos”, podendo ser um indício do desenvolvimento de tecnologia própria, sendo uma das principais metas econômicas do governo de Medvedev.

Ao lado disso, os artigos importados continuaram a apresentar diversidade em suas características, sendo eles: produtos alimentícios, eletrônicos, veículos e aviões. Ademais, a constante manutenção de uma abertura econômica, fez com que o país recebesse diversos produtos na condição de competição aos similares já produzidos internamente.

Gráfico 33 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 2008 a 2011 em bilhões de dólares



Fonte: OEC, (2017).

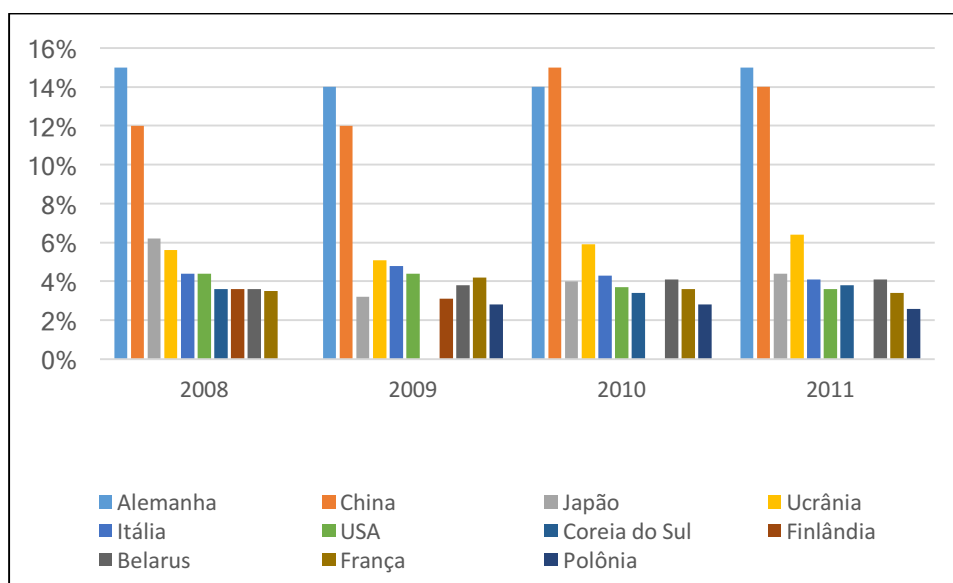
Identificamos, no Gráfico 33, que no ano de 2008, a soma dos dez principais produtos representou 26,4% do valor total; em 2009, essa soma constituiu 19,6% das

importações; em 2010, esse número foi de 21,6%; e, por fim, no ano de 2011, a proporção foi de 25%.

A partir do segundo mandato de Putin, os principais produtos importados ganharam maior proporção dentro do total de importações, uma vez que, anteriormente, atingiam no máximo 19% do total.

Os impactos da “Crise Financeira de 2008” se mostraram em 2009. Nesse período, a crise acarretou a queda das importações em 40%, em comparação com o ano anterior. Observando a transição de 2009 para 2010, nota-se que houve o crescimento das importações em 35%, quase alcançando os valores de 2008, pré-crise. Já entre os anos de 2010 e 2011, o crescimento foi de 34,19% e ultrapassou os valores das importações no período pré-crise.

Gráfico 34 - Principais origens de importação no período de 2008 a 2011



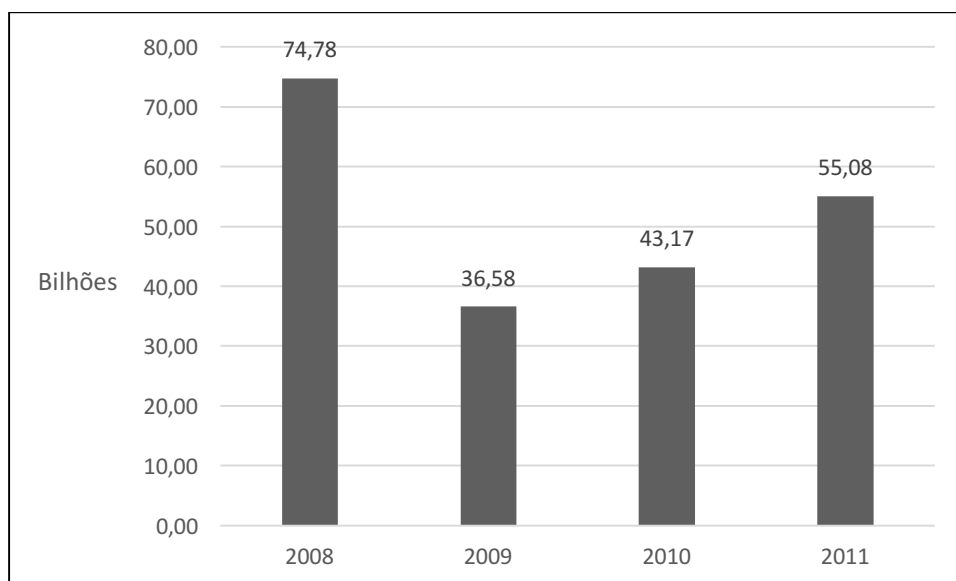
Fonte: OEC, (2017).

As informações apresentadas no Gráfico 34, com relação à origem das importações russas, demonstram que a Alemanha se manteve como principal parceira, sendo superada pela China somente no ano de 2010. Dessa forma, conclui-se que esses dois países são, largamente, os principais parceiros no âmbito da importação.

Dentre as dez principais nações que exportam para a Rússia, cinco são ocidentais: Alemanha, Itália, Finlândia, Estados Unidos e França. Entre os anos de 2010 e 2011, somente a Alemanha, a Itália, os Estados Unidos e a Finlândia

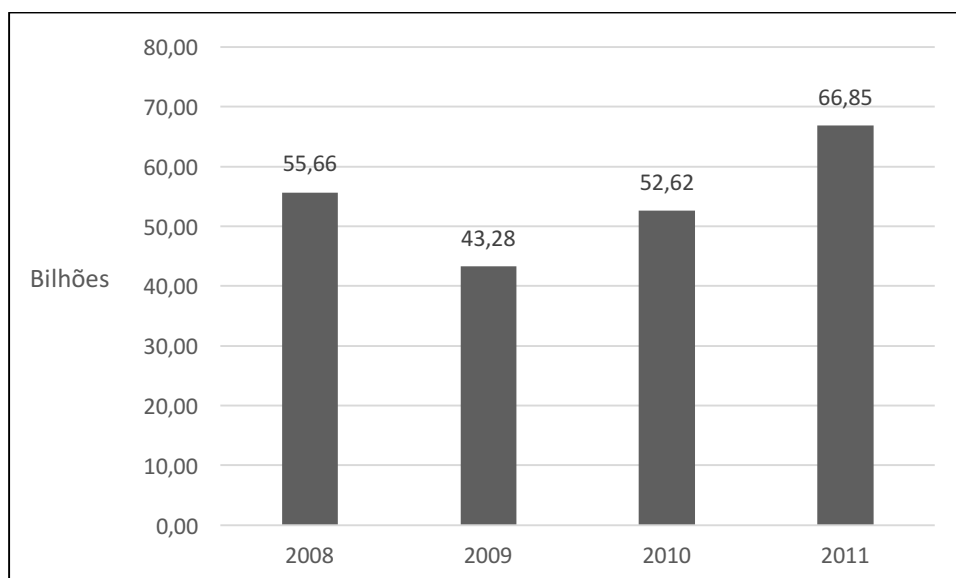
mantiveram-se entre as dez principais origens das importações. Os outros seis são ex-repúblicas soviéticas ou aliadas: China, Japão e Coreia do Sul, países vizinhos e com ligações tradicionais.

Gráfico 35 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 2008 a 2011 em bilhões de dólares



Fonte WORLDBANK, (2017).

Gráfico 36 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 2008 a 2011 em bilhões de dólares



Fonte WORLDBANK, (2017).

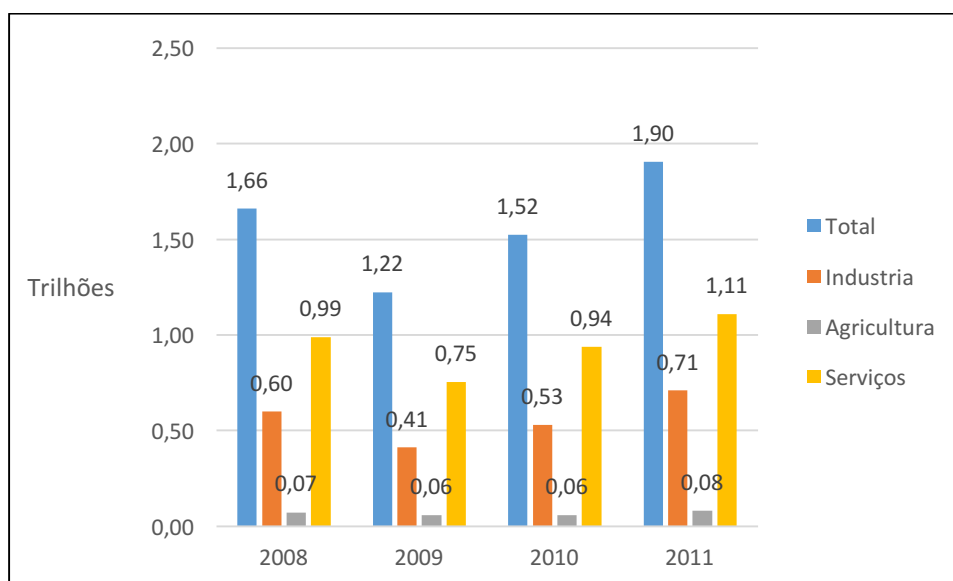
Os Gráficos 35 e 36 demonstram que a “Crise Financeira de 2008” impactou fortemente os investimentos estrangeiros na Rússia, bem como os realizados por ela. Em 2008, o valor dos investimentos diretos estrangeiros na Rússia atingiu o montante de 74,78 bilhões de dólares, já no ano posterior, os valores corresponderam a 36,58 bilhões de dólares, ou seja, houve uma queda de 51%.

A partir do ano de 2010, ocorreu uma retomada de crescimento dos investimentos, elevando-se, em comparação com o ano anterior, em 18%. Já no último ano do governo Medvedev, 2011, o crescimento foi de 37,6%. Contudo, mesmo apresentando crescimento, se comparados o primeiro com o último ano de governo, é possível afirmar que o país não conseguiu superar os valores anteriores à “Crise Financeira”.

Quanto aos investimentos realizados pela Rússia, houve queda de 22,2% de 2008 para 2009. Mas, em 2010, esse número retomou o crescimento em 21,6% em relação ao ano anterior. Já de 2010 para 2011, o crescimento foi de 27%.

Diferentemente dos investimentos recebidos, os valores dos investimentos realizados aumentaram em número, se comparados os valores do primeiro e do último ano.

Gráfico 37 - Variação do PIB total russo nos anos de 2008 a 2011 em trilhões de dólares

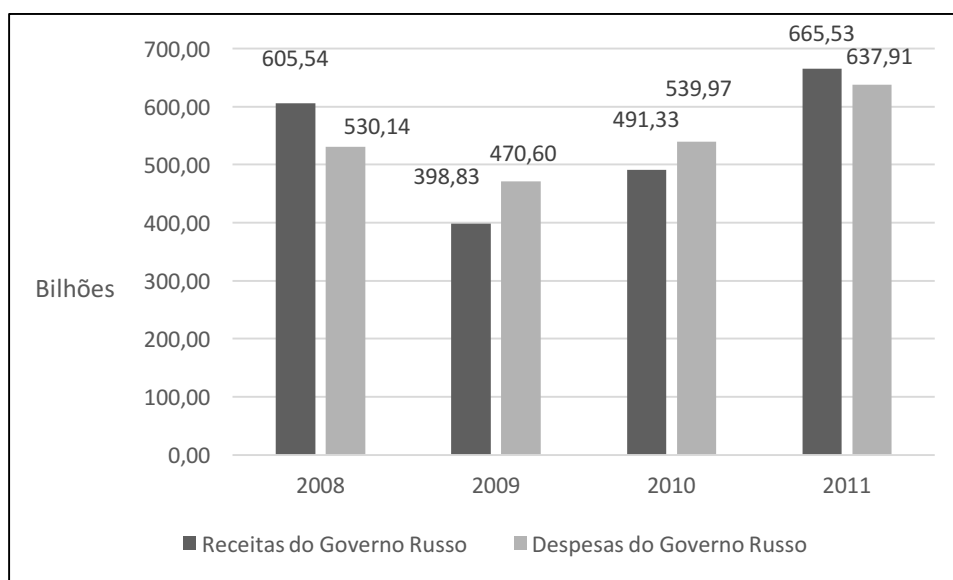


Fonte: WORLDBANK, (2017).

A “Crise financeira de 2008” também propiciou retração nos valores do Produto Interno Bruto (PIB), embora esse tenha ficado ainda na casa dos trilhões. No ano de 2008, o PIB era de 1,66 trilhões de dólares; no ano de 2009, foi de 1,22 trilhões de dólares, apresentando uma queda de 26,5%. Entretanto, o PIB recuperou crescimento em 2010, com um aumento de 24,5% em relação ao valor de 2009. O crescimento de 2010 para 2011 foi de 25% e superou o valor anterior à crise. A produtividade russa retomou seu desenvolvimento em valores logo em 2010, mas somente em 2011 alcançou cifras superiores ao ano de 2008.

Com relação às representações por setores da economia, não há variação significativa em comparação com os outros mandatos. No ano de 2008, a indústria representou 36% do PIB; a agricultura 4,2%; e os serviços 49,7%. Já em 2009, a indústria obteve 33,6%; a agricultura, 4,9%; e os serviços, 62,4% do PIB. Em 2010, a indústria atingiu 34,8%; a agricultura, 3,9%; e os serviços, 61,8%. Por fim, no ano de 2011, a indústria se matinha em 37,3%; a agricultura em 4,2%; e os serviços representavam 58,4% do PIB. Destaca-se que, no geral, a agricultura ficou abaixo dos constantes 4%.

Gráfico 38 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 2008 a 2011 em bilhões de dólares



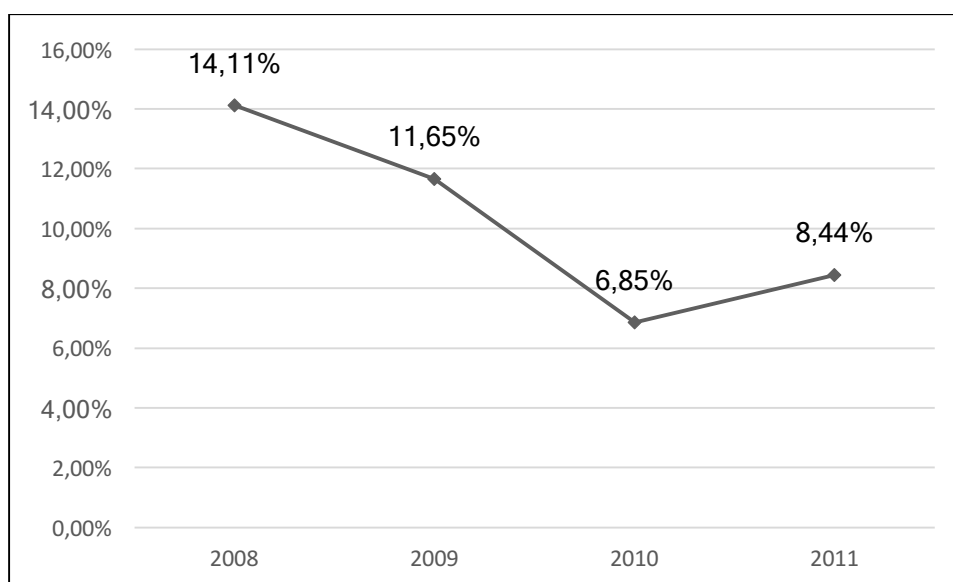
Fonte: QUANDL, (2017).

Com relação às despesas e receitas do governo russo, é possível afirmar que a “Crise Financeira de 2008” também firmou presença. No ano de 2008, o governo

apresentava *superávit* de 75,4 bilhões de dólares. No ano de 2009, sob influência da “crise”, as contas públicas tornaram *deficitárias* em 71,7 bilhões de dólares. Em 2012, o *déficit* foi de 48 bilhões de dólares, com dois anos seguidos de desregulação entre receitas e despesas. Somente no ano de 2011, as contas retomaram a característica de *superávit* em 27,62 milhões de dólares.

Mediante a alta dependência das receitas geradas pelo petróleo, o governo de Putin, no ano de 2004, criou o “Fundo de Estabilização do Petróleo” com o objetivo de suprir eventuais déficits orçamentários gerados pela oscilação do preço e crises financeiras (ALVES, 2011:273).

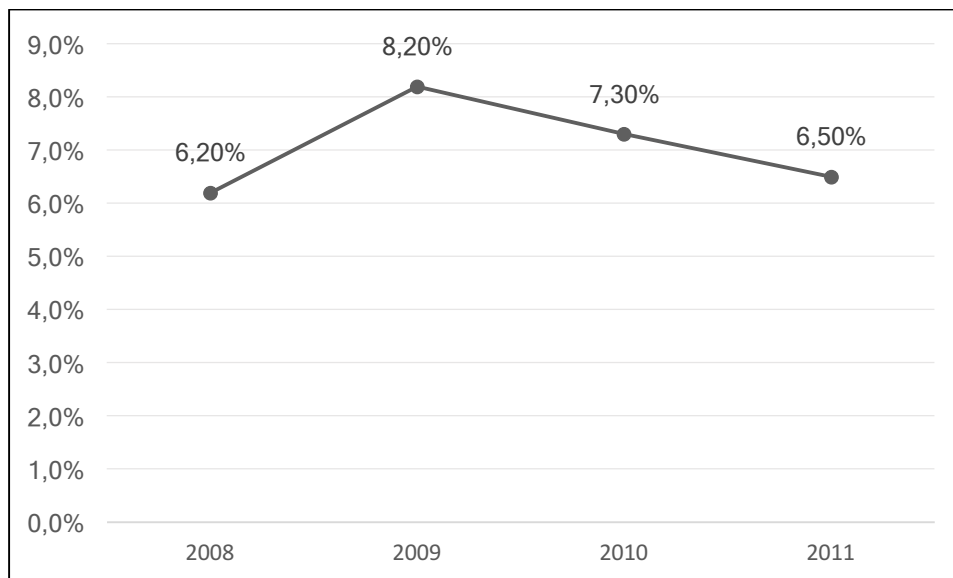
Gráfico 39 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 2008 a 2011



Fonte: QUANDL, (2017).

Com relação à inflação, esses dados demonstram que até o ano de 2010 houve queda em seus índices: de 2008 até 2010 foram 7,26 pontos percentuais. Essa queda abrupta provavelmente foi causada pela “Crise Financeira de 2008”, que retirou o poder de compra da população e fortaleceu a queda da inflação. Só no ano de 2011, houve crescimento dos dados da inflação, em 1,59 pontos percentuais.

Gráfico 40 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período de 2008 a 2011



Fonte: QUANDL, (2017).

Os efeitos da “Crise” causaram aumento do desemprego no ano de 2009, partindo de 6,2% para 8,2% na transição de 2008 para 2009. Esse aumento do desemprego correlaciona-se com a diminuição da inflação e com a perda de poder de compra da população. Nos anos seguintes, de 2010 e 2011, o desemprego voltou a cair em relação à força de trabalho total, representando 7,3% em 2010 e 6,5% em 2011.

Nesse momento, o projeto principal de Medvedev foi de diversificar a produção russa por meio da promoção de tecnologias. Pomeranz (2012) descreve que o objetivo dessa ação era de construir uma Rússia independente economicamente dos países ocidentais.

[...] o desenvolvimento sustentável da Rússia deve ser direcionado para a diversificação de sua estrutura econômica, tornando-a menos dependente da exportação dos energéticos – petróleo e gás; III) esta diversificação tem que consistir em sua modernização, de maneira a aumentar sua produtividade e reduzir e/ou eliminar o hiato que separa a Rússia das nações mais desenvolvidas; e IV) a modernização está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento tecnológico e à inovação[...].(POMERANZ, 2012:169)

O cerne do plano não estava em restringir a produção de hidrocarbonetos, mas em aumentar a produtividade de outros setores, criando tecnologias como meio para se tornar um país mais competitivo nas relações econômicas.

Dentro da proposta Neo-eurasiana, o Estado deve manter controle sobre os principais recursos do território. Assim, desde o primeiro mandato de Putin, houve o processo de estatização das empresas de recursos energéticos e minerais. Com isso, o projeto de Medvedev centrou-se em aproveitar as empresas estatais e seus recursos crescentes sobre os altos valores das *commodities*, para a promoção e o aproveitamento de tecnologias em maiores setores da economia, embora não possa ser observada nenhuma alteração significativa nos dados econômicos, principalmente pela ocorrência da “Crise Financeira de 2008”.

2.5. Terceiro Mandato de Putin (2012 – 2015)

Com a possibilidade de novamente ser presidente, Vladimir Putin apresentou sua candidatura e Medvedev se absteve da eleição, resignando-se ao cargo de Primeiro-Ministro, em caso de vitória de Putin.

Putin continuou com projeto de desenvolvimento econômico pautado nas premissas Neo-eurasianas, aplicando-as com base em sua interpretação do ambiente mundial. Também se manteve o foco na diversificação produtiva da economia, por intermédio do desenvolvimento de tecnologias próprias à Rússia.

Freire (2013) apresenta uma sintética análise do discurso de Putin, em sua posse como Presidente:

[...] O orgulho nacional e a relevância do reconhecimento da Rússia como grande potência no sistema internacional a continuar a sublinhar o discurso político na Rússia. Uma forma de nacionalismo agregador assente na recuperação do prestígio e grandeza imperial. Adicionou ainda, no dia da tomada de posse que o futuro depende do presente, e das capacidades reais para a Rússia se desenvolver a vários níveis, referindo as dimensões econômica, política e social, e incluindo na mesma frase uma referência explícita à “capacidade para sermos líderes e centro de gravidade na Eurásia”. A ligação entre política interna e política externa a revelar-se de forma clara e a traduzir-se acentuadamente na importância que o antigo espaço soviético continua a ocupar nas políticas russas. (FREIRE, 2013:10, tradução nossa).

Nessa linha, Freire (2013) aponta que o projeto geopolítico de Putin é de elevar a Rússia ao nível de prestígio da época imperial por meio do desenvolvimento das esferas econômicas, sociais e políticas – indiretamente, uma referência à proposta Neo-eurasiana.

Tabela 10 - Os principais produtos de exportação russa de 2012 a 2015 em bilhões de dólares

Produtos	2012		2013		2014		2015	
	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Alumínio bruto	6.66	1,4%	6.53	1,3%	7.64	1,7%	7.02	2,2%
Carvão	14	2,9%	12.8	2,5%	12.7	2,8%	10.4	3,3%
Diamantes	4.67	0,97%	5.46	1,1%	5.66	1,3%	4.22	1,3%
Ferro semi-processado	7.19	1,5%	5.36	1,3%	7.2	1,6%	5.27	1,7%
Gás Natural	44.1	9,2%	70.7	14%	35.9	8%	25.4	8%
Madeira Serrada	-	-	-	-	3.8	0,84%	-	-
Minerais mistos ou fertilizantes químicos	4.27	0,89%	3.93	0,78%	-	-	3.48	1,1%
Níquel bruto	-	-	-	-	-	-	4.59	1,4%
Ouro	5.85	1,2%	5.73	1,1%	3.86	0,86%	-	-
Petróleo Cru	185	38%	179	35%	156	35%	90.1	28%
Petróleo Refinado	77.2	16%	87	17%	88.3	20%	57.5	18%
Trigo	6.23	1,3%	3.95	0,78%	7.04	1,6%	4.24	1,3%
Total da Exportação	480	-	507	-	450	-	317	-

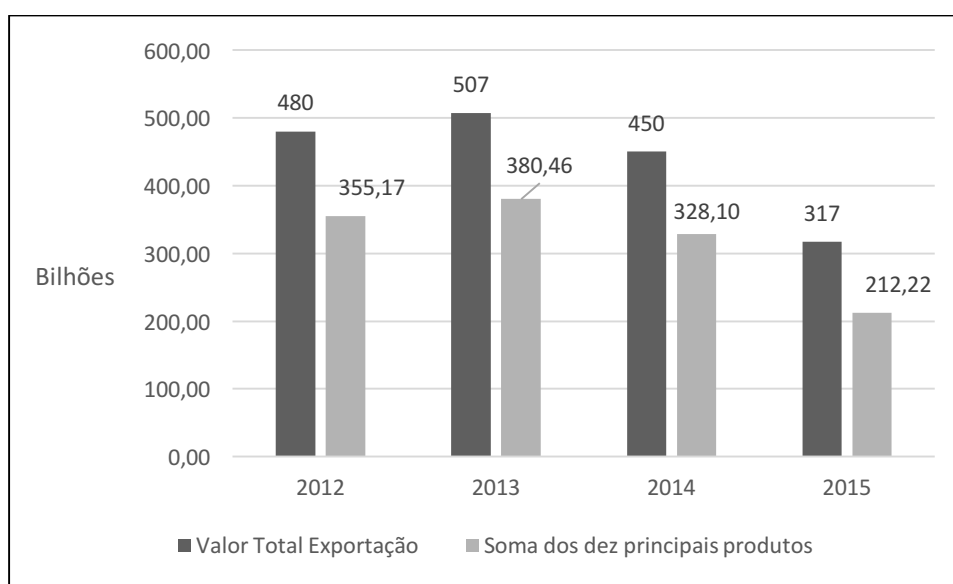
Fonte: OEC, (2018).

A Tabela 10, com os artigos exportados desde o primeiro governo de Putin, mostra que a exportação se manteve sustentada pelas *commodities*, principalmente hidrocarbonetos. O petróleo e o gás natural dominaram, com a cifra de 63% do total no ano de 2012; em 2013, foram 66% do total; em 2014, eram 63%; e em 2015, diminuíram para 54%. Sempre apresentando forte dependência desses produtos.

Com isso, é possível afirmar que, de modo geral, os valores dos produtos apresentaram diminuição. Em contrapartida, a representatividade nas porcentagens

do total houve aumento, principalmente a partir do ano de 2013. Isso se deve, primeiramente, pelas sanções econômicas e políticas que a Rússia recebeu dos Estados Unidos e da União Europeia; em segundo lugar, pela baixa dos preços dos hidrocarbonetos e das matérias-primas no mercado internacional, além do fato de que sanções foram aplicadas após a anexação da Crimeia.

Gráfico 41 - Valor total das exportações russas e a soma dos principais produtos de 2012 a 2015 em bilhões de dólares

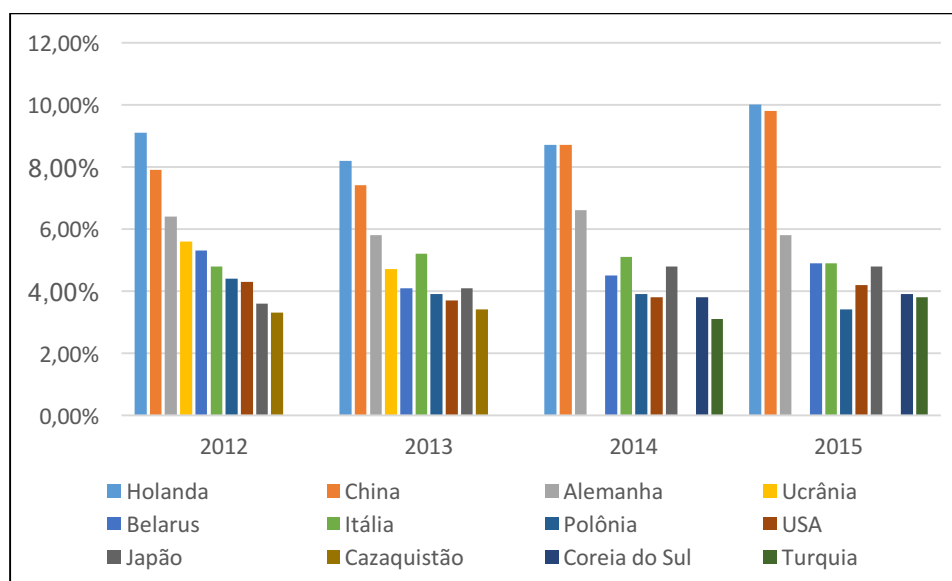


Fonte: OEC, (2018).

Os valores de exportação continuaram crescendo até 2013. De 2012 para 2013, o aumento foi de 5,6%; contudo, de 2013 para 2014, os valores caíram 11,2% e continuaram caindo, de 2014 para 2015, em 29,5%. Comparando o valor da exportação de 2012 para o valor de 2015, a queda foi de 33% - uma considerável queda dos valores totais causada pelas sanções econômicas.

Comparando os dez principais produtos com os valores totais, em 2012, esses equivaleram a 73,9% das exportações; em 2013, o valor foi de 75%; em 2014, foi de 72,9%; e em 2015, foi de 66,9%. Ou seja, essa situação de sanções econômicas bloqueou as compras de produtos russos, e a baixa dos valores das *commodities* expandiram a sua produção como forma de compensação de valores, acarretando a concentração desses na exportação.

Gráfico 42 - Principais destinos da exportação no período de 2012 a 2015



Fonte: OEC, (2017).

Os países europeus como Holanda, Alemanha e Itália representaram em torno de 19% da exportação russa. A Holanda, como relatado anteriormente, é um caso diferenciado, pois o porto de Roterdã era utilizado como principal entrada dos produtos russos na Europa, ou seja, esse não era seu destino final. Assim, em contexto geral, é possível afirmar que a Europa era o principal destino das exportações russas.

Quanto aos países ex-membros da União Soviética e aliados (Ucrânia, Belarus, Polônia e Cazaquistão), esses mantiveram, em média, 15% das exportações russas até 2013. A partir desse ano, com o agravamento das relações com a Ucrânia e com a anexação da Crimeia, a Ucrânia não fez mais parte dos principais países compradores de produtos russos, de forma que a representatividade desses países caiu para 7%. Além disso, o Cazaquistão também não estava entre os principais compradores da Rússia a partir de 2014.

A China, desde o ano de 2012, estava em segundo lugar no destino das exportações, apresentando crescimento constante em todo seu histórico. Já os Estados Unidos, como principal responsável às sanções, pouco oscilou em sua representação no quadro geral. De maneira geral, pode-se inferir que se alterou o cenário apenas para Ucrânia e o Cazaquistão, parceiros comerciais antigos ao período soviético.

Tabela 11 - Os principais produtos de importação russa de 2012 a 2015 em bilhões de dólares

Produtos	2012		2013		2014		2015	
	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total	USD	% do total
Aviões, Helicópteros e/ou Espaçonaves	3.46	1,1%	4.48	1,4%	7.43	2,5%	3.45	1,9%
Caminhões de entrega	4.58	1,4%	3.39	1%	-	-	-	-
Carroceria de veículos	-	-	2.93	0,9%	-	-	-	-
Carros	23.7	7,3%	20.5	6,3%	15.7	5,3%	7.73	4,2%
Computadores	7.22	2,2%	6.11	1,9%	5.75	1,9%	4.05	2,2%
Equipamento de radiodifusão	4.27	1,3%	4.61	1,4%	4.48	1,5%	3.01	1,6%
Grandes veículos de construção	3.7	1,1%	3.01	0,93%	-	-	-	-
Maquinário de aquecimento	-	-	-	-	2.44	0,83%	1.49	0,8%
Máquinas com funções individuais	-	-	-	-	-	-	1.55	0,8%
Medicamentos	10.9	3,4%	11.6	3,6%	10.2	3,4%	7.01	3,8%
Parte de veículos	10.3	3,2%	11.1	3,4%	9.47	3,2%	5.05	2,7%
Petróleo Refinado	-	-	-	-	2.41	0,81%	-	-
Telefones	3.57	1,1%	3.09	0,95%	3.46	1,2%	2.71	1,5%
Tratores	3.49	1,1%	-	-	-	-	-	-
Válvulas	-	-	-	-	2.37	0,8%	1.68	0,9%
Total da Importação	324	-	325	-	295	-	185	-

Fonte: OEC, (2018).

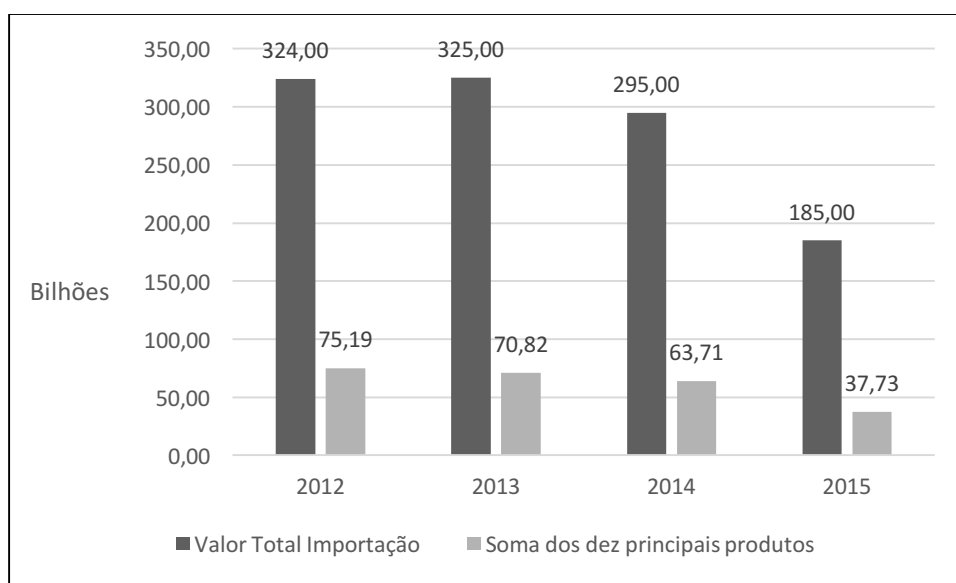
Com relação aos tipos de artigos importados, os destaques se mantiveram nos “Carros”, “Medicamentos”, “Aparelhos de radiodifusão” e “Partes de veículos”, sempre

os mais adquiridos pela Rússia. Os “Computadores” retomam presença dentre os principais produtos importados.

As representações totais dos produtos na pauta são baixas, oscilando de 7,3% a 0,8%, não apresentando grande foco em um produto, como se observa na exportação.

Podemos observar a diminuição gradual dos valores dos produtos importados, sendo esse decréscimo motivado pelas sanções econômicas pós anexação da Crimeia. Erroneamente, Putin, em sua entrevista com Oliver Stone, disse que as sanções não apresentaram um efeito tão negativo, e destacou que esse momento era oportuno ao processo de substituição de importação (STONE, 2017), embora a realidade apresentada pelos dados mostrasse o oposto do afirmado.

Gráfico 43 - Valor total das importações russas e a soma dos principais produtos de 2012 a 2015 em bilhões de dólares



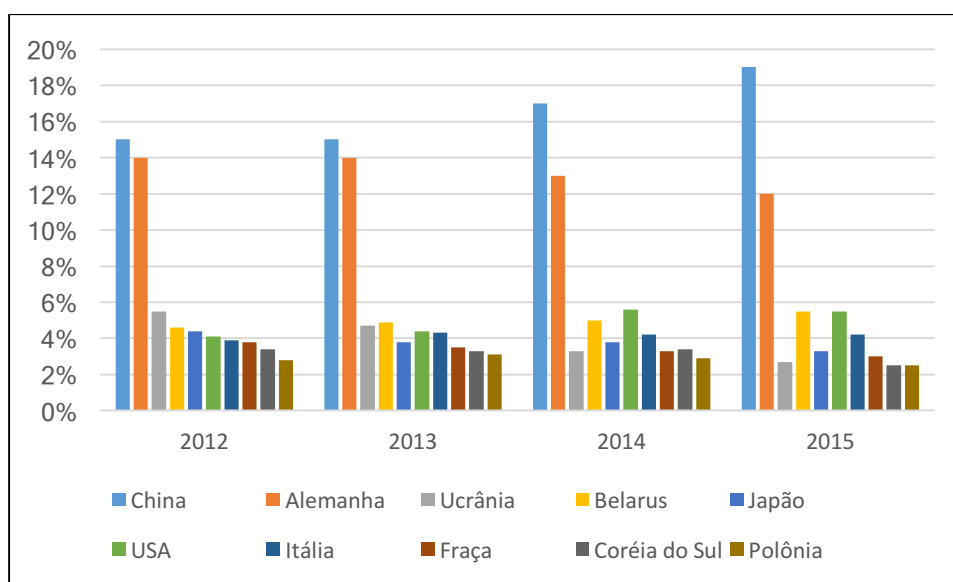
Fonte: OEC, (2017).

No Gráfico 43, nota-se a afirmação de fortes impactos negativos na economia russa após sanções econômicas. Em porcentagens, do ano de 2012 para 2013 o crescimento foi de 0,3%; de 2013 para 2014, esse número decaiu 9,2% do valor total; de 2014 para 2015, a queda foi maior, 37,2%. De maneira geral, de 2012 para 2015, a queda do valor de importação foi de 42,9%, representando uma perda considerável de valores.

Os valores totais dos dez principais produtos importados no ano de 2012 representaram, em comparação com o total, 23,2% das exportações, mantendo as referências dos períodos passados. Em 2013, foi de 21,7%, com uma pequena diminuição na proporção; no ano de 2014, a porcentagem era de 21,5%; e em 2015, a representação no total importado foi de 20,3%. Sendo assim, nota-se uma constante queda na representação desses artigos mais importados durante o período analisado.

As sanções econômicas obtiveram sucesso em sua meta de bloquear o crescimento econômico russo, principalmente com relação à compra de produtos no mercado internacional.

Gráfico 44 - Principais origens de importação no período de 2012 a 2015



Fonte: OEC, (2017).

A partir de 2012, o principal parceiro russo na importação tornou-se a China, chegando a representar 19% das importações russas no ano de 2015. A Alemanha, que por muitos anos foi a principal origem dos produtos comprados pela Rússia, veio decaindo ao longo desses quatro anos, mas manteve-se como forte parceira, representando entre 14% a 12% das importações. Isto é, China e Alemanha juntas correspondiam a 30% das importações, em média.

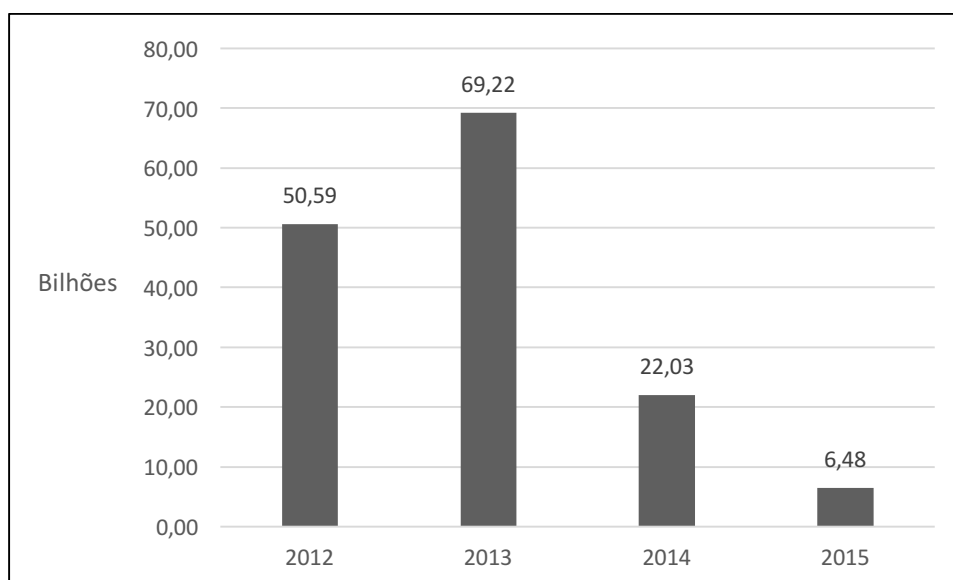
Dois pontos devem ser destacados nesse contexto: primeiro, a Ucrânia mesmo em uma situação de crise de relações com a Rússia se manteve entre as principais origens da importação, de 5,5% a 2,7%; e segundo os Estados Unidos, mesmo

aplicando sanções, apresentou crescimento de representatividade nas importações russas.

Ao longo desses quatro anos (2012, 2013, 2014 e 2015) tornaram-se destaque dentre os principais destinos da importação russa: China, Alemanha, Belarus e Estados Unidos; esses últimos, com significativa presença dentre os países, representando 51% das importações em 2015.

Apesar das sanções econômicas, a Alemanha, os Estados Unidos, a Itália e a França, continuaram a se destacar dentre os principais parceiros russos, com relação às origens da importação.

Gráfico 45 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros na Rússia de 2012 a 2015 em bilhões de dólares

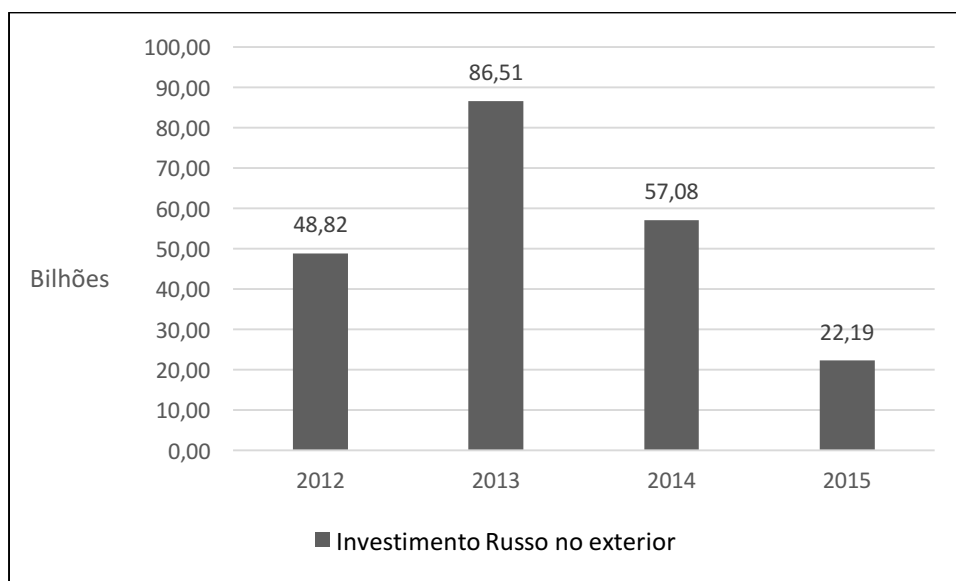


Fonte WORLDBANK, (2018).

No Gráfico 45, entre os investimentos estrangeiros recebidos pela Rússia, observamos que até o ano de 2013 houve crescimento, entretanto, com a aplicação das sanções, essa situação se modificou. Os valores caíram para 31% do valor entre os anos de 2013 e 2014. O ano de 2015 apresentou uma queda ainda maior, somente 9,3% do valor de 2013 foi investido na Rússia. As sanções impostas à Rússia cortaram grande parte dos investimentos ao país.

Havendo a intenção econômica de atrair investimentos para promover o desenvolvimento econômico, as sanções foram efetivas para impedir esse processo de desenvolvimento baseado na arrecadação de investidores ao país.

Gráfico 46 - Valor dos Investimentos Diretos Estrangeiros realizado pela Rússia de 2012 a 2015 em bilhões de dólares

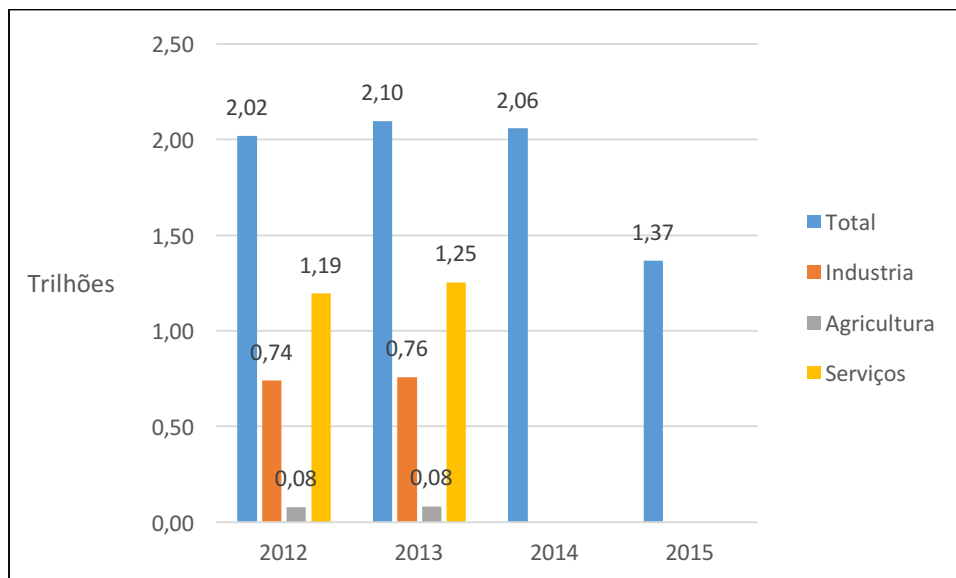


Fonte WORLD BANK, (2017).

Outrora crescente, o investimento realizado pela Rússia também apresentou declínio a partir do ano de 2014, decaindo cerca de 25% do valor total de 2013, ano de maior valor de investimento realizado pela Rússia.

Nesse ponto, pode-se considerar duas coisas – primeiramente, as sanções impossibilitaram a entrada de investimentos nos países que aderiram à imposição das sanções organizadas pelos Estados Unidos, impedindo entrada de recursos e o resgate dos investimentos; além disso, a retração econômica gerada pelas sanções resultou em incertezas de recuperação dos investimentos.

Gráfico 47 - Variação do PIB total russo nos anos de 2012 a 2015 em trilhões de dólares



Fonte: WORLDBANK, (2017).

Os dados do Gráfico 47 demonstram que o Produto Interno Bruto, até o ano de 2013, apresentou a segmentação por setor econômico (indústria, agricultura e serviços). É necessário ressaltar que, posterior a esse período, não há dados comparativos, portanto, podemos, somente, analisar os dois primeiros anos (2012 e 2013).

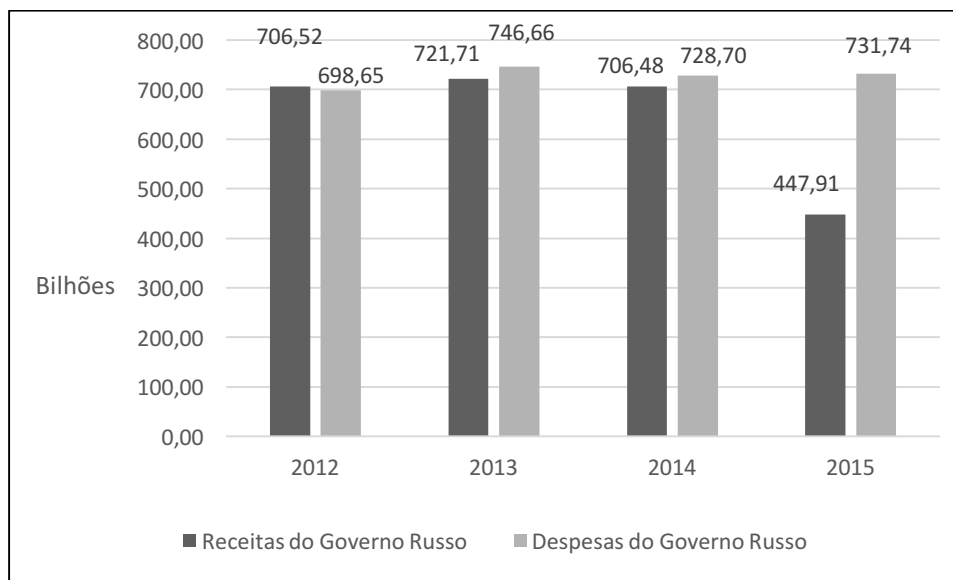
Os valores totais apresentaram um pequeno crescimento do PIB, referente a 3,9%, de um ano para o outro. Nesse contexto, o ano de 2012 foi o marco de quando se alcançou um valor superior a 2,1 trilhões de dólares. A partir de 2014, o PIB russo apresentou queda de valores, 1,9% em comparação com o ano anterior, sendo que, em 2015, o valor do PIB foi menor que 2 trilhões, com um decréscimo de 33,4% comparado com o ano de 2014.

Infere-se que os fatores dessa diminuição de valores são dois, já relatados: as sanções econômicas à Rússia, que restringiram o comércio, e o escoamento da produção. Além disso, esse fato também pode estar relacionado à queda dos preços das *commodities* especialmente dos hidrocarbonetos, principal produto russo.

Em relação aos principais setores responsáveis pelo PIB nos anos de 2012 e 2013, pode-se depreender que a indústria, em 2012, contribuiu com 36,6% do PIB; a agricultura, com 3,8%; e os serviços, com 58,9%. No ano de 2013, a indústria representou 36,1% do total; a agricultura, 3,8%; e os serviços contribuíram com

59,5%. No geral, houve pouca diferença, destaca-se somente que, de 2012 para 2013, a indústria retraiu e os serviços cresceram.

Gráfico 48 - Receitas e despesas do governo russo nos anos de 2012 a 2015 em bilhões de dólares

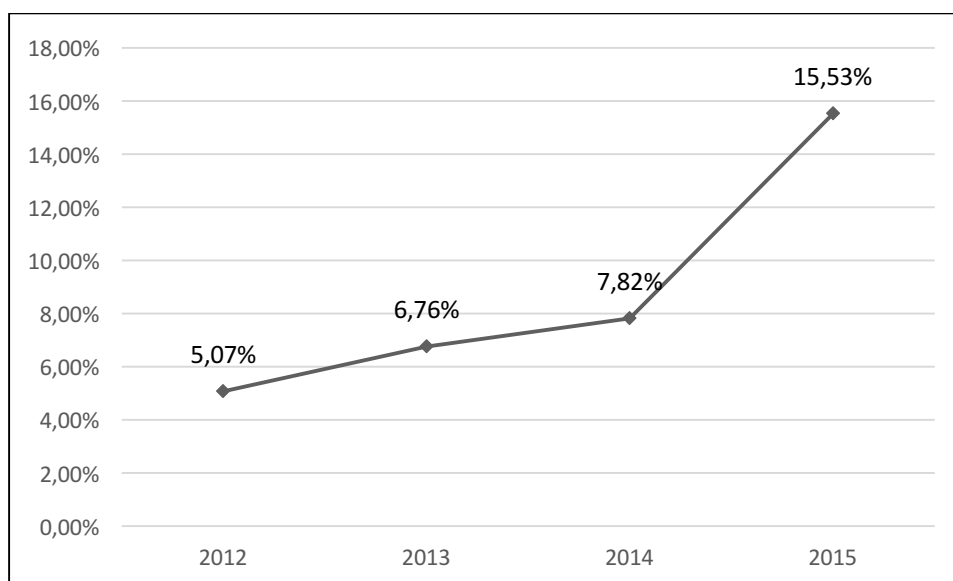


Fonte: WORLDBANK, (2017).

As receitas e despesas desse quadriênio do governo Putin somente apresentam superávit até o ano de 2012, com valores de 7,87 bilhões de dólares. A partir do ano de 2013, o governo russo tornou-se deficitário em suas contas, com um montante de 24,95 bilhões de dólares. Em 2014, ano de início das sanções, o *déficit* foi de 22,22 bilhões. No ano de 2015, a disparidade entre a arrecadação e os gastos foram os maiores – 283,83 bilhões de dólares.

Com efeito, a capacidade de arrecadação do governo russo foi severamente afetada pela combinação das sanções econômicas e da queda dos valores das *commodities*. Nesse período, as receitas decaíram, as despesas, de modo geral, aumentaram e não houve cortes orçamentários significativos para diminuir o impacto. As reservas russas que foram destinadas a esses momentos serviram para suprir os valores deficitários e para amenizar ao máximo os impactos à sociedade.

Gráfico 49 - Inflação russa sobre os preços médios ao consumidor de 2012 a 2015



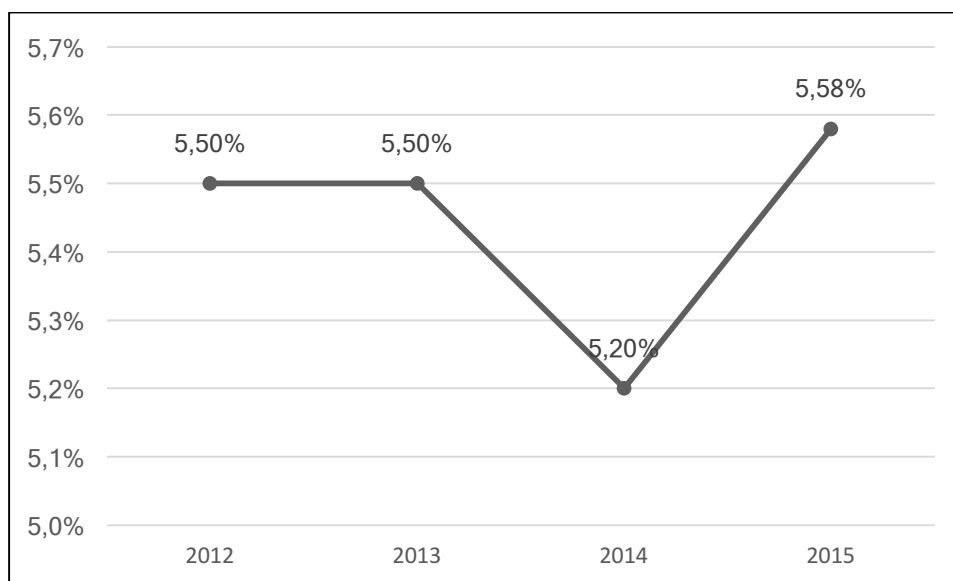
Fonte: QUANDL, (2017).

Do ano de 2012 para o ano de 2013, a inflação subiu 1,69%, apresentando, em 2013, 6,76% de inflação ao ano sobre a média de preços. De 2013 para 2014, a inflação subiu 0,56%; e de 2014 para 2015, o crescimento da inflação foi maior ainda, de 7,7%, chegando a 15,53% de inflação ao ano.

A inflação russa, que já apresentava crescimento desde 2011, último ano de mandato de Medvedev, manteve esse avanço em todos os anos do governo de Putin, embora esse aumento tenha sido significativamente pequeno até 2014, quando comparando com a situação que apresentou no ano de 2015.

Em média, ao longo desses quatro anos, os preços médios subiram pouco mais de 10%, número altamente significativo, considerando o longo período de aplicação de políticas voltadas à estabilização da inflação, concomitante ao aumento da produtividade econômica.

Gráfico 50 - Desemprego em relação ao total da força de trabalho no período 2012 a 2015



Fonte: QUANDL, (2017).

O desemprego nesse quadriênio (2012-2015) manteve-se na faixa dos 5% do total da força laboral. Os dois primeiros anos do governo de Putin se manteve constante (5,5%), tendo apenas uma caída no ano de 2014 (5,2%) e um crescimento no ano de 2015 (5,58%). Conclui-se que, em geral, o desemprego sofreu pouco crescimento, embora se relacionarmos isso com as sanções econômicas, seja possível afirmar que, até esse período, a economia não apresentou fortes impactos.

Em um contexto geral, economicamente, a Rússia continua dependente da exportação de recursos primários de pouco valor agregado, as *commodities*, o que a torna vulnerável às oscilações, pois seus preços são lastreados internacionalmente.

A pauta importadora continua voltada ao consumo popular e com alguns produtos do sistema produtivo que, em geral, têm maior valor e tecnologia agregados. Dessa forma, fica claro que a grande lógica da potencialidade de recursos foi explorada e mantida como forma de trazer divisas. Nesse sentido, o comércio manteve a balança positiva a custo dessa grande vantagem em recursos primários do território russo.

O grande projeto de Putin baseou-se em tornar a economia russa mais complexa e menos dependente dos recursos primários, mas seu terceiro mandato foi marcado por um processo político de anexação territorial e uma subsequente

escalada de conflito indireto (BEAUFRE, 1998) com a Ucrânia, Estados Unidos e União Europeia, acarretando ações que sancionariam a relação entre esses países.

A intencionalidade das sanções era a de apertar a economia russa, com o bloqueio comercial (não total), restringindo investimentos e bens de pessoas chave, ligadas ao governo. Além disso, a queda do preço do petróleo, advinda do uso das reservas de xisto dos Estados Unidos, e a manutenção das cotas produtivas pela Arábia Saudita, impactaram também na estrutura econômica russa (KLARE, 2016).

2.6. Neo-urasianismo para a Economia Russa

No contexto geral do projeto econômico de Putin, observamos dois pontos essenciais: primeiro, as diretrizes advindas da Teoria Neo-urasiana; e segundo o crescimento econômico, com base na diversificação produtiva. Sendo que o segundo, por essência, deve condizer com o primeiro. Por meio das Palavras de Luís (2018), podemos, em síntese, caracterizar que o caminho percorrido por Putin desde seu primeiro mandato foi de reformulação da Rússia.

Desde os anos 2000, com a ascensão de Putin, o percurso da Rússia é claramente um percurso de reemergência do declínio econômico dos anos noventa e de rearmação da ideologia russa. [...]

[...]A centralização econômica, política e institucional levada a cabo por Putin, permitiu a recuperação e o crescimento econômico. Juntamente com a alta dos preços do petróleo, a Rússia entrou num contexto muito mais favorável que permitiu a recuperação da produção.

Com a reversão do contexto de decadência e a estabilização política e econômica, a política externa russa foi reformulada com o objetivo de recuperar a influência internacional do país. Tornou-se mais autônoma e mais assertiva, e passou a gerar atritos com outros estados, como na situação de oposição de Moscou à Guerra do Iraque, em 2003, na ameaça de suspensão do fornecimento de gás natural russo à Europa durante parte dos anos 2000, na atuação do país na chamada Guerra de Agosto contra a Geórgia em 2008, na situação de conflito com a Ucrânia e na atual campanha na Síria.

O interesse de Putin centrou-se nas questões internas, em consolidar o crescimento da economia e em centralizar o seu próprio poder interno, removendo outros centros de poder que não o seu. (LUÍS, 2018:107-108).

Luís (2018) descreve o crescimento econômico russo, afirmando que esse só se realizou por meio do processo de centralização econômica e política adotado por Putin. Ou seja, a esfera da economia se submeteu aos interesses do Estado, e somente por essa via, a economia russa se recuperou e cresceu. De fato, observamos

o forte crescimento da econômica russa, principalmente baseada nos hidrocarbonetos. Como dito por MacFarlane (2006), Putin reconhece as deficiências russas internas e externas para assim promover sua superação e estabelecer-se como potência.

Também, a centralidade do Estado na esfera econômica foi condizente com as premissas Neo-eurasianas, como já referido por Dugin (2012; 2014b), colocando, principalmente, sob controle do Estado, os principais recursos do território russo – os hidrocarbonetos (petróleo e gás natural) e os minerais –, constituindo as condições para um crescimento endógeno russo. Contudo, Putin, não rompeu com o sistema neoliberal que dominava a economia mundial.

A questão é que, apesar de Putin claramente reerguer a Rússia como uma potência imperial, não podemos tratá-lo como um revolucionário. Ele recolocou a pauta eurásia de volta na agenda russa e tem fomentado o ressurgimento de um sentimento nacionalista entre os russos. Mas por outro lado, ele não empreende esforços para realizar qualquer rompimento com o sistema internacional e seus componentes. Putin demonstra não ter interesse em confrontar o ocidente diretamente, o que ficou evidenciado com adesão da Rússia à OMC em 2012 após 18 anos de negociações. A entrada da Rússia neste organismo multilateral de comércio é considerada uma vitória do livre comércio e um ato que encerra capítulo 'econômico' da Guerra Fria. [...] (REIS, 2005:91)

Podemos compreender que a via de Putin foi dúbia, como também era a própria proposta Neo-eurasiana. Essa se remete à economia sob o controle do Estado, fluida a partir da organicidade da *Kultur*, como uma forma particular de livre comércio.

[...] A questão posta se torna um paradoxo. Por um lado, Putin reergue a geopolítica russa no sentido eurasiático, pensando tanto nos aspectos de influência geográfica quanto nos aspectos da preservação dos valores tradicionais russos (como na questão da Lei que proíbe a propaganda homossexual para menores de idade), e pelo outro não realiza esforços para romper com o sistema financeiro-político internacional, que é por natureza derivado dos valores do atlantismo. O que essa mescla produz no final das contas é mais poder para Putin, que recebe apoio de quase todas as esferas do pensamento político na Rússia, desde nacionalistas, comunistas, fascistas, ortodoxos e até o apoio público de Gorbachev com relação a reintegração da Crimeia. Apesar disto, se levarmos em consideração o paradigma Realista, podemos entender o sistema internacional e suas instituições como paralelas aos estados, o que nos remeteria a interpretar a participação da Rússia na esfera das instituições internacionais e na OMC como uma mera forma de obter vantagens, não necessariamente com a aceitação dos valores do sistema. A "modernização sem ocidentalização". (REIS, 2005:92).

A proposta Neo-eurasiana não era retomar os moldes socialista soviéticos, cometendo o mesmo erro do passado, e impondo ao Estado a necessidade de controlar todas as particularidades da economia (DUGIN, 2014b). Sua intenção era promover uma via livre aos moldes da *Kultur*, que não superasse a entidade do Estado.

Com Putin, podemos ver um aspecto que vai além dos dizeres Neo-eurasianos, baseando-se em características do neoliberalismo para promover a própria economia russa e trazendo investimentos externos, que as empresas estatais utilizam para avançar na criação de novas tecnologias. Estratégia de uso das forças neoliberais que foi o principal motivo que desagradou Dugin e os Neo-eurasianistas mais extremados.

Na postura de não romper com as estruturas neoliberais, Putin, promoveu a confiança tanto no mercado, nos governos mundiais e nos partidos políticos russos de cunho liberal. Inclusive, conseguiu atingir o objetivo de não gerar conflitos desnecessários internos e externos ao Estado russo, além de financiar o projeto desenvolvimentista russo.

Por isso, Dugin relata que Putin não percorreu totalmente as linhas Neo-eurasianas:

Se o rumo de Putin foi sustentado no seu conjunto num espírito telurocrático, e esta é a característica mais substancial do seu governo, nos detalhes ele atuou pragmaticamente por vezes e afastou-se um bocado da principal linha de força da sua própria política (DUGIN, 2014:123-124).

O próprio Putin descreve sua interpretação com relação ao planejamento econômico:

Sem dúvida, há dificuldades, que consistem, acima de tudo, do fato de que precisamos de preços mais altos do petróleo. É muito difícil estimular os atores econômicos a investir em novos setores que são menos lucrativos do que o setor de óleo e gás. É do que a estrutura de nossa economia dependeu. Nossos esforços tiveram o objetivo de mudar a estrutura mediante meios administrativos e financeiros. Estamos colhendo alguns frutos, mas não o suficiente para mudar a estrutura em si. Nesse momento, os preços do petróleo e do gás caíram de mais de 100 dólares para menos de 30. Ou seja, mais de três vezes. Por um lado, é difícil conseguir a receita do Orçamento. Mas, por outro, cria estímulos para desenvolver a manufatura e a agricultura. É o que estamos fazendo. Em termos de preços, o preço menor do petróleo prejudica o poder aquisitivo da população. Isso também se reflete em certos setores, como, por exemplo, fabricação de máquinas, fabricação de carros, construção civil e diversas outras atividades. Porém ao mesmo tempo, força os atores econômicos a investir em outros setores, e é isso o que estamos procurando apoiar.

Por esse motivo, nossa atitude principal é tentar assegurar os investimentos. Apoiamos certos setores, que vêm passando por dificuldades, como por exemplo, construção civil e fabricação de carros. Contudo, separadamente, também estamos tentando realizar a assim chamada substituição de importação [...] (STONE, 2017:152).

Em linhas gerais, o plano de Putin era utilizar os recursos obtidos com o petróleo e gás para reinvestir em setores menos desenvolvidos e quando os preços desses produtos não estavam altos, utilizava aos investimentos estrangeiros para promover a substituição de importação. Com isso, podemos observar mudanças na pauta importadora russa, que mudou substancialmente ao longo de 20 anos, embora não tenha logrado, ainda, promover grandes substituições de importação.

Putin reconheceu que somente por meio do sistema neoliberal, já estruturado mundialmente, era possível captar recursos para a promoção do desenvolvimento econômico russo, não havendo uma alternativa totalmente Neo-eurasiana para esse fim.

O persistente problema da economia russa foi a substituição de importação, que Putin relata como ponto essencial para o desenvolvimento russo:

[...] “Essa estratégia não busca eliminar as importações, mas sim criar condição para a fabricação de produtos de alta tecnologia no país. No passado, podíamos comprar qualquer coisa usando o dinheiro do petróleo. Mas isso estava solapando o estímulo para o desenvolvimento interno. Nesse momento, o governo vem procurando apoiar os setores de alta tecnologia, para ajudar nas atividades tanto de defesa como relativas ao cidadão. Devo dizer que estamos alcançando sucesso nesse aspecto. Na agricultura, como respostas às ações de nossos parceiros, introduzimos certas restrições e privilegiamos nosso mercado interno para produtores russos. Porém, em relação aos setores de alta tecnologia, nossos parceiros introduziram restrições em suas exportações. Assim, eles nos estimularam a criar processos de fabricação similares no país. E temos alcançado sucesso nisso, apesar de certa queda do PIB. Conseguimos obter alguns bons indicadores macroeconômicos, que são fundamentos que nos permitem passar que não só estamos saindo da crise como também temos boas perspectivas para o futuro. Basta dar uma olhada. Nosso déficit orçamentário é de apenas 2,4%, embora tivéssemos achado que seria de 4%. Temos um superávit na balança comercial e também em contracorrente. Ou seja, vendemos mais do que compramos, e a balança de pagamentos de nosso orçamento também é muito positiva. Ao mesmo tempo, temos um nível de reservas consideravelmente maior do que antes. São 360 bilhões de dólares. São reservas do Banco Central. O governo também tem à sua disposição dois outros fundos de reserva: 80 bilhões de dólares em um e 70 bilhões de dólares em outro. Temos esses fundos para financiar nosso pequeno déficit orçamentário. Por isso, conseguimos manter a alta qualidade da economia russa: seus fundamentos são

muito bons. E o que é mais importante: agora vemos algum sucesso e progresso – a contribuição do setor agrícola da economia está crescendo.” (STONE, 2017:153).

Mesmo sendo uma questão essencial para a economia russa, não se observa mudanças profundas quanto à substituição de importação russa. Esse projeto estava intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento de tecnologias, algo que se apresentou como um projeto de longo prazo.

No contexto geral, as políticas econômicas de Putin vão ao encontro das premissas do Neo-eurasianismo. Mas sua aplicação teve por base a realidade do sistema econômico e político internacional e a configuração russa dentro dessa ordem. De modo geral, a Rússia cresceu economicamente, criou tecnologias e fortaleceu setores pouco desenvolvidos, mas ainda estava altamente dependente de seus recursos minerais e energéticos.

Portanto, a continuidade dessa investigação nos leva à sua correlação com dimensões políticas e militares. Assim, considerando que o âmbito da economia se materializava de forma Neo-eurasiana, segundo os conceitos de Putin, será que a política internacional e as ações militares se configuram da mesma forma?

3. Política Internacional e Militar da Rússia

A investigação das ações políticas internacionais e militares da Rússia adentra-se na esfera da postura de Putin com a Teoria Neo-eurasiana. Observamos anteriormente que há dois focos geopolíticos induzidos pelo Neo-eurasianismo, a consolidação da Heartland e a promoção de uma Ordem Mundial Multipolar. Também pudemos observar que a aplicação do projeto econômico russo nas diretrizes do Neo-eurasianismo, realizada por Putin, seguiu mais sua interpretação do ambiente, interno e externo, do que ortodoxamente a interpretação linear da Teoria. Portanto, apresentamos dois questionamentos, para essa parte do trabalho: se ao longo de seu governo, Putin apresenta os objetivos geopolíticos da Teoria Neo-eurasiana, e como elas se materializam.

Para concretizarmos esse objetivo, faremos uso de artigos de periódicos jornalísticos como material bibliográfico, afim de compreender as ações geopolíticas de Putin. Assim, construímos um histórico de ações que partem do ano 2000, e

terminam no ano de 2015, mantendo o mesmo período que os dados econômicos, afim de estabelecer a equidade entre os segmentos de nosso trabalho.

Como substrato teórico serão utilizados os artigos do *Le Monde Diplomatique Brasil* e da edição digital do *El País Espanha*. O primeiro apresenta característica acadêmicas, oferecendo profundas reflexões sobre os temas abordados, e o segundo se caracteriza como uma mídia de massa, se apresentando, segundo seus próprios dizeres como uma mídia independente, comprometida com a liberdade e o pluralismo.

[...] principal meio de informação em espanhol. É definido como um jornal independente e de qualidade, com vocação ibero-americana e defensor da democracia pluralista. Nasceu como um jornal de vanguarda, progredindo em seu sentido literal e não político. (EL PAÍS. 2018, tradução nossa).

Essas duas mídias são importantes em seus segmentos, sendo a disparidade de público o fator que proporciona uma rica bibliografia, trazendo à luz vários aspectos das ações de Vladimir Putin na Rússia.

Para análise do material empírico destacado, optou-se pelo procedimento de pesquisa referido por Bardin (2011), como a Análise do Discurso. O qual, segundo a autora, é um procedimento que busca realizar a captura de informações objetivadas, ou seja, absorver o essencial para a pesquisa dentre um conjunto amostral de dados.

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011:47).

Foi necessário, então, transcrever as passagens dos artigos jornalísticos que apontavam as ações da política internacional de Putin e de suas atitudes militares, comparando-as com os objetivos apresentados pela Teoria Neo-eurasiana, assim como meio de comprovar, ou não, se a realidade condizia com a teoria.

Como forma de discernir as duas mídias, colocamos as letras LMD, para o *Le Monde Diplomatique Brasil*, e as EL, para *El País*, no final das citações.

Além disso, selecionamos um período de publicações compatível com os dados econômicos (2000 – 2015), segmentado pelos períodos de governo, de quatro em quatro anos. Entretanto, para fins de conhecimento geral, é necessário lembrar que, a partir de 2012, o mandato presidencial na Rússia foi alterado para seis anos e não mais quatro.

Portanto, por meio dessa via, apresentamos em seguida as ações da política internacional, bem como as ações militares de Putin como meio de responder nossa indagação, se as ações de Putin, nesses âmbitos, se materializam segundo os objetivos Neo-eurasianos de consolidação da *Heartland* e da valorização da Ordem Multipolar.

3.1. Primeiro Governo Putin (2000 – 2003)

O ano 2000 iniciou com Vladimir Putin acumulando os cargos de Presidente da Federação Russa de Primeiro-Ministro, impulsionado pelo Presidente Yeltsin, que saiu do cargo por motivos de saúde, deixando Putin com a acumulação dos cargos. Putin efetivamente só foi eleito para Presidente em 26 de março de 2000 e tomou posse em 7 de maio do mesmo ano.

Na esfera política, Putin, desde sua indicação como Primeiro Ministro, enfrentou um processo de secessão de seu território, que se denominou como Guerra da Chechênia. A Chechênia é uma região de maioria muçulmana, uma das unidades da Federação Russa na qual os grupos separatistas impõem um forte conflito civil como meio de afirmarem sua soberania e independência perante Moscou.

Em um artigo do El País, Ignacio Sotelo esboça, comparativamente, o conflito da Chechênia com a Guerra da Iugoslávia:

A primeira coisa que vem à mente é a semelhança do conflito. A República Federal da Iugoslávia e da Federação Russa, em um território que consideram a sua própria, e isso é reconhecido pelo resto do mundo, são uma população albanokosovares, chechenos com todas as características que distinguem uma nação, mesmo com a religião, em ambos os casos, o muçulmano, diferente do cristão ortodoxo da maioria dominante, sérvio ou russo, que aspiram a estabelecer um estado próprio. Para este fim, grupos guerrilheiros, ambos com ajuda externa, que se auto definem, pomposamente, com o título de exército de libertação, entretanto, Iugoslávia e Rússia chamam, de acordo com as convenções internacionais emergentes, descreve-os como terroristas: queremos dizer com o terrorismo usam da violência para obterem reivindicações políticas. As coincidências continuam com o fato de que tanto a Iugoslávia como a Rússia, ambas em processo de dissolução, estão em uma profunda crise: a Iugoslávia foi cortada de boa parte de seu território, e a Rússia, que sofreu a humilhação do colapso da União Soviética, ainda é ameaçado com mais desintegração.[...] (SOTELO, 2000, s.p., tradução nossa - EP).

O período de dissolução do bloco socialista, iniciado em 1989 com a queda do Muro de Berlin, foi traumático para a base dos Estados Nacionais. Desse momento

de fragilidade, a antiga estratégia de Spykman (2017), cercamento da *Heartland*, foi ampliada, promovendo maiores solapamentos nas bases da soberania dos antigos países. O caso russo, como o da Iugoslávia, foi essa deterioração dos lastros e a promoção dos nacionalismos. Sotelo (2000) ainda continua sua explanação com as relações entre os conflitos:

Para parar este processo, ambos os Estados reagiram com a maior força, recorrendo à sua superioridade militar para destruir um guerrilheiro que, submerso entre o seu povo, é na verdade a aniquilação do povo rebelde. O que aconteceu no Kosovo e o que está acontecendo na Chechênia, é um genocídio claro, mas isso não impede que, considerando-se que haveria uma maneira menos dolorosa que possa erradicar o terrorismo e manter a soberania sobre todo o território, de modo a que os sérvios e russos eles aprovam principalmente. A operação de limpeza de Milosevic no Kosovo teve o apoio da população sérvia, como os russos apoiam Putin na Chechênia hoje, a tal ponto que a guerra adquire um sentido adicional de operação política para consolidar seu prestígio. Milosevic permanece no poder e Putin pode vencer a eleição presidencial, graças ao apoio que eles tiveram e contam seus respectivos esforços para manter a integridade territorial. [...] (SOTELO, 2000, s.p., tradução nossa - EP).

A reação militar russa foi de preservar sua integridade territorial, a efetiva área de sua *Kultur*, o que apontamos com base na visão do povo russo sobre as ações militares de Putin na Chechênia, denominado como um defensor da integridade territorial do povo russo. Contudo, há outros objetivos, mais concretos, na manutenção da região.

[...] Os objetivos da Rússia na Chechênia são claros: parar o processo de desmembramento da Federação, com o pano de fundo do petróleo do Cáucaso. Os objetivos dos Estados Unidos, como senhores da NATO, na intervenção do Kosovo ainda são obscuros, uma vez que ninguém se atreve a falar de direito humanitário para intervenção, esclarecer essa situação é da maior importância, pelo menos para o Europeu (SOTELO, 2000, s.p., tradução nossa - EP).

Portanto, para os russos, o conflito na Chechênia ganhou três características fundamentais: defesa do território pertencente ao *Kultur* russo, impedimento do processo de contenção ocidental ao seu território e subsequentemente a da *Heartland* e, por fim, manutenção da posse dos recursos petrolíferos do Cáucaso, região em que fica a Chechênia.

O conflito checheno, no sentido militar, foi de alta complexidade. A Rússia apresentava superioridade bélica, mas a estratégia de guerrilha dos revoltosos impôs fortes reveses ao longo da guerra. Também dificultou o reestabelecimento de uma

administração no território. De modo geral, o conflito se estendeu a ponto de tomar total atenção política da Rússia. (EI EFECTO..., 2000 – EP; FERNÁNDEZ, 2000a - EP; FERNÁNDEZ, 2000b - EP; LÓPEZ, 2000b – EP).

De alguma parte das montanhas, o presidente checheno Aslan Mashadov diz que essa nova tática "impedirá os russos de estabelecerem seu controle na Chechênia". As emboscadas e bombas contra tropas e autoridades chechenas pró-russas, iniciadas em junho, representam uma mudança de tática dos rebeldes e complicar cada vez mais a tarefa do Kremlin de instalar um governo fantoche na Chechênia. (LA GUERRA SIGUE, 2000, s.p., tradução nossa – EP).

Na Figura 4, podemos observar, espacialmente, a relevância do conflito checheno.

A localidade geográfica da Chechênia se destaca por ser um importante local de passagem para as reservas de petróleo do Mar Cáspio. Atraindo os interesses ocidentais para esse local, sendo motivados pelos recursos. A Geórgia, após tornar-se independente da União Soviética, foi rapidamente cooptada pelos Estado Unidos como aliada. Essa linha de raciocínio do interesse ocidental na independência da Chechênia, se destaca.

Para os russos, a estabilização do conflito checheno, além de impedir o controle ocidental ao petróleo do Cáspio, que escoaria via Geórgia, traria melhor condição de se impor sobre as regiões pró-Rússia da Geórgia, Ossétia do Sul e Abecásia, além das ex-repúblicas soviéticas da Armênia e Azerbaijão, rompendo com a estratégia de contenção de Spykman (2017) aplicada pelos ocidentais nessa região do Cáucaso.

Em uma visão Neo-eurasianista, esse conflito se demonstra essencial para manter o território da *Kultur* russa, os valores referentes à interpretação desse local como território russo, os recursos energéticos e a importância geográfica do local (intrinsecamente relacionados ao conceito de *Heartland*) corroboram a ideia de assegurar o território da *Heartland*.

Figura 4 - Chechênia e as fronteiras do Cáucaso



Fonte: Expressão Liberta, (2009).

No âmbito da política externa, o conflito da Chechênia provocou reação nos países europeus. A União Europeia com a retórica humanitária, impôs sanções nominais à Rússia, demonstrando desagrado às ações militares de Putin.

A União Europeia (UE) decidiu [...] lançar uma série de sanções de baixo impacto contra a Rússia em protesto à sua intervenção militar na Chechênia. Os Ministros dos Negócios Estrangeiros dos Quinze, reunidos em Bruxelas, sublinharam em qualquer caso a necessidade de prosseguir o diálogo político com Moscou no âmbito da estratégia comunitária de favorecer a democratização e o desenvolvimento do país. (ESTERUELAS, 2000a, s.p., tradução nossa - EP).

As sanções contra a Rússia foram somente nominais, a União Europeia intencionou estabelecer maiores relações com Moscou, principalmente pelo suprimento de petróleo e para tornar o leste europeu menos litigioso. Bonet se refere à situação como uma enganação à opinião pública:

Embora o conflito na Chechênia ofusque a relação entre a União Europeia (UE) e a Rússia, o presidente interino deste país, Vladimir Putin, não precisa temer sanções sérias de seus vizinhos ocidentais. Se não há grandes mudanças qualitativas na Guerra do Cáucaso, os arquitetos da política externa de Moscou, Berlim e Bruxelas estão confiantes de que será possível continuar enganando a opinião pública até as eleições em 26 de Março para limpar a nova paisagem do poder na Rússia, se Putin for bem sucedido, a UE e a Rússia terão que redefinir suas relações para acomodar os três novos fatores na

evolução: a política comum externa e segurança da UE (PESC), as consequências do alargamento a leste e a nova política externa do Kremlin . Os dois primeiros fatores são importantes para os russos, que estão confusos sobre os contornos da nova política externa e de segurança. Os europeus, por sua vez, estão perturbados com a possibilidade de uma política russa mais introvertida. (BONET, 2000, s.p., tradução nossa - EP).

Na mentalidade de Putin, isso seria se aproveitar da intenção europeia de estabelecer boas relações com a Rússia, como forma de romper a estratégia de contenção dos Estados Unidos (SPYKMAN, 2017). Essa mentalidade de conflito dicotômico advém de Tucídides, e ganhou fortes dimensões com Mackinder, Spykman e Dugin, pois é a centralidade do conflito entre a talassocracia²⁸ e a telurocracia.

Observamos essa dimensão no fim da União Soviética, com o qual as repúblicas que surgiram, principalmente as balcânicas, foram rapidamente cooptadas para o lado ocidental via Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que se configura como Talassocracias. Essa estratégia é descrita por Pautasso (2014):

Nesse sentido, a contenção e o cordão sanitário representaram não apenas as políticas que nortearam as ações dos EUA antes e durante a Guerra Fria. Mas tais políticas se mantiveram com a desintegração da URSS e o surgimento da Nova Rússia. [...] e as consequentes vulnerabilidades que o novo país eurasiático passou a apresentar, combinado com a opção por uma inserção internacional passiva e alinhada ao Ocidente, acabou por obscurecer a política de contenção. Bastou surgir uma liderança disposta a recolocar a Rússia no centro da política internacional, desafiando iniciativas e impondo resistências aos planos dos EUA e seus aliados, para que a política de contenção ganhasse evidência.

O mais sintomático tensionamento tem ocorrido por conta da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em direção aos países que faziam parte do antigo campo socialista. Após a desintegração da URSS, ao invés de desaparecer, a OTAN se fortaleceu, ampliando a agenda política de atuação, com um discurso de segurança que abarca questões não só militares, mas também políticas e econômico-sociais, e seu escopo geográfico, com a expansão para os Países da Europa Central e do Leste (PECL). A Organização mais que dobrou o número de integrantes: em 1999, ingressaram Hungria, Polônia e República Checa; em 2004, foram incluídas Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia; e em 2009, aderiram Albânia e Croácia. À expansão política e geográfica, esse contexto marcou a primeira intervenção fora do domínio dos países membros (Balcãs), sem que estes estivessem sendo ameaçados e, para completar, ultrapassando o mandato da ONU – que era apenas servir de capacidade aérea adicional. (PAUTASSO, 2014: 75-76)

²⁸ Países orientados ao poder geopolítico do mar. Utilizamos nesse trabalho como sinônimo de neoliberais e atlanticistas.

Na dimensão desse conflito, para Putin, foi uma ótima manobra política aproveitar a intenção europeia de desenvolver relações positivas com Moscou. A um entendimento geral de que a Rússia não estava em uma situação plena, econômica e política, pois sua economia ainda não havia se estabilizado, sofrendo com um conflito interno de altos gastos sociais e materiais (Chechênia), privado de grande parte do tradicional território russo (da *Kultur* russa) pelo desmembramento soviético. Portanto, estabelecer uma zona de paz diplomática e ainda promover relações econômicas favoráveis tornou-se uma escolha lógica. Sendo esse um claro exemplo da não ortodoxia Neo-eurasiana de Putin,

Como forma de demonstrar uma face mais amistosa, Putin internacionalmente declarou uma postura passiva nas relações internacionais.

Moscou parece assumir, pela primeira vez formalmente, sua situação interna crítica e, com isso, a diminuição de seu papel nos assuntos mundiais. Essa é a mensagem que pode ser extraída da nova doutrina sobre política externa estabelecida pelo presidente Putin em seu discurso perante o Parlamento sobre o estado da nação e em uma longa entrevista à mídia internacional transmitida. Dada a confusão que dominou a política externa russa desde a queda do muro, a paisagem que emerge deve ser tomada com toda cautela. Mas seus perfis básicos apresentam pela primeira vez um sinal de esperança do realismo, de situar-se no mundo mais pelo que é do que imagina ser. Anunciando a nova doutrina exterior, primeira revisão aprovada por Yeltsin em 1993, o ministro Igor Ivanov assegura que Moscou está pronta para traçar uma linha entre os anos após o colapso da URSS, com suas pretensões universais, e sua nova atitude focada na recuperação de sua agonizante economia. O Ministro das Relações Exteriores falou em "tornar nossa política mais racional, mais útil no sentido político e econômico". Naturalmente, a Rússia continua a ver-se como uma grande potência com a qual é necessário contar, seja sua plena incorporação ao G-8 ou seu papel na aproximação intercoreana. Mas mais por seu tamanho, sua localização geográfica e os arsenais que tem disponível, independentemente de sua operação, do que por sua projeção atual ou sua capacidade de influenciar decisivamente. Conciliador, Putin afirma que ele ainda vê algum sinal de racionalidade na iniciativa de defesa antimísseis de Clinton, embora, naturalmente, ele se oponha a isso. (¿REALISMO..., 2000, s.p., tradução nossa - EP)

Esse editorial do El País exprime que Putin identifica a melhor maneira de concretizar o crescimento do Estado russo, por meio da convivência dos Estados Unidos e da Europa. Assim, os europeus compreenderam que teriam vantagens sobre o petróleo russo. Entretanto, os Estados Unidos tiveram seus próprios interesses e não retribuíram à retórica passiva de Putin. Ao contrário, intensificaram a estratégia

de contenção, e Washington planejou empreender um escudo antibalístico no entorno territorial russo, rompendo com um tratado de não produção desse material bélico²⁹ (LOPEZ, 2000c; LOPEZ, 2001; ESTERUELAS, 2000b; FERNÁNDEZ, 2001).

A secretária de Estado dos EUA, Madeleine Albright, não conseguiu superar ontem, em Moscou, a oposição russa à sua intenção de revisão do tratado de mísseis balísticos ABM. Seu colega russo, Igor Ivanov, ressaltou que isso seria um grave erro e prejudicaria o delicado equilíbrio no qual o processo de desarmamento é mantido. Albright estava convencido de que as duas superpotências nucleares encontrarão um ponto de entendimento. E Ivanov expressou confiança de que "outras respostas à ameaça potencial de terceiros países" são encontradas. O desejo americano de implantar um sistema antimíssil que impeça ataques de estados suspeitos de terrorismo (uma versão abreviada de Guerra nas estrelas de Ronald Reagan) é o principal obstáculo para avançar no caminho do desarmamento. (LOPEZ, 2000a, s.p., tradução nossa – EP)

Os Estados Unidos almejavam findar com a total possibilidade de um reingresso russo na esfera das superpotências, tornando os armamentos nucleares da Rússia inúteis, por meio do escudo antimísseis, e efetivando a neutralização da mesma. Contudo, essa estratégia, oriunda dos projetos de Spykman (2017), sofreu forte revés com os atentados de 11 de setembro de 2001, sobre o qual Bachkatov descreve a mudança gerada pelos ataques às torres gêmeas do World Trade Center em Nova York.

A crise internacional desencadeada pelos atentados suicidas em 11 de setembro nas cidades de Nova York e Washington mostrou que o presidente russo, Vladimir Putin, nada tem de impulsivo: consciente dos trunfos, assim como das fraquezas de seu país, foi um dos primeiros a apresentar seus pêsames ao presidente norte-americano, George W. Bush, e a se oferecer para colaborar na luta contra o terrorismo internacional. Houve quem concluísse, precipitadamente, que ele daria carta branca à "cruzada" de Washington contra o terrorismo internacional. Isso significa esquecer que a Rússia não tem motivo algum para entrar de cabeça numa aventura da qual sofreria as consequências sem ter o comando da situação. [...] (BACHKATOV, 2001, s.p. - LMD).

Putin, como um dos primeiros a prestar solidariedade aos Estados Unidos, demonstrou sua face colaborativa às intenções antiterroristas de Washington. Uma manobra afirmativa da intenção de provar amizade evitando maiores pressões ao seu território. Bachkatov continua:

²⁹ Tratado que estabeleceu o equilíbrio da potencialidade nuclear dos Estados Unidos E União Soviética, limitando os mísseis interceptadores dos artefatos nucleares e caso de guerra.

Na realidade, Putin percebeu de imediato que o mundo mudou no dia 11 de setembro e que a Rússia precisava se adaptar se quisesse preservar a iniciativa. [...]

No pacote, Moscou oferecia o direito de usar seu espaço aéreo para voos humanitários, mas principalmente informações e a sua experiência do território afegão. Tanto uma coisa quanto a outra levaram-no a recomendar prudência e a privilegiar a ajuda externa, considerada suficiente para que os afegãos se libertassem dos talibãs. Os especialistas russos estão convencidos de que qualquer intervenção externa direta reforçará a união dos afegãos em torno do mulá Omar, podendo, inclusive, levar a Aliança do Norte a se insurgir contra os “intrusos”. Eles recomendam moderação nos meios empregados e sugerem um alerta permanente para as consequências políticas a longo prazo de operações militares que ultrapassem os limites dos alvos visados. Por fim, temem uma reação de solidariedade nos países muçulmanos membros da coalizão, no caso de operações criminosas contra civis. [...] (BACHKATOV, 2001, s.p. - LMD).

A mudança percebida por Putin de que o novo paradigma da segurança mundial se tornou o terrorismo, foi o fator decisivo para estabelecer melhores relações com Washington. Sua postura em propor auxílio aos Estados Unidos, serviram para demonstrar uma face colaborativa ao conflito ocidental. Contudo, Putin ofereceu o auxílio sem comprometer suas relações com os países islâmicos.

Em troca de sua cooperação, a Rússia obteve o apoio político do Ocidente na guerra que trava na Chechênia um gesto importante, pois, em termos de prioridades, a Chechênia vem bem antes do Afeganistão. Os ocidentais reconheceram o papel do fundamentalismo religioso e do terrorismo internacional no conflito da Chechênia; e também prometeram fechar as torneiras financeiras que alimentam os combatentes. Moscou chegou até a se dar ao luxo de fechar um contrato de venda de equipamentos militares com o Irã, certo de que os Estados Unidos optariam pelo silêncio para não quebrar a sacrossanta aliança. Segundo um jornal russo, os equipamentos permitirão à Teerã “controlar de fato os oleodutos do golfo Pérsico”. (BACHKATOV, 2001, s.p. - LMD).

Dessa maneira, Putin assegurou apoio ocidental à sua própria “guerra ao terror”, o conflito checheno, também assegurou a interrupção da expansão da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) sobre suas antigas zoas de influência. Portanto, estabeleceu um ambiente mais propício ao crescimento e ao desenvolvimento russo (ESTERUELAS, 2001a - EP; BONET, 2001a – EP; BONET, 2001b – EP; BONET, 2001c – EP).

Os ataques de 11 de setembro serviram para revolucionar positivamente as relações da Rússia com os Estados Unidos, a UE e a OTAN. Isto é claro desde a visita de Vladimir Putin a Bruxelas. Com os Quinze, o líder russo concordou em promover o diálogo sobre terrorismo e segurança, ganhando dos europeus mais compreensão

em relação à sua política na Chechênia. Com a OTAN, Putin decidiu trabalhar para um relacionamento mais forte em troca de suavizar sua resistência a um novo alargamento da Aliança. A Rússia tornou-se um "parceiro especial e primordial" para a UE e com o qual existe um entendimento comum após a barbárie terrorista, disse ontem o primeiro-ministro belga e presidente em exercício da UE, Guy Verhofstadt. Em termos semelhantes, o Secretário Geral da OTAN, George Robertson, expressou-se na presença de Putin após uma entrevista de mais de uma hora. (ESTERUELAS, 2001b: s.p., tradução nossa – EP).

As críticas de Dugin sobre Putin ser ocidentalista ganharam maior fundamento. Além das medidas econômicas liberais visando o investimento estrangeiro, havia o alinhamento da política internacional na “Guerra ao Terror” dos Estados Unidos.

Para a via Neo-eurasiana essa não seria a postura correta, mas totalmente oposicionista aos talassocráticos ocidentais. Contudo, Putin priorizou um ambiente conciliador que promovesse uma situação política favorável à retomada da estruturação do Estado russo.

O apoio de Putin aos Estados Unidos não se restringiu aos voos humanitários, como dito por Bachkatov (2011), mas também teve que liberar a presença militar de Washington no centro da Eurásia, de certa forma, uma derrota ao processo de unificação da *Heartland*.

Mas a atual guerra alterou a lógica dessa competição estratégica. O comércio do petróleo e os projetos de oleodutos perdem parte da sua importância, enquanto as bases aéreas, os serviços de informações e o poder militar veem a sua aumentar. Além disso, os tradicionais parceiros do Ocidente colocam-lhe problemas sérios. Os Estados Unidos já não podem, por exemplo, contar completamente com Islamabad e Riad, seus aliados de longa data. Embora tanto um quanto o outro deixem ao bel prazer da U.S. Air Force o uso de suas bases aéreas, eles não permitem pelo menos, oficialmente que estas sirvam de trampolim para os aviões que bombardeiam o Afeganistão. Por essa razão, o governo norte-americano teve que negociar com Moscou para ter o direito a realizar operações militares a partir do território do Uzbequistão, um enclave russo. E sua pretensão de combater a milícia talibã tendo a Aliança do Norte como intermediária aumenta a importância logística do Tadjiquistão, retaguarda da coalizão anti-talibã. [...] (CHETERIAN, 2001, s.p. - LMD).

Quando Cheterian (2001) se refere à mudança da lógica estratégica dos Estados Unidos, é com relação ao objetivo do petróleo centro eurasiático. Pois esse teve que ser momentaneamente substituído pelo viés militar de combater os talibãs no Afeganistão, dentro da “Guerra ao Terror”.

A valoração do centro geográfico da *Heartland*, composto pelo Uzbequistão, Cazaquistão, Turcomenistão, Quirquistão e Tadjiquistão, ganhou maior dimensão para os Estados Unidos, nessa situação de conflito com os terroristas islâmicos, que foi além da potencialidade energética com o petróleo, agregando valor militar à região.

Se adentrarmos na estratégia dos Estados Unidos com relação ao centro da eurásia, retomaremos as questões energéticas de Brzezinski (1983), que se referia a essa região como *vital sphere* ao interesse dos Estados Unidos, área de suma importância para a segurança energética. Segundo Moniz Bandeira (2017), seria uma alternativa aos recursos energéticos do Golfo Pérsico. Cheterian (2003) confirma a ideia de Moniz Bandeira:

A chegada das tropas norte-americanas à Geórgia – tão longe do campo de batalha afegão – reacendeu especulações a respeito do grande jogo do petróleo

A importância do petróleo nessa região foi superestimada em meados da década de 90. Os 200 bilhões de barris de reservas repetidamente anunciados por uma fonte norte-americana eram irrealistas e provavelmente refletiam os interesses estratégicos dos Estados Unidos. A queda do preço do petróleo, no final daquela década, e a escassez dos novos recursos petrolíferos no Azerbaijão na região do Mar Cáspio provocaram a partida de inúmeros gigantes do petróleo de Baku. Por outro lado, a descoberta em 1999 de um imenso campo em Kashagan, em território cazaque, reabriu as discussões e o debate sobre a construção do maior oleoduto entre Baku (Azerbaijão) e Ceyhan (Turquia). As tensões crescentes nas relações entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita, além da incerteza da Venezuela e a perspectiva de uma guerra no Iraque, levarão os países ocidentais, entre os quais os Estados Unidos, a buscar novas fontes confiáveis de petróleo pelo mundo afora.

Por isso, a região do Cáspio poderia novamente tornar-se um ponto de interesse para Washington e Moscou. A Rússia tenta aumentar seu poder de negociação com a Europa e os norte-americanos tornando-se a alternativa ao Golfo no fornecimento de petróleo e gás, e se impondo novamente aos seus antigos satélites através do domínio de seus setores energéticos. Mas os Estados Unidos rejeitaram suas tentativas de trocar a dívida de gás da Geórgia, de 90 milhões de dólares, por sua companhia distribuidora de gás. (CHETERIAN, 2003, s.p. - LMD).

A região do Cáspio, no centro da eurásia, tornou-se assim, um ponto de confronto entre Putin e os Estados Unidos. Embora Moscou tivesse liberado, sob restrições, a presença militar na região, o efetivo controle da extração e distribuição estava com os russos.

As Figuras 5 e 6 demonstram a presença dos Estados Unidos no Oriente Médio e Ásia Central, também, o interesse estratégico de ter essa região estabilizada.

Já na Figura 5, observamos a contenção militar que os Estados Unidos impuseram à região petrolífera do Mar Cáspio, de forma direta, cercando o Irã e a Rússia militarmente, uma perfeita demonstração da estratégica de Spykman (2017), da *Rimland*, prendendo a *Heartland*.

Figura 5 - Bases Militares dos Estados Unidos na Ásia Central e Oriente Médio em 2006



Fonte: *Global Research*, (2007)

A presença militar pode ter sido uma primeira etapa do processo de obtenção do petróleo do Cáspio, mas o efetivo objetivo foi a construção do Oleoduto Nabucco, um projeto que visa tornar a Europa e os Estados Unidos menos dependentes dos recursos energéticos advindos do Oriente Médio, que obrigatoriamente tiveram que passar pelo Estreito de Ormuz, ao qual o Irã impõe perigo.

Figura 6 - Oleoduto Nabucco



Fonte: *Nabucco-Pipeline*, (2009).

No projeto Nabucco, a extração do petróleo se dá no Mar Cáspio, mais explicitamente no Azerbaijão, o qual seria levado via Geórgia, passando pela Turquia, Bulgária, Romênia, Hungria e Áustria. Tendo como ponto central de distribuição Viena.

Este projeto foi arrefecido com a “Guerra ao Terror” dos Estados Unidos, principalmente com seu agravamento se materializando na Guerra do Iraque, já que, na perspectiva russa, Putin abriu mão, momentaneamente, de sua influência na antiga área soviética do Cáucaso e da Ásia Central, como forma de ganhar tempo para sua recuperação econômica e política (BACHKATOV, 2002 - LMD).

Entretanto, com a tomada de decisão dos estadunidenses invadirem o Iraque, Putin novamente mostrou suas habilidades políticas e posicionou-se contra tal pretensão, sem configurar-se como um antagonista, mas focando na retórica da Multipolaridade Neo-eurasiana.

A invasão do Iraque em 2003 foi uma quebra de paradigma para a conduta de Putin, pois sua postura foi de se estabelecer contrário às atuações internacionais dos Estados Unidos. O processo de estabilização econômica russa foi o fator que propiciou a firmeza de ação de Moscou, aliando-se politicamente com França, Alemanha e China contra Washington e demonstrando seu projeto na Multipolaridade internacional (LA GORCE, 2003 - LMD).

Os Estados Unidos não previram tal ação oposicionista russa, sobre a qual Karol (2003 – EP) transcreve a perplexidade estadunidense:

Essa atitude dos russos surpreendeu Washington. No início, George W. Bush não levou a sério. A imprensa americana, focada contra a França e a Alemanha, não falava quase da Rússia. Mas os discursos de Igor Ivanov, o ministro russo dos Negócios Estrangeiros, não deixaram dúvidas sobre o veto de Moscou no Conselho de Segurança. O presidente dos Estados Unidos, em seguida, pensou em enviar sua assessora, durona, Condoleezza Rice para forçar a Rússia a retornar ao caminho certo. Mas a viagem teve que ser cancelada porque o Kremlin não demonstrou muito interesse em recebê-la. Então, uma vez que a guerra foi lançada, Bush levantou o tom e acusou os russos de vender armas sofisticadas para o Iraque. Putin negou categoricamente.

O presidente russo mantém sua posição habitual: ele é a favor de um mundo multilateral, governado pelo direito internacional, do qual a ONU deve ser garantidora. Uma posição perfeitamente coerente com a da Alemanha e a da França, por isso não é de surpreender que suas decisões sejam semelhantes. Há apenas uma dúvida, e é a força da Rússia contra uma ofensiva econômica dos Estados Unidos, porque esse país deixou de ser uma potência industrial e vive principalmente da exportação de seus hidrocarbonetos. (KAROL, 2003, s.p., tradução nossa - EP).

Putin afirmou a posição multipolar, como corresponde à via Neo-eurasiana. Ademais, segundo Karol (2003) países como a França e a Alemanha sinalizaram a essa retórica russa, embora esse posicionamento tenha feito com que os Estados Unidos não os vissem mais como submissos aos seus interesses, e aos interesses dos opositores. Dessa maneira Karol (2003) relata uma possível ofensiva econômica à Rússia.

A constatação de Karol (2003) sobre a Multipolaridade vai ao encontro das observações de Pavlov (2000 – LMD):

[...] Diante dessa realidade, a teoria de um mundo multipolar encontrou, em muitos países do mundo, adeptos incomodados por esse comportamento dos Estados Unidos — especialmente as elites políticas da China, França, Índia e Rússia. Esses países avaliam que a adoção de certos aspectos de “multipolaridade” lhes permitiria melhor defender seus interesses nacionais. [...] (PAVLOV, 2000, s.p - LMD)

A Rússia não estava isolada em sua postura Multipolar, havia países que correspondiam a essa visão para as Relações Internacionais. Assim, nesse primeiro mandato podemos observar Putin como uma figura conciliadora (RUTLAND, 2011), aplicando com severidade suas forças militares na Chechênia, como forma de não fragmentar mais o território russo, utilizando do senso russo de apreço à terra, mas

colocando-se submisso às ambições dos Estados Unidos até, efetivamente, apresentar condição de negar subserviência.

O principal fator que Putin apresentou para os russos, foi seu compromisso com a identidade territorial e social, confirmada por Markov (2008):

Quais foram os fatores da eleição de Putin?
Os eleitores não votaram a favor da ‘Chechênia integrada à Rússia’ (antes disso a Rússia perdeu enorme parte de seu território habitado por russos étnicos). Eles apoiaram a decisão de novo líder de acabar de uma vez para sempre com a Chechênia como fonte de ameaça permanente. Foi uma votação em favor da luta dura e irreconciliável contra os inimigos da Rússia, em favor da renúncia à política de compromissos de toda a natureza com eles. (MARKOV, 2008: 29-30)

Nesse primeiro mandato de Putin, observamos um indicativo da centralidade que percorre os objetivos geopolíticos russos, já que tanto o controle da *Heartland*, quanto a Ordem Multipolar, tem por base a valoração do petróleo como recurso.

3.2. Segundo Governo Putin (2004 – 2007)

Outrossim, a centralidade dos hidrocarbonetos (petróleo e gás) se expandiu com o avanço do governo Putin. Essa constatação se aproxima mais das estratégias de Mackinder (1904) e Dugin (2012; 2014a; 2014b), no tocante do uso das potencialidades telúricas da *Heartland*.

De fato, ao que tangencia o projeto de consolidação da *Heartland*, temos a problemática do conflito na Chechênia, levando a uma desestabilização da coesão do território da *Kultur* russa.

Para esse conflito, a Rússia, aplicou uma forte repressão militar, que alguns jornalistas do *El País* e do *Le Monde Diplomatique Brasil* definiram como extermínio da população, embora não tenhamos obtido mais referências se de fato isso foi um extermínio (BONET, 2002b - EP; FERNÁNDEZ, 2002 - EP; EL PAÍS, 2003; EE UU Y RUSIA UNEN, 2004 - EP; ESTERUELAS, 2004 - EP; RADVANYI, 2004 - LMD; RAMONET, 2004 - LMD; NIVAT, 2006 - LMD).

Os diferentes conflitos que dividem a região têm ultrapassado suas fronteiras habituais. Na Tchetchênia, a repressão brutal praticada por Moscou desde a presidência de Boris Yeltsin, com seu cortejo sem fim de pessoas desaparecidas e de “limpeza” étnica de cidades inteiras, vitimando principalmente a população masculina, acabou impelindo alguns grupos tchetchenos a uma espiral de violência extrema. O terror atingiu o auge, no mês passado, com a tomada de reféns em

Beslan, na Ossétia do Norte. O ataque premeditado à escola, onde se encontravam inúmeras crianças e seus professores e pais, e o massacre indiscriminado que se seguiu, durante a ofensiva das forças especiais russas, deixaram um saldo de pelo menos 339 mortos. Em reação a este ato inadmissível, a Rússia anunciou que se considerava autorizada a lançar ataques preventivos contra as bases terroristas fora do seu território, ameaça que ela inclusive já tinha cumprido, na Geórgia, em 2002. (RADVANYI, 2004, s.p. – LMD).

Radvanyi (2004 - LMD) explicita claramente, que a ação militar russa objetivou extinguir qualquer forma de resistência na Chechênia. Forçando os grupos paramilitares a agirem fora dos limites territoriais da república chechena, utilizando a tática do terrorismo ao espalhar constante terror à população.

Os rebeldes chechenos recebem auxílio do ocidente por intermédio da Geórgia e Azerbaijão, reforçando a ideia da intenção dos Estados Unidos na instabilidade do Cáucaso.

Ramonet (2004 – LMD) aponta com fato essa correlação:

O contexto geopolítico em nada facilita as coisas. As autoridades russas se irritam com os vínculos cada vez mais estreitos – econômicos e até militares – que ligam os Estados Unidos a dois países da Transcaucásia, a Geórgia e o Azerbaijão, ambos com fronteiras com a Chechênia. E associam esse fato com a recente decisão do presidente George W. Bush de reestruturar as forças armadas norte-americanas, deslocando-as da Alemanha para mais perto da Rússia – Bulgária, Romênia, Polônia e Hungria. Isso reforça, em Moscou, o sentimento de ser uma potência sitiada. (RAMONET, 2004, s.p.).

Após a postura de Putin em opor-se à invasão do Iraque, ocorreu a retomada das ações de Washington para ampliar e fortalecer a tática de contenção territorial estruturado por Spykman (2017).

A escalada do conflito foi o uso russo de sua maior potencialidade telúrica, os recursos energéticos do petróleo e do gás. A via Neo-eurásiana, no sentido econômico, apresenta os ideais para o Estado controlar os principais recursos do território, Putin estatizou as empresas energéticas e as consolidou na Gazprom (gás), Rosneft (petróleo) e LUKoil (petróleo). Dessa forma, o Estado passou, efetivamente, a controlar os principais recursos energéticos. Atitude que garantiu uma poderosa arma geopolítica para Putin.

Moniz Bandeira apresenta as vantagens russas nesse conflito com o ocidente:

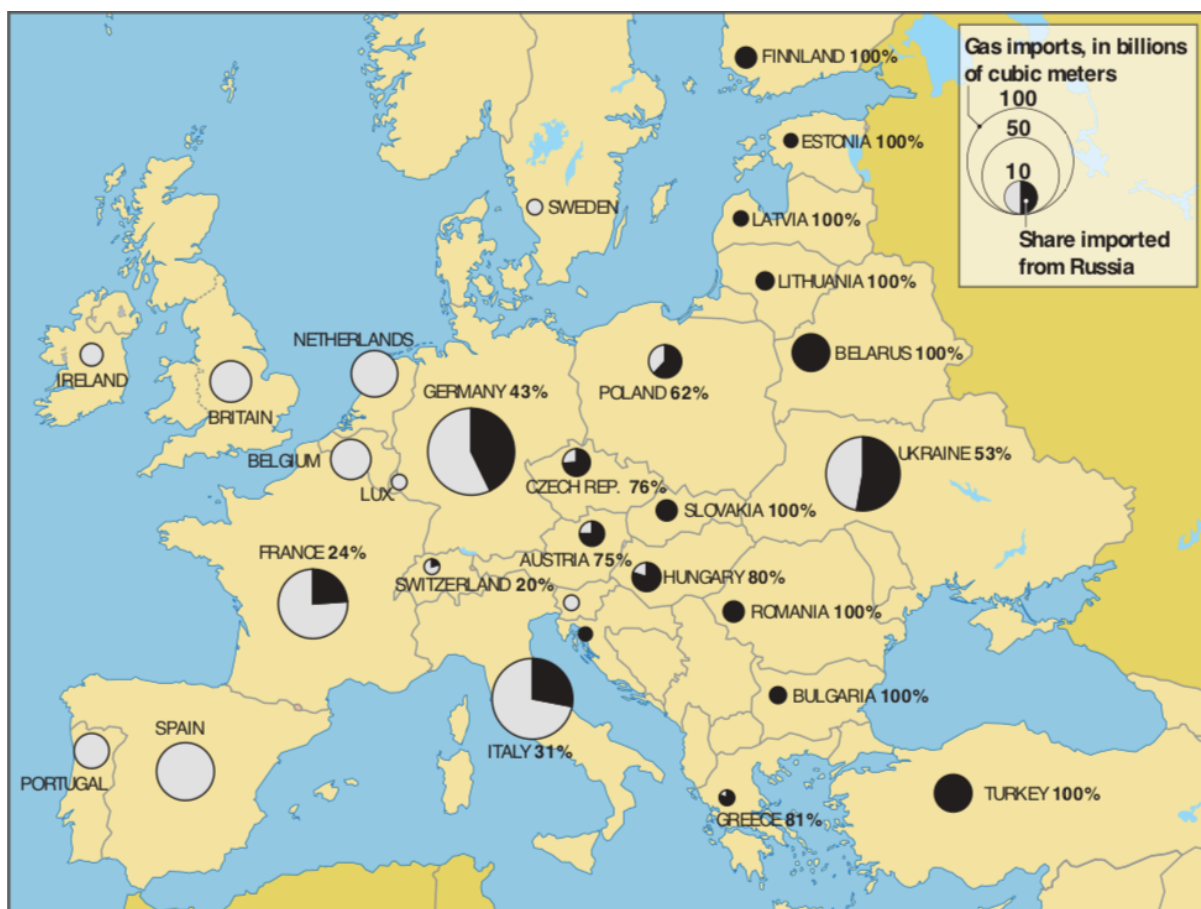
[...] Estava diretamente dentro da *pivotal area* da Eurásia e tinha condições de usar sua influência e seu dinheiro, dificultar ou mesmo

suspender o fornecimento de energia (gás e petróleo) de que a União Europeia tanto necessitava, bem como solapar os interesses dos Estados Unidos no Oriente Médio e outras regiões, vendendo armamento à Síria, ao Irã etc., além de exercer seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU. A Rússia tinha mais condições de afetar o Ocidente, que precisava mais da Rússia, do que o Ocidente de afetar a Rússia, que não precisava tanto do Ocidente. Assim, econômica e financeiramente recuperada, ela voltou a participar do *Great Game*, o jogo de poder na Ásia Central. (MONIZ BANDEIRA, 2017: 111).

Segundo Moniz Bandeira (2017), a dimensão da capacidade de influência russa vai além da potencialidade de coerção à Europa por meio do petróleo e do gás, há também o poder das armas, não como uso direto, mas na sua comercialização com países de oposição mais direta aos Ocidentais. Portanto, a Rússia já agrega maior potencialidade em infligir danos geopolíticos a esses atores.

Podemos compreender a dimensão da dependência Europeia do petróleo e gás russo por intermédio da descrição de Reis (2008) e da Figura 7.

Figura 7 - Consumo de gás natural russo na Europa em 2007



Fonte: *Russian Analytical Digest* no 18, (2007)

A Rússia era responsável pelo envio de cerca de 15% do petróleo consumido pelos europeus, mas o gás se apresentava em maiores cifras, alcançando 70% das importações, sendo dados do ano de 2007.

Países do leste europeu como Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Belarus, Eslováquia, Romênia, Bulgária e Turquia apresentavam completa dependência do gás russo. A Ucrânia se configurava com 53% do gás proveniente da Rússia. A França, a Alemanha e a Itália, países de alta industrialização, apresentavam 24%, 43% e 31% respectivamente.

Confirma-se, dessa maneira, a dimensão de que a Europa apresentava grande dependência energética perante os russos. Sendo que essa capacidade de coerção, não ficou limitada à dimensão teórica, mas com o suporte Ocidental às revoluções coloridas, Rosa, na Geórgia, e Laranja, na Ucrânia, a Rússia fez uso empírico de seu poder geopolítico.

O Estado georgiano, desde sua separação da União Soviética, foi se alinhado aos ocidentais talassocráticos, mas após a chamada Revolução Rosa, em 2003, houve uma efetiva polarização. Rouy e Genté (2005 – LMD) apresentam a essência desse acontecimento e dos que acometeram a Sérvia e a Ucrânia.

Belgrado 2000-Tbilisi 2003-Kiev 2004. Três revoluções não violentas derrubam um poder desacreditado, corrupto, decadente, tudo menos democrático. Três vezes o mesmo cenário. Nos dois últimos casos, a Rússia não para de se irritar e denuncia as ingerências ocidentais, norte-americanas principalmente, em seu “exterior próximo”. No entanto, no frio mês de novembro de 2004, quando centenas de milhares de ucranianos vão às ruas, o que Vladimir Putin e os chefes de Estado apoiados por ele podem fazer diante da não-violência? O que fazer diante de multidões tão bem organizadas e mesmo inovadoras? Nada. Um estilo vence o outro. (ROUY; GENTÉ, 2005, s.p. - LMD).

A revolução Laranja na Ucrânia, a Revolução Rosa na Geórgia (2003) e a das Tulipas no Quirquístão (2005) foram ações indiretas dos Estados Unidos por intermédio de Organizações Não Governamentais (ONG) que fomentaram grupos opositores durante os processos eleitorais nesses países. A intenção foi apoiar governos favoráveis aos ocidentais em detrimento dos pró-russos (MONIZ BANDEIRA, 2017).

A estratégia de dar suporte a governos favoráveis aos ocidentais é uma clara aplicação da técnica de contenção no entorno próximo russo. Novamente, uma

estratégia de cerco da *Rimland* ao *Heartland*. Contudo, o caso ucraniano é praticamente uma parte da *Heartland*. Assim, a “guerra” do petróleo, lançada pela Rússia, foi ao encontro do rompimento ao cerco de seu território.

O efetivo estopim da ação russa foram os acontecimentos na Ucrânia, Chauvier (2005 – LMD) descreve que o segmento popular revoltoso ucraniano foi amplamente apoiado pelas mídias liberais internacionais. Em contrapartida, as regiões pró-Rússia pouco se movimentaram em apoiar seu candidato.

Os efeitos combinados desse levante popular e do apoio dos Estados Unidos, da União Europeia e da mídia internacional quase unânime reforçaram a vitória, no terceiro turno, de Viktor Yushchenko, dirigente da coalizão liberal-nacional. Em meados de dezembro, a onda laranja propagou-se até mesmo nas regiões do Leste e do Sul, bases do candidato do governo e vencedor oficial do segundo turno, o primeiro ministro Viktor Yanukovich. Russófonas, russófilas e industriais, essas regiões não se mobilizaram ativamente em prol de seu candidato: reinava a desconfiança para com as práticas de um regime corrupto. O Partido Comunista de Piotr Simonenko, marginalizado, mas influente, recusou o alinhamento com um dos dois blocos, tanto um como o outro dirigidos, aos olhos de muitos trabalhadores, por “oligarcas que se enriqueceram escandalosamente com as privatizações”. (CHAUVIER, 2005, s.p. - LMD).

Os grupos pró-ocidente mais bem organizados (MONIZ BANDEIRA, 2017), pressionaram até obter a vitória de Yushchenko. A essa mudança de orientação da Ucrânia, Bonet (2005b – EP) descreve como “centro de um delicado jogo”.

Com a mudança de regime, a Ucrânia tornou-se o centro de um jogo delicado, oferecendo novas possibilidades para a política de transporte de recursos energéticos para a Europa. O território da Ucrânia pode ser fundamental para a construção de um oleoduto do Mar Cáspio, uma alternativa aos oleodutos russos. (BONET, 2005b, s.p., tradução nossa – EP).

Os ocidentais tiveram o foco na Ucrânia, pois além de promover a intensificação do cerco – Estratégia de Spykman (2017) – o território ucraniano se demonstrava uma via de passagem alternativa aos recursos petrolíferos do Mar Cáspio. Uma dupla valoração territorial – poder telúrico –, afirmando a proposta de obter controle, mesmo que de uma faixa, das potencialidades terrestres da *Heartland* e de seus recursos energéticos.

O “delicado jogo” ucraniano relatado por Fernández (2005a – EP) se refere à intenção da Ucrânia de se manter com o “melhor dos dois mundos”, ou seja,

estabelecer relações vantajosas com os dois blocos, energia russa e segurança militar da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

A Ucrânia quer tudo: gás barato da Rússia e integrar-se na OTAN e a UE. Esta é a síntese do conflito entre os dois vizinhos eslavos, que ficou evidente na semana passada. Moscou, que se opõe às aspirações de Kiev no Atlântico Norte e ameaça estabelecer preços de mercado para o gás, alertou a UE na quarta-feira sobre possíveis problemas no fornecimento de gás, por causa da Ucrânia, por obter o apoio de Bruxelas no conflito. (FERNÁNDEZ, 2005a, s.p., tradução nossa - EP).

Putin, rapidamente reagiu ao novo governo ucraniano, e à nova administração de Yushchenko no governo em Kiev, fez Moscou renegociar os preços do petróleo e do gás com Kiev, anteriormente negociado abaixo aos preços de mercado. A Ucrânia protestou e não aceitou as mudanças. Não acertada as novas negociações, Putin cortou o abastecimento ucraniano em 1 de janeiro de 2006 (inverno no hemisfério norte). A situação se agravou com a Europa não recebendo sua cota de gás, já que o principal acesso a esse recurso é pelos gasodutos que passam pela Ucrânia. Assim, Putin articulou um duplo cerco à Ucrânia, pois culpou Kiev por roubar o gás destinado aos europeus (FERNÁNDEZ, 2005b - EP; FERNÁNDEZ, 2005c - EP; FERNÁNDEZ, 2005d - EP; FERNÁNDEZ, 2005e - EP; FERNÁNDEZ, 2006 - EP).

O governo de Moscou acusou Kiev de roubar gás que passa por seu território, enquanto o segundo acusou o Kremlin de tentar desestabilizar sua economia. A Gazprom assegurou que os consumidores europeus receberão o gás estipulado nos contratos atuais, e para isso começou a bombear 95 milhões de metros cúbicos de gás adicional para compensar o gás que os países europeus não receberam. A Gazprom deixará de usar os gasodutos que passam pela Ucrânia, cujo governo se recusa a pagar os 230 dólares por mil metros cúbicos de gás exigidos pelo monopólio russo, quase cinco vezes mais do que a tarifa em vigor em 2005. O governo de Kiev assegura que o conflito foi desencadeado pela Rússia por razões políticas. (LOS PAÍSES..., 2006, s.p., tradução nossa).

Com a Ucrânia diplomaticamente cercada e sem energia em pleno inverno, um acordo com a alteração dos valores comercializados com a Rússia foi assinado em cinco de janeiro de 2006. Essa vitória russa não foi somente sobre uma Kiev pró-ocidente, mas uma demonstração à Europa da dimensão geopolítica em que se encontrava perante à Rússia.

A Europa, sentindo essa dependência do gás russo, foi coagida a colaborar com a interrupção das negociações para adesão da Ucrânia à União Europeia. Assim,

o acordo entre Putin e Kiev propôs o abastecimento da Ucrânia pelo gás do Turcomenistão, mais barato, favorecendo a ampliação russa nos países da Ásia Central, local de passagem do gasoduto até a Ucrânia (FERNÁNDEZ, 2006b - EP).

Em um contexto geral, a estratégia russa foi de efetivar um controle, não somente à Ucrânia, mas também à Geórgia e à Belarus, por meio da retórica dos preços justos aos recursos russos. No âmbito geopolítico, foi um passo no caminho da manutenção do controle ao seu entorno próximo – território da *Kultur* russa - (FERNÁNDEZ, 2006d - EP; MISSÉ, 2006c - EP; BIELORRUSIA IMPONE..., 2007 - EP)

A Rússia não está disposta a continuar vendendo seu gás a preços fora do mercado, uma política que decidiu aplicar não só aos países vizinhos com os quais tem problemas, como a Geórgia, mas também à Belarus, que é sua aliada e cujo regime apoia. Apesar do fato de que os EUA e a Europa consideram a última ditadura do continente. Com essa política, a Rússia procura defender seus interesses econômicos e está disposta a reduzir a oferta para esses países se eles se recusarem a pagar o preço que o monopólio estatal Gazprom considera justo. (FERNÁNDEZ, 2006c, s.p., tradução nossa – EP).

Uma ação efetiva do poder telúrico da *Heartland* em se manter consoante à própria *Heartland*. Além do mais, se observarmos atentamente as palavras e Fernández (2006c - EP) sobre a estatal Gazprom, vemos que isso era o demonstrativo claro da via Neo-eurasiana para a economia – um controle estatal dos principais recursos do território via empresas do governo, propiciando efetivo controle do território e aplicando como poder geopolítico em outros locais.

A ação indireta de Putin contra a União Europeia na “guerra” do gás ucraniana, é um forte indicativo da situação oposicionista do bloco frente à Rússia. Contudo, Moscou empreendeu boas relações com países chave da União Europeia, destoando da estratégia geral ocidental. Putin, mediante as relações bilaterais com a França e Alemanha, superou o confronto entre a União Europeia – como ator geopolítico dos Estados Unidos – e a Rússia (FERNÁNDEZ, 2005a - EP; MISSÉ, 2006a - EP; MISSÉ, 2006b - EP; FERNÁNDEZ, 2007a - EP).

A Gazprom e a Gás da França (GdF) concordaram em prorrogar o contrato por um quarto de século, assinado na era soviética, no início dos anos oitenta. [...].

Contratos semelhantes haviam assinado a URSS com a Alemanha, a Áustria e a Itália. Os três países já haviam renovado esses acordos, e, o único que faltava no quarteto era a França. Ao prorrogar contratos de longo prazo, a Gazprom obteve concessões semelhantes à que a GdF acabou de fazer da OMV austríaca e da italiana Eni, mas não da

alemã E.ON-RuhrGas, que no momento ele se recusa a deixar o monopólio russo entrar em sua parte do mercado alemão. (FERNÁNDEZ, CARBAJOSA, 2006, s.p., tradução nossa – EP).

A dimensão do poder energético russo também foi fator da retomada do controle e da presença na Ásia Central, área praticamente entregue por Putin aos Estados Unidos em seu primeiro mandato (BONET, 2005c - EP, BONET, 2005d - EP; ESPINOSA, 2007 – EP; GENTÉ, 2007 - LMD).

A influência econômica faz com que a Rússia tenha mais a oferecer os seus vizinhos e também é menos receptivo à presença dos EUA na Ásia Central, disse um analista norte-americano. Putin esperava, talvez erradamente, que os Estados Unidos não permaneceriam muito na área após o 11 de setembro e a guerra para expulsar o regime talibã do Afeganistão.

Moscou reforçou sua presença militar na Ásia Central desde o outono de 2003, quando inaugurou a base aérea de Kant, no Quirguistão. A Rússia, que em outubro transformou uma de suas bases em uma divisão motorizada no Tadjiquistão. Também mantém um contingente de Serviço de Segurança do Estado para apoiar a fronteira tadjique com o Afeganistão. Moscou obteve um observatório aéreo no Tadjiquistão, em troca de perdoar a este país 250 milhões de dólares em dívidas. (BONET, 2004b, s.p. tradução nossa - EP).

Bonet (2004 – EP) defende que a Rússia expandiu sua influência econômica sobre a Ásia Central para sobrepujar a presença dos Estados Unidos. Essa consolidação nas relações se materializou na própria presença militar russa na região. Bases militares no Quirguistão e Tadjiquistão, além do próprio serviço de informações russo. Bonet (2004 – EP) continua:

"O desdobramento das bases russas reforçou seriamente o sistema de segurança coletiva na Ásia Central", disse Putin na terça-feira no topo do Ministério da Defesa. A Organização do Tratado de Segurança Coletiva, uma aliança militar entre a Rússia e os países pós-soviéticos, cria condições para "neutralizar terroristas e extremistas na região e, em conjunto focos aumenta o potencial defensivo da Rússia e seus aliados" em uma área estratégica, disse ele. (BONET, 2004b, s.p. tradução nossa - EP).

A presença das bases militares russas elevou-se ao nível de constituir politicamente um tratado de segurança para a região, a Organização do Tratado de Segurança Coletiva. Por meio da retórica do antiterrorismo como meio de unificar militarmente a região sobre o controle russo, ou seja, mais uma atitude do projeto de consolidação da *Heartland*, o objetivo político russo nas vias do Neo-eurasianismo.

A configuração de consolidar a *Heartland*, em sua maioria, apresentou o embasamento da multipolaridade e da construção de entidades supranacionais, sobre as quais Dugin (2014a) descreve:

Neste período do governo Putin a situação geopolítica do espaço pós-soviético intensifica-se. Encontramo-nos aqui com duas tendências dirigidas em direções diferentes.

Por um lado, com a chegada de Putin ao poder, os processos de integrar o grupo dos países da CEI com o centro na Rússia começam em diferentes níveis simultaneamente:

+economicamente: a criação de uma Comunidade Econômica Eurasiática (Rússia, Cazaquistão, Belarus, Tadjiquistão, Quirguistão), “Espaço Econômico Comum” (Rússia, Belarus, Cazaquistão, com convite à Ucrânia) e União Alfandegária (Rússia, Cazaquistão, Belarus);

+militarmente-estrategicamente: o “Contato Social sobre Segurança Coletiva” (Rússia, Cazaquistão, Belarus, Tadjiquistão, Quirguistão, Armênia). (DUGIN, 2014a:132-133).

O descrito como efetivo território da *Kultur* russa, a *Heartland*, foi se consolidando de forma política em múltiplas entidades supranacionais, sendo o catalisador dessa estratégia, a dimensão do poder dos recursos energéticos (petróleo e gás).

Com isso, a Multipolaridade foi se configurando em duas frentes: a interna, do bloco de países da Eurásia, que se unem por meio de uma retórica de crescimento econômico e de desenvolvimento comum; e da unicidade da Rússia, controlando seu “Grande Espaço”, e dialogando com outros atores que planejam firmar suas áreas de influência.

Dessas, observamos a relação Sino-Russa, na visão de Dugin (2014a), para quem a aproximação desses países se dá por oposição estratégica aos Estados Unidos.

No que concerne à Organização de Cooperação de Shangai, Putin, pelo contrário, tomou uma série de medidas em direção à intensificação da parceria estratégica com a China em questões regionais, incluindo uma série de exercícios militares não muito grandes em escala, mas simbolicamente extremamente significativos. A aliança com a China foi constituída por completo sobre a lógica multipolar e foi orientada inequivocamente para indicar um possível formato de oposição estratégica ao mundo unipolar e à exclusiva hegemonia americana. (DUGIN, 2014a:134).

Contudo, essa relação tem maior profundidade, quando examinada segundo a visão de Mankoff (2012), pois a China teve muitas vantagens em aliar-se com a Rússia, como garantias do abastecimento de petróleo e gás, suporte no Conselho de

Segurança das Nações Unidas, tecnologias militares e segurança na fronteira comum. Os ganhos russos, vão da aceitação chinesa do controle russo sobre os países da Ásia Central, a uma garantia de não ser isolada, materializando-se na Organização para Cooperação de Shangai, que é a institucionalização desses objetivos comuns.

A Multipolaridade não era exclusiva do Neo-eurasianismo, mas uma apropriação lógica. Ela, por si só, se configurava como um mecanismo do sistema internacional para fazer frente às potências dominantes. Esse Multipolarismo russo e chinês promoveram uma aliança do Grande Espaços Russo e do Grande Espaço Chinês, contra os Estados Unidos, como referido na Figura 3.

Outra atitude de Putin dentro dessa via Multipolar, foi no sentido estratégico, de ampliar as relações com a Venezuela e o Irã. Como referido por Moniz Bandeira (2017), as principais potencialidades russas são o petróleo e as armas, por isso, com a Venezuela, as relações foram estreitadas com a venda de aviões e fuzis de assalto AK 47 (LLEGAN A VENEZUELA..., 2006 – EP; HERNANDEZ, 2006 – EP).

Para o Irã foram os mísseis antiaéreos:

A Rússia venderá modernos mísseis antiaéreos ao Irã. Sob um contrato pelo qual Teerã comprará armas de Moscou por cerca de um bilhão de dólares (cerca de 855 milhões de euros), revelou ontem o jornal econômico russo Vedomosti. Este novo acordo significará um aumento substancial na cooperação militar entre os dois países (FERNÁNDEZ, 2005b, s.p., tradução nossa – EP)

Esse foco em estabelecer acordos com Irã e Venezuela, se configurou como um fortalecimento da Multipolaridade como oposição aos Estados Unidos.

Os indicativos gerais da postura de Putin, agregam fortes notas Neo-eurasianas. Suas principais atitudes, até agora, foram no sentido de fortalecer e consolidar seu espaço (Raumsinn) e fortalecer a Multipolaridade, alternativa à hegemonia de Washington. Tendo por meio, o fator estratégico dos hidrocarbonetos (SOTELO, 2007 – EP).

3.3. Governo Medvedev (2008 – 2011)

A centralidade do petróleo e do gás russo se ampliaram, tanto no âmbito econômico, como no político. Putin fortaleceu a Rússia com base nos recursos energéticos/minerais de seu território. Fiori (2008a – LMD) afirma que, claramente,

após os anos de governo Putin, a Rússia encontra-se fortalecida e o “espírito russo” volta a impor-se sobre os ocidentais.

Em 1998, depois da derrota soviética e da destruição liberal da economia russa, parecia impossível que isso pudesse acontecer de novo. Dez anos depois, entretanto, no momento da posse do seu terceiro presidente republicano, Dmitri Medvedev, o país está novamente de pé, e o “espírito russo” volta a assustar os europeus e preocupar o mundo. O jornal Financial Times publicou recentemente um caderno especial sobre a Rússia, onde afirma que “nem Bruxelas nem Washington estão sabendo como tratar com a Rússia, depois de Vladimir Putin, porque a Rússia está cada vez mais disposta a retomar sua posição no mundo, em particular nos países da antiga União Soviética” (FIORI, 2008a, s.p. - LMD).

Segundo Fiori (2008a –LMD), há uma incapacidade dos europeus e dos estadunidenses em lidar com o fortalecimento russo. Esse robustecimento, também dito “espírito russo” é o que compreendemos como as definições de sua *Kultur*, como a resiliência, o patriotismo e forte vínculo com o território. De fato, a Rússia de Vladimir Putin vem apresentando crescimento econômico significativo nesses primeiros oito anos, além de forte proatividade na defesa de seus interesses nas questões do território da *Heartland*, como na Ucrânia, Geórgia, Belarus e Ásia Central de um modo geral.

Nesse quadriênio, Putin se estabeleceu como Primeiro Ministro após a vitória nas eleições presidenciais de seu aliado político, Dmitri Medvedev. Esse, por sua vez, deu continuidade ao plano de Putin, sendo o primeiro grande evento de seu governo a Guerra da Geórgia. Esse conflito não foi efetivamente uma guerra, por falta de declaração formal, entretanto, houve confronto entre os exércitos russos e georgianos.

A Geórgia tem grande valor estratégico para os Estados Unidos dentro da contenção da área de influência russa (SPYKMAN, 2017), além de ser local geoestratégico para o oleoduto Nabucco e via alternativa para o petróleo da Arábia Saudita que não necessita passar pelo Estreito de Ormuz (FERNÁNDEZ, 2008).

Para a Rússia, o território georgiano é parte fundamental de sua *Kultur*, principalmente as regiões da Abkhásia e Ossétia do Sul. Essas duas repúblicas autônomas, dentro da Geórgia, foi a motivação desse conflito. Assim, Wallerstein (2008, s.p. – LMD) exemplifica o grande receio georgiano em perder a soberania dessas regiões e ver seu território nacional diminuir:

Em fevereiro, Kosovo institucionalizou sua autonomia de facto. Este movimento foi apoiado por e reconhecido pelos Estados Unidos e por boa parte dos países europeus. A Rússia alertou, na época, que a lógica deste movimento aplicava-se igualmente às secessões de facto nas antigas repúblicas soviéticas. Na Geórgia, a Rússia agiu imediatamente, pela primeira vez, reconhecendo a independência de jure da Ossétia do Sul, em resposta direta aos fatos em Kosovo. Em abril, os Estados Unidos propuseram, durante reunião da OTAN, que a Geórgia e a Ucrânia fossem recebidas, em um plano de adesão chamado *Membership Action Plan*. Alemanha, França, e o Reino Unido opuseram-se a isso, alegando que seria uma provocação à Rússia.

Neoliberal e fortemente pró-Washington, o presidente da Geórgia, Mikhail Saakashvili, estava agora desesperado. Ele deu-se conta de que a reafirmação da autoridade georgiana na Ossétia do sul (e na Abkházia) poderia perder-se para sempre. Aproveitou-se de um momento em que a Rússia estava supostamente desatenta (Putin, agora primeiro-ministro nas Olimpíadas; o presidente Dmitri Medvedev de férias) para invadir a Ossétia do Sul. Seu exército fracassou completamente, como era de esperar. Mas Saakashvili imaginou que estivesse forçando a mão dos EUA (aliás, da Alemanha da França também). (WALLERSTEIN, 2008, s.p. - LMD).

O receio de Saakashvili, segundo Wallerstein (2008 – LMD), era a prerrogativa jurídica da independência kosovar, ser aplicada às regiões da Ossétia do Sul e Abkházia. Pois são duas repúblicas autônomas internas à Geórgia, mas que almejam estabelecer-se como soberanas e obter apoio russo para tal.

Com isso, o grande temor da Geórgia é uma efetiva perda territorial perante a Rússia. Saakashvili tomou a iniciativa, por vias militares, de assegurar sua integridade territorial, nominalmente amparada pelos ocidentais via OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), aproveitando-se de uma estratégica ausência no governo central russo para invadir a Ossétia do Sul e a Abkházia. Entretanto, o suporte ocidental nunca foi correspondido, levando-o a um conflito aberto e direto com os russos.

Logo em seguida, em 8 de agosto, as forças armadas da Geórgia atacaram a província da Ossétia do Sul e conquistaram sua capital, Tskhinvali. Não está claro por que a Geórgia atacou a Ossétia do Sul, exatamente no dia da inauguração das Olimpíadas de Pequim. Mas não há dúvidas de que a grande surpresa dos governos envolvidos nesta história foi a rapidez, extensão e eficácia da resposta russa, que em poucas horas cercou, dividiu e atacou — por terra, mar e ar — o território da Geórgia, numa demonstração contundente de decisão política, organização militar e poder de conquista. Tudo feito com tamanha rapidez e agilidade que deixou os governos “ocidentais” perplexos, divididos e impotentes, obrigados a acompanhar os desdobramentos da ofensiva russa hora a hora, através de fatos

consumados, sem conseguir saber ou poder antecipar o seu objetivo final. (FIORI, 2008b, s.p. - LMD).

Efetivamente, o exército georgiano foi eficiente e rápido em ocupar as regiões, mas não contavam com a mesma agilidade das forças armadas russas, que estavam sendo remodeladas desde o primeiro ano do governo Putin, por meio de uma nova doutrina militar pautada na qualidade e eficiência.

Esse conflito serviu como um teste de campo para análise do treinamento das forças armadas russas. De modo geral, mostrou grande evolução apesar de algumas falhas serem identificadas, como nas comunicações entre unidades, falta de coordenação entre força aérea e unidades de solo e capacidade e identificar suas próprias unidades. Problemas estruturais que fazem diferença durante a guerra (PALLIN, 2009; MCDERMOTT, 2009).

A rápida vitória militar da Rússia sobre a Geórgia, em agosto de 2008, surpreendeu muitos comentaristas, uma vez que contrastava totalmente com a maneira pela qual as forças russas haviam se prostrado em um conflito prolongado na Chechênia. Por outro lado, o conflito pode ser pensado como a guerra final do século XX, travada por uma força de legado soviético, buscando desesperadamente sobreviver com equipamentos antiquados e uma cadeia de comando complexa, mais adequado para conduzir o tipo de guerra convencional em grande escala que haviam passado para os anais da história militar. (MCDERMOTT, 2009:65, tradução nossa).³⁰

As debilidades apresentadas na execução dos confrontos demonstraram novos caminhos que a organização militar russa deveria sanar. Apesar das falhas em alguns segmentos militares da Rússia, a rapidez com que os objetivos estratégicos foram capturados causou perplexidade aos ocidentais. Podemos pensar que o exército russo estava lutando pelo seu território, a Geórgia, como território naturalmente russo, sendo uma retomada de seu verdadeiro espaço – território tradicional da *Kultur* russa (FERNÁNDEZ, 2000c - EP; FERNÁNDEZ, 2007b - EP; FERNÁNDEZ, 2007c - EP; FERNÁNDEZ, 2007d - EP).

³⁰ Russia's rapid military victory over Georgia in August 2008 surprised many commentators, since it stood in stark contrast to the manner in which Russian forces had once become bogged down in a protracted conflict in Chechnya. On the other hand, the conflict might be thought of as the final war of the twentieth century, fought by a Soviet legacy force, desperately seeking to make do with dated equipment and a top-heavy command and control system more suited to conducting the kind of large-scale conventional warfare that had passed into the annals of military history.

Podemos observar o movimento das tropas russas na Figura 8. O primeiro objetivo foi ocupar as regiões da Abkhásia e Ossétia do Sul; em segundo, foi prosseguir ocupando o interior do território georgiano.

A invasão da Abkhásia se realizou por vias marítimas, a Frota Russa do Mar Negro tomou controle do litoral georgiano rapidamente e empreendeu desembarque das tropas via Ochamchira. A grande resistência foi no nordeste da Abkhásia, além do próprio território georgiano, em Poti, Senaki, Khobi e Zugdidi.

A segunda frente de batalha deu-se pelo 58º Exército Russo invadindo a Ossétia do Sul via Ossétia do Norte. A oposição georgiana foi mais resistente, sendo utilizado, em auxílio, o desembarque aerotransportado na região de Tskhinvali. Contudo, as forças militares russas lograram controlar a região e avançar em direção à capital, Tbilisi, que foi fortemente bombardeada.

Figura 8 - Movimentação das Tropas Russas nas Guerra com a Geórgia



Fonte: Andrei Nacu, (2008)

Na Figura 8, podemos compreender que o conflito na Geórgia foi uma clara demonstração de poder terrestre (telúrica) por parte da Rússia. Moscou efetivamente aplicou um grande poder militar no conflito, tomando a iniciativa de ataque e não se

restringindo aos objetivos primários. O movimento das tropas demonstra clara tendência à ocupação total do território georgiano por meio de um movimento em “pinça” que resultou em um cercamento ao interior da Geórgia.

A Rússia fez grande uso de sua marinha, denotando um extravasamento do foco do poder telúrico. A materialização dessa ação pode denotar uma nova configuração de poder, uma Rússia anfíbia, assim como os Estados Unidos, superou a configuração de talássicos. Contudo, para os russos, há fragilidades geográficas que os impedem de ter maior extensão de poder naval, como acesso permanente a águas quentes perenes.

De modo geral, o confronto militar durou de sete de agosto de 2008 a 16 de agosto de 2008. Os Estados Unidos, e países da União Europeia, convocaram um cessar-fogo e abertura de diálogo entre os beligerantes, o qual foi rapidamente aceito.

O presidente francês, Sarkozy, foi escalado como negociador do conflito. De suas conversações com Medvedev, foi garantida a independência dessas regiões, contudo, não foi oficializada pela maioria dos países do mundo. Também houve a retirada das tropas georgianas dos locais e a garantia de não haver retaliações à Rússia por parte dos países europeus (BONET, 2008b - EP; GALINDO, 2008 - EP; MEDVÉDEV ASEGURA..., 2008 -EP).

Desse conflito, a Rússia saiu consolidada como uma efetiva potência mundial, atingindo o objetivo de manter suficientemente instável a Geórgia, evitando um agravamento da estratégia de contenção impingida pelos Estados Unidos e União Europeia (SPYKMAN, 2017).

A vitória diplomática russa, nas conversações com Sarkozy, foi no uso da retórica de Washington sobre a independência do Kosovo, uma grande prerrogativa jurídica no Direito Internacional, dessa maneira, tornando as regiões da Ossétia do Sul e Abkhásia virtualmente Estados independentes que, contudo, somente foram reconhecidos pela Rússia, Venezuela e Nicarágua.

Nem mesmo o reconhecimento por Moscou, dias após o conflito, da independência da Abkhásia e da Ossétia do Sul, poderia ser coerentemente condenado como uma afronta ao direito internacional contemporâneo, em virtude do prévio reconhecimento do Kosovo pelos EUA e por diversos países da Europa Ocidental. Apesar do auxílio econômico que garantia às repúblicas separatistas da Geórgia, a Rússia não se atrevera a reconhecê-las formalmente, tendo-o feito apenas meses após o “pecado inicial” do Ocidente. (RANDIG, 2008: 19).

A situação política originada pela vitória diplomática manteve as regiões sob influência mais direta da Rússia, solapando mais a presença georgiana no que era seu próprio território, já que o país tem a mentalidade que o Cáucaso é seu território de direito, parte integrante e efetiva dos limites espaciais de sua Katur.

Em âmbito da política internacional, a Rússia demonstrou seu poder geopolítico e tanto a vitória militar, quanto a diplomática, “coroaram” sua efetiva configuração como uma das potências mundiais. Compreendendo os limites impostos pelos ocidentais ao seu desenvolvimento geopolítico (BONET, 2008a - EP; GALINDO, 2008b - EP; WALLERSTEIN, 2008 - LMD).

Nominalmente a Rússia não sofreu retaliação nem sanções dos Estados Unidos e da União Europeia, contudo, houve a via indireta de “atacar”. Segundo Galindo (2008a – EP), em um artigo do *El País*, os Estados Unidos intensificaram sua ação na implementação do escudo antimísseis ao entorno estratégico russo. Portanto, essa foi a intensificação da estratégia de contenção territorial da *Heartland*.

Os governos dos EUA e da República Checa assinaram ontem em Praga o acordo para a instalação no radar do país da Europa Central, que fará parte do escudo antimísil que Washington quer construir no continente. O radar deve ser completado com um sistema de interceptores localizado na Polônia, cujo Executivo continua a exigir pesada compensação militar que Washington não parece disposto a conceder. Rússia reagiu ontem irritado com Praga, e disse que será obriga-o a tomar "ações militares", que não foram especificadas. (RITUERTO, 2008, s.p., tradução nossa - EP).

Dentro das múltiplas “armas” geopolíticas russas, a que rapidamente pode ser – e foi – utilizada é o petróleo; ao mesmo tempo, os Estados Unidos, com a República Checa, no estabelecimento do escudo antimísseis, descrito por Rituerto (2008 – EP).

Apesar das alegações do governo russo, o fato de que o corte de fornecimento de gás ocorre apenas três dias após a assinatura do acordo entre os EUA e os checos, para a instalação do radar do futuro escudo antimísil que os americanos pretendem instalar na Europa Oriental e que o corte só afetou o fornecimento para a República Checa leva a pensar que é uma represália. (RUSIA REDUCE..., 2008, s.p., tradução nossa).

O embate da Rússia com os Estados Unidos e com a União Europeia se materializou no ambiente estratégico indireto. A centralidade dos ocidentais é cercar e impor limites às ações russas. Segundo Fernández (2008b – EP), após o conflito da Geórgia, o diálogo de inserção desse país à OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e União Europeia se intensificaram.

Em contrapartida, a Rússia reagiu com uma nova “corrida armamentista”, segundo Rizzi (2008 – EP). A ampliação do desenvolvimento tecnológico, intensificado por Medvedev, tem como real foco a melhoria dos armamentos russos, como nos setores de mísseis, intencionando suplantar os estadunidenses.

A dimensão política do plano de desenvolvimento tecnológico com foco nos armamentos correlaciona-se à premissa da *Geopolitik* de Haushofer, materializada em uma econômica de defesa, ou seja, na estrutura econômica do Estado estar diretamente vinculada com a capacidade de produção bélica, também diretamente vinculado com as premissas Neo-eurasianas.

Ambas as estratégias, ocidentais e russas, são continuamente identificadas dentro do contexto estratégico do conflito telurocracia e talassocracia descrito por Dugin (2014b) e pela geopolítica clássica.

Os ocidentais promovem a contenção do território russo – *Rimland* de Spykman – e os russos promovem a ação impositiva da valoração dos seus extensos recursos da *Heartland* como forma de exercer poder.

A execução do poder telúrico da *Heartland* também favorece a consolidação de parcerias bilaterais com outros países por meio da Multipolaridade. A Rússia, apresentando maior reserva de gás natural e a oitava em petróleo (BRITISH PETROLEUM, 2016), estabelece parceria com a Venezuela (oitava maior reserva de gás e primeira em petróleo), com condições efetivas de influenciar o mercado energético mundial. Ambos os países têm empresas estatais na prospecção, refino e distribuição, indicando um interesse e orientação política no setor.

Por isso, Séréni (2007 – LMD) afirma que Vladimir Putin e Hugo Chaves (Venezuela) disputam o patamar de “inimigo número um” das corporações petroleiras privadas. Mediante as estatais da Venezuela (PDVSA) e da Rússia (Gazprom, Rosneft e LUKoil) tentam influenciar o mercado energético mundial em conjunto (LLEGAN A..., 2006 – EP; HERNANDEZ, 2006 – EP; FERNÁNDEZ, 2007b – EP).

Após um encontro a sós entre Medvedev e Chávez, as negociações continuaram com a participação de executivos dos setores de armas, energia e metalurgia. O primeiro acordo foi assinado pela estatal Petróleos de Venezuela (PDVSA) com três grandes companhias de energia: a petrolífera russa Lukoil, a russa-britânica TNK-BP e a gigante de gás Gazprom, informou a agência russa Interfax. O ministro da Energia da Venezuela e presidente da PDVSA, Rafael Ramirez, e do chefe da Lukoil, Vagit Alekperov assinaram um acordo para a exploração do bloco petrolífero Junin 3, uma área de 640 quilômetros quadrados na Faixa do Orinoco, considerada a das maiores reservas do mundo. Ramirez também assinou um acordo com

a TNK-BP para o bloco de prospecção Ayacucho 2, Orinoco Delta e outro com a Gazprom para avaliação e certificação de reservas bloquear Ayacucho 3.

Medvedev disse que ele e Chávez supervisionar pessoalmente estes projetos, que de acordo com o líder venezuelano, permitem que Moscou e Caracas avançar a criação de uma "parceria estratégica no sector da energia".

Chávez, que disse que a eleição do novo chefe do Kremlin é uma "garantia da segurança e estabilidade de nossos países e do mundo inteiro", expressou nesta manhã suas "grandes esperanças" de que esta visita nos permita continuar construindo uma "aliança estratégica" entre a Rússia e a Venezuela. Segundo o líder venezuelano, os acordos assinados nos últimos anos com a Rússia, especialmente para a compra de armas, "garantirão a soberania da Venezuela, ameaçada pelos Estados Unidos". A lista de compras de Chávez inclui tanques, sistemas de defesa antiaérea, submarinos e aviões. (RUSIA Y VENEZUELA..., 2008, s.p., tradução nossa - EP).

A relação bilateral entre Rússia e Venezuela, iniciada pelo petróleo, se expandiu para o comércio de armas e alcança o *status* de parceria contra os Estados Unidos – um forte exemplo da constituição política do Multipolarismo Neo-eurasiano, com a Rússia promovendo influência na Grande Espaço Sul Americano (DUGIN, 2014b).

Machado (2008) explora essa perspectiva:

Além disso, a estratégia de Chávez de formar uma coligação multilateral contra os EUA, articulada pelo menos no campo discursivo, tem efeitos diretos sobre a América do Sul. Tal discurso extremista, fortalecido pela diplomacia do petróleo, além de extrapolar a influência da Venezuela para o continente, também tem um papel na aproximação do continente sul-americano à política global. O panorama de aumento de cooperação entre Irã, Bolívia, Venezuela e, em menor grau, a Rússia tem como consequência a construção de um quadro político regional em que se potencializam divergências ideológicas, bem como permite à Venezuela uma margem de influência muito maior do que possibilitam suas capacidades definidas em termos militares ou econômicos. (MACHADO, 2008: 17).

Machado (2008) nos mostra que o petróleo, tanto para a Venezuela, quanto para a Rússia, se tornou um importante instrumento geopolítico na construção de relações diplomáticas. Sendo para Moscou uma importante via para consolidar relações com a América do Sul, estratégica e historicamente, parceira dos Estados Unidos.

O Pré-Sal brasileiro também foi uma oportunidade para os russos ampliarem suas influências no continente, como dito por Chade (2010):

O próprio Kremlin considera a aproximação como parte de uma estratégia política na América do Sul.

"O governo russo está preparado para fornecer uma ampla variedade de serviços no setor de energia para garantir a expansão da cooperação entre Brasil e Rússia", afirmou Stanislav Dorzhunkevich, um dos principais representantes do Ministério de Energia da Rússia. Esta não é a primeira vez que os russos ensaiam um desembarque no Brasil para investir no setor de energia. Há cinco anos, a Gazprom deixou claro que gostaria de participar das obras de dutos entre Venezuela e Brasil. (CHADE, 2010, s.p.).

O objetivo russo em investir no pré-sal demonstra dois interesses estratégicos russos: fortalecer sua presença política e econômica no Grande Espaço Sul-Americano (DUGIN, 2014b); e participar do processo de produção, refino e comercialização dos hidrocarbonetos do continente, agregando maior influência russa no setor energético mundial.

A conduta russa de utilizar o petróleo como meio de fomentar parcerias e fortalecer relações diplomáticas correlaciona-se com a própria interpretação da via Multipolar, um mecanismo russo para fazer frente ao sistema internacional. A extensão da conduta russa no fortalecimento de alianças e parcerias recebeu ações de Washington a fim de limitar sua capacidade, destacando-se o caso do Irã, país que se destaca como ferrenho opositor aos Estados Unidos e cuja geolocalização é de suma importância na dinâmica do comércio petróleo e do próprio Oriente Médio.

A despeito da grande quantidade de meios desenvolvidos por Israel, as constatações feitas durante a guerra do Golfo – a necessidade de forças estratégicas de dissuasão e o fracasso de Israel em desencorajar a utilização de mísseis pelo Iraque – continuam a guiar a reflexão estratégica israelense. Além de que Ehud Barak não conseguiu obter um compromisso por parte da Rússia no sentido de pôr fim à sua ajuda ao programa de desenvolvimento dos mísseis iranianos. "Acho que os russos vão continuar apoiando o esforço iraniano para fabricar armas nucleares e mísseis terra-terra", reconheceu, quando de sua visita a Moscou em julho de 1999. A 7 de maio de 2000, o presidente russo recentemente eleito, Vladimir Putin, informou o governo Clinton que não atenderia às restrições que Washington quer estabelecer na região. Revogou as restrições marginais impostas ao comércio russo em matéria de tecnologia nucleares, fixadas por Boris Yeltsin em 1992. O comércio se fará agora não importa com que nação, inclusive o Irã. (ARONSON, 2000, s.p. - LMD).

O principal interesse dos Estados Unidos é impedir a capacidade do Irã em desenvolver, produzir e adquirir armamento, pois um Irã sem capacidade bélica não teria condições de bloquear a circulação dos petroleiros pelo Estreito de Ormuz,

principal rota do comércio petrolífero. Dessa maneira, Washington, por meio de seu principal aliado na região, Israel, impõe constante pressão política quanto ao desenvolvimento do poder bélico iraniano.

A parceria estratégica da Rússia com o Irã exige forte empenho político. As relações entre os dois países vão além dos acordos energéticos do petróleo, abrangendo áreas da energia nuclear e materiais bélicos. Sendo esse os motivos dos Estados Unidos e União Europeia constantemente aplicarem sanções ao Irã. (MOSCÚ DEFIENDE..., 2000 - EP; EE UU ASEGURA, 2002 - EP; BONET, 2003 - EP; IRÁN Y RUSIA..., 2006 - EP; EE UU, EUROPA..., 2006 - EP; BONET, 2009 - EP; ESPINOSA, 2009 - EP).

As sanções de 9 de junho dão um passo além das precedentes, suficiente para irritar Teerã mais além daquilo que Washington gostaria.

Em 27 de junho, Mikhail Margelov, presidente da Comissão de Relações Internacionais na Câmara da Assembleia Federal Russa, afirmou que “as novas sanções contra o Irã não afetariam o comércio e os acordos econômicos” entre os dois países. Em 2008, as exportações da Rússia para o Irã chegaram a US\$ 3,34 bilhões, ou seja, um pouco menos de 1% do total de suas exportações – e as vendas de armas não representam mais de US\$ 14 milhões (20 vezes menos que o ano anterior). No entanto, o Irã é o principal parceiro econômico da Rússia no Oriente Médio e os dois detêm quase a metade das reservas mundiais de gás. Além dos investimentos da Gazprom no Irã, Moscou pretende manter um diálogo com seus dirigentes para tentar regular um mercado de petróleo em transformação. (LÉVESQUE, 2010, s.p. LMD)

Lévesque (2010 – LMD) nos apresenta que a aliança estratégica da Rússia com o Irã tem uma perspectiva maior que a promoção da Multipolaridade. Além do Irã ser grande opositor aos Estados Unidos, ele é caracterizado como um grande produtor de petróleo. Sua localização geográfica no Grande Espaço Islâmico (DUGIN, 2014b) torna-se essencial na estratégia russa de controlar o mercado do petróleo, principalmente pelo bloqueio do Estreito de Ormuz (RUSIA Y VENEZUELA..., 2008).

Podemos idealizar que há uma proposta geopolítica russa em dominar o fluxo do petróleo pelo mundo. Uma forma de utilizar o latente poder energético da *Heartland*, relacionando-se com a tese de Mackinder (1904) de que quem domina a *Heartland*, domina o globo, no caso observado é por intermédio do poder do petróleo.

Além da Venezuela, Irã e Brasil, a Rússia fez uso estratégico do petróleo em estabelecer relações bilaterais com a Líbia e a Síria. Freire denota bem a tradicional

relação Líbio-russa em uma análise dos acontecimentos durante a primavera árabe em 2011:

A Líbia e a Síria são dois países cujas relações com a Federação Russa têm sido tradicionalmente de proximidade. A Rússia detém interesses diretos nesses países e, no caso concreto da Líbia, especialmente na área comercial, incluindo venda de armamento (na ordem de US\$4 bilhões), e a nível energético (por exemplo, através do envolvimento da Gazprom e da italiana ENI na empresa petrolífera líbia). As relações comerciais nesses dois níveis eram muito significativas, pelo que os acontecimentos e a instabilidade associada foram motivo de preocupação na Rússia, que tem seguido atentamente o desenrolar da situação de modo a garantir a sua participação na nova ordem a ser estabelecida. Além da dimensão econômica associada as relações existentes, a dimensão política no que concerne ao aumento do controle russo dos recursos na área, como pressão sobre a Europa, também seria afetada, com implicações na estratégia russa de criação de dependências e diminuição da capacidade de diversificação da UE. Veja-se como, na defesa desses interesses fundamentais, a posição inicial contra qualquer intervenção contra as forças de Khadafi foi alterada quando a Liga Árabe e os Estados Unidos fortaleceram o discurso sobre a necessidade de intervenção. (FREIRE, 2012:40).

Freire (2012) relata a preocupação russa nos conflitos civis que acometeram à Líbia, eventos que impactam diretamente o interesse russo no mercado petrolífero mundial Moca (2011). Uma vez que a Líbia fornece petróleo e gás para a Europa, a união estratégica com a Rússia traria uma ampliação na dependência europeia à coligação russa.

Outra estratégia russa, além do das parcerias energéticas, é a venda de armas como a realizada à Venezuela e ao Irã (FERNÁNDEZ, 2008a; FERNÁNDEZ, 2008c). Ou seja, o *modus operandi* russo na ampliação das relações bilaterais, é tanto por via energética, do petróleo, quanto pela comercialização de armas.

Contudo, Moscou não conseguiu aprofundar as relações com a Líbia, os Estados Unidos lograram destituir o governo de al-Gaddafi, no intento de refrear esse cerco energético aos ocidentais, a França foi a responsável por lançar ofensivas militares contra o governo de al-Gaddafi, se aliando com rebeldes locais patrocinados por Washington (FERNÁNDEZ, 2011a - EP; RICO, 2011- EP).

A França, o país que primeiro reconheceu a CNT e desempenhou um papel fundamental e determinante no desenvolvimento da operação militar, forçará seu papel como aliado pela primeira vez das novas autoridades. O jornal francês Libération reproduz uma suposta carta do CNT de 3 de abril de 2012, ou seja, 13 dias depois que começaram os ataques aéreos da OTAN contra as forças de al-Gaddafi, em que se reconheceu que após a vitória dos rebeldes, a França teria 35% da

produção de petróleo da Líbia. A razão é clara: "[este acordo foi estabelecido] em troca do reconhecimento por parte da França do nosso Conselho como representante legítimo da Líbia." Tanto o Ministério das Relações Exteriores da França quanto a CNT alegaram "desconhecer" esse acordo. Um porta-voz da Líbia acrescentou, pouco antes do início da cúpula, que "não haverá favoritismo político" ao conceder contratos de petróleo. (BARCA, 2011, s.p., tradução nossa – EP).

Os descritos como CNT são os rebeldes líbios que lutam contra o governo de al-Gaddafi. Mesmo que esse acordo seja descrito como desconhecido entre a França e a CNT, indica um interesse europeu em firmar controle sobre o petróleo Líbio e fazendo frente ao cerco energético russo.

Observamos que há uma correlação entre o crescimento econômico russo, pautado nos hidrocarbonetos (petróleo e gás), com a própria dinâmica geopolítica russa. Os dados indicados no segmento referente à economia russa, pontuam a grande participação desse produto como fonte de recursos financeiros para a Rússia. Além dessa configuração, os hidrocarbonetos se mostraram uma centralidade estratégica na geopolítica que, dentro das teorias de Mackinder e Dugin, se designa como potencialidade telúrica da Heartland.

Em contrapartida, no “jogo” geopolítico, os Estados Unidos e União Europeia, como opositores a uma Rússia geopoliticamente ativa, abortam uma característica estratégia de contenção territorial e de influência por meio dos escudos antimísseis e cooptação de países territorialmente circundantes à Rússia (Heartland). Dentro dessa articulação de promover desestruturação de parcerias russas, há o que configura como as mudanças de regime, ou seja, há uma manipulação de segmentos da população como meio de pressionar mudanças no governo, ao qual corroborem com a visão ocidental.

3.4. Terceiro Mandato de Putin (2012 – 2015)

A estratégia de mudança governamental, via movimentações sociais, foi denominada pela imprensa ocidental como: Revoluções Coloridas. No caso ucraniano foi a Revolução Laranja, essas ingerências ocidentais em períodos eleitorais foram financiadas e suportadas por intermédio de Organizações Não Governamentais (MONIZ BANDEIRA, 2018). Elas se materializaram na Rússia no período eleitoral, que culminou por estabelecer o terceiro mandato de Putin, em 2012.

As ONGs – tais como Freedom House, Americam Enterprise Institute (AEI), National Democratic Institute (NDI) e muitas outras, financiadas pela USAID, NED, CIA e agências dos Estados Unidos e da União Europeia e/ou grupos privados, seguiram encorajar as denominadas revoluções coloridas nos países do Cáucaso. A Revolução Laranja, na Ucrânia, visou anular a eleição de Viktor Yanukovich, governador da província de Donetsk (1997-2002) e levar ao poder seu adversário, o líder da oposição Viktor A. Yushchenko, que era pró-Occidente, [...]. (MONIZ BANDEIRA, 2018:266).

A tentativa de ingerência nas eleições russas se agravou após Putin declarar que concorreria (FERNÁNDEZ, 2011b – EP), assim várias movimentações populares contrárias apareceram nas principais cidades (BONET, 2011c - EP), com destaque aos grupos neonazistas, também igual aos que acometeram a Ucrânia (BONET, 2011a - EP; BONET, 2011b –EP; MONIZ BANDEIRA, 2018).

Medvedev realizou um discurso sobre esses movimentos populares, que foi interpretado por Fernández em um artigo do *El País*:

No início de seu discurso, Medvedev se referiu às recentes eleições parlamentares no início de dezembro, que receberam fortes críticas internacionais pelas irregularidades detectadas pelos observadores. Os Estados Unidos duvidaram publicamente da legitimidade do resultado. Medvedev, como já fez Putin na época, advertiu que não permitirá "interferência do exterior".

"O direito das pessoas de expressarem sua opinião com métodos legais é garantido, mas tentativas de manipular os cidadãos da Rússia, enganá-los, acabar com a discórdia social são inadmissíveis, não permitiremos que provocadores e extremistas arrastem a sociedade para dentro de suas aventuras, nem vamos permitir a interferência estrangeira em nossos assuntos internos ", disse o presidente. (FERNÁNDEZ, 2011c, s.p., tradução nossa - EP).

Medvedev faz claro destaque à tentativa de manipulação ocidental aos cidadãos russos como meio de aplicar um *Regime Change*³¹ na Rússia. Essa tentativa de reorientar a opinião pública resultou em agitação social com forte presença de grupos extremistas, impactando as eleições legislativas e presidenciais.

As movimentações populares contra Putin e seu partido, ocorreram tanto nas eleições parlamentares de 2011, quanto nas eleições presidenciais de 2012. Os países ocidentais abertamente alegaram que esses pleitos foram fraudulentos. Contudo, a população russa foi majoritariamente a favor de Putin no governo (CAÑO,

³¹ Sendo a mudança de um regime de governo por outro através de ações políticas, militares ou ingerências indiretas, causadas e articuladas por uma ou mais potências externas. Muito utilizadas pelos Estados Unidos (MONIZ BANDEIRA, 2017).

2011 - EP; BONET, 2011a - EP; BONET, 2011b - EP; CLAUDÍN; PEDRO, 2011 - EP; FERNÁNDEZ, 2011d - EP).

Uma revolução colorida à moda russa não vai acontecer. Os encontros para manifestações, em 5 e 10 de março, convocados por grupos que contestavam o resultado da eleição presidencial, não atraíram as multidões esperadas, e seus organizadores reconheceram a necessidade de alterar o modo de expressar seu descontentamento. No entanto, o poder procederia erradamente ao agir como se tudo estivesse novamente em ordem. Após um período de mobilizações sem precedentes iniciado em dezembro de 2011 por ocasião das eleições legislativas, a sociedade russa se mostra mais dividida do que nunca.

Além das fraudes constatadas, a reeleição de Vladimir Putin não é uma surpresa. Primeiro, porque, para grande parte do eleitorado, ela continua sendo a única garantia de estabilidade no país, traumatizado pela sucessão de crises políticas e econômicas enfrentadas desde 1991. Mesmo nas grandes manifestações que se seguiram às contestadas eleições para a Duma, a maioria não queria uma ruptura política completa. O partido no poder soube jogar eficazmente com esse estado de espírito, prometendo continuidade. Além disso, as leis eleitorais colocadas em prática desde 2000 impediram a oposição de apresentar candidatos plausíveis. (RADVANYI, 2012, s.p. LMD).

Radvany (2012) relata o suporte popular ao modelo político de Putin, além de confirmar uma estruturação política e administrativa para manutenção de sua presença no governo. O desenvolvimento político e econômico promovido por Vladimir Putin assegura uma estabilidade que faz a população russa apoiá-lo, independentemente das fomentações do *“Regime Change”*. (BONET, 2002a - EP; BONET, 2005a - EP; BONET, 2007c - EP; BONET, 2014c - EP)

A popularidade do presidente russo Vladimir Putin chegou a 88%, seu nível mais alto desde que se tornou presidente pela primeira vez há mais de 15 anos, de acordo com uma pesquisa divulgada nesta sexta-feira que confirma a força de sua imagem.

A pesquisa, preparada pelo Centro de Pesquisas de Opinião Pública, reafirma a tendência crescente de que a popularidade de Putin vem se registrando desde o início da crise política na Ucrânia, há mais de um ano. Especificamente, 88% dos russos apoiam seu presidente, de acordo com a pesquisa, extraídos de 1.600 entrevistas em 130 locais e coletadas pela agência de notícias Itar-Tass. (PUTIN ALCANZA... 2015, s.p., tradução nossa – EP).

Além de ao longo de seus mandatos, bloquear, juridicamente, seus opositores a concorrer nas eleições, Putin conseguiu transpor o problema das ingerências nas eleições russas por meio de sua própria popularidade advinda de sua própria atuação em defesa da unidade territorial russa e de seu povo. Levando-nos a correlacionar como uma postura política voltada essencialmente à *Kultur* russa.

Contudo, as ações de Putin em bloquear opositores nos faz recordar da visão Neo-eurasiana de Dugin (2014b), quanto à proposta de uma monarquia popular para a Rússia. Um novo modelo ao antigo sistema imperial czarista. A “democracia” centrada em uma única figura, a de Putin, como um Neo-Czar da Rússia.

Nesta mesma postura de promover o bloqueio, juridicamente, de suas oposições, Putin, toma medidas contra a estratégia de *regime change* aplicada pelos Estados Unidos (as tentativas de ingerência nas suas eleições) na Rússia, como forma de evitar futuras tentativas.

Percebendo que os efetivos atores, das ingerências, eram as Organizações Não Governamentais (ONG) que recebiam financiamentos advindos de Washington, o governo russo tomou providências para regulamentar essas instituições, classificando-as como “agentes estrangeiros” e subsequentemente facilitando seu monitoramento (BONET, 2012a – EP; BONET, 2012b - EP).

Em alguns casos, foram realizadas sérias investigações, culminando com expulsões dessas entidades da Rússia, como no caso da “Agência de Desenvolvimento Internacional”, de origem estadunidense (BLANCO, 2015 - EP; FERNÁNDEZ, 2015a - EP).

No tocante das ingerências ocidentais no entorno estratégico russo, o caso ucraniano é emblemático pois Putin, em 2005, havia neutralizado a estratégia de contenção estadunidense em cooptar a Ucrânia para sua esfera de influência direta, pela Revolução Laranja. Contudo, a última eleição da Ucrânia com a eleição do presidente Viktor Yanukovich, de tendências pró-russas, realinhou os dois países.

Um de seus primeiros atos foi o cancelamento das negociações de Kiev com o acordo de livre comércio com a União Europeia. Elevando as tensões internas ucranianas com a população pró-europeia, financiados pelos Estados Unidos, que iniciaram uma grande revolta na praça Maidan. Grupos neonazistas participaram de forma extremamente agressiva das manifestações. Essas forçaram a renúncia de Yanukovich e a proclamação de novas eleições que Petro Poroshenko (pró-ocidente) ganhou como presidente. (BONET, 2013 EP; DECENEAS DE MILES..., 2013 - EP; DREYFRUS, 2014 – LMD; FARIZA, 2014a EP-; VICÉNS, 2014 - EP; MOINZ BANDEIRA, 2018).

As extremas direitas ganham terreno na Europa, ainda que muitas delas procurem adotar novos hábitos. Obviamente, tais movimentos desempenham seu papel na Ucrânia. O Svoboda e o Praviy Sektor esperam ganhar com a revolta popular contra o sistema corrupto do

ex-presidente Viktor Yanukovich, deposto no dia 22 de fevereiro (DREYFRUS, 2014, s.p. – LMD)

Putin diz para Oliver Stone (2017), em uma entrevista, que é preocupante essa guinada pró-ocidental da Ucrânia dessa forma:

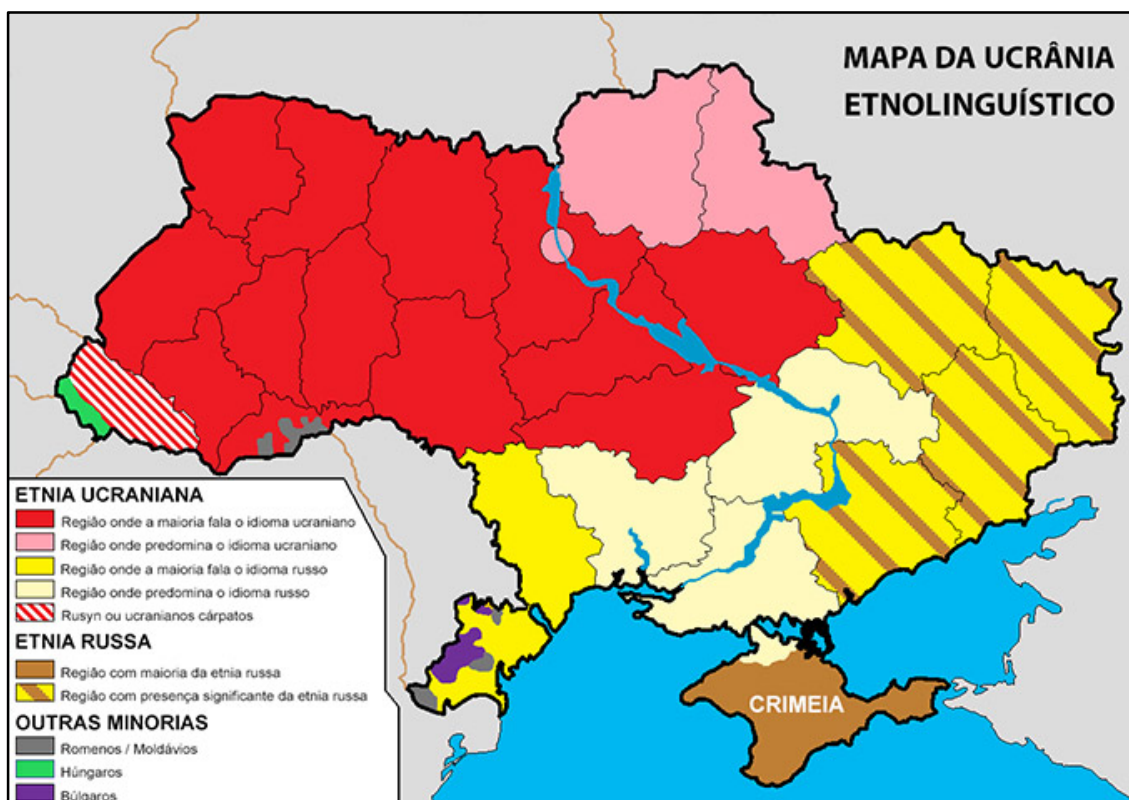
Os mercados da Rússia estavam totalmente abertos às importações da Ucrânia. Tínhamos, e ainda temos, barreira tarifária igual a zero. Temos um sistema de energia e um sistema de transporte únicos. Há diversos outros elementos que unem nossas economias. Durante 17 anos, negociamos com a União Europeia condições de acesso da Rússia à Organização Mundial do Comércio (OMC), e, de repente, foi anunciado para nós que a Ucrânia e a União Europeia estavam firmando um acordo de associação. Isso significa a abertura do mercado ucraniano. Significava que os padrões técnicos, a regulação do comércio e outros elementos da política econômica da União Europeia deviam ser implantados na Ucrânia, e isso estava acontecendo muito rápido, sem um período de transição. Ao mesmo tempo, nossa fronteira aduaneira com a Ucrânia se achava totalmente aberta. A União Europeia podia ingressar em nosso território com todos os seus produtos sem nenhuma negociação, apesar dos acordos – acordos de princípios – que tínhamos alcançado com ela antes, no correr daquelas conversações de 17 anos a respeito de nosso acesso à OMC. (STONE, 2017: 90).

Nas palavras de Putin, observamos claramente como o líder russo procura denotar forte interligação econômica e social entre a Rússia e a Ucrânia. De fato, até 1991 a Ucrânia nunca foi um país independente. Em toda sua história sempre esteve vinculada à Rússia, sendo o território ucraniano efetivamente o berço da civilização russa (MOINZ BANDEIRA, 2018). Indicando diretamente que a Ucrânia representa parte significativa do território de *Kultur* russa.

Outro elemento que Putin se refere é o impacto na economia russa, por meio da entrada das mercadorias ocidentais via Ucrânia. Ou seja, o ocidente teria fáceis condições de desestabilizar a Rússia internamente, pois as fronteiras são abertas ao fluxo de bens, serviços e pessoas.

A reação de Putin contra a Ucrânia foi apoiar as regiões de maioria populacional russa dentro da Ucrânia (Figura 9), essa ação resultou na anexação da península da Crimeia, ocorrendo em 20 dias. Cronologicamente, foi no dia 27 de fevereiro de 2014 que o parlamento da Crimeia votou por um referendo sobre a independência e subsequente concordância a anexação pela Rússia. Em 18 de março, o parlamento russo (Duma) aprovou a anexação dessa República (FERNÁNDEZ, 2014b - EP).

Figura 9 - Divisão Etnolinguística da Ucrânia



Fonte: R7, (2014).

O principal fator que proporcionou a anexação da Crimeia, é a característica da população local, maioria étnica russa. As regiões de Lugansk e Donetsk (regiões destacadas em amarelo com faixas em bege na Figura 9) também apresentam significativa população russófila e russófona. Essa foi a base da reclamação ao mesmo direito da Crimeia, em poder se declarar independente e posteriormente pedir livre associação ao Estado russo (FERNÁNDEZ, 2014a -EP).

Primeiramente a Rússia apoia esta iniciativa, das regiões de Lugansk e Donetsk, mas essa escalada de acontecimentos leva a um confronto militar entre as milícias pró-Rússia e as forças militares ucranianas. A primeira financiada pela Rússia e a segunda pela Ucrânia e países ocidentais. (SÁNCHEZ-VALLEJO, 2014 - EP; BONET, 2014b - EP; SUTYAGIN, 2015).

Há evidências de tropas russas presentes no leste da Ucrânia - não apenas em um papel de comando e para operar equipamentos avançados, mas também como combatentes. As forças destacadas para a Ucrânia, perto da fronteira da Crimeia, representam uma ameaça séria e direta à Ucrânia. Isso se deve ao número dessas forças russas, que quase iguala a de todas as forças de combate disponíveis por Kiev. Além disso, as forças rebeldes, mais ou menos sob o controle russo, representam metade do total das tropas russas.

Assim, Kiev não pode gerar ou contar com superioridade numérica (SUTYAGIN, 2015:9, tradução nossa).³²

As pretensões de Putin não eram agravar mais a situação com a Ucrânia, desta maneira apoiava a iniciativa dos rebeldes, mas não incentivavam a seguir o caminho separatista da Crimeia (BONET, 2014a - EP). Putin idealizava construir um federalismo na Ucrânia, que possibilitasse maiores liberdades políticas para essas regiões, tornando mais flexível sua capacidade de influência interna neste território. Contudo seu controle sobre os rebeldes era escasso, não podendo interromper os desenlaces do conflito, que se agravaram à uma configuração de guerra civil na Ucrânia.

Diferentemente das regiões de Lugansk e Donetsk, que se utilizaram do confronto armado como meio de obterem seus objetivos políticos, o caso da Crimeia teve maior participação burocrática do que ações militares, Putin fez uso da prerrogativa da independência do Kosovo, Resolução nº 1.244 da Corte Internacional de Justiça de 17 de fevereiro de 1999. A base legal e jurídica da autodeterminação dos povos. Podendo, assim, incorporar a Crimeia em território, retoricamente sendo uma iniciativa advinda da própria população local.

Há grandes fatores estratégicos na integração da Crimeia ao território russo, obviamente existe a base da consolidação da *Heartland*, o estabelecimento do efetivo controle da *Kultur* russa. Não obstante há, também, uma geoestratégia envolvida, a consolidação do acesso ao Mar Negro e das reservas de hidrocarbonetos do próprio Mar Negro e Mar de Azov (CHAGAS, 2014; MATLACK, 2014; MONIZ BANDEIRA, 2018).

[...] E era a partir do Mar Negro que a frota estacionada em Sevastopol podia, através do Mediterrâneo, chegar ao Atlântico e ao Oceano Índico. A presença da Frota Russa no Mar Negro – entedia o presidente Putin – constituía fator chave para a segurança regional. A Rússia temia o enclausuramento pelo Ocidente, a ameaça à sua fronteira sudeste. Desde os tempos mais remotos, a região esteve em sua esfera de influência e constituía o eixo de sua segurança nacional. Não podia, portanto, perder a estratégica posição na Crimeia. Era através dos portos dessa península – Sevastopol, Varna, Sohum, Trabzon, Konstanz, Poti e Batumi – que transitavam o óleo e o gás

³² There is evidence of Russian troops present in eastern Ukraine – not only in a command role and to operate advanced equipment, but as coherent fighting formations too. Those forces deployed to Ukraine, on or near the border, and in Crimea represent a serious and direct threat to Ukraine. That is due to the numbers of these Russian forces, which nearly matches that of all of Kiev's available combat forces. Further, rebel forces more or less under Russian control number half the total of Russian troops. Hence, Kiev cannot generate or count on numerical superiority.

natural, oriundo do Cáucaso, e a frota do Mar Negro controlava as comunicações com o Mar Mediterrâneo, através dos estreitos de Bósforo e Dardanelos, de importantes zonas energéticas que abasteciam os mercados do Ocidente. Os corredores de energia expandiram assim a dimensão geopolítica do Mar Negro e de todo o seu entorno. (MONIZ BANDEIRA, 2018: 306-307).

Moniz Bandeira (2018) fortalece nossa compreensão do valor geoestratégico da Crimeia. O acesso russo a portos de águas quentes, ou seja, que no inverno não congelam, efetivamente atribui a operacionalidade de suas forças armadas (marinha) em qualquer período do ano, ampliando a capacidade russa de estender seu poder e controle geopolítico com maiores facilidades. Além dos próprios corredores energéticos da região da Crimeia, relacionando à estratégia russa de controle energético sobre a Europa.

Na extensão desse constante conflito com a União Europeia e os Estados Unidos, estes impuseram sanções contra a Rússia e a intensificaram o envio de tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte para o leste europeu (FARIZA, 2014b - EP; YÁRNOZ, 2014 - EP; AYUSO, 2014 - EP). Sendo uma ação de reforço militar na contenção territorial da Rússia (SPYKMAN, 2017).

A estratégia ocidental de atacarem à Rússia com sanções econômicas, bloqueio de bens e restringindo a movimentação de pessoas chave, ligadas ao governo, foram efetivas em arrefecer a economia russa. A “coincidência” da diminuição dos valores do preço do petróleo impactaram mais severamente ainda, promoveram a incapacidade de investimentos e de arrecadação do governo. Além de solaparem, em conjunto, os aliados, que também são dependentes dos hidrocarbonetos (Venezuela, Síria e Irã). Uma efetiva ação geopolítica que promoveu fortes impactos estruturais à economia russa (BONET, 2014d - EP; MONIZ BANDEIRA, 2018; RIMBERT, 2015 - LMD).

A pressão econômica instaurada sobre a Rússia, a fez focar em seus parceiros do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) como forma de intensificar a ruptura do sistema econômico mundial imposto pelos Estados Unidos (GONZÁLES, 2014 - EP). Uma ação da Multipolaridade frente a imposição unipolar de Washington.

A Multipolaridade, como anteriormente referido, é uma via anti-sistêmica geral ao globo, Dugin a incorporou dentro de sua Teoria, e essa foi a via que a Rússia tomou como forma de remediar sua decrescente economia.

Outras atitudes da russa em superar as sanções, foram por intermédio da consolidação da União Econômica Euroasiática, estabelecendo o espaço econômico comum na Eurásia, ou seja, nos países ex-soviético (FERNÁNDEZ, 2014c - EP). Ampliação dos acordos com a América do Sul (ROSSI, 2014 - EP; ROSSI; REBOSSIO, 2014 - EP). E focar em uma parceria estratégica com a China, principal aliado na política e na economia (LIY, 2014 - EP; RUSIA SE CONVIERTE..., 2015 - EP).

A consolidação do bloco de países da Eurásia por intermédio da União Econômica Euroasiática, correlaciona-se também como uma ampliação do controle russo sobre o território da Heartland, fortalecendo laços econômicos e políticos, sua configuração é semelhante a União Europeia, diferenciando-se pela potencialidade superior da Rússia frente seus parceiros.

De fato, as sanções contra a Rússia apresentaram resultados significativos, entretanto, Moscou não se intimidou, reforçou seu projeto Multipolar como via de amenizar as sanções econômicas, se posicionar militarmente no conflito civil sírio. Sinalizando, que apesar desse grande impacto o fortalecimento do Estado russo e de seu poder telúrico não seriam facilmente derrotados.

O conflito na Síria ganha uma centralidade geopolítica para a Rússia. Moscou toma a frente da situação, quando há um agravamento do conflito civil neste país aliado. O confronto bélico entre o governo e rebeldes apoiados pelos Estados Unidos, se deu pela descoberta de ricos recursos petrolíferos em sua costa (CHUSSUDOVSKY, 2012; MONIZ BANDEIRA, 2017).

Retirar Bashar al-Assad do governo sírio (*regime change*) propiciaria a Washington obter mais facilmente os recursos energéticos da Síria. Além de efetivar a implementação de oleodutos que escoassem o petróleo do Oriente Médio diretamente no Mediterrâneo, evitando o Estreito de Ormuz (MONIS BANDEIRA, 2017).

Estrategicamente, a Rússia, além de atuar contra os interesses dos Estados Unidos, tem suas intenções estratégicas na Síria, baseada em seu poder telúrico do petróleo, via parceria pelas estatais do setor (RANGEL, 2013 – EP). Também em evitar um ressurgimento do terrorismo no Cáucaso, pois os grupos atuantes na Síria apresentavam fortes vínculos com os do Iraque e Chechênia (MARKEDÓNOV, 2015 - EP).

Inicialmente a atuação da Rússia foi em conjunto com os BRIC (Brasil, Rússia, Índia, China), demonstrando empenho em promover a defesa perante as ingerências externas do ocidente desde o início dos conflitos internos na Síria, em 2011:

Os países do BRIC (Brasil, Rússia, Índia, China) tinham clara consciência de que a Resolução, propondo o estabelecimento da *no-fly zone* sobre a Síria, era, mais uma vez, manobra de engodo para capciosamente possibilitar a intervenção militar da OTAN, sob o pretexto fraudulento de defender a população civil, defesa humanitária etc., quando o objetivo era a de *regime change*, como na Líbia. Os Estados Unidos e seus aliados, porém, não desistiram. Com o apoio da Liga Árabe, dominadas pelas autocracias sunitas do Conselho de Cooperação do Golfo Pérsico (CCG), os Estados Unidos, em 4 de fevereiro, intimidaram Bashar al-Assad a deixar o poder, e sofreram mais uma contundente derrota. A Rússia e a China vetaram-na. E a equação armada pelo Ocidente, com o apoio da Liga Árabe, falhou nesse cálculo. Os Estados Unidos e seus sócios da União Europeia não puderam usar falaciosamente a cobertura do CSNU e instrumentalizar a OTAN para destruir o regime de Bashar al-Assad. (MONIZ BANDEIRA, 2017: 387).

Moniz Bandeira (2017) deixa explícito a ação ocidental em intervir militarmente via OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), contudo a ação conjunta da Rússia e China dentro do Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas) impediu os ocidentais (UN VETO INDECENTE..., 2011 - EP; MONGE, 2014 - EP; SANZ, 2015 - EP).

A Rússia tomou a iniciativa em intervir militarmente no conflito quando a pressão dos rebeldes patrocinados por Washington somente se expandia, ao qual culminou com a institucionalização do Estado Islâmico. Moniz Bandeira (2017) relata a estagnação do conflito:

Com razão, o presidente Bashar al-Assad, em entrevista exclusiva à TV *Russia Today* (RT), disse que ocorreria na Síria um “*new style of war*”, o “*proxy terrorism*” (terrorismo por procuração), e, embora suas tropas estivessem lutando uma guerra “dura e complicada”, ela poderia parar dentro de poucas semanas se outros países deixassem de enviar armas aos rebeldes, dando todo o suporte político, inclusive dinheiro, em escala sem precedentes: Sem combatentes estrangeiros e contrabando de armamento, “*we could finish everything in weeks*”. O apoio externo era o que mais sustentava o terrorismo na Síria. E a Turquia, mais do que qualquer outro país, era o que mais apoiava o ingresso de terroristas e o contrabando de armamento para a Síria. (MONIZ BANDEIRA, 2017: 446).

Inicialmente a Rússia enviou assessores militares (FERNÁNDEZ, 2015b - EP), mas efetivamente a atuação militar foi em 30 de setembro de 2015.

A aviação russa bombardeou, nesta quarta-feira, posições de grupos insurgentes inimigos do regime de Bashar al-Assad, depois que a câmara alta do parlamento russo deu seu consentimento pela manhã para o uso das forças armadas no país árabe. O Ministério da Defesa da Rússia informou que os ataques atingiram alvos do Estado Islâmico (IS). O secretário de Defesa dos EUA, Ashton Carter, disse que as primeiras indicações são de que os atentados "provavelmente" afetaram áreas sem a presença do EI. "Esse tipo de ação inflamaria a guerra civil", lamentou. (BONET, 2015a, s.p., tradução nossa – EP).

Os ataques militares da Rússia partiram de suas próprias bases em território sírio, Lakaria e Tartus, se configurando como suporte aéreo as unidas sírias em solo e bombardeios a alvos terrestres como armazéns de munição, fortificações e redutos dos rebeldes (RUSIA ASEGURA..., 2015b - EP; BONET, 2015b - EP). Também foram realizados bombardeios por mísseis através dos navios da Frota do Mar Cáspio, atravessando os espaços aéreos do Irã e do Iraque até atingirem seus objetivos (VICÉNS, 2015 - EP). Essa atitude de bombardear o território sírio por intermédio dos navios do Mar Cáspio apresenta-se como um demonstrativo da capacidade bélica dos russos frente aos Estados Unidos e Europa Ocidental.

A participação direta dos russos proporcionou uma aceleração nas vitórias militares do exército sírio, corroborando com a efetividade das ações russas em defesa de seus interesses e na ação de resoluções de problemas mundiais. Também demonstram o nível de poder alcançado pela Rússia na configuração das relações internacionais. Como dito por Willian Roberto sobre o papel russo na síria:

De qualquer forma, o papel russo na Síria configura-se como um indicativo da importância da Rússia no sentido de ela ser um importante pilar do multilateralismo que vai tomando forma neste contexto do século XXI, mostrando que Moscou deve ser levado em conta nos arranjos de segurança tanto no âmbito regional quanto no internacional. Observa-se então que a Rússia é decisiva para entender a polaridade do Sistema Internacional que está se construindo. (ROBERTO, 2012 :70).

A Rússia materializou como um pilar do multilateralismo no conflito sírio, tomando para si responsabilidades que condizem com sua efetiva capacidade geopolítica, mas não sozinha, sua retórica e busca de constantes diálogos com parceiros e países de destaque legitimaram seu valor nas Relações Internacionais. Essa conduta também é clara oposição à postura unitarista dos Estados Unidos.

Essa nova configuração russa no âmbito da divisão de poder mundial tem por base a expansão racional de sua força telúrica e das características de sua Kultur.

Configurando, em linhas gerais, uma geopolítica pautada na consolidação de seu território, entendido como Heartland, e em uma nova via da divisão mundial dos poderes, Multipolaridade. Tudo por intermédio do petróleo e fortalecimento do poder bélico.

3.5. Dos Governos Putin e Medvedev

Ao longo da apresentação dos governos Putin e Medvedev, compreendemos as matrizes e os meios que se configuram a geopolítica russa. Matricialmente foi a potencialidade territorial e social do Estado que são as bases, tanto do projeto de desenvolvimento, quanto à uma externalização de poder político. Essas se apresentam como os hidrocarbonetos e as características da Kultur, como resiliência, patriotismo e o fatalismo (CHURRO, 2013).

Os meios são a Consolidação da Heartland e a Multipolaridade. Caminhos para um objetivo concreto da Rússia se configurar como uma potência mundial. Entretanto, o ponto de inflexão, que se destaca, é a centralidade da economia ao qual é intrínseca à configuração da Ordem Mundial vigente.

Esse aspecto, econômico, é a problemática à qual os governantes russos mais enfrentam, larga dependência a um único recurso como o petróleo, que se configura dependente de preços internacionais, fora do controle russo, e de fácil manipulação ocidental impõem clara barreira a seu objetivo.

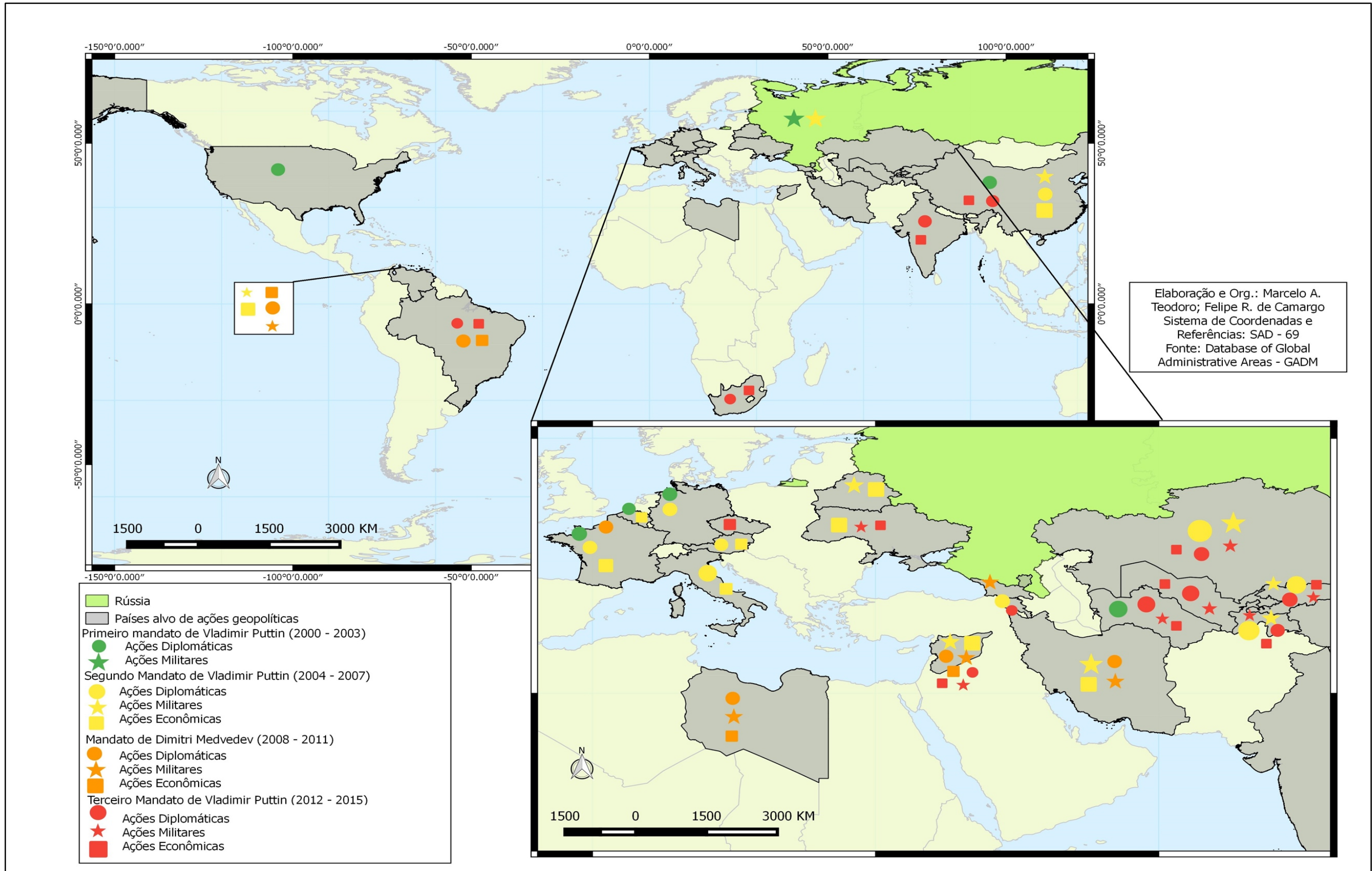
Desta maneira o principal problema para a Rússia alcançar seu objetivo, de ser um Estado importante e livre das amarras dos Estados Unidos, esbarra em promover uma economia independente e competitiva direta aos Ocidentais.

Portanto a objetividade geopolítica russa perpassa por várias dimensões, como a interna ao Estado (Sociedade e seu Território) e sua relação com a dimensionalidade externa, das atuais configurações de poder econômico, político e militar. Em vias disso a geopolítica não apresenta uma relação diametral, com esses fatores, mas sim intrínseco segundo um projeto de enfrentamento à uma hegemonia.

Por isso no intuito de demonstrar, especialmente, a amplitude do processo geopolítico russo construímos o Mapa 4, apresentando ao longo dos anos de 2000 até 2015 as ações diplomáticas, militares e econômicas. Tudo que foi relatado nessa unidade será esboçado no mapa. Desta maneira apresentamos que dentre as apresentações das ações econômicas terá os cortes de fornecimento do gás e

petróleo. E também dentro das ações militares terá a venda e comercialização de material bélico.

Mapa 3 - Principais Ações Econômicas, Políticas e Militares dos Governos Putin e Medvedev de 2000 a 2015



Conclusões

A centralidade da proposta de nosso trabalho foi avaliar a geopolítica russa a partir da presença de Vladimir Putin em seu governo, intencionamos sua realização por meio da análise do desenvolvimento econômico russo, das ações políticas do âmbito internacional e das atitudes militares.

De início nos deparamos com as propostas teóricas de Aleksandr Dugin, projeto de Teoria Política denominada Neo-eurasianismo. Em resumo se mostrou central como projeto norteador para a Rússia, até a figura de Dugin dentro dos altos escalões russos indicava isso.

Contudo há brechas estruturais quanto o Neo-eurasianismo ser considerado, efetivamente, como uma Teoria Política, principalmente com relação ao vínculo territorial russo, Teorias Políticas são universais e não limitadas a espaços geográficos. Mas, o Neo-eurasianismo, nos âmbitos da ideologia, do projeto político, social e econômico, se insere nessa configuração de Teoria, apresentando um novo caminho, as vezes com mesclas de outras Teorias Políticas, contudo em um contexto geral se auto define como uma nova proposta.

Além do mais, o Neo-eurasianismo articula fortemente como substrato teórico à um projeto geopolítico russo, sendo por isso que nos apropriamos de suas proposições.

Desta maneira, compreendido que o pilar de análise para as dimensões do desenvolvimento econômico, das políticas internacionais e ações militares, seria a Teoria Neo-eurasiana, podemos afirmar que no âmbito do desenvolvimento econômico, Putin apresentou fortes características do projeto Neo-eurasianista. Tomando de controle do Estado sobre a esfera econômica, estatização das empresas responsáveis pelos principais recursos, impedindo a influência da globalização na Rússia, desenvolvimento de tecnologias próprias, como meio de fortalecer a economia frente aos Estados Unidos e países das Europa Ocidental.

Entretanto, em nosso recorte temporal não foram observados a efetiva autossuficiência, sua economia apesar de apresentar grande crescimento, não logrou em atingir esse objetivo. A economia russa ainda se configura como exportadora de petróleo e altamente dependente desse recurso.

Putin fez uso das estruturas do sistema capitalista mundial como meio de obter investimentos ao país, indo contra a proposta, Neo-eurasiana, de se opor efetivamente a esse sistema. Ao qual gerou forte oposição dos neo-eurasianistas mais extremado, e até de Dugin.

Independente de Putin ainda não ter atingido seus objetivos econômicos, podemos identificar em grande parte da Teoria Neo-eurasiana como definidora de seus objetivos, contudo de uma forma adaptada, segundo seu próprio entendimento das potencialidades e das fraquezas estruturais russas em correlação ao mercado capitalista mundial e as disposições de poder geopolítico global, ao qual qualquer país do mundo é indissociável.

De modo geral a economia russa prosperou, desenvolveu e cresceu, não atingindo plenamente os objetivos já descritos, mas foi suficiente para ser forte sustentáculo para a aplicação de força política na esfera internacional.

Portanto, com o próprio crescimento e desenvolvimento da economia propiciou maiores condições de aplicar e realizar uma política internacional concisa e forte. Os objetivos centrais dessa esfera são a consolidação do território da *Heartland* e da Multipolaridade da Ordem Mundial.

Efetivamente Putin promoveu o estreitamento das relações com os países da Ásia Central (Cazaquistão, Uzbequistão, Quirquistão, Turcomenistão e Tajiquistão) mediante a potencialidade econômica do petróleo e do gás. Essa iniciativa escalou em estabelecer entidades supranacionais como Organização para Cooperação de Xangai, União Econômica Eurasiática e o Organização do Tratado de Segurança Coletiva, que promovem a integração econômica e cooperação político-militar da *Heartland*.

De modo geral, a Rússia efetivou em controlar essa região da *Heartland* por vias políticas, econômicas e promovendo a segurança regional. Esses países, de fato, são independentes, mas a Rússia tem grande capacidade coercitiva em caso de divergências de interesses e ações.

Dentro dessa dimensão política, a Multipolaridade se apresentou por meio da cooperação com outros países na forma de limitar a influência dos Estados Unidos, único meio lógico de se opor ao *status quo* da Ordem Mundial vigente. A Rússia teve por grandes parceiros a Venezuela, Líbia, Síria, Brasil e Irã, além do bloco dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) como organização cooperativa entre Estados.

Em diversas ocasiões os russos fizeram uso de suas forças armadas na defesa de seus interesses territoriais. Segundo o Neo-eurasianismo, as ações militares, se configuraram como uma atuação afirmativa na defesa de seu território, sendo essa região definida pela *Kultur* russa, ou seja, a defesa e o estabelecimento do controle sobre as regiões que tradicionalmente são vistas como russas pelos próprios russos. Os casos da Ucrânia, Geórgia e Chechênia são efetiva demonstração dessa defesa, ao qual a Teoria Neo-eurasiana define como Grande Espaço Russo.

Dessa maneira, podemos definir que a geopolítica russa com Putin apresenta os objetivos da Teoria Neo-eurasiana, entretanto, sua aplicação não é de forma pragmática às obras de Dugin, mas uma interpretação da conjuntura global em que se apresenta a realidade das relações de poder internas e externas à Rússia. Entretanto, não se pode desconfigurar que as ações de Putin representam a *Kultur* russa, suas ações políticas sempre demonstraram a resiliência, o anti-imperialismo neoliberal, a ortodoxia religiosa e grande patriotismo na defesa da Pátria-mãe.

O Neo-eurasianismo tem relevância por apresentar como um destino manifesto da *Kultur* russa, sendo esse o problema de defini-la como uma Teoria Política, ela se torna uma proposta exclusiva aos russos e não geral a qualquer nação. Ao longo do trabalho, tratamos como uma Teoria Política, pois Dugin a descreve desse modo, mas em realidade tomamos o princípio dessa teoria como o sujeito da *Kultur* e, desse modo, constituímos o entendimento de que Dugin quer concretizar com a Teoria Neo-eurasiana. Em uma visão teórica da geopolítica, podemos complementar que o trabalho de Dugin enquadra-se como uma resposta à teoria do *Rimland* de Spykman, uma retomada da supervalorização da terra (Heartland) a qual não pode ser suplantada por um cercamento.

Destarte, no cerne da *Kultur* russa, que tem sua própria visão de democracia, sendo que autoritarismo de Putin é um juízo de valor aos moldes ocidentais. A constante presença de Putin na administração direta da Rússia ao longo dos 15 anos apresentados denota uma postura centralizadora. Juridicamente Putin bloqueia a criação de fortes partidos de oposições e de pessoas contrárias ao seu regime. Mas a postura de Putin não vai contra a *Kultur* russa que, em toda a história da Rússia, teve governos centralizadores e até autocratas. Essa nova dimensão apresentada por Putin pode ser vista como um Neo-czarismo, já que toma grande parte do poder político para si, mas o faz com majoritária concordância do povo. O Neo-eurasianismo

apresenta que o governo russo deve ser uma monarquia popular, um outro nome para o que vemos como neo-czarismo de Putin.

Portanto a geopolítica russa é uma relação intrínseca da Teoria Neo-eurasiana (Kultur) com a aplicabilidade de um Putin Neo-czar da Rússia. Denotando uma grande dependência do Estado com a figura central de Vladimir Putin. Dessa maneira, surge questões sobre a continuidade dessa Teoria Política para a Rússia, mesmo havendo herdeiro político de Putin, não há garantias que sua personalidade consiga centralizar substancialmente o governo na orientação Neo-eurasiana para a Rússia.

Outra questão que nos é levantada, é com relação à situação das disputas internacionais. Por agora, a China, segunda maior economia do mundo, se empenhou em uma mútua cooperação com a Rússia, entretanto, não se prevê o limite dessa cooperação. Com o prolongamento do crescimento de ambos os países, isso poderá gerar conflitos de interesse, principalmente pelos recursos da *Heartland* efetivamente composta por países independentes, somente estabelecido o controle por vias de acordo, cooperações e organismo supranacionais.

Por fim, uma última interrogação que é levantada, é o dimensionalmente do continuo embargo, dos Estados Unidos e União Europeia, à economia russa, apesar dos esforços em compor novos caminhos ao seu desenvolvimento, os impactos foram significativos. Esses novos meios da Rússia promover seu crescimento e desenvolvimento requer muita atenção, pois é um ponto de inflexão significativo, tanto para a Ordem Mundial liderada pelos Estados Unidos, quanto para os flancos de atuação da Rússia na composição de uma Ordem paralela.

A Rússia de Putin apresenta potencialidade geopolítica de grande relevância ao panorama mundial, apesar das adversidades do “jogo”, suas efetividades nas ações não estão neutralizadas, a grande atenuação é a intrínseca relação do poder russo com a figura de Putin no governo.

Referências Bibliográficas

- ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. O sistema bancário da Rússia entre duas crises. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. (Org). **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia**. Brasília: Ipea, 2011. p. 241-293.
- ANDRÉS, Antonio Sánchez. La economía rusa: una década de transición. **Revista CIDOB d'afers internacionals**, p. 53-72, 2002.
- ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith in Beijing: Lineages of the twenty-first century**. London: Verso, 2007.
- ÅSLUND, Anders. Russia's Economic Transformation under Putin. **Eurasian Geography and Economics**, 2004. Disponível em: <<https://rsa.tandfonline.com/doi/abs/10.2747/1538-7216.45.6.397>> Acesso em: 05 de set. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 2011.
- BEAUFRE, André. **Introdução à estratégia**. Tradução por Luiz de Alencar Araripe. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos avançados**, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **O capital e suas metamorfoses**. São Paulo: Ed. UNESP- Editora da Universidade do Estado de São Paulo, 2013.
- BONILLA, Arturo. Rusia: Fortalezas y debilidades. **Problemas del desarrollo**, v. 43, n. 171, p. 161-178, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0301-70362012000400008&script=sci_arttext> Acesso em: 05 de set. 2018.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. **Power and principle: Memoirs of the national security adviser, 1977-1981**. Farrar, Straus, Giroux, 1983.
- CASTRO, Iná Elias de. **Geografia Política: Território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
- CHADE, Jamil. **Russos negociam com o Brasil para investir no pré-sal**. Estadão, São Paulo, 23 set. 2010. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,russos-negociam-com-o-brasil-para-investir-no-pre-sal-imp-,613913>> Acesso em: 09 ago. 2018.
- CHAGAS, Debora Cristina Nascimento. A geopolítica dos recursos naturais da Rússia: uma análise sob a perspectiva de Vladimir Putin. **Revista Vernáculo**, n. 33, 2014.

Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/37140>> Acesso em: 12 abr. 2018.

CHESNAIS, F. R. François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CHOSSUDOVSKY, Michel. Syria: British Special Forces, CIA and MI6 Supporting Armed Insurgency. NATO Intervention Contemplated. Global Research, January, v. 7, 2012.

CHURRO, João Manuel Barroso de Matos. **A geopolítica enquanto instrumento de afirmação mundial da Rússia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estratégia) - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa.

CLOVER, Charles. Dreams of the Eurasian Heartland -The Reemergence of Geopolitics. **Foreign Affairs**., v. 78, p. 9, 1999.

CONCEPT, Foreign Policy. The Foreign Policy Concept of the Russian Federation. **International Affairs** (Moscow), v. 46, n. 5, p. 1-14, 2000.

CORREIA, Pedro Pizarat. **Manual de geopolítica e geoestratégia Volume 1: Conceitos, teorias, doutrinas**. Coimbra: Almedina, 2010a.

CORREIA, Pedro Pizarat. **Manual de geopolítica e geoestratégia Volume 2: Análise geoestratégica do mundo em conflito**. Coimbra: Almedina, 2010b.

CUNHA, D. A. **Uma Análise Da Economia Russa na Era Putin (1999 – 2008)**. 77 f. Monografia (Bacharel em Economia) - Faculdade de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado, FAAP, 2008.

DE CAMARGOS, Marcos Antônio; COUTINHO, Eduardo Senra. A Teoria da Firma e a Fundamentação Teórica para Fusões e Aquisições: uma Análise de suas Interfaces. **RAC-Eletrônica**, v. 2, n. 2, 2008.

DE SOUZA, Danilo Rogério. A nova geopolítica russa e o Eurasianismo. **Revista de Geopolítica**, v. 3, n. 2, p. 61-70, 2016. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/viewFile/49/48>> Acesso em: 04 set. 2017.

DEFARGES, Phillipe Moreau. **Introdução à geopolítica**. Tradução por José Pedro Teixeira Fernandes. Lisboa: Gradiva, 2012.

DESAI, Padma. Russian retrospectives on reforms from Yeltsin to Putin. **The Journal of Economic Perspectives**, v. 19, n. 1, p. 87-106, 2005. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/0895330053147903>> Acesso em: 05 set. 2018.

DUARTE, António Paulo Silva. A economia, arma da estratégia. **Nação e Defesa**, 1997. Disponível em: < <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/1544>> Acesso em: 01 de ago. 2017.

DUGIN, Aleksandr. **A Geopolítica da Rússia Contemporânea**. Tradução por Flávio Gonçalves e João Franco. Brasil: Versila, 2014a.

DUGIN, Aleksandr. **Eurasian mission: An introduction to Neo-urasianism**. Arktos, 2014b.

DUGIN, Aleksandr. **Putin vs Putin: Vladimir Putin Viewed from the Right**. Arktos, 2014c.

DUGIN, Aleksandr. **The Fourth Political Theory**. Arktos, 2012.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão social do trabalho**, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELÍAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Volume I Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, J. P. T. "A Geopolítica Clássica Revisitada". **Nação & Defesa** nº 105, 2003, p. 221-244

FERRARI FILHO, Fernando; PAULA, L.F de. Liberalização Financeira e Performance Econômica: a experiência recente dos BRIC. **XI Encontro Nacional de Economia Política**, 2006, Vitória. ANAIS DO XI ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA. São Paulo: Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), 2006.

FREIRE, Maria Raquel. A nova Rússia de Putin. **JANUS** 2013-As incertezas da Europa, p. 10-11, 2013.

FREIRE, Maria Raquel. A Política externa russa e a primavera árabe: ambivalência num contexto em mudança. **Ciência e cultura**, v. 64, n. 4, p. 38-42, 2012. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n4/a16v64n4.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2018.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GASPAR, Carlos. A Rússia e a segurança europeia. **Nação e Defesa**, 2ª Série; Nº 84, p.61-75, 1998.

Geopolítica (1): **Talasocracias y telurocracias**". Qbitacora.wordpress.com. 19 de novembro de 2009. Disponível em: <<https://qbitacora.wordpress.com/2009/11/19/geopolitica-1-talasocracias-y-telurocracias/>> Acesso 31 de Jul. 2018.

GOMES, Marina. **Variação histórica dos preços e das reservas de petróleo brasileiras e internacionais no período 1992-2011**. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2013.

GUMILEV, Nikolay. **Los ritmos de Eurasia**. Moscú: Progres, 1993

GUTIÉRREZ DEL CID, Ana Teresa. El rescate de la industria petrolera en Rusia y la utilización de los energéticos como instrumento de la política exterior. **Argumentos** (México, DF), v. 21, n. 58, p. 137-156, 2008.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. Tradução por Adail Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2014

HERSPRING, Dale; RUTLAND, Peter. "Putin and Russian Foreign Policy" in Herspring, Dale (ed.) *Putin's Russia: Past Imperfect, Future Uncertain*. **Lanham: Rowman & Littlefield Publishers**, 259-292, 2005

HOLMES, Leslie. **Russian corruption and state weakness in comparative post-communist perspective**, 2005.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações: e a Recomposição da Ordem Mundial**. Tradução por M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

INTRILIGATOR, Michael D. **Reform of the Russian economy: the role of institutions**. *International Journal of Social Economics*, v. 23, n. 10/11, p. 58-72, 1996.

KAKACHIA, Kornely. A guerra dos cinco dias. **Revista Relações Internacionais**, n. 20, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n20/n20a03.pdf>> Acesso em: 28 de Dez. 2015.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. Tradução por Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015

KJELLEN, R. **Staten som livsform**. Politiska Handböcker. 1915.

LAZZARI, Tiago Colombo. A Política Externa Russa do Início do Século XXI: tendências e perspectivas. **Conjuntura Austral**, v. 2, n. 3-4, p. Pág. 59-78, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/download/18214/10938>> Acesso em: 28 de Dez. 2015.

LEMONTE, Marco Vallada. Identidade Nacional e Política Externa: Impactos do Eurasianismo no Pensamento Geopolítico Russo. **IV Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa" San Tiago Dantas**, 2013.

- LUÍS, Ana Lúcia. Rússia: economia emergente ou reemergente?. **Revista Lusófona de Economia e Gestão das Organizações**. nº 02, 2016. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6981/5424-17406-1-PB8.pdf?sequence=1>> Acesso em: 14 de mar. 2018.
- MACFARLANE, Neil. "The `R` in BRICs: is Russia an Emerging Power?". **International Affairs**, vol. 82, n.1, p.41-57, 2006. Disponível em:<<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2346.2006.00514.x/full>> Acesso em: 14 de mar. 2018.
- MACHADO, Artur Andrade da Silva. Aproximação Rússia-Venezuela: quando o regional eo global se misturam. **Meridiano 47-Journal of Global Studies**, v. 9, n. 99, p. 15-18, 2018.
- MACKINDER, Halford J. The geographical pivot of history. **The geographical journal**, v. 23, n. 4, p. 421-444, 1904.
- MANKOFF, Jeffrey. **Russian foreign policy: the return of great powers politics**. 2ed. Rowman & Littlefield Publishers Inc: Maryland, 2012. 345p.
- MARCU, Silvia. La geopolítica de la Rusia postsoviética: desintegración, renacimiento de una potencia y nuevas corrientes de pensamiento geopolítico. **Scripta Nova**, v. 11, n. 253, 2007.
- MARINI, José Felipe. **El conocimiento geopolítico**. Círculo Militar, 1985.
- MARKOV, Serguei. Rússia na mais importante etapa política das eleições parlamentares de 2007 e presidenciais de 2008. In **Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional: O Brasil no mundo que vem aí**. Seminário: Rússia. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.
- MARX, Karl. **O capital-Livro 2-Vol. 3: O processo de circulação do capital**. São Paulo: Editora José Olympio, 2016.
- MATLACK, Carol. Losing Crimea Could Sink Ukraine's Offshore Oil and Gas Hopes. **Bloomberg Business Week**, March, v. 11, 2014. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2014-03-11/losing-crimea-could-sink-ukraines-offshore-oil-and-gas-hopes>> Acesso em: 12 abr. 2018.
- MATOS, Dídimo George de Assis. O neo-eurasianismo e o redespertar russo. **Revista de Geopolítica**, v. 3, n. 2, p. 71-79, 2012.
- MAZAT, N.; SERRANO, F. A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: vulnerabilidade, cooperação e conflito. In: ALVES, André Gustavo

de Miranda Pineli et al (Org). **O renascimento de uma potência ?**: A Rússia no século XXI. 2012.

MAZAT, Numa. **Uma análise estrutural da vulnerabilidade externa econômica e geopolítica da Rússia**. 2013. 261 f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional) - Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013

MCDERMOTT, Roger N. Russia's conventional armed forces and the Georgian War. **Parameters**, v. 39, n. 1, p. 65, 2009. Disponível em: <<http://ssi.armywarcollege.edu/pubs/parameters/Articles/09spring/mcdermott.pdf>> Acesso em: 3 de mai. 2018.

MEDEIROS, Carlos Aguiar. A economia política da transição na Rússia. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (Org). **Uma longa transição**: vinte anos de transformações na Rússia. Brasília: Ipea, P. 13-37, 2011.

MESHCHERYAKOV, Konstantin Yevgenievich. Russia's foreign policy in Central Asia: strengths, weaknesses and paths for improvement. **World Applied Sciences Journal**, v. 30, n. 12, p. 1749-1751, 2014.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A Desordem Mundial**: o espectro da total dominação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A Segunda Guerra Fria**: Geopolítica e Dimensão Estratégica dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

RATZELL, F. **GEOGRAFIA**. São Paulo; Editora Ática, 1990.

PAUTASSO, Diego. Da política de contenção à reemergência: a Rússia volta ao tabuleiro. **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, p. 73, 2014.

PEREIRA, Tito Lívio Barcellos; PEDONE, Luiz. A importância dos recursos naturais na modernização econômica, militar e geopolítica da Federação Russa. **Revista de Geopolítica**, v. 4, n. 2, p. 1-15, 2016.

PETROLEUM, British. **BP Energy Outlook**. London: BP, 2016. Disponível em: <<https://www.bp.com/en/global/corporate/energy-economics/energy-outlook.html>> Acesso em: 05 de Set. 2018.

POMERANZ, Lenina. O objetivo da modernização econômica e a capacidade de inovação da Rússia. In: PINELI ALVES, A. *et al* (Org.). **O renascimento de uma potência?**: A Rússia no século XXI. Brasília: Ipea, P. 169-206, 2012.

POMERANZ, Lenina. Questões em discussão sobre a Rússia de Putin. **Economia Política**, 2005.

POMERANZ, Lenina. Rússia: mudanças na estratégia de desenvolvimento pós-crise? In: PINELI ALVES, A. (Org.). **Uma longa transição**: Vinte anos de transformações na Rússia. Brasília: Ipea, 2011.

RANDIG, Rodrigo Wiese. Guerra na Ossétia do Sul: a Geórgia como foco de conflito entre a Rússia e o Ocidente. **Meridiano** 47, v. 9, n. 97, p. 21, 2008. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/d908b397bc1c8c11a374f749a59e4932/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1606381>> Acesso em: 02 mai. 2018.

RATZEL, Friedrich. O solo, a sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 2, p. 93-101, 2011.

REIS, Daniel Aarão. Rússia – Política e Estratégia. In **Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional**: O Brasil no mundo que vem aí. Seminário: Rússia. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

REIS, Tácio Nepomuceno. **A geopolítica da Rússia: uma análise através da geopolítica clássica e do choque de civilizações**. 2015. f112. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Universitário de Brasília, 2015.

RIBEIRO, Rui Miguel. **O Czar Vladimir**. 14 de mai. 2012. Disponível em: : <<http://tempos-interessantes.blogspot.com.br/2012/05/o-czar-vladimir.html>> Acesso em: 04 Set. 2017.

ROBERTO, Willian Moraes. O papel russo na crise síria e sua decorrência internacional. **Revista perspectiva**: reflexões sobre a temática internacional, v. 5, p. 57-72, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/issue/download/2607/155#page=57>> Acesso em: 23 abr. 2018.

RODRIGUES, Roberio Paulino. **O colapso da URSS: um estudo das causas**. 2006. 295 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

RUCKS, Jessika Tessaro. Estreito de Ormuz: o acirramento da Competição Estratégica entre Estados Unidos e Irã (2003-2013). **Seminário Internacional De Ciência Política**, 2015. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/RUCKS-Estreito-de-Ormuz_o-acirramento-da-Competição-Estratégica-entre-Estados-Unidos-e-Irã-2003-2013.pdf> Acesso em: 24 abr. 2018.

RUTLAND, Peter. Neoliberalism and the Russian transition. **Review of International Political Economy**, v. 20, n. 2, p. 332-362, 2013.

RUTLAND, Peter. Russian Political Thought In: BADIE, Bertrand; BERGSCHLOSSER, Dirk; MORLINO, Leonardo. **International encyclopedia of political science**. Sage, 2011.

RUTLAND, Peter. The place of economics in Russian national identity debates. **The New Russian Nationalism**, Edinburgh University Press p. 336, 2015.

SARAIVA, José Flávio Sombra (Ed.). **Relações internacionais: dois séculos de história**. Entre a ordem bipolar e o policentrismo (De 1947 a nossos dias). IBRI, 2001.

SCHUTTE, Giorgio Romano. Economia Política de Petróleo e Gás: a experiência russa. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (Org). **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia**. Brasília: Ipea, P.81-136, 2011.

SEGRILLO, Angelo. Ocidentalismo, eslavofilismo e eurasianismo: intelectuais e políticos em busca da identidade russa. In: REIS, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis. (ORG). **Intelectuais e modernidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2010.

SHPUY, Oxana. **O sistema político russo**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Universidade, Fernando Pessoa, Porto, 2013.

SLOBODA, Pedro Muniz Pinto. **A anexação da Crimeia pela Rússia: uma análise jurídica**, 2014. Disponível em: <<http://www.cedin.com.br/wp-content/uploads/2014/05/Artigo-Pedro-Sloboda.pdf>> Acesso em: 28 de Dez. 2015.

SOUSA, Danilo Rogério de. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. **Revista de Geopolítica**, v. 3, n. 2, p. 61-70, 2012. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/49/48>> Acesso em: 08 de Fev., 2018.

SPYKMAN, Nicholas J. **America's strategy in world politics: the United States and the balance of power**. Routledge, 2017.

SULTANOV, Samili. **Cambiemos para sobrevivir Deni**, 1991.

SUTYAGIN, Igor. Russian forces in Ukraine. **RUSI Briefing paper**, v. 9, 2015. Disponível em: <https://rusi.org/sites/default/files/201503_bp_russian_forces_in_ukraine.pdf> Acesso em: 12 abr. 2018.

TEIXEIRA, José Achilles Abreu Jorge. O pensamento geopolítico da Rússia no início do século XXI e a geopolítica clássica. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de

Janeiro, n. 13, p. 122-146, 2009. Disponível em: <<https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/397>> Acesso em: 26 de Fev. 2018.

VAROL, Tugce. The Russian foreign energy policy. **European Scientific Institute**, 2013.

VENDIL PALLIN, Carolina; WESTERLUND, Fredrik. Russia's war in Georgia: lessons and consequences. **Small wars & insurgencies**, v. 20, n. 2, p. 400-424, 2009. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09592310902975539?scroll=top&needAccess=true>> Acesso em: 3 de mai. 2018.

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. São Paulo: Contexto, 2009.

YELTSIN, Boris. **Diários da Meia-Noite**. Brasília: Livros do Brasil, 2002

ZHEBIT, Alexander. A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um pólo autônomo em um mundo multipolar?. **Revista brasileira de política internacional**, v. 46, n. 1, p. 153-181, 2003.

Material Bibliográfico Jornalístico

¿REALISMO RUSO?. **El País**, Madrid, 2000. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/07/13/opinion/963439203_850215.html> Acesso em: 12 abr. 2018.

ARONSON, Geoffrei. Paz Armada. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 jul. 2000. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/paz-armada/>> Acesso em: 16 abr. 2018.

AYUSO, Sílvia. EE UU también “ampliará y profundizará” sus sanciones contra Rusia. **El País**, Madrid, 11 set. 2014. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/09/11/actualidad/1410459662_384650.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

BACHKATOV, Nina. Putin: liberado para agir. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 dez. 2002. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/putin-liberado-para-agir/>> Acesso em: 16 abr. 2018.

BACHKATOV, Nina. UM MUNDO UNIPOLAR? A aposta política de Vladimir Putin. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 nov. 2001. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-aposta-politica-de-vladimir-putin/>> Acesso em: 12 abr. 2018.

BARCA, Antonio Jiménez. El mundo da la bendición a la nueva Libia. **El País**, Madrid, 01 set. 2011. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2011/09/01/actualidad/1314828004_850215.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

BIELORRUSIA IMPONE UM CANON POR EL PASO DE PATROLEO RUSO. **El País**, Madrid, 04 jan. 2007. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/01/04/internacional/1167865211_850215.html> Acesso em: 24 abr. 2018.

BLANCO, Patricia R. “Putin ya no tiene que esconder su intención de matar a las ONG”. **El País**, Madrid, 25 mai. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/05/25/actualidad/1432551873_305052.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

BONET, Pilar; RITUERTO, Ricardo Martínez. Bush presiona para ampliar la OTAN. **El País**, Madrid, 02 abr. 2008. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2008/04/02/internacional/1207087201_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. “Europa”, grito de guerra en Kiev. **El País**, Madrid, 26 nov. 2013.

Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2013/11/26/actualidad/1385495034_659515.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Aprenda a combatir en cinco días. **El País**, Madrid, 24 mai. 2014b.

Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2014/05/23/actualidad/1400861556_734293.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Aviones rusos bombardean en territorio sirio. **El País**, Madrid, 01 out. 2015a. Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2015/09/30/actualidad/1443599626_907354.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Cientos de detenidos en las protestas contra Putin y Medvédev en Moscú. **El País**, Madrid, 06 dez. 2011c. Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2011/12/05/actualidad/1323110126_700122.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. El cambio en Ucrania y el juego de alianzas de Europa ante Rusia. **El País**, Madrid, 26 fev. 2005b. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2005/02/26/internacional/1109372407_850215.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

BONET, Pilar. El Gobierno de Georgia acusa a Rusia de lanzar un misil contra su territorio. **El País**, Madrid, 08 ago. 2007a. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2007/08/08/internacional/1186524010_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

BONET, Pilar. El nacionalismo avanza en Rusia. **El País**, Madrid, 04 nov. 2011a.

Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2011/11/04/actualidad/1320432867_413034.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. El ultranacionalismo avanza en Rusia. **El País**, Madrid, 05 nov. 2011b.

Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2011/11/05/internacional/1320447603_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. La cooperación nuclear rusa con Irán abre una disputa con EE UU tras la guerra de Irak. **El País**, Madrid, 02 jun. 2003. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2003/06/02/internacional/1054504806_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

BONET, Pilar. La Rusia de Putin, entre la apatía y las reformas pendientes. **El País**, Madrid, 25 mar. 2002a. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2002/03/25/internacional/1017010814_850215.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

BONET, Pilar. Los conflictos eternos de Georgia. **El País**, Madrid, 12 jul. 2004a. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2004/07/12/internacional/1089583214_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Putin acusa a EE UU de financiar a la oposición e instigar las protestas. **El País**, Madrid, 08 dez. 2011d. Disponible em: <https://elpais.com/internacional/2011/12/08/actualidad/1323340352_726274.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Putin afirmará ante Bush que la democracia debe adaptarse a la tradición e historia rusas. **El País**, Madrid, 24 fev. 2005a. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2005/02/24/internacional/1109199605_850215.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

BONET, Pilar. Putin afloja el pulso en Ucrania. **El País**, Madrid, 07 mai. 2014a. Disponible em: <https://elpais.com/internacional/2014/05/07/actualidad/1399473527_401405.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Putin aprueba la ley que convierte a las ONG rusas en “espías”. **El País**, Madrid, 05 jul. 2012a. Disponible em: <https://elpais.com/internacional/2012/07/05/actualidad/1341510064_723166.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Putin asegura que facilitará información a EE UU. **El País**, Madrid, 23 set. 2001a. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2001/09/23/internacional/1001196002_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Putin asegura que Rusia superará la crisis en un plazo de dos años. **El País**, Madrid, 18 dez. 2014e. Disponible em:

<https://elpais.com/internacional/2014/12/18/actualidad/1418898388_455389.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Putin I de Rusia. **El País**, Madrid, 25 nov. 2007c. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2007/11/25/domingo/1195966353_850215.html> Acesso

em: 24 abr. 2018.

BONET, Pilar. Putin quiere aprovechar la crisis para impulsar la entrada de Rusia en la OMC. **El País**, Madrid, 31 out. 2001b. Disponível em: <

https://elpais.com/diario/2001/10/31/economia/1004482834_850215.html> Acesso

em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Putin, un zar entre tormentas. **El País**, Madrid, 21 jun. 2014c.

Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2014/06/21/actualidad/1403378546_851562.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Roces entre Rusia y Georgia por la región separatista de Osetia del

Sur. **El País**, Madrid, 20 fev. 2006. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2006/02/20/internacional/1140390004_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia ataca en Siria a varios grupos enemigos del régimen de El Asad.

El País, Madrid, 02 out. 2015b. Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2015/10/01/actualidad/1443683235_197494.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia busca un nuevo orden mundial. **El País**, Madrid, 31 ago. 2008b.

Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2008/08/31/internacional/1220133601_850215.html>

Acesso em: 02 mai. 2018.

BONET, Pilar. Rusia expulsa a la Agencia de Desarrollo Internacional de EEUU. **El**

País, Madrid, 19 set. 2012b. Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2012/09/19/actualidad/1348076832_530858.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia impone su poder. **El País**, Madrid, 17 ago. 2008a. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2008/08/17/domingo/1218945153_850215.html> Acesso

em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia inicia una ofensiva militar para aplastar a la guerrilla en

Chechenia. **El País**, Madrid, 04 nov. 2002b. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2002/11/04/internacional/1036364410_850215.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia pide paciencia con Irán. **El País**, Madrid, 14 out. 2009. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2009/10/14/internacional/1255471209_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia quiere voz en la OTAN. **El País**, Madrid, 25 nov. 2001c. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2001/11/25/internacional/1006642809_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia recupera influencia en Asia Central y reafirma sus posiciones frente a EE UU. **El País**, Madrid, 18 nov. 2004b. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2004/11/18/internacional/1100732419_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia sufre más por la caída del petróleo que por las sanciones. **El País**, Madrid, 24 nov. 2014d. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/11/24/actualidad/1416852880_752008.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia trata de aprovechar el vacío dejado por EE UU em Asia Central. **El País**, Madrid, 06 out. 2005c. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2005/10/08/internacional/1128722415_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

BONET, Pilar. Rusia y la UE tantean el futuro de sus relaciones en Berlín . **El País**, Madrid, 24 fev. 2000. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/02/24/internacional/951346808_850215.html> Acesso em: 12 abr. 2018.

Acesso em: 12 abr. 2018.

BONET, Pilar. Un conflicto enquistado por la pugna sobre Osetia del Sur. **El País**, Madrid, 08 ago. 2007b. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/08/08/internacional/1186524008_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

BONET, Pilar. Uzbekistán y Rusia sellan una alianza militar. **El País**, Madrid, 15 nov. 2005d. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2005/11/15/internacional/1132009206_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

CAÑO, Antonio. EE UU insiste en que sus críticas a Putin están "bien fundadas". **El País**, Madrid, 08 dez. 2011. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2011/12/08/actualidad/1323372027_440481.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

CHAUVIER, Jean-Marie. O que está em jogo no xadrez ucraniano. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 01 jan. 2005. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/o-que-esta-em-jogo-no-xadrez-ucraniano/>> Acesso em:

23 abr. 2018.

CHECHENIA, UMA REPÚBLICA DEL CÁUCASO MARDADA POR DOS GUERRAS. **El País**, Madrid, 2004. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2004/02/07/internacional/1076108405_850215.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

CHETERIAN, Vicken. A base dos EUA na Ásia central. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 fev. 2003. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-base-dos-eua-na-asia-central/>> Acesso em: 13 abr. 2018.

CHETERIAN, Vicken. O Novo "Grande Jogo". **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 01 nov. 2001. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/o-novo-grande-jogo/>> Acesso em: 13 abr. 2018.

CLAUDÍN, Carmen; PEDRO, Nicolás. *Por fin buenas noticias de Rusia*. **El País**, Madrid, 21 dez. 2011. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2011/12/21/actualidad/1324492565_284239.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

DECENAS DE MILES DE UCRANIANOS CLAMAN POR UM PACTO COM LA UNIÓN EUROPEA. **El País**, Madrid, 24 nov. 2013. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2013/11/24/actualidad/1385320413_639690.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

DREYFRUS, Emmanuel. Extrema direita ucraniana, entre o nacionalismo e a desordem. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 mar. 2014. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/extrema-direita-ucraniana-entre-o-nacionalismo-e-a-desordem/>> Acesso em: 16 abr. 2018.

EE UU ASEGURA QUE RUSIA APOYÓ E DESARROLLO NUCLEAR EM IRÁN. **El País**, Madrid, 2002. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2002/12/17/internacional/1040079608_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

EE UU Y RUSIA UNEN ESFUERZOS ANTE LA NUEVA OLA DE ATENTADOS TERRORISTAS. **El País**, Madrid, 2003. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2003/05/15/portada/1052949627_850215.html> Acceso em: 23 abr. 2018.

EE UU, EUROPA Y RUSIA EXIGEN A IRÁN QUE PONGA FIN AL DESAFÍO NUCLEAR. **El País**, Madrid, 2006. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2006/04/13/portada/1144879205_850215.html> Acceso em: 12 abr. 2018.

EL EFECTO CHECHENO. **El País**, Madrid, 2000. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2000/01/04/opinion/946940407_850215.html> Acceso em: 12 abr. 2018.

EL PAÍS. 2018. Disponible em: <<https://elpais.com/corporativos/>>, Acceso 02 de Abr. 2018.

ESPINOSA, Ángeles. China y Rusia apoyan la condena de la ONU a Irán. **El País**, Madrid, 28 nov. 2009. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2009/11/28/internacional/1259362806_850215.html> Acceso em: 13 abr. 2018.

ESPINOSA, Ángeles. Los países del Caspio buscan una política energética común. **El País**, Madrid, 17 out. 2007. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2007/10/17/internacional/1192572003_850215.html> Acceso em: 24 abr. 2018.

ESTERUELAS, Bosco. EEUU rechaza compartir con Rusia el desarrollo de un escudo antimisiles. **El País**, Madrid, 10 jun. 2000b. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2000/06/10/internacional/960588006_850215.html> Acceso em: 12 abr. 2018.

ESTERUELAS, Bosco. La UE impone sanciones testimoniales contra Moscú por el conflicto checheno. **El País**, Madrid, 25 jan. 2000a. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2000/01/25/internacional/948754811_850215.html> Acceso em: 12 abr. 2018.

ESTERUELAS, Bosco. La UE y Rusia buscan mejorar sus relaciones. **El País**, Madrid, 11 fev. 2004. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2004/02/11/internacional/1076454011_850215.html> Acceso em: 23 abr. 2018.

ESTERUELAS, Bosco. Putin consigue que los europeos rebajen sus críticas sobre Chechenia. **El País**, Madrid, 04 out. 2001b. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2001/10/04/internacional/1002146411_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

ESTERUELAS, Bosco. Rusia se compromete a colaborar con la OTAN en una eventual represália. **El País**, Madrid, 14 set. 2001a. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2001/09/14/internacional/1000418403_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

FARIZA, Ignacio. Bruselas avisa de posibles sanciones ante la escalada de violencia en Ucrania. **El País**, Madrid, 22 jan. 2014a. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/01/22/actualidad/1390416344_882946.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

FARIZA, Ignacio. La OTAN planea reforzar su presencia militar en países fronterizos con Rusia. **El País**, Madrid, 26 ago. 2014b. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/08/26/actualidad/1409074930_951874.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Ángel R. Georgia controla una de las puertas del petróleo de Europa. **El País**, Madrid, 11 ago. 2008. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2008/08/11/internacional/1218405603_850215.html>

Acesso em: 02 mai. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo; CARBAJOSA, Ana. Francia pacta un contrato de suministro de gas con Rusia al margen de la UE. **El País**, Madrid, 21 dez. 2006. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2006/12/21/internacional/1166655615_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Bielorrusia amenaza a Moscú con quedarse con el gas ruso destinado a Europa. **El País**, Madrid, 28 dez. 2006e. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2006/12/28/internacional/1167260404_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Bielorrusia negocia en Moscú contra reloj un acuerdo de gas. **El País**, Madrid, 30 dez. 2006f. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2006/12/30/internacional/1167433209_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Chávez compra armas en Rusia para sellar una alianza con Putin. **El País**, Madrid, 30 jun. 2007b. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2007/06/30/internacional/1183154407_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. El eje franco-alemán asegura a Rusia que la crisis de la EU no bloqueará la cooperación. **El País**, Madrid, 04 jul. 2005a. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2005/07/04/internacional/1120428011_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. El Senado ruso exige investigar a 12 ONG internacionales. **El País**, Madrid, 09 jul. 2015a. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/07/08/actualidad/1436359865_897102.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Estado de excepción en Georgia. **El País**, Madrid, 08 nov. 2007f. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/11/08/internacional/1194476407_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Fracasan las negociaciones para el suministro de gas ruso a Bielorrusia. **El País**, Madrid, 27 dez. 2006d. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2006/12/27/internacional/1167174010_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Gaddafi refuerza con su visita a Moscú la presencia rusa en el norte de África. Madrid, 01 nov. 2008c. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2008/11/01/internacional/1225494007_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. La crisis de Rusia y Ucrania por el gas amenaza el suministro de Europa '. **El País**, Madrid, 31 dez. 2005f. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2005/12/31/internacional/1135983610_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Lugansk también quiere un referéndum como Crimea. **El País**, Madrid, 10 mar. 2014a. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/03/10/actualidad/1394440085_831607.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Medvédev anuncia una reforma política en Rusia tras las críticas internacionales. **El País**, Madrid, 22 dez. 2011c. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2011/12/22/actualidad/1324549706_094568.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Miles de rusos se manifiestan en Moscú en protesta contra el fraude electoral. **El País**, Madrid, 24 dez. 2011d. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2011/12/24/actualidad/1324723246_740121.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Moscú acusa a Chechenia de sembrar con "minas químicas" el camino hacia Grozni. **El País**, Madrid, 02 jan 2000a. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/01/03/internacional/946854004_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Putin advierte de consecuencias 'irreparables' si EE UU despliega su escudo antimisiles. **El País**, Madrid, 27 jan. 2001. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2001/01/27/internacional/980550008_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Putin anuncia un drástico recorte en el Ejército de Rusia. **El País**, Madrid, 10 nov 2000c. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/11/10/internacional/973810819_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Putin anuncia un nuevo sistema antiaéreo frente al escudo antimisiles. **El País**, Madrid, 13 ago. 2007d. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/08/13/internacional/1186956005_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Putin firma la anexión de Crimea a Rusia. **El País**, Madrid, 18 mar. 2014b. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/03/18/actualidad/1395125826_603105.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Putin promete a Merkel que Rusia aplicará las leyes del mercado en el sector energético. **El País**, Madrid, 22 jan. 2007a. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/01/22/internacional/1169420405_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Putin, proclamado candidato a la presidencia rusa por unanimidad. **El País**, Madrid, 27 nov. 2011b. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2011/11/27/actualidad/1322410585_108216.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Refriega entre Rusia y Ucrania por el gas. **El País**, Madrid, 29 dez. 2005d. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2005/12/29/internacional/1135810810_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia amenaza con dejar de enviar gas a Georgia y Bielorrusia. **El País**, Madrid, 15 dez. 2006c. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2006/12/15/internacional/1166137223_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia aumenta las presiones sobre Ucrania en la 'guerra del gas'. **El País**, Madrid, 30 dez. 2005e. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2005/12/30/internacional/1135897211_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia avanza en sus planes para reagrupar el espacio postsoviético. **El País**, Madrid, 29 mai. 2014c. Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2014/05/29/actualidad/1401390819_382391.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia confirma que tiene asesores militares en Siria desde 2011. **El País**, Madrid, 09 set. 2015b. Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2015/09/09/actualidad/1441796216_947099.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia cumple su amenaza de cortar el suministro de gas a Ucrania. **El País**, Madrid, 02 jan. 2006a. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2006/01/02/internacional/1136156402_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia fabrica una bomba de gran potencia. **El País**, Madrid, 13 set. 2007e. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2007/09/13/internacional/1189634402_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia intenta recuperar su papel de gran potencia. **El País**, Madrid, 11 ago. 2007c. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2007/08/11/internacional/1186783205_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia no logra vencer a los rebeldes chechenos después de tres años de guerra. **El País**, Madrid, 01 out. 2002. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2002/10/01/internacional/1033423219_850215.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia reclama un alto el fuego para frenar la violencia en Libia. **El País**, Madrid, 23 mar. 2011a. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2006/12/28/internacional/1167260404_850215.html>

Acesso em: 24 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia reconoce la feroz resistencia de Grozn. **El País**, Madrid, 5 jan. 2000b. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/01/05/internacional/947026810_850215.html> Acesso

em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia vende a Irán misiles antiaéreos en un contrato de 855 millones. **El País**, Madrid, 04 dez. 2005b. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2005/12/04/internacional/1133650809_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia y Libia estrechan lazos en el sector energético. Madrid, 01 ago. 2008a. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2008/08/01/internacional/1217541607_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Rusia y Ucrania desactivan la 'guerra del gas' con un acuerdo por cinco años. **El País**, Madrid, 05 jan. 2006b. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2006/01/05/internacional/1136415605_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Tbilisi aprovecha la crisis para pedir un rápido acceso a la OTAN y la UE. Madrid, 27 ago. 2008b. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2008/08/27/internacional/1219788004_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FERNÁNDEZ, Rodrigo. Ucrania se debate entre recibir gas barato de Rusia o entrar en la OTAN. Madrid, 12 dez. 2005c. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2005/12/12/internacional/1134342013_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

FIORI, José Luís. A ópera, a guerra e a ressurreição russa. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 30 mai. 2008a. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-opera-a-guerra-e-a-ressurreicao-russa/>> Acesso em: 2 mai. 2018.

FIORI, José Luís. Guerra e Paz. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 23 ago. 2008b. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/guerra-e-paz/>> Acesso em: 2 mai. 2018.

GALINDO, Cristina. El escudo eleva la tensión con Rusia. **El País**, Madrid, 21 ago. 2008a. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2008/08/21/internacional/1219269601_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

GALINDO, Cristina. Las inversiones europeas en Rusia alejan la posibilidad de sanciones. **El País**, Madrid, 02 set. 2008b. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2008/09/02/internacional/1220306405_850215.html>

Acesso em: 13 abr. 2018.

GENTÉ, Régis. A grande disputa pela Ásia Central. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 01 jul. 2007. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-grande-disputa-pela-asia-central/>> Acesso em: 24 abr. 2018.

GONZÁLES, Alicia. Los BRICS se rebelan contra el FMI. **El País**, Madrid, 29 abr. 2014. Disponível em:

<https://elpais.com/internacional/2014/07/13/actualidad/1405270597_195035.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

HERNANDEZ, Clodovaldo. Venezuela anuncia la compra de 24 aviones de combate rusos. Madrid, 16 jun. 2006. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2006/06/16/internacional/1150408816_850215.html>

Acesso em: 12 abr. 2018.

IRÁN Y RUSIA ALCANZAN UM PREACUERDO PARA ENRIQUECER URANIO EM SUELO RUSO. **El País**, Madrid, 27 fev. 2006. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2006/02/27/internacional/1140994805_850215.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

KAROL, K. S. Rusia, el petróleo y la guerra. **El País**, Madrid, 5 abr. 2003. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2003/04/05/internacional/1049493621_850215.html>

Acesso em: 16 abr. 2018.

KLARE, Michael. Onda de choque planetária “Maldito petróleo barato!”. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 4 de abril 2016. Disponível em:

<<http://diplomatique.org.br/maldito-petroleo-barato/>> Acesso em: 04 de jul. 2017.

LA GORCE, Paul-Marie de. O passo a passo da crise mundial. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 01 abr. 2003. Disponível em:

<<https://diplomatique.org.br/o-passo-a-passo-da-crise-mundial/>> Acesso em: 16 abr. 2018.

LA GUERRA SIGUE. **El País**, Madrid, 2000. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/07/05/opinion/962748002_850215.html> Acesso em: 12 abr. 2018.

LAFONT, Isabel. El cumpleaños de los BRIC. **El País**, Madrid, 03 dez. 2006. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2006/12/03/negocio/1165153943_850215.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

LÉVESQUE, Jacques. Sanções e ameaças sobre o Irã. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 jul. 2010. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/sancoes-e-ameacas-sobre-o-ira/>> Acesso em: 16 abr. 2018.

LIY, Macarena Vidal. China se apoya en Rusia para acrecentar su peso internacional. **El País**, Madrid, 25 nov. 2014. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/11/15/actualidad/1416088304_442188.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

LLEGAN A VENEZUELA LOS PRIMEROS 30.000 FUSILES RUSOS. **El País**, Madrid, 04 jun. 2006. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2006/06/04/internacional/1149372009_850215.html> Acesso em: 24 abr. 2018.

LÓPEZ, Luis Matias. La 'guerra de las galaxias' sigue dividiendo a Rusia y Estados Unidos. **El País**, Madrid, 1 fev. 2000a. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/02/01/internacional/949359619_850215.html> Acesso em: 12 abr. 2018.

LÓPEZ, Luis Matias. Moscú confirma la expulsión de 50 diplomáticos norteamericanos. **El País**, Madrid, 24 mar. 2001. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2001/03/24/internacional/985388411_850215.html> Acesso em: 12 abr. 2018.

LÓPEZ, Luis Matias. Putin pide la urgente ratificación del tratado START II. **El País**, Madrid, 1 abr. 2000c. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/04/01/internacional/954540002_850215.html> Acesso em: 12 abr. 2018.

LÓPEZ, Luis Matias. Rusia admite un nuevo y grave revés militar frente a los rebeldes chechenos. **El País**, Madrid, 7 mar. 2000b. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/03/07/internacional/952383615_850215.html> Acesso em: 12 abr. 2018.

LOS PAÍSES DE LA EU EMPIEZAN A NOTAR LA FALTA DE GAS RUSO. **El País**, Madrid, 2006. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2006/01/03/portada/1136242803_850215.html> Acceso em: 23 abr. 2018.

MARKEDÓNOV, Seguéi. Rusia y la amenaza terrorista. **El País**, Madrid, 25 nov. 2015. Disponible em: <https://elpais.com/elpais/2015/11/19/opinion/1447924189_425486.html> Acceso em: 23 abr. 2018.

MEDEVÉDEVE ASEGURA QUE EL PRESIDENTE GEORGIANO ES UM “CADAVER POLITICO”. **El País**, Madrid, 01 set. 2008. Disponible em: <https://elpais.com/internacional/2008/09/02/actualidad/1220306412_850215.html> Acceso em: 23 abr. 2018.

MISSÉ, Andreu. Bruselas pide el fin de la guerra del gas entre Moscú y Bielorrusia. **El País**, Madrid, 29 dez. 2006c. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2006/12/29/internacional/1167346812_850215.html> Acceso em: 24 abr. 2018.

MISSÉ, Andreu. La alianza entre Moscú y Berlín bloquea una política energética común en la UE. **El País**, Madrid, 18 out. 2006a. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2006/10/18/internacional/1161122403_850215.html> Acceso em: 23 abr. 2018.

MISSÉ, Andreu. La UE declara la guerra a la dependencia energética con un plan de ahorro radical. **El País**, Madrid, 20 out. 2006b. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2006/10/20/internacional/1161295203_850215.html> Acceso em: 23 abr. 2018.

MONGE, Yolanda. Rusia y China impiden que la Corte Penal investigue los crímenes en la guerra siria. **El País**, Madrid, 22 mai. 2014. Disponible em: <https://elpais.com/internacional/2014/05/22/actualidad/1400781900_687551.html> Acceso em: 23 abr. 2018.

MORA, Miguel. Italia abre a Rusia el negocio del crudo libio. **El País**, Madrid, 18 fev. 2011. Disponible em: <https://elpais.com/diario/2011/02/18/internacional/1297983607_850215.html> Acceso em: 24 abr. 2018.

MOSCÚ DEFIENDE SU DERECHO A VENDER ARMAMENTO AL RÉGIMEN DE TEHERÁN. **El País**, Madrid, 28 dez. 2000. Disponible em:

<https://elpais.com/diario/2000/12/28/internacional/977958007_850215.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

NIVAT, Anne. Ruínas, mágoas e medo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 mai. 2006. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/ruinas-magoas-e-medo/>> Acesso em: 23 abr. 2018.

PAVLOV, Oleg. As Relações Internacionais: A Teoria do “mundo multipolar”. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 set. 2000. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-teoria-do-mundo-multipolar-2/>> Acesso em: 12 abr. 2018.

PUTIN ALCANZA UNA CIFRA RÉCORD DE POPULARIDADE DEL 88%. **El País**, Madrid, 13 mar. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/03/13/actualidad/1426271339_789048.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

RADVANYI, Jean. Guerra sem fim. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 out. 2004. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/guerra-sem-fim/>> Acesso em: 23 abr. 2018.

RADVANYI, Jean. Vladimir Putin e as expectativas da sociedade russa. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 abr. 2012. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/vladimir-putin-e-as-expectativas-da-sociedade-russa/>> Acesso em: 23 abr. 2018.

RAMONET, Ignacio. O Labirinto Caucásico. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 out. 2004. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/o-labirinto-caucasiano/>> Acesso em: 20 abr. 2018.

RANGEL, Carmen. Rusia busca el petróleo y el gas de Siria. **El País**, Madrid, 27 dez. 2013. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2013/12/27/actualidad/1388173802_253968.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

REINOSO, Jose. Rusia construirá dos gasoductos para suministrar combustible a China dentro de cinco años. **El País**, Madrid, 22 mar. 2006. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2006/03/22/economia/1142982006_850215.html> Acesso em: 24 abr. 2018.

RICO, Maite. La diplomacia secreta avanza en Libia. **El País**, Madrid, 11 jul. 2011. Disponível em:

<https://elpais.com/diario/2011/07/11/internacional/1310335204_850215.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

RIMBERT, Pierre. Extrema direita ucraniana, entre o nacionalismo e a desordem. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 abril. 2015. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/petroleo-e-paranoia/>> Acesso em: 16 abr. 2018.

RITUERTO, Ricardo Martínez. Bush mantiene su idea de instalar el escudo antimisiles en Polonia. **El País**, Madrid, 09 jun. 2007a. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/06/09/internacional/1181340010_850215.html> Acesso em: 24 abr. 2018.

RITUERTO, Ricardo Martínez. La República Checa acepta el radar del escudo antimisiles. **El País**, Madrid, 09 jul. 2008. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2008/07/09/internacional/1215554405_850215.html> Acesso em: 24 abr. 2018.

RITUERTO, Ricardo Martínez. Rusia rechaza el nuevo plan para el escudo antimisiles. **El País**, Madrid, 26 out. 2007b. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/10/26/internacional/1193349604_850215.html> Acesso em: 24 abr. 2018.

RIZZI, Andrea. La carrera armamentística se reanuda. **El País**, Madrid, 12 abr. 2008. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2008/04/12/internacional/1207951203_850215.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

ROBERT, Anne-Cécile. Bombeiros Piromaníacos da Ordem Internacional. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, fev. 2018

ROSSI, Marina; REBOSSIO, A. Sudamérica exportará alimentos a Rusia ante las sanciones a la UE y EE UU. **El País**, Madrid, 08 ago. 2014. Disponível em: <https://elpais.com/economia/2014/08/08/actualidad/1407524494_130789.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

ROSSI, Marina. Rusia busca carne en Brasil tras el veto de alimentos a la UE y EEUU. **El País**, Madrid, 08 ago. 2014. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/08/08/actualidad/1407456267_254205.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

ROUY, Laurent; GENTÉ, Régis. Na sombra das “revoluções espontâneas”. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 jan. 2005. Disponível em:

<<https://diplomatie.org.br/na-sombra-das-revolucoes-espontaneas/>> Acesso em: 23 abr. 2018.

RUSIA ASEGURA QUE HÁ ATACADO EL BASTIÓN DEL ESTADO ISLÁMICO EM SIRIA. **El País**, Madrid, 02 out. 2015b. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/10/02/actualidad/1443778344_425182.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

RUSIA REDUCE EL SUMINISTRO DE PETROLEO A LA REPUBLICA CHECA. **El País**, Madrid, 2008. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2008/07/12/actualidad/1215813608_850215.html> Acesso em: 12 abr. 2018.

RUSIA SE CONVIERTE EM EL PRIMER SUMINISTRADOR DE PETROLEO DE CHINA. **El País**, Madrid, 23 jun. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/06/23/actualidad/1435062924_650964.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

RUSIA Y VENEZUELA FIRMA ACURDEOS DE COOPERACIÓN EM SEGURIDAD Y ENERGÍA. **El País**, Madrid, 22 jul. 2008. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2008/07/22/actualidad/1216677611_850215.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

SÁNCHEZ-VALLEJO, M.A. Los prorrusos toman la Administración Provincial de Lugansk. **El País**, Madrid, 29 abr. 2014. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/04/29/actualidad/1398790716_186883.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

SANZ, Juan Carlos. Irán y Rusia intentan buscar una salida diplomática para El Asad en Siria. **El País**, Madrid, 16 ago. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/08/16/actualidad/1439752952_972720.html> Acesso em: 23 abr. 2018.

SÉRÉNI, Jean-Pierre. A nova era do petróleo estatal. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1 jan. 2007. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-nova-era-do-petroleo-estatal/>> Acesso em: 12 abr. 2018..

SOTELO, Ignacio. De Kosovo a Chechenia. **El País**, Madrid, 8 jan. 2000. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2000/01/08/internacional/947286016_850215.html> Acesso em: 12 abr. 2018.

SOTELO, Ignacio. *La Rusia de Putin*. **El País**, Madrid, 07 dez. 2007. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/12/07/internacional/1196982010_850215.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

UM VETO INDECENTE. **El País**, Madrid, 06 out. 2011. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2011/10/05/actualidad/1317845269_540589.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

VICÉNS, Elena. Rusia ataca en Siria con misiles desde las aguas del Mar Caspio. **El País**, Madrid, 07 out. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/10/07/actualidad/1444221857_560186.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

VICÉNS, Elena. Rusia debate si el Euromaidan es revolución o provocación. **El País**, Madrid, 30 jan. 2014. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/01/30/actualidad/1391100694_778219.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.

WALLERSTEIN, Immanuel. Ai dos que crêem no Império. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 23 ago. 2008. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/ai-dos-que-creem-no-imperio/>> Acesso em: 2 mai. 2018.

YÁRNOZ, Carlos. Europa y EE UU ultiman nuevas sanciones contra Rusia. **El País**, Madrid, 28 jul. 2014. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2014/07/28/actualidad/1406567442_037860.html>

Acesso em: 23 abr. 2018.